

Tracey
Garvis Graves



sozinhos na ilha

Dois desconhecidos.
Uma ilha deserta.
Uma aventura proibida.



ASA

Ficha Técnica

Título original: ON THE ISLAND

Autor: Tracey Garvis Graves

Capa: Maria Manuel Lacerda

Imagem da capa: Monica and Michael Sweet/Getty Images

Fotografia da autora: Ryan Towe

ISBN: 9789892323602

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2011, Tracey Garvis Graves e Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Para Meira

CAPÍTULO I

ANNA

Junho de 2001

Tinha trinta anos quando o hidroavião em que eu e o T. J. Callahan viajávamos se despenhou no oceano Índico. O T. J. tinha dezasseis e estava havia três meses em remissão de um linfoma de Hodgkin. O piloto chamava-se Mick, mas morreu antes de batermos na água.

Foi o meu namorado, o John, que me levou ao aeroporto, apesar de ser o terceiro na lista das pessoas que eu gostaria que me levassem, a seguir à minha mãe e à minha irmã Sarah. Lutámos contra a multidão, cada um de nós a arrastar uma grande mala com rodinhas, e eu perguntei-me se toda a população de Chicago teria decidido voar para qualquer lado naquele dia. Quando finalmente chegámos ao balcão da US Airways, o funcionário sorriu, etiquetou a minha bagagem e entregou-me um cartão de embarque.

– Obrigado, Miss Emerson. Confirmei todas as ligações até Malé. Tenha uma boa viagem.

Enfie o cartão de embarque na mala e voltei-me para me despedir do John.

- Obrigada por me teres trazido.
- Acompanho-te até à sala de embarque.

– Não é preciso.

Ele encolheu-se, como se eu lhe tivesse batido.

– Não, eu quero.

Avançámos em silêncio, seguindo o lento rio de passageiros.

– Como é ele? – perguntou o John, quando chegámos à porta.

– Escanzelado e careca.

Perscrutei a multidão e sorri ao ver o T. J., porque tinha agora cabelo curto e castanho a cobrir-lhe a cabeça. Acenei-lhe, e ele respondeu com um gesto de cabeça enquanto o rapaz sentado a seu lado lhe dava uma cotovelada nas costelas.

– Quem é o outro miúdo? – perguntou o John.

– Julgo que é um amigo dele, o Ben.

Esparramados nas cadeiras, vestiam segundo a moda preferida pela maior parte dos rapazes de dezasseis anos: calções largos e compridos, *T-shirt* e ténis desapertados. No chão, junto aos pés do T. J., havia uma mochila azul-escura.

– Tens a certeza de querer fazer isto? – perguntou o John. Enfiou as mãos no bolso de trás das calças e olhou para a alcatifa puída do aeroporto.

Bem, um de nós tem de fazer qualquer coisa.

– Tenho.

– Por favor, não tomes nenhuma decisão definitiva antes de voltares.

Não fiz notar a ironia do pedido.

– Já disse que não tomaria.

Mas, claro, na verdade havia apenas uma opção. Eu tinha-me limitado a adiá-la até ao fim do verão.

O John passou os braços pela minha cintura e beijou-me durante mais alguns segundos do que deveria num local tão público. Afastei-me, embaraçada. Vi, pelo canto do olho, o T. J. e o Ben a observarem a cena.

– Amo-te – disse ele.

Assenti com a cabeça.

– Eu sei.

Resignado, pegou no meu saco de viagem e pôs-me a correia ao ombro.

– Boa viagem. Telefona quando chegares.

– OK.

O John foi-se embora e eu fiquei a ver a multidão engoli-lo. Alisei a frente da saia e dirigi-me aos rapazes, que baixaram os olhos quando me aproximei.

– Viva, T. J. Estás com ótimo aspeto. Pronto para ir?

Os olhos castanhos dele encontraram fugazmente os meus.

– Sim, claro.

Estava mais gordo e perdera aquela lividez cadavérica. Usava um aparelho nos dentes, em que eu nunca antes reparara, e tinha uma pequena cicatriz no queixo.

– Olá. Sou a Anna – disse eu ao rapaz sentado ao lado do T. J. – Deves ser o Ben. Que tal foi a festa?

Ele olhou de relance para o T. J., confuso.

– Hã, foi boa.

Tirei o telemóvel da mala e vi as horas.

– Volto já, T. J. Quero confirmar o nosso voo.

Enquanto me afastava, ouvi o Ben dizer:

– Meu, a tua *babysitter* é uma brasa.

– É a minha explicadora, cara de cu.

Fiquei indiferente ao comentário. Dava aulas numa escola secundária e considerava os ocasionais comentários de rapazes a transbordar de hormonas ossos do ofício, e relativamente inofensivos.

Depois de confirmar que não havia atrasos, voltei para trás e sentei-me na cadeira livre ao lado do T. J.

– O Ben foi-se embora?

– Foi. A mãe fartou-se de andar às voltas no carro lá fora. Ele não a deixou entrar connosco.

– Queres comer alguma coisa?

Abanou a cabeça.

– Não tenho fome.

Ficámos ali sentados num silêncio contrafeito até serem horas de embarcar. Ele seguiu-me pela estreita coxia até aos nossos lugares na primeira classe.

– Queres ficar à janela? – perguntei.

– Pode ser. Obrigado – respondeu ele, com um encolher de ombros.

Afastei-me para o deixar passar e esperei que se sentasse, e então ocupei o meu lugar e apertei o cinto de segurança. Ele sacou da mochila um leitor de CD portátil e pôs os auscultadores, uma maneira subtil de me dizer que não estava interessado em conversas. Tirei um livro do saco, o avião levantou voo e deixámos Chicago para trás.

As coisas começaram a correr mal na Alemanha. O voo de Chicago a Malé – a capital das Maldivas – devia demorar um pouco mais de dezoito horas, mas após alguns problemas mecânicos e atrasos por causa das condições atmosféricas acabámos por passar o resto do dia e metade da noite no Aeroporto Internacional de Frankfurt, à espera que a companhia aérea nos reencaminhasse. Às três da manhã, eu e o T. J. estávamos sentados nas duras cadeiras de plástico, com os nossos lugares no voo seguinte finalmente confirmados.

Vi-o esfregar os olhos.

Indiquei-lhe uma fila de cadeiras vazias.

– Deita-te ali, se quiseres.

– Estou bem – disse ele, a disfarçar um bocejo.

– Ainda faltam várias horas para a partida. Devas tentar dormir.

– Não está cansada?

Estava exausta, mas ele precisava provavelmente mais de descansar do que eu.

– Estou ótima. Vai lá.

– Tem a certeza?

– Absoluta.

– OK. – Esboçou um débil sorriso. – Obrigado.

Deitou-se nas cadeiras e adormeceu no mesmo instante.

Fiquei a olhar pela janela e a ver os aviões aterrarem e levantarem voo, com as suas luzes encarnadas a piscar no céu noturno. Uma vez que estava só de saia e uma blusa sem mangas, o frio do ar condicionado estava a fazer-me pele de galinha e comecei a tiritar. Numa casa de banho ali perto, vesti os *jeans* e a *T-shirt* de manga comprida que tinha enfiado no saco de viagem e depois fui ao bar beber um café. Voltei a sentar-me ao lado do T.

J., peguei no meu livro e pus-me a ler. Acordei-o três horas mais tarde, quando fizeram a chamada para o nosso voo.

Houve mais atrasos depois de termos chegado ao Sri Lanka – dessa vez por não haver tripulação suficiente, e quando aterrámos no Aeroporto Internacional de Malé, nas Maldivas, com a casa de verão alugada pelos Callahan ainda a duas horas de viagem de hidroavião, eu já não dormia há trinta horas. Tinha as têmporas a latejar e os olhos secos e a arder. Quando me disseram que não tinham reservas em nosso nome, tive de fazer um esforço para conter as lágrimas.

– Mas eu tenho o número da confirmação – disse ao funcionário de serviço, enquanto fazia deslizar um pedaço de papel por cima do balcão. – Atualizei a reserva antes de sairmos do Sri Lanka. Dois lugares. T. J. Callahan e Anna Emerson. Importa-se de ver outra vez?

O homem olhou para o computador.

– Lamento – disse. – Os vossos nomes não constam da lista. O hidroavião está cheio.

– E o próximo voo?

– Não tarda a escurecer. Os hidroaviões não voam depois do pôr do sol. – Ao ver a minha expressão siderada, lançou-me um olhar de compreensão, teclou qualquer coisa e pegou no telefone. – Vou ver o que posso fazer.

– Obrigada.

Fui com o T. J. a uma pequena loja de *souvenirs* e comprei duas garrafas de água.

– Queres uma?

– Não, obrigado.

– Porque é que não a guardas na mochila? – insisti, estendendo-lhe a garrafa. – Podes querer mais tarde.

Desenterrei do fundo da mala o frasco de *Tylenol*, sacudi dois comprimidos para a mão e engoli-os com um pouco de água. Sentámo-nos num banco e eu liguei para a mãe do T. J., a Jane, e disse-lhe que não contasse connosco antes da manhã seguinte.

– Há uma possibilidade de nos arranjamem um voo, mas não acredito que saíamos daqui esta noite. Os hidroaviões não voam depois de escurecer, de modo que o mais certo é termos de passar a noite no aeroporto.

– Lamento, Anna. Deve estar exausta – disse ela.

– Não tem importância. Amanhã estamos aí de certeza. – Tapei o telefone com a mão. – Queres falar com a tua mãe?

O T. J. fez uma careta e abanou a cabeça.

Reparei que o funcionário do balcão estava a fazer-me sinais. Sorria.

– Escute, Jane, penso que talvez...

E então a chamada caiu. Guardei o telemóvel e dirigi-me ao balcão, a suster a respiração.

– Um dos pilotos *charter* pode levá-los até à ilha – disse-me o homem.

– Os passageiros que ia transportar ficaram retidos no Sri Lanka e só vão chegar amanhã de manhã.

Respirei de alívio e sorri.

– Isso é maravilhoso. Obrigada por nos ter arranjado um voo. Fico-lhe muito agradecida.

Tentei falar com os pais do T. J., mas o telemóvel não conseguiu estabelecer a ligação. Esperei que voltasse a ter rede quando chegássemos à ilha.

– Pronto, T. J.?

– Sim – disse ele, pegando na mochila.

Um miniautocarro levou-nos até ao terminal dos táxis aéreos. Um funcionário fez-nos o *check-in* ao balcão e saímos para o ar livre.

O clima das Maldivas fez-me lembrar a sauna do meu ginásio. Senti imediatamente a transpiração na testa e na nuca. Os *jeans* e a *T-shirt* de manga comprida não deixavam circular o ar junto à minha pele e desejei ter voltado a vestir qualquer coisa mais fresca.

Será sempre assim tão sufocante?

Do pontão, ao lado de um hidroavião que balouçava suavemente na água, um funcionário do aeroporto fazia-nos sinais com a mão. Quando eu e o T. J. nos aproximámos, abriu a porta e nós baixámos a cabeça e entramos no avião. O piloto estava sentado no seu lugar e sorriu-nos com a boca cheia de *cheeseburger*.

– Viva, sou o Mick. – Acabou de mastigar e engoliu. – Espero que não se importem que eu acabe de jantar.

Parecia ter cinquenta e muitos anos e era tão gordo que mal cabia no assento. Vestia uns calções compridos e a maior *T-shirt tie-dye* que eu

alguma vez tinha visto. Estava descalço. Gotas de suor cobriam-lhe o lábio superior e a testa. Acabou de comer o *cheeseburger* e limpou a boca com um guardanapo.

– Chamo-me Anna e este é o T. J. – disse eu, sorrindo e estendendo a mão para apertar a dele. – Claro que não nos importamos.

O *DHC-6 Twin Otter* tinha lugar para dez passageiros e cheirava a combustível e a mofo. O T. J. pôs o cinto de segurança e olhou pela janela. Eu sentei-me do outro lado da coxia, enfiéi a mala e o saco de viagem debaixo do banco e esfreguei os olhos. O Mick ligou os motores. O barulho abafou-lhe a voz, mas quando voltou a cabeça para o lado estava a mexer os lábios, a comunicar com alguém através da rádio. Afastámo-nos do pontão, ganhámos velocidade e, pouco depois, estávamos no ar.

Amaldiçoei a minha incapacidade de dormir em aviões. Sempre invejara aquelas pessoas que desligavam no instante em que levantavam voo e só voltavam a abrir os olhos quando as rodas do trem de aterragem tocavam na pista. Tentei dormir, mas a luz do sol que entrava pelas janelas do hidroavião e o meu relógio biológico baralhado tornavam a tarefa impossível. Quando desisti e abri os olhos, apanhei o T. J. a olhar fixamente para mim. Se a expressão na cara dele e o calor na minha podiam servir de indicadores, tratou-se de um momento embaraçoso para ambos. Ele virou a cara, pôs a mochila debaixo da cabeça e, minutos mais tarde, tinha adormecido.

Inquieta, desapertei o cinto de segurança e fui perguntar ao Mick quanto tempo faltava para amarmos.

– Talvez uma hora, mais coisa menos coisa. – Indicou com um gesto o assento do copiloto. – Sente-se, se quiser.

Sentei-me e pus o cinto de segurança. Com a mão a proteger os olhos da luz do sol, contemplei a vista, de cortar a respiração. Por cima de nós, o céu azul-cobalto, sem uma nuvem. Lá em baixo, o oceano Índico, uma mistura de verde-hortelã e azul-turquesa.

O Mick levou a mão ao peito, massajando-o com o punho, e pegou numa embalagem de comprimidos antiácido. Tirou um e enfiou-o na boca.

– Azia. É o que dá comer *cheeseburgers*. Mas sabem tão melhor do que o raio das saladas!

Riu, e eu concordei com um aceno de cabeça.

– Então, de onde são vocês?

– De Chicago.

– O que é que faz lá em Chicago? – perguntou ele, e atirou outro comprimido para a boca.

– Sou professora de Inglês do décimo ano.

– Ah, férias todo o verão.

– Não para mim. Geralmente, dou explicações durante o verão. – Fiz um gesto de cabeça na direção do T. J. – Os pais contrataram-me para o ajudar a apanhar o resto da turma. Teve um linfoma de Hodgkin e faltou imenso às aulas.

– Bem me pareceu que era demasiado nova para ser mãe dele.

Sorri.

– Os pais e as irmãs vieram para cá há dias.

Eu não tinha podido acompanhar os Callahan porque a escola pública onde dava aulas terminava o ano letivo alguns dias mais tarde do que o colégio particular que o T. J. frequentava. Quando o T. J. soube disto, convenceu os pais a deixarem-no passar o fim de semana em Chicago e fazer a viagem comigo. A Jane Callahan telefonou a perguntar se podia ser.

– Um amigo dele, o Ben, vai dar uma festa, e ele gostava muito de ir. Tem a certeza de que não se importa? – perguntou ela.

– De maneira nenhuma – respondi. – Vai ser uma boa oportunidade para nos conhecermos.

Só tinha visto o T. J. uma vez, quando falara com os pais. Ia demorar algum tempo até ele atinar comigo; acontecia sempre que trabalhava com um novo aluno, especialmente um adolescente.

A voz do Mick interrompeu-me os pensamentos.

– Quanto tempo vai ficar?

– O verão todo. A família alugou uma casa na ilha.

– Quer dizer que ele agora está bem?

– Sim. Os pais disseram-me que esteve muito doente, mas há já três meses que entrou em remissão.

– É um bom lugar para um emprego de verão.

Sorri.

– Melhor do que a biblioteca.

Voámos em silêncio durante algum tempo.

– Há mesmo mil e duzentas ilhas lá em baixo? – perguntei. Tinha contado só umas três ou quatro espalhadas pelo mar, quais gigantescas peças de um *puzzle*. Esperei pela resposta. – Mick?

– O quê? Oh, sim, mais coisa menos coisa. Só cerca de duzentas são habitadas, mas penso que isso vai mudar com o desenvolvimento que por aí anda. Todos os meses abre um novo hotel ou *resort*. – Riu-se. – Toda a gente quer um pedaço do paraíso.

Voltou a esfregar o peito, tirou a mão esquerda do manche e esticou o braço. Reparei na careta de dor e na fina película de suor que lhe cobria a testa.

– Sente-se bem?

– Estou ótimo. Só nunca tive uma azia assim.

Enfiou mais duas pastilhas na boca e amarrotou a embalagem vazia.

Comecei a ficar preocupada.

– Quer que chame alguém? Se me ensinar a usar o rádio, posso tratar disso.

– Não, fico bem logo que as pastilhas comecem a fazer efeito. – Inspirou fundo e olhou para mim. – Mas obrigado, de todos os modos.

Pareceu bem durante algum tempo, mas dez minutos mais tarde tirou a mão direita do manche e massajou o ombro esquerdo. O suor escorria-lhe pela cara. Respirava com inspirações curtas e superficiais e mexeu-se no assento, como se não conseguisse encontrar uma posição confortável. A minha preocupação evoluiu para puro pânico.

O T. J. acordou.

– Anna – chamou, suficientemente alto para se fazer ouvir acima do barulho dos motores. Voltei a cabeça. – Estamos quase a chegar?

Desapertei o cinto de segurança e voltei para junto dele. Não querendo gritar, puxei-o para mim e disse.

– Escuta, tenho quase a certeza de que o Mick está a ter um ataque cardíaco. Tem dores no peito e está com um aspeto horrível, mas diz que é da azia.

– O quê? Está a falar a sério?

Assenti com a cabeça.

– O meu pai sobreviveu a um ataque cardíaco, no ano passado, e reconheço os sinais. Acho que ele está com medo de admitir que se passa qualquer coisa de grave.

– E nós? Ele está em condições de continuar a pilotar o avião?

– Não sei.

Levantámo-nos os dois e dirigimo-nos ao *cockpit*. O Mick apertava os dois punhos contra o peito e tinha os olhos fechados, os auscultadores à banda na cabeça e a pele da cara adquirira um tom cinza.

Acocorei-me ao lado do assento dele, o medo a invadir-me em ondas sucessivas.

– Mick. – O meu tom foi desesperado. – Temos de pedir ajuda.

Ele assentiu.

– Primeiro vou pôr-nos na água e depois vai ter de usar o rádio. – Arquejou, a tentar fazer sair as palavras. – Ponham os coletes salva-vidas. Estão no armário junto à porta. Depois vão para os vossos lugares e apertem os cintos. – Fez um esgar de dor. – Vão!

O coração martelava-me no peito e a adrenalina inundou-me o corpo. Corremos para o armário e começámos a remexer no interior.

– Porque é que temos de usar os coletes, Anna? O avião tem flutuadores, não tem?

Porque ele está com medo de não conseguir pôr-nos lá em baixo a tempo.

– Não sei. Talvez seja o procedimento obrigatório. Vamos pousar no meio do oceano. – Encontrei os coletes entalados entre um contentor cilíndrico que dizia «jangada pneumática» e um monte de mantas. – Toma – disse, entregando um ao T. J. e enfiando o meu. Sentámo-nos e apertámos os cintos. As mãos tremiam-me tanto que só o consegui à segunda tentativa.

– Se ele perder os sentidos, vou ter de fazer suporte básico de vida imediatamente. Vais ter de ser tu a perceber como funciona o rádio, T. J. OK?

Ele assentiu, os olhos muito abertos.

– Eu consigo.

Agarrei-me aos apoios de braços do meu assento e vi, através da janela, a superfície ondulante do oceano aproximar-se de nós. Mas então,

em vez de abrandar, começámos a ganhar velocidade, descendo num ângulo muito acentuado. Olhei para a parte da frente do avião. O Mick estava caído para cima do manche, sem se mexer. Abri o cinto e corri para junto dele.

– Anna! – gritou o T. J. A bainha da minha *T-shirt* escapou-se-lhe por entre os dedos.

Antes que conseguisse chegar ao *cockpit*, o Mick atirou-se para trás, com as mãos ainda no manche, quando um enorme espasmo lhe sacudiu o peito. O nariz do avião empinou-se repentinamente e foi a cauda que bateu na água. Deslizámos, descontrolados, sobre as ondas, até que a ponta de uma das asas bateu na superfície e o avião deu uma cambalhota.

O impacto atirou-me ao chão, como se alguém tivesse atado uma corda à volta dos meus tornozelos e puxado com força. O som de vidros a estilhaçarem-se encheu-me os ouvidos. Tive a sensação de voar, seguida por uma dor dilacerante quando o avião se partiu em dois.

Mergulhei no oceano e a água salgada invadiu-me a garganta. Estava completamente desorientada, mas o colete salva-vidas puxou-me para cima. A minha cabeça rompeu a superfície e comecei a tossir descontroladamente, a tentar fazer entrar o ar e expulsar a água.

T. J.! Oh, Deus, onde está o T. J.?

Imaginei-o preso ao assento, incapaz de abrir o cinto de segurança, e perscrutei freneticamente a água à minha volta, de olhos semicerrados por causa do sol, gritando o nome dele. Quando já estava convencida de que se tinha afogado, vi-o aparecer à superfície, a engasgar-se e a tossir.

Nadei para ele, com a boca a saber a sangue e a cabeça a latejar tão violentamente que pensei que fosse explodir. Quando cheguei junto dele, agarrei-lhe a mão e tentei dizer-lhe como estava feliz por ter conseguido, mas as palavras não me saíam como deve ser e dei por mim a mergulhar numa espécie de neblina.

O T. J. gritou-me que acordasse. Lembro-me de ondas grandes e de ter engolido mais água, e depois mais nada.

CAPÍTULO 2

T. J.

O mar rodopiava à minha volta, a água entrava-me pelo nariz, descia-me pela garganta, enchia-me os olhos. Não conseguia respirar sem me engasgar. A Anna nadava na minha direção, a chorar, a sangrar e a gritar. Agarrou-me a mão e tentou falar, mas as palavras saíram-lhe todas baralhadas e não percebi nada do que estava a dizer. Balouçou a cabeça e ficou de cara para baixo na água. Puxei-a pelos cabelos.

– Acorde, Anna, acorde! – gritei-lhe. As ondas eram enormes e tive medo de que nos separassem, de modo que enfiei o braço direito por baixo de uma das alças do colete dela e agarrei-me a ela. – Anna! Anna!

Oh, Deus. Continuou de olhos fechados e não respondeu, portanto passei o braço esquerdo por baixo da outra alça do colete e deitei-me para trás, com a cabeça dela em cima do meu peito.

A corrente puxava-nos para longe. Os últimos pedaços do avião desapareceram abaixo da superfície e não tardou muito que não restasse nada. Tentei não pensar no Mick preso ao assento.

Flutuei de costas, aturdido, com o coração a bater com muita força. Rodeado de ondas enormes por todos os lados, tentei manter as nossas cabeças à tona e forcei-me a não entrar em pânico.

Saberão que caímos? Estariam a seguir-nos pelo radar?

Talvez não, porque não apareceu ninguém.

O sol desapareceu e o céu começou a ficar cada vez mais escuro. A Anna murmurou qualquer coisa. Pensei que estivesse a acordar, mas deu uma sacudidela e vomitou-me em cima. As ondas lavaram o vomitado, mas ela estava a tremer e eu puxei-a mais para cima, tentando partilhar o calor do meu corpo. Também eu estava com frio, apesar de água me ter parecido quente logo a seguir a termos caído. Não havia luar e eu mal conseguia ver a água à nossa volta, que agora era preta, em vez de azul.

Comecei a preocupar-me com os tubarões. Libertei um braço e pus a mão por baixo do queixo da Anna, levantando-lhe a cabeça. Tinha sentido uma coisa quente no peito, junto ao pescoço, onde a cabeça dela tinha estado. Continuará a sangrar? Tentei acordá-la, mas ela só reagia quando lhe abanava a cara. Não falava, mas gemia. Não queria magoá-la, mas queria saber se estava viva. Não se mexeu durante muito tempo, o que me deixou um bocado acagaçado, mas então voltou a vomitar e tiritou nos meus braços.

Tentei manter-me calmo, a respirar lentamente. Era mais fácil aguentar as ondas a flutuar de costas, e deixei que a corrente nos levasse. Os hidroaviões não voavam de noite, mas tinha a certeza de que haveriam de mandar um logo que o sol nascesse. Por aquela altura já alguém devia saber que tínhamos caído.

Os meus pais nem sequer sabem que estávamos naquele avião.

Passaram horas e no escuro eu não conseguia ver quaisquer tubarões. Talvez andassem por ali e eu não soubesse. Exausto, dormitei um pouco, deixando pender as pernas em vez de me esforçar por mantê-las perto da superfície. Tentei não pensar nos tubarões que podiam andar às voltas lá em baixo.

Quando voltei a abanar a Anna, ela não reagiu. Pareceu-me sentir o peito dela a subir e descer, mas não tive a certeza. Ouvi um barulho e levantei a cabeça. A da Anna pendeu frouxamente para um lado e voltei a puxá-la para mim. Os barulhos continuaram, quase como um ritmo. Imaginando não apenas um mas cinco, dez, talvez mais tubarões, rodei sobre mim mesmo. Havia qualquer coisa a sobressair da água, e demorei um segundo a perceber o que era. O barulho era das ondas a baterem num recife que rodeava uma ilha.

Nunca tinha sentido um alívio tão grande em toda a minha vida, nem sequer quando o médico me dissera que o tratamento tinha resultado e o meu cancro tinha desaparecido.

A corrente puxava-nos para mais perto da ilha, mas não íamos direitos a ela. Se não fizesse qualquer coisa, passar-lhe-íamos ao lado.

Não podia usar os braços, que continuavam enfiados debaixo das alças do colete salva-vidas da Anna, de modo que continuei deitado de costas e comecei a dar aos pés. Os sapatos caíram-me, mas não me importei. Até já devia tê-los descalçado horas antes.

A terra estava ainda a cinquenta metros de distância. E mais desviada do que antes. Não tive outro remédio senão usar um dos braços. Comecei a nadar de lado, arrastando a Anna comigo.

Levantei a cabeça. Estávamos perto. A dar freneticamente às pernas, com os pulmões a arder, nadei com todas as minhas forças.

Chegámos às águas calmas da laguna dentro do recife, mas só parei de nadar quando os meus pés tocaram a areia do fundo. Mal tive forças para arrastar a Anna até à praia antes de cair ao lado dela e perder os sentidos.

Foi o calor escaldante do sol que me acordou. Rígido e dorido, só conseguia ver de um dos olhos. Sentei-me, tirei o colete salva-vidas e examinei a Anna. Tinha a cara inchada e cheia de nódoas negras e pequenos golpes nas faces e na testa. Continuava a não se mexer.

O coração martelava-me o peito, mas obriguei-me a estender a mão e tocar-lhe no pescoço. Tinha a pele morna e o alívio invadiu-me pela segunda vez quando lhe senti o pulso debaixo da ponta dos meus dedos. Estava viva, mas a única coisa que eu sabia a respeito de traumatismos cranianos era que muito provavelmente ela sofrera um. E se não voltasse a acordar?

Abanei-a com muito cuidado.

– Anna, consegue ouvir-me?

Não reagiu, de modo que tornei a abaná-la.

Esperei que abrisse os olhos. Eram espantosos, grandes e de um azul-acinzentado escuro. Foram a primeira coisa em que reparei quando a conheci. Tinha ido ao nosso apartamento falar com os meus pais e eu estava

envergonhado porque ela era muito bonita e eu era escanzelado e careca e tinha um aspeto de merda.

Vá lá, Anna, deixa-me ver os teus olhos.

Abanei-a com mais força, e foi só quando ela finalmente os abriu que deixei escapar o ar que tinha estado a reter nos pulmões.

CAPÍTULO 3

ANNA

Duas imagens do T. J., esbatidas e de contornos difusos, pairavam sobre mim, e pisquei os olhos até se fundirem numa só. Tinha golpes na cara e o olho esquerdo tão inchado que estava fechado.

– Onde estamos? – perguntei. A voz arranhava-me a garganta e a minha boca sabia a sal.

– Não sei. Numa ilha qualquer.

– E o Mick?

O T. J. abanou a cabeça.

– O que sobrou do avião afundou-se num instante.

– Não me lembro de nada.

– Desmaiou na água e quando não consegui acordá-la pensei que estava morta.

Tinha a cabeça a latejar. Levei a mão à testa e fiz uma careta quando os meus dedos tocaram um enorme alto. Uma coisa pegajosa cobria-me um dos lados da cara.

– Estou a sangrar?

O T. J. inclinou-se para mim e passou-me os dedos pelos cabelos, à procura da origem do sangue. Gritei quando a encontrou.

– Desculpe – disse ele. – É um golpe profundo. Agora já não está a sangrar tanto. Sangrou muito mais quando estávamos na água.

O medo apoderou-se de mim, percorrendo-me o corpo como uma onda.

– Havia tubarões?

– Não sei. Não vi nenhum, mas também tive medo.

Inspirei fundo e sentei-me. A praia pôs-se a andar à roda. Apoiei as palmas das mãos na areia e aguentei-me até o pior da tontura ter passado.

– Como foi que chegámos até aqui?

– Passei os braços pelas alças do seu colete e flutuámos pela corrente até chegarmos a terra. Então arrastei-a até à areia.

De repente, tive consciência do que ele tinha feito. Olhei para o mar e não disse nada durante um minuto. Pensei no que podia ter acontecido se ele me tivesse largado ou se os tubarões tivessem aparecido ou se não houvesse nenhuma ilha.

– Obrigada, T. J.

– Não foi nada – disse ele, e só me sustentou o olhar durante alguns segundos antes de desviar a cabeça.

– Estás ferido?

– Estou bem. Acho que bati com a cara nas costas do banco da frente.

Tentei pôr-me de pé mas não fui capaz, dominada por uma vertigem. O T. J. ajudou-me a tentar novamente e, dessa vez, consegui ficar de pé. Desapertei o colete e deixei-o cair na areia.

Voltei costas ao mar e olhei para o interior. A ilha era igualzinha às fotografias que tinha visto na Internet, com a diferença de que não havia hotéis de luxo nem casas de férias, pelo menos à primeira vista. A areia muito branca parecia açúcar debaixo dos meus pés descalços; não fazia ideia do que tinha acontecido aos sapatos. A praia dava lugar a uma faixa de arbustos floridos e vegetação tropical e, finalmente, a uma área florestal onde as árvores cresciam muito juntas, as folhas a formarem um dossel verde. O sol, já alto no céu, queimava com um calor intenso. A brisa que soprava do mar não era o suficiente para me baixar a temperatura do corpo cada vez mais alta, e o suor escorria-me pela cara. As roupas colavam-se-me à pele húmida.

– Tenho de me sentar. – O estômago deu-me uma volta e julguei que ia vomitar. O T. J. sentou-se a meu lado. – Não te preocupes – disse eu,

quando a náusea finalmente passou. – Já devem saber que houve um acidente e vão mandar um avião para nos procurar.

– Faz alguma ideia de onde estamos? – perguntou ele.

– Nem por isso.

Usei um dedo para desenhar na areia.

– As ilhas estão agrupadas numa cadeia de vinte e seis atóis que correm de norte para sul. Nós íamos para aqui. – Apontei para uma das marcas que tinha feito. Arrastei o dedo pela areia e apontei para outra. – Aqui é Malé, de onde partimos. Estamos algures no meio, suponho, a menos que a corrente nos tenha levado para leste ou para oeste. Não sei se o Mick manteve o rumo, e não sei se os hidroaviões entregam um plano de voo ou se são seguidos pelo radar.

– A minha mãe e o meu pai devem estar a passar-se.

– Sim.

Os pais dele tinham com certeza tentado ligar para o meu telemóvel, que naquele momento se encontrava provavelmente no fundo do oceano.

Devemos acender uma fogueira? Não é o que as pessoas fazem quando estão perdidas? Acender uma fogueira para os outros saberem onde estão?

Não fazia ideia de como acender uma fogueira. As minhas artes de sobrevivência limitavam-se ao que tinha visto na TV ou lido em livros. Nenhum de nós usava óculos, o que nos impedia de apontar as lentes para o sol. Também não tínhamos pederneira nem aço. Restava a fricção, mas seria verdade que esfregar dois paus um no outro resultava? Talvez não tivéssemos de preocupar-nos com uma fogueira, pelo menos para já. Ver-nos-iam se voassem baixo e nós nos mantivéssemos perto da praia.

Tentámos escrever a palavra SOS. Começámos por usar os pés para alisar a areia, mas não nos pareceu que fosse visível do ar. A seguir experimentámos com folhas, mas o vento dispersava-as antes que conseguíssemos completar as letras. Não havia pedras grandes para as fixar, apenas seixos e fragmentos do que julguei ser coral. Andar de um lado para o outro fazia-nos ter ainda mais calor e a minha dor de cabeça piorou. Desistimos e sentámo-nos.

Tinha a cara a arder do sol e as pernas e os braços do T. J. estavam a ficar vermelhos. Não tardou que fôssemos forçados a afastar-nos da praia e

procurar refúgio debaixo de um coqueiro. Havia cocos espalhados pelo chão, e eu sabia que continham água. Batemos com eles contra o tronco de uma árvore, mas não conseguimos parti-los.

O suor escorria-me pela cara. Juntei os cabelos num monte e segurei-os no alto da cabeça. A língua inchada e a boca seca faziam com que fosse difícil engolir.

– Vou dar uma vista de olhos por aí – disse o T. J. – Talvez haja água algures.

Não se tinha afastado havia muito tempo quando voltou para junto do coqueiro com uma coisa na mão.

– Não vi água, mas encontrei isto.

Era do tamanho de uma toranja, verde e coberta de altos espinhosos.

– O que é?

– Não sei, mas talvez tenha água lá dentro, como os cocos.

O T. J. descascou a coisa com as unhas. Fosse o que fosse, os bichos tinham chegado primeiro. Ele deixou-a cair no chão e afastou-a com um pontapé.

– Encontrei-a debaixo de uma árvore – disse. – Havia montes delas penduradas, mas estavam demasiado alto para eu lhes chegar. Se subir para os meus ombros, talvez consiga atirar uma abaixo. Acha que consegue andar?

Assenti.

– Se formos devagar.

Quando chegámos à árvore, o T. J. agarrou-me a mão e ajudou-me a trepar-lhe para os ombros. Eu meço um metro e sessenta e oito e pesava à volta de cinquenta e quatro quilos. O T. J. era pelo menos dez centímetros mais alto e pesava mais treze ou catorze quilos, mas balouçou um pouco ao tentar manter-me firme. Levantei os braços o mais que pude, de dedos esticados para o fruto. Não consegui agarrá-lo, de modo que em vez disso lhe bati com o punho cerrado. Das primeiras duas vezes não se mexeu, mas então bati-lhe com um pouco mais de força e fi-lo cair. O T. J. baixou-me para o chão e eu apanhei-o.

– Continuo a não saber o que é – disse ele, depois de eu lho ter entregado.

– Talvez seja fruta-pão.

– O que é isso?

– É um fruto que supostamente sabe a pão.

O T. J. descascou-o e o aroma perfumado fez-me lembrar o da goiaba. Dividimo-lo ao meio e chupámo-lo, o suco a inundar-nos as bocas ressequidas. Mastigámos e engolimos os pedaços. A textura de borracha significava provavelmente que precisava de amadurecer um pouco mais, mas comemo-lo de todos os modos.

– A mim não me sabe nada a pão – disse o T. J.

– Talvez soubesse se fosse cozinhado.

Quando acabámos de comer, voltei a subir para os ombros do T. J. e derrubei mais dois, que consumimos imediatamente. Depois voltámos para junto do coqueiro, sentámo-nos e ficamos à espera.

Ao fim da tarde, sem qualquer aviso, o céu abriu-se e uma chuvada torrencial desabou-nos em cima. Saímos de debaixo do coqueiro, voltámos a cara para o céu e abrimos a boca, mas parou e chover dez minutos mais tarde.

– É a estação das chuvas – disse eu. – Deve chover todos os dias, provavelmente mais de uma vez.

Não tínhamos nada para recolher a água, e as poucas gotas que conseguira apanhar com a língua só tinham servido para me fazer querer mais.

– Onde estarão eles? – perguntou o T. J., quando o sol se pôs. O desespero que lhe ecoava na voz refletia o meu próprio estado emocional.

– Não sei. – Por razões que não conseguia sequer imaginar, não aparecera nenhum avião. – Amanhã encontram-nos.

Voltámos para a praia e deitámo-nos na areia, com os coletes salva-vidas a servir de almofada. O ar arrefeceu e o vento que soprava da laguna fez-me tiritar. Envolvi o corpo com os meus braços e enrolei-me numa bola, a ouvir o rítmico bater das ondas contra o recife.

Ouvimo-los antes de percebermos o que eram. Um som de asas a bater encheu o ar, seguido pelas silhuetas de centenas, talvez milhares de morcegos. Taparam a luz prateada do luar e perguntei-me se teriam estado suspensos por cima das nossas cabeças quando nos dirigíamos à árvore de fruta-pão.

– Nunca tinha visto tantos morcegos – disse o T. J., sentando-se.

Fiquei a observá-los durante algum tempo até que acabaram por dispersar, para irem caçar noutra sítio qualquer. Minutos mais tarde, o T. J. adormeceu. Olhei para o céu, sabendo que não ia andar ninguém à nossa procura no escuro. Qualquer missão de salvamento que tivessem tentado durante o dia só seria retomada na manhã seguinte. Imaginei os pobres pais do T. J. à espera do nascer do sol. A possibilidade de a minha família ter sido avisada fez-me subir as lágrimas aos olhos.

Pensei na minha irmã Sarah e na conversa que tivera com ela alguns meses antes. Fomos jantar a um restaurante mexicano, e quando o empregado nos serviu as bebidas bebi um gole da minha *margarita* e disse:

– Aceitei aquele trabalho como explicadora de que te falei. Com o miúdo que teve o cancro.

Pousei o copo, mergulhei um *nacho* no molho e enfiei-o na boca.

– Aquele em que tens de ir de férias com a família? – perguntou ela.

– Sim.

– Vais estar fora tanto tempo. O que é que o John acha disso?

– Voltámos a ter a conversa a respeito de casamento. Mas desta vez eu disse-lhe que também queria um bebé. – Encolhi os ombros. – Achei que, assim como assim, mais valia ir ao tudo ou nada.

– Oh, Anna – disse a Sarah.

Até há pouco tempo, não tinha pensado muito a sério em ter um bebé. Ser a tia dos filhos da Sarah – a Chloe, com dois anos, e o Joe, com cinco – bastava para preencher os meus instintos maternos. Mas então toda a gente que eu conhecia começara a enfiar-me nos braços, para eu segurar, coisinhas fofas embrulhadas em mantas, e eu apercebera-me de que queria ter a minha própria coisinha fofa. A intensidade da minha febre reprodutora e o subsequente tiquetaquear do meu relógio biológico surpreendeu-me. Sempre pensara que o desejo de ter um filho era uma coisa que acontecia lentamente, mas um belo dia lá estava ele.

– Não posso continuar assim, Sarah – queixei-me. – Como é que ele vai aguentar um filho se não é sequer capaz de enfrentar o casamento? – Abanei a cabeça. – As outras mulheres fazem com que pareça tão fácil. Conhecem alguém, apaixonam-se e casam. Um ou dois anos depois, começam a criar uma família. Simples, certo? Quando eu e o John

discutimos o nosso futuro, é tão romântico como a compra de uma casa, e com pouco menos regateio.

Peguei no guardanapo e limpei o canto dos olhos.

– Lamento, Anna. Para ser franca, não percebo porque foi que esperaste tanto. Sete anos parece ser tempo mais do que suficiente para o John decidir o que quer.

– Oito. Já lá vão oito anos, Sarah.

Peguei na minha bebida e bebi-a em dois tragos.

– Oh, perdi um ano algures pelo caminho.

O nosso empregado parou junto à mesa e perguntou se queríamos mais uma rodada.

– Se calhar o melhor é ir trazendo – disse-lhe Sarah. – E então, como acabou a conversa?

– Disse-lhe que ia estar fora todo o verão, que precisava de me afastar para ter tempo de pensar no que queria fazer.

– E ele, o que disse?

– O mesmo de sempre. Que me ama, mas que não está pronto. Sempre foi sincero, mas penso que, pela primeira vez, percebeu que talvez não lhe caiba a ele tomar a decisão.

– Falaste com a mãe a este respeito?

– Falei. Disse-me para perguntar a mim mesma se a minha vida era melhor com ele ou sem ele.

Eu e a Sarah tínhamos sorte. A nossa mãe aperfeiçoara a arte de dar conselhos simples mas práticos. Mantinha-se neutra, e nunca julgava. Uma anomalia parental, segundo muitas das nossas amigas.

– E então, qual é a tua resposta?

– Não tenho a certeza, Sarah. Amo-o, mas não me parece que isso vá ser o suficiente para mim.

Precisava de tempo para pensar, para ter a certeza, e o Tom e a Jane Callahan tinham oferecido a oportunidade perfeita para conseguir alguma distância. Muito literalmente, espaço para tomar uma decisão.

– Ele vai ver isso como um ultimato – disse a Sarah.

– Claro que vai.

Bebi um gole da minha nova *margarita*.

– Estás a lidar muito bem com tudo isto.

– Isso é porque ainda não rompi verdadeiramente com ele.

– Talvez seja boa ideia estares sozinha durante algum tempo, Anna. Arrumar as ideias e decidir o que queres fazer durante o resto da tua vida.

– Não preciso de ficar sentada à espera dele, Sarah. Tenho muito tempo para encontrar alguém que queira a mesma coisa que eu.

– Claro que tens. – A Sarah acabou a *margarita* e sorriu-me. – E olha para ti, de partida para lugares exóticos só porque podes. – Suspirou. – Quem me dera poder ir contigo. A coisa mais parecida que tive com umas férias o ano passado foi quando eu e o David levámos os miúdos ao Shedd Aquarium para verem os peixes tropicais.

A Sarah fazia autênticos malabarismos com um casamento, o seu papel de mãe e um emprego a tempo inteiro. Ir sozinha para um paraíso tropical devia parecer-lhe uma espécie de nirvana.

Pagámos a conta e enquanto fazíamos a pé o trajeto até à estação dos comboios pensei que, ao menos por uma vez, eu estava melhor do que ela. Que se a minha situação tinha um lado positivo, era a liberdade de passar o verão numa bela ilha, se me apetecesse.

Até ao momento, o plano não tinha corrido muito bem.

Doía-me a cabeça, o meu estômago roncava e nunca tinha tido tanta sede em toda a minha vida. A tiritar, com a cabeça apoiada no colete de salvação, tentei não pensar em quanto tempo demorariam eles a encontrarmos.

CAPÍTULO 4

T. J.

Dia 2

Acordei mal amanheceu. A Anna já estava acordada, sentada na areia a meu lado a olhar para o céu. O meu estômago roncava, e eu tinha a boca seca.

Sentei-me.

– Bom dia. Como vai a cabeça?

– Ainda muito dorida – respondeu.

Também a cara dela se encontrava num estado miserável, inchada e cheia de nódoas negras e com uma pasta de sangue seco junto à raiz dos cabelos.

Fomos até à árvore de fruta-pão e a Anna trepou para cima dos meus ombros e atirou abaixo dois deles. Eu sentia-me fraco, zozzo, e mal conseguia aguentá-la. Ela saiu de cima de mim e enquanto ali estávamos um fruto soltou-se de um ramo e caiu aos nossos pés. Olhámos um para o outro.

– Assim vai ser mais fácil – disse ela.

Afastámos os frutos podres que estavam debaixo da árvore, para que, se voltássemos e víssemos algum caído no chão, soubéssemos que

podíamos comê-lo. Peguei no que tinha caído e descasquei-o. O suco era mais doce e a polpa menos difícil de mastigar.

Precisávamos desesperadamente de qualquer coisa onde pudéssemos recolher água e caminhámos ao longo da praia à procura de latas vazias, garrafas, caixas... qualquer coisa que fosse estanque e retivesse a água da chuva. Vimos alguns destroços, que eu achei que talvez fossem pedaços do avião, mas mais nada. A falta de lixo humano fez-me perguntar a mim mesmo aonde raio teríamos nós ido parar.

Resolvemos explorar o interior da ilha. As árvores tapavam a luz do sol e os mosquitos eram aos milhares. Eu matava-os à palmada e limpava o suor da testa com o braço. Vimos o charco quando chegámos a uma pequena clareira. Era mais uma grande poça do que um charco, cheia de água suja. A minha sede intensificou-se.

– Podemos beber aquilo? – perguntei.

A Anna ajoelhou-se no chão e meteu a mão na água, agitou-a e franziu o nariz por causa do cheiro.

– Não, está estagnada. Não deve ser seguro bebê-la.

Continuámos a andar, mas não encontrámos nada que servisse para conter água, de modo que voltámos para junto do coqueiro. Peguei num dos cocos que estavam no chão e bati com ele contra o tronco da árvore. Não consegui parti-lo e atirei-o para longe. Dei um pontapé na árvore e magoei o pé.

– Raios partam!

Se conseguisse partir um coco, podíamos beber a água, comer a polpa e recolher água na casca vazia.

A Anna pareceu não ter reparado na minha explosão de mau humor. Abanou a cabeça e disse:

– Não percebo porque é que ainda não vimos um avião. Onde estão eles?

Sentei-me ao lado dela, ofegante e a suar.

– Não sei.

Não dissemos mais nada durante algum tempo, perdidos nos nossos pensamentos. Finalmente, perguntei:

– Acha que devemos fazer uma fogueira?

– Sabes como se faz?

– Não. – Tinha vivido toda a minha vida na cidade, podia contar pelos dedos de uma mão o número de vezes que tinha ido acampar, e ainda me sobravam dedos. E acendíamos as fogueiras com um isqueiro. – E a Anna?

– Não.

– Podíamos tentar – disse eu. – Temos tempo.

Ela sorriu desta minha triste tentativa de fazer uma piada.

– OK.

Passámos a hora seguinte a esfregar dois paus um no outro. A Anna conseguiu aquecer os dela o suficiente para lhe queimar os dedos antes de desistir. Eu consegui um pouco melhor – pareceu-me ver fumo – mas nada de fogo. Doíam-me os braços.

– Desisto – disse, largando os paus e usando a parte de baixo da *T-shirt* para limpar o suor antes que me escorresse para os olhos.

Começou a chover. Concentrei-me em tentar apanhar as gotas com a língua, grato pela pequena quantidade de água que engolia. A chuva parou ao fim de alguns minutos.

Ainda a suar, fui até à praia, despi a *T-shirt* e entrei na água só de calções. A temperatura da laguna fez-me lembrar uma banheira, mas mergulhei a cabeça e senti-me um pouco mais fresco. A Anna seguiu-me, detendo-se antes de chegar à água. Sentou-se na areia, afastando os cabelos compridos do pescoço com uma mão. Devia estar a assar, com a camisola de manga comprida e os *jeans*. Minutos mais tarde, pôs-se de pé, hesitou e então tirou a *T-shirt*. Desapertou os *jeans* e despiu-os e então avançou na minha direção, vestindo apenas um *soutien* preto e umas cuecas a condizer.

– Faz de conta que estou de fato de banho, está bem? – disse quando se juntou a mim na água. Tinha a cara muito vermelha e mal conseguia olhar para mim.

– Claro.

Eu estava tão aturdido que tive dificuldade em pronunciar a palavra.

Tinha um corpo espetacular. Pernas compridas, barriga lisa. Um belo par de mamas. Olhar para ela devia ser a última coisa a ocupar-me os pensamentos, mas não era. E também ninguém diria que podia dar-me tusa, tendo em conta a fome e a sede que tinha e a situação lixada em que nos encontrávamos, mas dava. Nadei para mais longe até me conseguir recompor.

Ficámos muito tempo na água, e quando saímos ela voltou-me as costas e vestiu-se. Fomos ver a árvore de fruta-pão, mas não havia nenhum fruto caído no chão. A Anna trepou para os meus ombros e quando a firmei, segurando-lhe as coxas, a imagem das pernas dela nuas surgiu-me na mente.

Atirou abaixo dois frutos. Eu não tinha muita fome, o que era esquisito, pois devia estar esfomeado. A Anna também não devia ter, porque não comeu a polpa depois de ter sugado o suco todo.

Quando o sol se pôs, deitámo-nos perto da praia e ficámos a ver os morcegos encherem o céu.

– O meu coração está a bater muito depressa – disse eu.

– É um sintoma de desidratação.

– Quais são os outros sintomas?

– Perda de apetite. Não precisar de urinar. Boca seca.

– Tenho isso tudo.

– Também eu.

– Quanto tempo se consegue aguentar sem água?

– Três dias, talvez menos.

Tentei lembrar-me da última vez que bebera qualquer coisa. Talvez no aeroporto, no Sri Lanka? Conseguíamos apanhar um pouco de água com a boca, quando chovia, mas não devia ser o suficiente para nos manter vivos. A compreensão de que estávamos a ficar sem tempo deixou-me completamente acagaçado.

– E a poça?

– É uma má ideia – disse ela.

Nenhum de nós disse o que estávamos os dois a pensar. Se a coisa chegasse ao ponto de ser a água da poça ou água nenhuma, íamos acabar por ter de a beber, de todos os modos.

– Amanhã eles aparecem – disse ela, mas não parecia acreditar muito nisso.

– Espero que sim.

– Tenho medo – murmurou ela.

– Também eu.

Virei-me de lado, mas passou muito tempo antes que conseguisse adormecer.

CAPÍTULO 5

ANNA

Dia 3

Quando eu e o T. J. acordámos, estávamos ambos cheios de dores de cabeça e com náuseas. Comemos um pouco de fruta-pão, e eu pensei que ia vomitar a minha, mas não vomitei. Apesar de nos restar muito pouca energia, voltámos à praia e decidimos tentar novamente fazer uma fogueira. Eu estava convencida de que haveria de aparecer um avião naquele dia e sabia que uma fogueira era a melhor maneira de nos certificarmos de que seríamos vistos.

– Ontem fizemos tudo mal – disse o T. J. – Estive a pensar nisso ontem à noite, antes de adormecer, e lembrei-me de ter visto um programa na TV em que o tipo tinha de acender uma fogueira. Fazia rodar o pau em vez de o esfregar noutro. Tenho uma ideia. Vou ver se consigo encontrar aquilo de que preciso.

Afastou-se, e eu comecei a juntar tudo o que pudesse arder se conseguíssemos de facto produzir uma chama. O ar era tão húmido que a única coisa seca em toda a ilha devia ser o interior da minha boca. Todas as coisas em que pegava estavam molhadas, mas consegui finalmente encontrar algumas folhas secas debaixo de um arbusto carregado de flores.

Também virei do avesso os bolsos dos *jeans* e descobri um pouco de algodão que juntei ao pequeno monte que tinha na mão.

O T. J. voltou com um pau e um pedaço de madeira mais pequeno.

– Tens algum algodão nos bolsos? – perguntei-lhe.

Ele revirou os bolsos, encontrou um pouco e entregou-mo.

– Obrigada.

Com o algodão e as folhas, fiz um pequeno ninho. Também juntei pequenos gravetos e fiz um monte de folhas húmidas e verdes que poderíamos usar para fazer fumo.

O T. J. sentou-se e segurou o pau a direito, perpendicular ao pedaço de madeira no qual estava apoiado.

– Que estás a fazer? – perguntei.

– Estou a tentar descobrir uma maneira de fazer girar o pau. – Estudou-o durante um minuto. – Acho que o tipo usou um cordel. Quem me dera não ter deitado fora os sapatos; podia usar os atacadores.

Rodou o pau de um lado para o outro com uma mão, mas não conseguia fazê-lo girar suficientemente depressa para produzir qualquer espécie de fricção. O suor escorria-lhe pela cara.

– É impossível, porra – disse, e descansou alguns minutos.

Com renovada determinação, usou as duas mãos e esfregou-as uma contra a outra, com o pau no meio. Girava muito mais depressa, e ele não tardou a encontrar um ritmo. Ao cabo de vinte minutos, a rotação do pau tinha produzido um pequeno monte de pó preto no furinho que fizera no pedaço de madeira.

– Olhe, olhe! – disse o T. J., quando se ergueu uma fina voluta de fumo.

Pouco depois, houve muito mais fumo. O suor escorria-lhe para os olhos, mas o T. J. não parou de fazer girar o pau.

– Preciso do ninho.

Pousei-o ao lado dele e sustive a respiração enquanto o via soprar muito ao de leve para o furinho na madeira. Usou o pau para retirar cuidadosamente a brasa que brilhava com um clarão avermelhado e transferi-la para o ninho de folhas secas e algodão. Pegou nele e colocou-o à frente da boca, soprando muito ligeiramente. E, de repente, as chamas irromperam.

O T. J. pousou o ninho no chão.

– Oh, meu Deus! Conseguiste! – exclamei.

Amontoámos pequenos gravetos em cima do ninho. O fogo cresceu rapidamente e esgotámos num instante os paus que eu tinha juntado. Apressámo-nos a ir buscar mais, e estávamos ambos a correr de volta com braços de lenha quando começou a chover. Em poucos segundos, a nossa fogueira transformou-se num monte de madeira encharcada e enegrecida.

Ficámos a olhar para o que restava. Eu só tinha vontade de chorar. O T. J. caiu de joelhos na areia. Sentei-me ao lado dele e erguemos a cara para apanhar as gotas de chuva. Choveu durante muito tempo, e pelo menos uma parte da água que caiu passou pela minha garganta, mas eu só conseguia pensar na que ensopava a areia à nossa volta.

Não sabia o que dizer-lhe. Quando parou de chover, deitámo-nos de baixo do coqueiro, sem falar. Não podíamos tentar acender outra fogueira logo a seguir, porque estava tudo encharcado, de modo que dormitámos, apáticos e sem ânimo.

Quando acordámos, ao fim da tarde, nenhum de nós queria fruta-pão. O T. J. não tinha forças para acender outra fogueira, e sem uma espécie qualquer de abrigo não conseguiríamos mantê-la acesa, de todos os modos. O coração martelava-me no peito e tinha os membros dormentes. Tinha parado de transpirar.

Quando o T. J. se pôs de pé e se afastou, fui atrás dele. Sabia aonde ia, mas não consegui dizer-lhe que parasse. Também eu queria lá ir.

Quando chegámos à poça, ajoelhei junto à beira, apanhei um pouco de água na concha da mão e levei-a à boca. Tinha um sabor horrível, era quente e quase salobra, mas eu quis imediatamente mais. O T. J. ajoelhou-se a meu lado e bebeu diretamente da poça. Depois de termos começado, nenhum de nós conseguiu parar. Bebemos até já não podermos mais e então deixámo-nos cair no chão, e eu pensei que ia vomitar aquilo tudo, mas não. Os mosquitos eram uma nuvem à nossa volta, e eu batia na minha própria cara para os afastar.

Voltámos à praia. Entretanto era quase noite, e deitámo-nos na areia ao lado um do outro, com as cabeças em cima dos coletes salva-vidas. E eu pensei que ia correr tudo bem. Tínhamos ganhado um pouco de tempo. No dia seguinte iam encontrar-nos de certeza.

– Lamento aquilo da fogueira, T. J. Esforçaste-te tanto, e fizeste um trabalho magnífico. A mim nunca me teria ocorrido aquela solução.

– Obrigado, Anna.

Adormecemos, mas eu acordei pouco depois. O céu estava negro, e pensei que a noite devia ir a meio. Uma cólica contraiu-me o estômago. Ignorei-a e rolei para o lado. Tive outra cólica, esta mais intensa. Sentei-me e gemi. Comecei a suar da testa.

O T. J. acordou.

– O que foi?

– Dores de barriga. – Pedi aos Céus que as cólicas parassem, mas em vez disso pioraram, e eu soube o que ia seguir-se. – Não venhas atrás de mim – disse.

Fui aos tropeções até ao bosque, e mal tinha acabado de baixar os *jeans* e as cuecas quando o meu corpo deitou tudo cá para fora. Quando já não restava mais nada, contorci-me no chão e as cólicas continuaram em vagas, umas atrás das outras. Estava encharcada em suor. A dor irradiava-me do estômago para as pernas. Fiquei imóvel durante muito tempo, com medo de que o mais pequeno movimento trouxesse mais sofrimento. Os mosquitos zumbiam à volta da minha cara.

E então apareceram as ratazanas.

Para onde quer que olhasse, havia pares de olhos a brilhar no escuro. Uma delas passou a correr por cima do meu pé, e eu gritei. Pus-me de pé, a cambalear, e puxei para cima as cuecas e os *jeans*, mas o movimento provocou-me dores intensas e voltei a cair. Pensei que estava a morrer, que o que quer que fosse que contaminara a água da poça era uma coisa a que não ia conseguir sobreviver. Depois disso fiquei imóvel. Exausta e fraca, sem fazer a mínima ideia de onde estava o T. J., perdi os sentidos.

Foi uma espécie de zumbido que me acordou. *Mosquitos*. Mas o sol estava alto no céu e a maior parte dos insetos, e as ratazanas, tinha desaparecido. Tentei levantar a cabeça enquanto jazia deitada de lado, com os joelhos encolhidos contra o peito.

Era o som de um avião.

Pus-me de gatas e rastejei até à praia, a gritar pelo T. J. Levantei-me e cambaleei até à água, a tentar, com as forças que me restavam, erguer os

braços acima da cabeça e agitá-los de um lado para o outro. Não via o avião, mas ouvia-o, e o som afastava-se cada vez mais.

Andam à nossa procura. Vão voltar para trás não tarda.

O som do avião foi-se tornando mais fraco até que deixei de o ouvir. Os meus joelhos cederam e caí no chão e chorei até começar a hiperventilar. Deitei-me de lado, a olhar para a água através de uma espécie de nevoeiro, e os meus soluços foram-se acalmando.

Não faço ideia de quanto tempo passou, mas quando abri os olhos o T. J. estava deitado a meu lado.

– Passou um avião – disse.

– Eu ouvi-o. Não consegui mexer-me.

– Hão de voltar.

Mas não voltaram.

Chorei muito nesse dia. O T. J. não disse nada. Manteve os olhos fechados, e eu não soube de certeza se estava a dormir ou apenas demasiado fraco para falar. Não tentámos acender outra fogueira nem comemos fruta-pão. Nenhum de nós se mexeu de debaixo do coqueiro, exceto quando choveu.

Eu não queria estar perto do bosque quando anoiteceu, de modo que voltámos à praia. Quando me deitei na areia ao lado do T. J., havia só uma coisa que eu sabia de certeza. Se não aparecesse outro avião ou se não conseguíssemos descobrir uma maneira de recolher água, nós os dois íamos morrer.

Fui dormitando durante toda a noite, e quando por fim consegui mergulhar num sono mais profundo, acordei aos gritos porque sonhei que estava uma ratazana a roer-me um pé.

CAPÍTULO 6

T. J.

Dia 4

Quando o sol nasceu, mal consegui levantar a cabeça da areia. Duas almofadas dos assentos do avião tinham dado à costa durante a noite, e uma coisa azul ao lado delas chamou-me a atenção. Rolei para junto da Anna e abanei-a até a acordar. Fitou-me com os olhos encovados, os lábios gretados e a sangrar.

– O que é aquilo?

Estava a apontar para a coisa azul, mas o esforço necessário para manter a mão levantada era demasiado e voltei a deixar cair o braço na areia.

– Onde?

– Ali, junto às almofadas dos assentos.

– Não sei – disse ela.

Levantei a cabeça e protegi os olhos da luz do sol. Parecia-me familiar, e de repente soube o que era.

– É a minha mochila. *Anna, é a minha mochila!*

Pus-me de pé a cambalear, desci até à beira da água e apanhei-a. Quando voltei para junto da Anna, abri a mochila e tirei de lá a garrafa de água que ela me tinha dado no aeroporto de Malé.

Ela sentou-se.

– Oh meu Deus!

Arranquei a tampa e passámos a garrafa de um para o outro, tendo o cuidado de não beber demasiado depressa. Era um litro de água, e bebemo-la toda, mas mal chegou para me acalmar a sede.

A Anna ergueu a garrafa vazia.

– Se usarmos uma folha a fazer de funil, podemos recolher água da chuva nesta coisa.

Trémulos como estávamos, fomos até à árvore de fruta-pão e arrancámos uma grande folha de um dos ramos mais baixos. A Anna rasgou-a até ficar do tamanho certo e enfiou-a no gargalo da garrafa vazia, fazendo uma abertura o mais larga possível. Havia quatro frutos caídos no chão, e nós levámo-los para a praia e comemo-los todos.

Despejei na areia tudo o que a mochila continha. O meu boné de *baseball* dos Chicago Cubs estava encharcado, mas enfié-o na cabeça de todos os modos. Havia também uma *sweatshirt* cinzenta com capuz, duas *T-shirts*, dois pares de calções, *jeans*, cuecas e meias, uma escova e uma pasta de dentes, e o meu leitor de CD. Peguei na escova e na pasta de dentes. O interior da minha boca sabia a qualquer coisa que eu não era capaz de começar sequer a descrever. Desenrosquei a tampa do tubo de pasta de dentes, espremi um pedaço para a escova e estendi-a à Anna.

– Pode partilhar a minha escova de dentes, se não se importar.

Ela sorriu.

– Não me importo, T. J. Mas tu primeiro. A escova é tua.

Lavei os dentes, limpei a escova no mar e entreguei-lha. Ela espremeu mais pasta e lavou os dentes. Quando acabou, limpou também a escova e devolveu-ma.

– Obrigada.

Esperámos pela chuva e quando ela chegou, ao princípio da tarde, vimos a garrafa encher-se de água. Bebemo-la toda. Precisávamos de mais, provavelmente de muito mais, mas comecei a pensar que afinal talvez não fôssemos morrer.

Tínhamos uma maneira de recolher água, tínhamos fruta-pão, e sabíamos acender uma fogueira. Agora precisávamos de um abrigo, pois sabíamos que sem ele a nossa fogueira nunca se manteria acesa.

A Anna queria construir o abrigo na praia, porque tinha medo das ratazanas. Partimos dois ramos em forma de Y, espetámo-los na areia e atravessámos entre eles o pau mais comprido que conseguimos encontrar. Fizemos uma espécie de alpendre merdoso encostando mais ramos de ambos os lados. Cobrimos o chão com folhas de árvore de fruta-pão, exceto num pequeno círculo onde podíamos fazer a fogueira. A Anna juntou pedras para dispor à volta dela. Ia ficar fumarento, lá dentro, mas talvez isso ajudasse a afastar os mosquitos.

Resolvemos esperar pela manhã para acender outra fogueira. Agora que tínhamos um abrigo, podíamos apanhar lenha e guardá-la lá dentro para secar.

A chuva voltou a cair e encheu a nossa garrafa de água três vezes; nunca em toda a minha vida tinha saboreado nada tão bom.

Quando o sol se pôs, levámos as almofadas dos assentos, os coletes salva-vidas e a minha mochila para dentro do abrigo.

– Boa noite, T. J. – disse a Anna, deitando a cabeça numa das almofadas, com o círculo da fogueira no meio dos dois.

– Boa noite, Anna.

CAPÍTULO 7

ANNA

Dia 5

Abri os olhos. A luz do sol infiltrava-se pelas frestas das paredes. A pressão na minha bexiga – uma coisa que não sentia havia já algum tempo – confundiu-me por um segundo, e então sorri.

Preciso de ir à casa de banho.

Saí do abrigo sem acordar o T. J. e fui até ao bosque. Acocorei-me atrás de uma árvore, franzindo o nariz perante o forte cheiro a amoníaco da minha urina. Quando voltei a puxar as calças para cima, fiz uma careta ao sentir a humidade entre as pernas.

Encontrei o T. J. acordado e de pé ao lado do abrigo.

– Aonde foi? – perguntou.

– Fazer chichi – respondi, a sorrir.

Chocámos as mãos em jeito de celebração.

– Também eu preciso de ir.

Quando voltou, fomos até à árvore de fruta-pão e apanhámos os dois frutos que estavam caídos no chão. Sentámo-nos na areia a comer o nosso pequeno-almoço.

– Deixe-me ver a sua cabeça – disse o T. J.

Inclinei-me e ele mexeu-me nos cabelos até encontrar o golpe.

– Está com melhor aspeto. Mas provavelmente devia ter levado uns pontos. Não vejo sangue seco, mas o seu cabelo é tão escuro que é difícil ter a certeza. – Apontou para a minha cara. – As nódoas negras estão a desaparecer. Essa aí está a ficar amarela.

Também o aspeto dele tinha melhorado. Já não tinha o olho tão inchado e os golpes estavam a sarar bem. Saíra de tudo aquilo em muito melhor estado do que eu, graças ao cinto de segurança. A cara dele – bonita, apesar de ainda muito arrapazada – não ficaria com cicatrizes permanentes em consequência do acidente. Não sabia se podia dizer o mesmo a meu respeito, mas na altura não estava preocupada com isso.

Depois do pequeno-almoço, o T. J. acendeu outra fogueira.

– Extraordinário, menino da cidade – disse eu, apertando-lhe o ombro.

Ele sorriu, acrescentando pedaços pequenos de madeira para alimentar as chamas, claramente orgulhoso de si mesmo. Limpou o suor dos olhos e disse:

– Obrigado.

– Deixa-me ver as tuas mãos.

Estendeu-as para mim, de palmas para cima. Tinha a pele esfolada e calejada coberta de bolhas e encolheu-se quando lhes toquei.

– Isso deve doer.

– Dói – admitiu ele.

A fogueira enchia o abrigo de fumo, mas não se apagaria quando chovesse. Se ouvíssemos um avião, podíamos derrubar aquela espécie de apêndice e atirar folhas verdes para as chamas, para fazer mais fumo.

Nunca tinha passado tanto tempo sem um duche, e cheirava horrivelmente mal.

– Vou tentar lavar-me – disse. – Vais ter de ficar aqui, está bem?

Ele assentiu e entregou-me uma *T-shirt* de manga curta que tirou da mochila.

– Quer usar esta em vez da de manga comprida?

– Sim, obrigada.

A *T-shirt* ia assentar-me como um vestido, mas não me importei.

– Dava-lhe uns calções, mas sei que são demasiado grandes.

– Não faz mal. A *T-shirt* já é uma grande ajuda.

Afastei-me pela praia, só me detendo para me despir quando deixei de ver o T. J. e o abrigo. Perscrutei o céu azul e límpido.

Agora seria uma excelente altura para passar um avião lá em cima. Com certeza alguém haveria de reparar numa mulher nua na praia.

Entrei na laguna, afugentando os peixes. Os escaldões nas minhas mãos e pés tinha-se transformado num bronzeado profundo que contrastava com a brancura das pernas e dos braços. Os cabelos que me caíam para os ombros pareciam um ninho de ratos.

Esfreguei o corpo com as mãos, e em seguida fui à praia buscar a roupa e lavei-a com água salgada. Penteei-me com os dedos e desejei muito ter um elástico para prender o cabelo num rabo-de-cavalo.

Ligeiramente mais limpa quando saí da água, vesti o *soutien* e as cuecas, ainda molhados, e enfiei a *T-shirt* do T. J. por cima da cabeça. Chegava-me a meio das coxas, de modo que não me preocupei com os *jeans*.

– Eu sei que não vesti as calças – expliquei, ao regressar ao abrigo. – Mas tenho calor e quero deixar secar os *jeans*.

– Por mim tudo bem, Anna.

– Quem me dera que tivéssemos qualquer coisa para apanhar peixe. Há toneladas deles na laguna.

Só de pensar nisso, a boca encheu-se-me de água e o meu estômago roncou.

– Podemos tentar arpoá-los. Depois de me lavar, podemos procurar alguns paus compridos. E a nossa reserva de lenha está a ficar um pouco em baixo.

O T. J. voltou ao abrigo cinco minutos mais tarde, com os cabelos molhados e vestido com roupas lavadas. Trazia nos braços uma coisa comprida e volumosa.

– Olhe só o que encontrei na água.

– O que é isso?

Ele pousou o objeto no chão e fê-lo rodar para eu poder ver o que estava escrito no bojo. Ajoelhei-me ao lado dele.

– É a jangada salva-vidas do avião. Lembro-me de a ter visto quando andava à procura dos coletes.

Abrimos o contentor e puxámos a jangada para fora. Corri o fecho da bolsa impermeável presa à jangada e encontrei uma folha de papel com a lista do conteúdo. Li em voz alta:

– *Cobertura da jangada, localizada no interior da bolsa de acessórios, com duas portas de enrolar e um reservatório para recolher água da chuva por cima do painel superior. Equipamento especial disponível: inclui radiofaróis e localizadores de emergência...*

As minhas esperanças subiram em flecha.

– T. J., onde está a bolsa dos acessórios?

O T. J. procurou no contentor e encontrou outra bolsa impermeável. As mãos tremiam-me enquanto rasgava o plástico, e mal abri um buraco suficientemente grande voltei-a e despejei tudo na areia. Remexemos no meio da tralha, as nossas mãos a chocarem umas com as outras enquanto examinávamos cada objeto.

Não encontramos nada que nos promettesse salvação.

Nem localizadores de emergência, nem radiofaróis, nem telefones-satélite ou transmissores.

As minhas esperanças caíram a pique.

– Devem ter achado que o equipamento especial era uma melhoria desnecessária.

O T. J. abanou lentamente a cabeça.

Pensei no que poderia ter acontecido se tivéssemos encontrado um localizador de emergência.

Liga-se a coisa e espera-se que nos venham buscar?

Senti as lágrimas subirem-me aos olhos. Contive-as e comecei a fazer o inventário do conteúdo da bolsa de acessórios: faca, estojo de primeiros socorros, lona, duas mantas, corda e dois contentores de plástico dobráveis com capacidade para dois litros.

Abri o estojo de primeiros socorros: *Tylenol*, *Benadryl*, pomada antibiótica, cortisona em pomada, pensos rápidos, saquetas de toalhetas com álcool e *Imodium*.

– Mostra-me as mãos.

Ele estendeu-mas e eu espalhei pomada antibiótica nas bolhas e apliquei-lhes pensos rápidos.

– Obrigado.

Peguei no frasco de *Benadryl*.

– Isto pode salvar-te a vida.

– Como?

– Combate as reações alérgicas.

– E aquilo? – perguntou ele, a apontar para um frasco branco.

Olhei para ele e desviei a cara.

– É *Imodium*. Um antidiarreico.

Riu-se ao ouvir isto.

A jangada pneumática enchia-se com dióxido de carbono contido numa pequena botija. Quando carregámos no botão, o gás insuflou-a tão rapidamente que tivemos de saltar para lhe sair da frente.

Montámos a cobertura e o reservatório de água da chuva. A jangada parecia uma daquelas casas insufláveis onde os meus sobrinhos tanto gostavam de andar aos pulos, embora fosse muito mais baixa.

– Isto deve dar para uns dez litros de água – disse eu, a apontar para o reservatório. Outra vez com sede, esperava que a chuva da tarde chegasse cedo.

Abas de *nylon* pendiam dos lados e prendiam-se à jangada com tiras de velcro. Deixá-las para cima durante o dia permitiria a entrada de ar e de luz. As portas de enrolar, de rede, proporcionavam uma pequena abertura.

Empurrámos a jangada para junto do abrigo e deitámos mais lenha na fogueira antes de nos dirigirmos ao coqueiro. O T. J. cortou a casca de um coco com a faca e abriu-o espetando-lhe a ponta da lâmina e batendo no cabo com o punho. Eu recolhi a água num dos contentores de plástico.

– Pensei que fosse mais doce – disse ele, depois de ter bebido um pouco.

– Também eu.

Tinha um sabor ligeiramente amargo, mas não era má.

O T. J. arrancou a polpa com a faca. Esfomeada, a minha vontade era de comer todos os cocos espalhados pelo chão. Partilhámos cinco antes de a minha fome se dissipar. O T. J. comeu mais um, e eu perguntei a mim mesma quanta comida seria precisa para saciar um rapaz de dezasseis anos.

A chuva chegou uma hora mais tarde. Eu e o T. J. ficámos encharcados, a sorrir e a aplaudir enquanto víamos os vários recipientes encherem-

se até acima. Grata pela abundância, bebi até não aguentar mais, e a água chocalhava-me no estômago cada vez que me mexia.

Passada uma hora, fomos os dois urinar outra vez. Festejámos comendo outro coco e duas frutas-pão.

– Gosto mais de coco do que de fruta-pão – disse eu.

– Também eu. Mas agora que temos uma fogueira, talvez possamos assar uma e ver se sabe melhor.

Juntámos mais lenha e encontrámos uns paus compridos para arpoar peixes. Pusemos a lona por cima do abrigo e prendemo-la com a corda, para termos uma proteção extra contra a chuva.

O T. J. fez cinco marcas no tronco de uma árvore. Nenhum de nós falou de outro avião.

Quando foram horas de dormir, alimentámos a fogueira o mais que pudemos sem correr o risco de pegar fogo ao abrigo. O T. J. rastejou para dentro da jangada pneumática. Eu segui-o, usando a *T-shirt* que ele me tinha dado como camisa de noite. Baixei a porta de rede depois de entrar; pelo menos, teríamos alguma proteção contra os mosquitos.

Baixámos as abas de *nylon* e prendemo-las com as tiras de velcro. Estendi as mantas e pus as almofadas dos assentos a servir de traveseiro. As mantas eram ásperas, mas manter-nos-iam quentes quando o sol se pusesse e a temperatura descresse. As almofadas dos assentos eram finas e cheiravam a mofo, mas eram luxuosamente confortáveis em comparação com o chão.

– Isto é espetacular – disse o T. J.

– Eu sei.

A jangada pneumática era um pouco mais estreita do que uma cama de casal. Partilhá-la com o T. J. deixaria apenas alguns centímetros a separar-nos. Eu estava demasiado cansada para querer saber.

– Boa noite, T. J.

– Boa noite, Anna.

Já parecia cheio de sono. Virou-se de lado e adormeceu.

Segundos mais tarde, fiz o mesmo.

Acordei a meio da noite para ir ver a fogueira. Só restavam brasas, e acrescentei mais lenha e espevitei-as com um pau, enchendo o ar de faúlhas. Quando o lume recomeçou a arder com força, voltei para a cama.

O T. J. acordou quando me deitei.

– O que foi? – perguntou.

– Nada. Fui pôr mais lenha na fogueira. Dorme.

Fechei os olhos e dormimos até ao nascer do sol.

CAPÍTULO 8

T. J.

Acordei com uma ereção. Acordava quase sempre, não era uma coisa que eu pudesse controlar. Uma vez que já não estávamos quase mortos, o meu corpo deve ter decidido que estava tudo a postos. Dormir tão perto de uma rapariga, sobretudo uma rapariga como a Anna, era garantia de que ia acordar de pau feito.

Ela estava deitada de lado, voltada para mim, ainda a dormir. Os golpes na cara estavam a sarar e, felizmente para ela, nenhum deles parecia suficientemente profundo para deixar cicatriz. Tinha afastado a manta durante a noite e eu olhei-lhe para as pernas, o que era a pior coisa que podia fazer considerando o que se passava dentro do meus calções. Se ela abrisse os olhos apanhava-me a olhar, por isso rastejei para fora da jangada e pensei em geometria até me passar a tusa.

A Anna acordou dez minutos mais tarde. Comemos coco e fruta-pão ao pequeno-almoço e depois lavei os dentes e enxaguei a boca com água da chuva.

– Tome – disse, entregando-lhe a escova e a pasta de dentes.

– Obrigada – disse ela, e pôs um pedaço de pasta na escova e lavou os dentes.

– Talvez hoje apareça outro avião – disse eu.

– Talvez – disse a Anna. Mas não olhou para mim quando o disse.

- Quero dar uma vista de olhos por aí. Ver o que mais há nesta ilha.
- Vamos ter de ter cuidado – disse ela. – Não temos sapatos.

Dei-lhe um par das minhas peúgas, para que não andasse completamente descalça. Escondi-me atrás do abrigo e troquei os calções pelos *jeans*, para proteger as pernas dos mosquitos, e embrenhámo-nos no bosque.

O ar húmido agarrava-se-me à pele. Passei pelo meio de um enxame de mosquitos, mantendo a boca fechada e enxotando-os com as mãos. Quanto mais avançávamos para o interior da ilha, mais forte se tornava o cheiro a plantas podres. Os ramos tapavam quase toda a luz do sol e os únicos sons que se ouvia era o quebrar dos ramos e a nossa respiração quando inspirávamos o ar pesado. O suor empapava-me as roupas. Continuámos em silêncio, e eu perguntava a mim mesmo quando sairíamos das árvores e chegaríamos ao outro lado.

Chegámos quinze minutos mais tarde. A Anna tinha ficado um pouco para trás, de modo que fui eu o primeiro a vê-la. Parei, voltei-me e fiz-lhe sinal para que se apressasse.

Ela chegou ao pé de mim e sussurrou.

– O que é aquilo?

– Não sei.

Cinquenta metros à nossa frente estava uma barraca de madeira, mais ou menos do tamanho de uma caravana. Talvez vivesse mais alguém na ilha. Alguém que não se dera ao incómodo de se apresentar. Avançámos cautelosamente. A porta pendia dos gonzos enferrujados e espreitámos para o interior.

– Está aí alguém? – perguntou a Anna.

Ninguém respondeu, de modo que passámos o umbral e pisámos o chão de madeira. Havia outra porta do lado oposto da divisão sem janelas, mas estava fechada. Não havia mobília nenhuma. Toquei com a ponta do pé num monte de mantas, num canto, e saltámos para trás quando os bichos fugiram em todas as direções.

Quando os meus olhos se adaptaram à penumbra, reparei numa grande caixa metálica que estava no chão. Continha um martelo, vários sacos de pregos e parafusos, uma fita métrica, alicates e uma serra de mão. A Anna descobriu algumas roupas. Pegou numa camisa e uma das mangas caiu.

– Pensei que talvez pudéssemos usá-la, mas não faz mal – disse ela, e fez uma careta.

Abri a porta da segunda divisão e entrámos lentamente. O chão estava coberto de sacos de batatas fritas vazios e papéis de chocolates. Havia também um recipiente de plástico de boca larga. Peguei-lhe e espreitei para dentro. Vazio. Quem vivia ali devia usá-lo para recolher a água da chuva. Talvez se tivéssemos explorado a ilha um pouco mais, ido mais longe e encontrado a barraca mais cedo não tivéssemos sido obrigados a beber a água da poça. Talvez estivéssemos na praia para ver o avião a passar.

A Anna olhou para o recipiente que eu tinha na mão. Deve ter feito a mesma ligação que eu, porque disse:

– O que está feito feito está, T. J. Agora já não há remédio.

No chão, todo amarrotado, estava um saco-cama, cheio de bolor. No canto, encostado à parede, um estojo preto. Abri os fechos e levantei a tampa. Lá dentro havia uma guitarra acústica em bastante bom estado.

– Que inesperado – disse a Anna.

– Acha que viveu aqui alguém?

– É o que parece.

– O que é que faziam?

– Além de invocar o Jimmy Buffet? – Abanou a cabeça. – Não faço a mínima ideia. Mas fosse quem fosse, já não vem a casa há muito tempo.

– Isto não é madeira em bruto. Foi cortada numa serração – disse eu. – Não sei como veio cá ter. Barco ou avião, suponho, mas este tipo não brincava em serviço. Para onde terá ido?

– T. J. – disse a Anna, com os olhos a arregalarem-se. – Talvez ele volte.

– Espero que sim.

Guardei a guitarra no estojo e entreguei-lho. Peguei na caixa de ferramentas e voltámos à praia.

À hora do almoço, a Anna assou fruta-pão numa pedra lisa junto à fogueira enquanto eu partia cocos. Comemos tudo – a fruta-pão continuava a não me saber a pão –, acompanhado por água de coco. O calor da fogueira, mais a temperatura do ar, que devia estar acima dos trinta graus, tornava difícil ficar muito tempo dentro do abrigo. O suor escorria pela cara vermelha da Anna e os cabelos colavam-se-lhe ao pescoço.

– Quer ir tomar banho? – Arrependi-me mal as palavras me saíram da boca. Provavelmente ela ia pensar que eu só queria que voltasse a despir-se à minha frente.

Ela hesitou. Mas disse:

– Sim. Estou a escaldar.

Fomos até à beira de água. Eu não tinha voltado a vestir os calções, de modo que descalcei as meias e despi a *T-shirt* e os *jeans*. Fiquei só com os *boxers* cinzentos.

– Faça de conta que são os meus calções de banho – disse à Anna.

Ela olhou para as minhas cuecas e sorriu.

– OK.

Esperei por ela na laguna, a esforçar-me por não olhar enquanto ela se despia. Se ela tinha tomates para se despir à minha frente, não ia fazer figura de parvo por causa disso.

Mas voltei a ficar teso, e esperei que ela não notasse.

Nadámos um pedaço e quando saímos da água vestimo-nos e ficámos sentados na areia. A Anna olhava para o céu.

– Tinha quase a certeza de que aquele avião ia voltar a passar – disse.

Quando voltámos ao abrigo, atirei mais lenha para a fogueira. A Anna tirou uma das mantas da jangada, estendeu-a no chão e sentou-se. Eu peguei na guitarra e sentei-me ao lado dela.

– Sabes tocar? – perguntou ela.

– Não. Quer dizer, um amigo meu ensinou-me parte de uma canção.

Dedilhei as cordas e toquei as primeiras notas de «Wish You Were Here».

Ela sorriu.

– Pink Floyd.

– Gosta de Pink Floyd?

Assentiu com a cabeça.

– Adoro essa canção.

– A sério? É bestial. Nunca teria imaginado.

– Porquê? Que género de música pensas que gosto de ouvir?

– Não sei. Mariah Carey, por aí?

– Não. Gosto de coisas mais antigas. – Encolheu os ombros. – Que hei de eu dizer? Nasci em 71.

Calculei a idade dela.

– Tem trinta anos?

– Tenho.

– Julgava que tinha vinte e quatro ou vinte e cinco.

– Não.

– Não parece uma pessoa de trinta anos.

Ela abanou a cabeça e riu baixinho.

– Não sei se isso é bom ou não.

– Só quero dizer que é fácil falar consigo.

Sorriu-me. Dedilhei um pouco mais, tocando as mesmas notas de Pink Floyd, mas tive de parar porque me doíam as mãos de acender a fogueira.

– Se tivéssemos qualquer coisa para usar como anzol, podia transformar isto numa cana de pesca – disse eu. – Uma corda da guitarra era capaz de dar uma boa linha de pesca.

Ainda pensei em usar um prego da caixa de ferramentas, mas os peixes não eram muito grandes e precisava de qualquer coisa mais pequena e mais leve.

Mais tarde, quando nos fomos deitar, ela disse:

– Espero que a festa que te fez ficar para trás tenha valido a pena.

– Não foi festa nenhuma. Isso foi só o que eu disse aos meus pais.

– Então o que foi?

– Os pais do Ben estavam fora. O primo dele tinha regressado da faculdade para as férias de verão e tinha combinado aparecer com a namorada, que ia levar mais duas amigas. O Ben convenceu-se de que ia ter sorte com uma delas. Apostei vinte dólares em como não ia.

Não disse à Anna que também tinha planeado tentar.

– E teve?

– Não apareceu ninguém. Passámos a noite a beber cerveja e a jogar videojogos. Dois dias depois, apanhei o avião consigo.

– Uau, T. J., tenho muita pena – disse ela.

– *Ya*. – Esperei um minuto e perguntei: – Quem era aquele tipo no aeroporto?

– O meu namorado, o John.

Lembrei-me de beijo que ele lhe tinha dado. Como se quisesse enfiar-lhe a língua pela garganta abaixo.

– Deve ter saudades dele.

Ela não respondeu imediatamente, mas acabou por dizer:

– Não tantas como provavelmente devia.

– O que é que isso quer dizer?

– Nada. É complicado.

Voltei-me para o meu lado e enfiei a almofada do assento debaixo da cabeça.

– Porque é que acha que o avião não voltou, Anna?

– Não sei – disse ela. Mas eu achava que sabia.

– Eles pensam que estamos mortos, não pensam?

– Espero que não – disse ela. – Porque se pensarem deixam de nos procurar.

CAPÍTULO 9

ANNA

Na manhã seguinte, o T. J. usou a faca para afiar as pontas de dois paus compridos.

– Pronto para arpoar uns peixes? – perguntou.

– Absolutamente.

Quando chegámos à beira da água, o T. J. agachou-se e apanhou qualquer coisa.

– Deve ser seu – disse, entregando-me uma sabrina azul-escura.

– É. – Olhei para a água. – Talvez a outra também dê à costa.

Entrámos na laguna até às ancas. De manhã, o calor não era tão insuportável, de modo que usava a *T-shirt* do T. J. em vez de só as cuecas e o *soutien*. A bainha da *T-shirt* absorvia água como uma esponja e colava-se-me às coxas. Durante uma hora, tentámos sem êxito apanhar um peixe. Pequenos e rápidos, dispersavam em todas as direcções ao mínimo movimento.

– Achas que teremos mais sorte se formos um pouco mais para longe? – perguntei.

– Não sei. Os peixes são provavelmente maiores, mas talvez tenhamos mais dificuldade em usar a lança.

Foi então que reparei em qualquer coisa a balouçar na água.

– O que é aquilo, T. J.? – perguntei, a proteger os olhos com a mão.

– Onde?

– Mesmo à nossa frente. Não a vêes a balouçar para cima e para baixo?
– disse eu, e aponteí.

O T. J. olhou para longe, de pálpebras semicerradas.

– Oh, porra, Anna. Não olhe.

Demasiado tarde.

Um instante antes de ele me dizer que não olhasse, percebi o que era.
Larguei a lança e vomitei na água.

– Provavelmente vai encalhar aqui. É melhor voltarmos à praia – disse o T. J.

Saí da água atrás dele. Quando chegámos à areia, voltei a vomitar.

– Já chegou? – perguntei, a limpar a boca com as costas da mão.

– Quase.

– O que é que vamos fazer?

A voz dele soou trémula e insegura.

– Vamos ter de o enterrar num sítio qualquer. Podemos usar uma das mantas, a menos que não queira.

Por muito que detestasse abrir mão de um dos nossos escassos haveres, embrulhá-lo numa manta parecia ser o melhor a fazer, o mais respeitoso. E, para ser franca comigo mesma, sabia que nunca ia conseguir tocar no corpo com as mãos nuas.

– Vou buscá-la – disse, grata por ter uma desculpa para não estar ali quando o corpo desse à costa.

Quando voltei com a manta, entreguei-a ao T. J. e rolámos o corpo para cima dela, empurrando-o com os pés. O cheiro da carne putrefacta e empapada em água encheu-me as narinas, e eu engasguei-me e tapei a cara com o braço.

– Não podemos enterrá-lo na praia – disse.

O T. J. abanou a cabeça.

– Não.

Escolhemos um lugar debaixo de uma árvore, longe do abrigo, e começámos a cavar a terra mole com as mãos.

– Será suficientemente fundo? – perguntou o T. J., a olhar para o buraco.

– Acho que sim.

Não precisávamos de uma cova muito grande porque os tubarões tinham comido as pernas do Mick e uma parte do tronco. E um braço. Outra coisa qualquer roera-lhe a cara inchada e branca. Farrapos da *T-shirt* estampada pendiam-lhe do pescoço.

O T. J. esperou que me passassem os vômitos, e então peguei numa ponta da manta e ajudei-o a arrastar o Mick até à sepultura e baixá-lo para o buraco. Cobrimo-lo com terra e pusemo-nos de pé.

Lágrimas silenciosas corriam-me pela cara.

– Ele já estava morto quando batemos na água – disse num tom firme, como uma afirmação.

– Sim – concordou o T. J.

Começou a chover, de modo que corremos para a jangada e enfiámo-nos lá dentro. A cobertura mantinha-nos secos, mas eu estava a tiritar. Tapei-nos com a manta – que íamos passar a ter de partilhar – e adormecemos.

Quando acordámos, o T. J. apanhou fruta-pão e cocos. Nenhum de nós disse grande coisa.

– Tome – disse o T. J., entregando-me um pedaço de coco.

Afastei a mão dele.

– Não. Não sou capaz. Come tu.

Tinha o estômago às voltas. Nunca mais ia conseguir arrancar da cabeça a imagem do Mick.

– Ainda está agoniada?

– Estou.

– Experimente um pouco de água de coco – disse ele, passando-me o recipiente de plástico.

Levei-o à boca e bebi um gole.

– Desceu bem?

Assenti com a cabeça.

– Acho que vou limitar-me a isto durante uns tempos.

– Vou apanhar lenha.

– OK.

Poucos minutos depois de ele se ter afastado, senti o corrimento.

Oh, Deus, não!

Esperando que se tratasse de um falso alarme, afastei-me na direção oposta à que o T. J. tinha tomado e baixei os *jeans*. Ali, no algodão branco das minhas cuecas, estava a prova de que me começara o período.

Corri para o abrigo e peguei na *T-shirt* de manga comprida. De novo no bosque, arranquei-lhe uma tira, fiz uma bola com ela e enfié-a nas cuecas.

Preciso que este maldito dia chegue ao fim.

Quando o sol se pôs, os mosquitos começaram a devorar-me os braços.

– Deve ter decidido que estar mais fresca valia algumas ferroadas – comentou o T. J., ao ver-me tentar matá-los à palmada. Tinha vestido a *sweatshirt* e os *jeans* ao primeiro sinal dos insetos.

Pensei na minha *T-shirt* de manga comprida, escondida debaixo de um arbusto que eu só esperava conseguir voltar a encontrar.

– É, mais ou menos isso.

CAPÍTULO 10

T. J.

Nos dezoito dias que se seguiram, não comemos nada senão cocos e fruta-pão, e as roupas pendiam-nos do corpo como de cabides. O estômago da Anna fazia barulhos durante a noite e o meu doía-me constantemente. Duvidava que ainda andassem à nossa procura, e uma sensação oca, vazia, que não tinha nada a ver com a fome juntava-se à dor na minha barriga sempre que pensava na minha família e nos meus amigos.

Pensei que conseguiria impressionar a Anna se apanhasse um peixe. Em vez disso, consegui espetar a lança num pé, e doeu como o caraças, apesar de eu não lho ter dado a entender.

– Quero pôr pomada antibiótica na ferida – disse a Anna. Espalhou-a por cima do golpe, que tapou com um penso rápido. Disse que a humidade da ilha era perfeita para os micróbios e a ideia de um de nós apanhar uma infeção acagaçava-a a sério. – Vais ter de te manter fora de água enquanto não sarar, T. J. Quero que a mantenha seca.

Porreiro. Nem pescar nem nadar.

Os dias passavam lentamente. A Anna tornou-se mais calada. Dormia mais, e apanhava-a a limpar os olhos quando voltava de recolher lenha e explorar a ilha. Um dia encontrei-a sentada na praia, a olhar para o céu.

– É mais fácil se deixar de pensar que eles vão voltar – disse-lhe.

Ela olhou para mim.

– Tenho então de limitar-me a esperar que um dia por acaso um avião passe por cima de nós?

– Não sei, Anna.

Sentei-me ao lado dela.

– Podíamos partir na jangada – disse. – Carregá-la de comida e usar os recipientes de plástico para recolher água da chuva. Pormo-nos a remar.

– E se ficássemos sem comida ou acontecesse alguma coisa à jangada? Seria suicídio, T. J. É óbvio que não estamos na linha de voo para nenhuma das ilhas habitadas, e não há qualquer garantia de que passe um avião. Estas ilhas estão espalhadas por milhares de quilómetros de mar. Não consigo ir para lá. Sobretudo depois de ver o Mick. Sinto-me mais segura aqui, em terra. E sei que eles não vão voltar, mas dizê-lo em voz alta é como estar a desistir.

– Eu também pensava assim, mas agora já não.

A Anna observou-me.

– És muito adaptável.

Assenti.

– Agora vivemos aqui – disse.

CAPÍTULO 11

ANNA

Ouvi o T. J. chamar o meu nome. Estava sentada ao lado do abrigo, a olhar para o vazio. Vi-o correr para mim, a arrastar uma mala.

– É sua, Anna?

Pus-me de pé e corri para me encontrar com ele a meio caminho.

– É!

Por favor, por favor, que seja a certa.

Atirei-me para a areia em frente da mala e corri o fecho, e então levantei a tampa e sorri.

Afastei para o lado as roupas molhadas e procurei as minhas joias. Encontrei o saquinho de plástico, abri-o despejei tudo em cima da roupa. Remexendo com os dedos, encontrei o brinco grande, com pendente, e ergui-o, triunfante, para o mostrar ao T. J.

Ele sorriu, examinando o gancho de onde o brinco pendia.

– Vai dar um excelente anzol, Anna.

Tirei tudo de dentro da mala: escova de dentes e dois tubos de pasta normal mais um tubo de pasta branqueadora *Crest*, quatro sabonetes, dois frascos de gel de banho, dois de champô e amaciador, dois de creme, dois de espuma de barbear, a minha *Gillette* e duas caixas de lâminas. Três desodorizantes – dois sólidos e um em gel – óleo para bebé e bolas de algodão para desmaquilhar, *bâton* de cieiro com sabor a cereja e – *obrigada*,

Senhor – duas caixas de tampões. Verniz para as unhas e acetona, uma pinça, cotonetes, *Kleenex*, um frasco de *Woolite* para lavar à mão os meus fatos de banho e dois frascos de *Coppertone* com fator de proteção 30. Eu e o T. J. estávamos já tão queimados que não me pareceu que o protetor solar fosse fazer grande diferença.

– Uau! – exclamou o T. J., quando acabei de expor todos os meus artigos de *toilette*.

– Na ilha para onde íamos não há nenhuma drogaria – expliquei. – Verifiquei na Net.

Tinha também um pente e uma escova, ganchos para o cabelo, elásticos, um baralho de cartas, a minha agenda e uma caneta, dois pares de óculos de sol – uns *aviators* da *Ray-Ban* e um par com umas grandes armações pretas – e um chapéu à *cowboy*, de palha, que usava sempre na piscina.

Peguei nas peças de roupa uma a uma, torci-as e estendi-as na areia para secarem. Quatro fatos de banho, umas calças de algodão, calções, *tops*, *T-shirts* e um vestido de praia. Os meus ténis e vários pares de meias. Uma *T-shirt* azul de um concerto dos REO Speedwagon e uma da *Nike* cinzenta com o símbolo encarnado à frente e a frase *just do it*. Eram tamanho L e eu usava-as para dormir.

Atirei as cuecas e os *soutiens* para dentro da mala e fechei a tampa. Trataria daquela parte mais tarde.

– Foi uma sorte ser esta mala a dar à costa – disse.

– O que é que havia na outra?

– Os teus manuais e exercícios. – Tinha preparado um esquema de lições muito completo, organizando todo o trabalho que o T. J. ia ter de fazer para completar o ano. Os livros que tencionava ler durante o verão estavam também na outra mala, e pensei tristemente em como teriam ajudado a passar o tempo. Olhei para o T. J. com uma expressão de esperança. – Talvez a tua mala também apareça.

– Nem pensar. Os meus pais levaram-na com eles. Era por isso que tinha algumas roupas e a escova de dentes na mochila. A minha mãe queria que eu tivesse qualquer coisa para o caso de ficarmos retidos e termos de passar a noite num sítio qualquer.

– A sério?

– Sim.

– Imagine-se.

Juntei tudo o que precisava.

– Vou tomar um banho – disse. – Não podes ir à água quando eu lá estiver. Estamos esclarecidos quanto a esse ponto?

Ele assentiu com a cabeça.

– Não vou. Prometo. Vou ver se consigo fazer uma cana de pesca enquanto toma banho. Vou quando voltar.

– OK.

Quando cheguei à beira da laguna, despi-me completamente, entrei na água e mergulhei a cabeça. Lavei o cabelo, que estava imundo, passei-o por água e voltei a lavá-lo. O champô cheirava incrivelmente bem, mas talvez fosse por eu cheirar tão mal. Depois de pôr o amaciador, ensaboei-me da cabeça aos pés, sentei-me na areia e rapei os pelos das pernas e das axilas. Voltei à água para me enxaguar e flutuei durante algum tempo de costas, limpa e feliz.

Vesti o biquíni amarelo, pus desodorizante, desembarcei o cabelo e torci-o num rolo que prenda com uma mola. Escolhi os óculos de sol com as armações pretas, depois de decidir que o T. J. devia ficar com os *Ray-Ban*.

Ele ficou a olhar para mim, embasbacado, quando voltei para o abrigo. Quando me sentei, inclinou-se para mim, cheirou-me e disse:

– Os mosquitos vão comê-la viva.

– Sinto-me tão bem que nem sequer me importo.

– O que é que acha? – perguntou, mostrando-me a cana de pesca. Tinha feito um orifício na ponta de um pau comprido, onde amarrara uma corda da guitarra. Na outra extremidade prendera o gancho do meu brinco.

– Parece ótima. Experimentamo-la quando acabares de tomar banho. Deixei tudo à beira da água. Serve-te à vontade.

Quando ele voltou, tinha um ar limpo e cheirava tão bem como eu. Dei-lhe os *Ray-Ban*.

– Eh, obrigado – disse, experimentando-os. – São muito fixes.

Pegou na cana de pesca.

– O que é que vamos usar como isco? – perguntei.

– Minhocas, acho eu.

Escavámos a terra por baixo das árvores e encontrámos algumas. Pareciam mais larvas grandes do que minhocas, eram brancas e a retorciam-se, e causavam-me arrepios. O T. J. apanhou um punhado delas e fomos até à água.

– A linha não é muito comprida – disse o T. J. – Não quis usar todas as cordas da guitarra, para o caso de se partir ou acontecer qualquer coisa à cana.

Depois de entrarmos na água até à cintura, ele atirou o anzol e ficámos os dois muito quietos.

– Está qualquer coisa a morder – disse o T. J.

Levantou a cana e puxou a linha. Bati palmas quando vi o peixe pendurado na ponta.

– Resultou! – exclamou ele.

Apanhou mais sete peixes em menos de meia hora. Quando voltámos ao abrigo, ele afastou-se para ir buscar mais lenha e eu comecei a amanhar os peixes com a faca.

– Onde aprendeu a fazer isso? – perguntou, enquanto despejava a mochila cheia de paus em cima do monte de lenha que já havia no abrigo.

– Foi o meu pai. Costumava levar-me a mim e à minha irmã Sarah à pesca, na casa do lago que tínhamos quando éramos miúdas. Usava sempre um chapéu de pesca maluco cheio de anzóis à volta. Eu ajudava-o a amanhar o peixe sempre que apanhávamos qualquer coisa.

O T. J. ficou a ver-me escamar o último peixe com a faca e depois cortar-lhe a cabeça. Passei a faca horizontalmente ao longo do corpo, para separar os lombos. Despejei água da chuva nas mãos para lavar o sangue e as tripas e depois cozinhei o peixe na pedra plana que usávamos para assar a fruta-pão. Comemos os oito, uns atrás dos outros. Nunca em toda a minha vida comi um peixe que me soubesse tão bem.

– Que espécie de peixe achas que é? – perguntei ao T. J.

– Não faço ideia. Mas é bom que se farta.

Sentámo-nos em cima da manta depois do jantar, com a barriga cheia pela primeira vez em semanas. Procurei dentro da mala, tirei de lá a agenda e alisei as páginas amarrotadas.

– Há quanto tempo estamos aqui? – perguntei ao T. J.

Ele dirigiu-se à árvore e contou as marcas que tinha feito com a faca.

– Vinte e três.

Assinalei a data no calendário, com um círculo. Estávamos quase em julho.

– A partir de agora passo eu a tomar nota do tempo. – Foi então que me lembrei de uma coisa. – Quando é que era suposto voltares ao médico?

– Em finais de agosto. Ia fazer um exame.

– Por essa altura já hão de nos ter encontrado.

Não acreditava verdadeiramente naquilo. E pela expressão do T. J., percebi que ele também não.

Tinha ido à casa de banho atrás de uma árvore quando o ouvi. Um bater, um som esvoaçante, e assustou-me tanto que quase caí na poça de chichi. Pus-me de pé, puxei as cuecas e os calções para cima e fiquei à escuta, mas não voltei a ouvi-lo.

– Acho que ouvi um animal – disse ao T. J. quando voltei.

– Que espécie de animal?

– Não sei. Fazia um barulho de asas a bater. Ouviste alguma coisa?

– Sim, já ouvi a mesma coisa.

Voltámos ao lugar onde tinha ouvido o barulho, mas não encontramos nada. No caminho de regresso, apanhámos toda a lenha que conseguimos carregar e juntámo-la ao monte.

– Quer ir nadar? – perguntou o T. J.

– Claro, vamos.

Agora que tinha um fato de banho, nadar parecia-me uma excelente ideia.

A água muito límpida da laguna seria perfeita para fazer mergulho. Nadámos durante cerca de meia hora, e quando já íamos mesmo a sair da água o T. J. pisou qualquer coisa. Mergulhou, e quando voltou à superfície tinha um ténis na mão.

– É teu? – perguntei.

– *Ya*. Já esperava que acabasse por aparecer.

Sentámo-nos na praia, com a brisa que soprava do mar a secar-nos o corpo.

– Porque foi que os teus pais escolheram estas ilhas? – perguntei. – Ficam tão longe de tudo.

– Para fazer mergulho. Dizem que é dos melhores lugares do mundo. Eu e o meu pai tirámos um curso – disse o T. J., a enterrar as pontas dos dedos na areia branca. Quando eu estava mesmo doente, ele pôs-se a dizer a toda a gente que assim que eu ficasse melhor haveríamos de fazer estas férias. Como se eu me importasse.

– Não querias vir para aqui?

Ele abanou a cabeça.

– Porque não?

– Ninguém quer passar o verão inteiro com a família. O que eu queria era ficar em casa e curtir com os meus amigos. Então disseram-me que a Anna também vinha e que ia ter de fazer todo o trabalho que tinha perdido ou repetir o décimo ano. Essa é que me deixou mesmo lixado. – Olhou para mim com um ar embaraçado. – Sem querer ofender.

– Não ofendeste.

– Mas eles não me ouviram. A minha mãe e o meu pai convenceram-se de que esta viagem ia ser o máximo para toda a família. Mas até as minhas irmãs ficaram furiosas. Queriam ir à Disney World.

– Lamento, T. J.

– Ah, não faz mal.

– Que idade têm as tuas irmãs?

– A Alexis tem nove e a Grace onze. Por vezes dão comigo em doido... nunca param de falar... mas são porreirinhas. Também tem irmãos e irmãs?

– Tenho uma irmã, a Sarah. É três anos mais velha do que eu e casou com um homem chamado David. Têm dois filhos... O Joe tem nove anos e a Chloe cinco. Tenho tantas saudades deles todos. Nem sequer imagino pelo que estão a passar, sobretudo a minha mãe e o meu pai.

– Também tenho saudades da minha família – disse o T. J.

Olhei para o céu azul e depois para a água turquesa e fiquei a ouvir o som calmante das ondas a baterem no recife.

– Isto aqui até é muito bonito – disse.

– *Ya* – disse o T. J. – Pois é.

CAPÍTULO 12

T. J.

Uma das piores coisas de estar na ilha era o tédio. Demorava tempo apanhar lenha e comida, e ir à pesca duas ou três vezes por dia, mas mesmo assim sobravam muitas horas. Explorávamos e nadávamos, mas também conversávamos, e não tardou muito que eu me sentisse quase tão à vontade com a Anna como com os meus amigos; ela ouvia o que eu tinha para dizer.

Perguntou-me como é que me estava a safar emocionalmente. Os rapazes supostamente são duros, e eu e o Ben com toda a certeza nunca nos teríamos sentado a falar de como nos sentíamos, mas admiti à Anna que me dava uma sensação estranha no estômago sempre que perguntava a mim mesmo se alguma vez nos encontraríamos. Disse-lhe que por vezes tinha medo. Disse-lhe que nem sempre dormia bem. E ela disse que também não.

Gostava de partilhar a cama com a Anna. Por vezes, ela enroscava-se junto de mim, com a cabeça apoiada no meu ombro, e uma vez, quando dormi de lado, apertou o peito contra as minhas costas e enfiou os joelhos na dobra dos meus. Foi quando estava a dormir, e não significava nada, mas foi bom. Nunca tinha passado a noite inteira com uma rapariga. Eu e a Emma só tínhamos dormido juntos umas horas e isso fora sobretudo por ela estar tão doente.

Gostava da Anna. Muito. Sem ela, a ilha teria sido verdadeiramente uma seca.

*

Não apareceu ninguém para nos salvar, de modo que perdi a consulta com o oncologista em finais de agosto. A Anna falou disso ao pequeno-almoço, uma manhã.

– Estou preocupada por não poderes ir ao médico – disse, entregando-me um pedaço de peixe grelhado. – Cuidado, está quente.

– Sinto-me ótimo – disse eu, soprando sobre o peixe para o arrefecer antes de o meter na boca.

– Mas estiveste muito doente, não foi?

– *Ya*.

Ela passou-me a garrafa de água. Bebi um gole e pousei-a no chão.

– Conta-me – pediu.

– A minha mãe julgava que eu estava com gripe. Tinha febre, e comecei a transpirar a noite toda. Perdi algum peso. Então um médico descobriu-me um caroço no pescoço que afinal era um nódulo linfático inchado. Depois disso fizeram-me alguns exames: raios-X, biópsia, RM, PET. Disseram-me que tinha um linfoma de Hodgkin de fase três.

– Começaste logo a fazer quimio?

– *Ya*. Mas não resultou. Também me encontraram uma massa no peito, de modo que também fiz radioterapia.

– Deve ter sido horrível.

Cortou um pedaço de fruta-pão e estendeu-me o resto.

– Não foi divertido. Passava a vida dentro e fora do hospital.

– Quanto tempo estiveste doente?

– À volta de ano e meio, acho eu. Durante algum tempo não andei muito bem. Os médicos não sabiam o que pensar.

– Deve ter sido verdadeiramente assustador, T. J.

– Bem, eles tentavam que eu não soubesse o que se passava, o que eu detestava. Só soube que era mau porque de repente as pessoas deixaram de

me olhar no olhos quando eu fazia perguntas. Ou então mudavam de assunto. Aquilo assustava-me.

– Aposto que sim.

– Ao princípio, os meus amigos estavam sempre a visitar-me, mas quando eu não melhorei, a maior parte deixou de aparecer. – Bebi mais um gole de água e estendi-lhe a garrafa. – Lembras-te do meu amigo Ben?

– Sim.

– Ia todos os dias. Passava horas a ver TV comigo, ou sentado numa cadeira junto à minha cama no hospital quando eu estava demasiado doente para me mexer ou falar. Os meus pais e os médicos tinham longas conversas, lá fora no corredor ou onde quer que fosse, e eu pedia ao Ben que tentasse ouvi-los. Ele contava-me tudo o que diziam, fosse o que fosse. Sabia que eu queria saber a verdade, percebes?

– Claro – disse ela. – Parece ser um grande amigo, T. J.

– *Ya*, é mesmo. E tu, tens uma melhor amiga?

– Tenho. Chama-se Stefani. Conhecemo-nos desde a infantil.

– Isso é muito tempo.

Ela assentiu.

– Os amigos são importantes. Compreendo porque é que querias passar o verão com eles.

– *Ya* – disse eu, a pensar em toda a gente em Chicago. Provavelmente pensavam que eu estava morto.

A Anna pôs-se de pé e aproximou-se da pilha de lenha.

– Dir-me-ás se notares alguns sintomas?

Pegou nuns paus e atirou-os para o lume.

– Certo. Só não passes a vida a perguntar-me se estou bem. Era o que a minha mãe fazia, e dava comigo em doido.

– Não o farei. Mas vou preocupar-me um bocadinho.

– *Ya*. Eu também.

CAPÍTULO 13

ANNA

A luz do sol acordou-me ao iluminar o interior da jangada pneumática. O T. J. já andava lá fora, a apanhar lenha ou a pescar. Bocejei, espreguicei-me e saí da cama. A minha mala estava dentro do abrigo. Fui até lá buscar um biquíni e voltei à jangada para mudar de roupa. Vestida, levantei as abas de *nylon* para deixar entrar o fresco.

O T. J. aproximava-se com o peixe que tinha apanhado para o pequeno-almoço. Sorriu ao ver-me.

– Olá.

– Bom dia.

Fui dar uma vista de olhos ao coqueiro e à árvore de fruta-pão, apanhei tudo o que estava caído e levei para o abrigo. O T. J. abriu os cocos enquanto eu amanhava e grelhava o peixe.

Depois do pequeno-almoço lavámos os dentes, bochechámos com água de chuva e eu marquei a data na minha agenda. Já estávamos em setembro. Até custava a crer.

– Queres ir nadar? – perguntou o T. J.

– Claro.

Na semana anterior, o T. J. tinha avistado duas barbatanas do lado de fora do recife. Saímos da água, em pânico, mas enquanto olhávamos as duas barbatanas entraram na laguna. Golfinhos. Voltámos lentamente à

água e em vez de se afastarem, eles esperaram pacientemente que nos aproximássemos.

– Comportam-se quase como se estivessem aqui para se apresentarem – disse eu, espantada.

O T. J. fez uma festa num e riu quando ele lançou água pelo espiráculo. Nunca tinha visto criaturas tão sociáveis. Nadaram connosco durante algum tempo e então, de repente, foram-se embora, como que obedecendo a uma qualquer espécie de horário marinho.

– Talvez os golfinhos voltem a aparecer hoje – disse eu, enquanto seguia o T. J. até à água.

Ele despiu a camisa e entrou na laguna.

– Era fixe. Quero montar um deles.

Divertimo-nos usando um dos recipientes de plástico dobráveis como máscara de mergulho. Havia cardumes de peixes de cores vivas – púrpura, azuis, cor de laranja, com riscas amarelas e pretas. Vimos uma tartaruga marinha e uma moreia a espreitar por entre as rochas do fundo. Afastei-me a toda velocidade mal a vi.

– Nada de golfinhos – disse eu, quando já estávamos na água há pelo menos uma hora. – Devemos ter vindo à hora errada.

– Podemos voltar a tentar depois da sesta. – De repente, o T. J. apontou para a praia. – Anna, olha para aquilo.

Uma pata de caranguejo saía da areia, a pinça a abrir-se e a fechar-se. Corremos para fora de água.

– Vou buscar a camisola – disse ele.

– Depressa. Está a tentar enterrar-se.

O T. J. voltou num tempo recorde, enrolou a camisola à volta do caranguejo e arrancou-o da areia. Voltámos ao abrigo e o T. J. atirou o caranguejo para a fogueira.

– Oh, Deus – murmurei eu, a pensar por um instante na morte violenta do pobre animal.

Passou-me depressa.

Partimos as patas com o alicate da caixa de ferramentas e empanturrámo-nos. A carne do caranguejo – mesmo sem molho de manteiga – soube-me melhor do que qualquer outra coisa que tivesse comido desde que estávamos na ilha. Agora que sabíamos onde se enterravam,

íamos ter de passar em revista a linha de água todos os dias. Estava tão farta de peixe, coco e fruta-pão que havia alturas em que mal conseguia engoli-los, e acrescentar caranguejo proporcionaria um pouco de variedade, uma coisa desesperadamente ausente da nossa dieta.

Quando o caranguejo já não passava de um monte de cascas partidas, tirei a manta da jangada e estendi-a debaixo do coqueiro. Deitámo-nos ao lado um do outro. A sombra da árvore ajudava a manter-nos frescos durante a parte mais quente do dia, e aquele tornara-se o nosso lugar preferido para fazer a sesta.

Uma aranha grande e peluda – o corpo devia ter o tamanho de uma moeda de vinte e cinco cêntimos – passou preguiçosamente pelo ombro do T. J. e eu sacudi-a com um piparote.

– Essa até a mim me assustou – disse.

O T. J. estremeceu. Odiava aranhas. Sacudia sempre a manta e examinava-a a ver se havia alguma antes de voltar a pô-la na jangada. Pessoalmente, odeio cobras. Já tinha pisado uma e a única coisa que me impedira de ficar completamente traumatizada fora o facto de ter os ténis calçados. Detestava a ideia de pisar uma estando descalça; fossem ou não venenosas, era demasiado stressante pensar sequer nisso.

Pensei que o T. J. já estava a dormir, mas então ele disse, com voz de sono:

– O que é que achas que vai acontecer-nos, Anna?

– Não sei. Acho que continuamos a fazer o que temos feito e tentamos aguentar até alguém nos encontrar.

– Não nos temos safado assim tão mal – disse ele, voltando-se de barriga para baixo. – Aposto que vamos surpreender um monte de pessoas.

– Eu estou surpreendida. – A barriga cheia estava a deixar-me sonolenta. – Não que tivéssemos muito por onde escolher, T. J. Ou percebíamos como as coisas funcionam ou morríamos.

Ele ergueu a cabeça da manta e olhou para mim com uma expressão contemplativa.

– Achas que organizaram funerais para nós?

– Acho que sim. – A ideia das nossas famílias a organizarem serviços fúnebres em nossa memória doeu-me tanto que fechei os olhos e fiz muita

força para dormir, na esperança de fugir às imagens de uma igreja cheia, um altar vazio e os rostos manchados de lágrimas dos meus pais.

Depois da sesta apanhámos lenha para a fogueira, uma tarefa infundável e aborrecida. Mantínhamos a fogueira sempre acesa, em parte para que o T. J. não tivesse de acender outra, em parte porque ambos continuávamos à espera que aparecesse um avião. Quando isso acontecesse, estaríamos prontos, com o nosso monte de folhas verdes a enviar sinais de fumo mal as atirássemos para as chamas.

Juntámos a lenha ao monte dentro do abrigo. Em seguida, enchi de água do mar o contentor da jangada pneumática, acrescentei uma tampa de *Woolite* e enfiei a nossa roupa suja lá dentro.

– Deve ser dia de barrela – disse o T. J.

– É, pois.

Estendemos uma corda entre duas árvores e pus a roupa a secar. Não era muita: o T. J. só usava calções. Eu passava o dia de biquíni e à noite dormia com a *T-shirt* dele e uns calções.

Nessa tarde, depois do jantar, o T. J. perguntou-me se queria jogar cartas.

– Póquer?

Ele riu.

– Porquê, não te chegou a abada que apanhaste da última vez?

O T. J. tinha-me ensinado a jogar, mas eu não era muito boa. Pelo menos, era o que ele pensava. Estava a apanhar-lhe o jeito e preparava-me para o vencer.

Seis mãos mais tarde – eu tinha ganhado quatro –, ele resmungou.

– Hum, devo estar numa de azar. Não queres antes jogar às damas?

– OK.

Ele desenhou um tabuleiro na areia. Usámos seixos como peças e jogámos três partidas.

– Mais uma? – perguntou ele.

– Não. Vou tomar um banho.

Já estava preocupada com o nosso fornecimento de sabonete e champô. Tinha metido na mala uma boa quantidade de ambas as coisas, mas mesmo assim eu e o T. J. combinámos só tomar banho de dois em

dois dias. Mantínhamo-nos bastante limpos, porque nadávamos muito na laguna, mas nem sempre cheirávamos a rosas.

– É a tua vez – disse eu, quando voltei da praia.

– Tenho saudades de um duche – disse ele.

Depois do banho, fomos para a cama. O T. J. baixou a porta de enrolar da jangada pneumática e deitou-se a meu lado.

– Dava tudo por uma *Coca-Cola* – disse.

– Também eu. Uma das grandes, com montes de gelo.

– E quero pão. Não fruta-pão. Pão. Como uma grande sanduíche, com batatas fritas e *pickles*.

– *Pizza* ao estilo de Chicago – disse eu.

– Um grande e gorduroso *cheeseburger*.

– Um bife. E uma batata assada com queijo e natas.

– Torta de chocolate para a sobremesa.

– Sei fazer torta de chocolate. A minha mãe ensinou-me.

– Daquela com aparas de chocolate por cima?

– Sim. Quando sairmos da ilha, faço-te uma. – Suspirei. – Estamos só a torturar-nos.

– Eu sei. Agora fiquei cheio de fome. Bem, já estava com alguma fome.

Virei-me de lado e aconcheguei-me para dormir.

– Boa noite, T. J.

– Boa noite.

*

O T. J. largou no chão, ao pé de mim, o peixe que tinha apanhado e sentou-se.

– A escola já começou há algumas semanas – disse.

Eu marquei um X no calendário, guardei a agenda e comecei a amanhar o nosso pequeno-almoço.

Ele deve ter reparado na minha expressão, porque disse:

– Estás com um ar triste.

Assenti com a cabeça.

– É duro para mim, saber que neste momento está outro professor diante dos meus alunos.

Ensinava Inglês do primeiro ano do secundário e adorava fazer compras para a escola e escolher livros para as minhas estantes. No primeiro dia enchia sempre de canetas uma grande caneca que tinha em cima da secretária, e no fim do ano não restava nenhuma.

– Então gostas do teu trabalho?

– Adoro-o. A minha mãe era professora... reformou-se no ano passado... e eu sempre soube que também haveria de ser. Quando era pequena queria sempre brincar às escolas, e ela dava-me estrelas douradas para eu poder classificar os «trabalhos de casa» dos meus animais de peluche.

– Aposto que és uma professora muito boa.

Sorri.

– Tento ser.

Pousei o peixe amanhado em cima da pedra de cozinhar e aproximei-a das chamas.

– Acreditas que já ias entrar para o décimo primeiro ano?

– Não. A sensação que tenho é que não vou à escola há muito tempo.

– Gostas de estudar? A tua mãe disse-me que eras bom aluno.

– Até é fixe. Queria apanhar o resto da turma. E também esperava poder voltar à equipa de futebol. Tive de desistir quando adoeci.

– Gostas então de desporto?

Ele assentiu.

– Sobretudo futebol e basquete. E tu?

– Sim, claro.

– Praticas algum?

– Bem, corro. Corri duas meias maratonas, no ano passado, e no liceu fazia atletismo e jogava basquete. Às vezes faço ioga. – Verifiquei o peixe e afastei a pedra do lume, para o deixar arrefecer. – Tenho saudades de fazer exercício.

Não me imaginava a correr naquela altura. Mesmo que tivéssemos comida suficiente que o justificasse, correr à volta da ilha far-me-ia lembrar um *hamster* numa roda. Andar para a frente sem nunca chegar a parte nenhuma.

O T. J. trazia a mochila carregada de lenha.

– Parabéns – disse eu.

– Já estamos a vinte de setembro? – perguntou ele, e atirou um tronco para a fogueira e sentou-se a meu lado.

Assenti.

– Desculpa não te ter comprado uma prenda. O centro comercial da ilha é uma porcaria.

Riu.

– Não faz mal. Não preciso de prendas.

– Talvez possas ter uma grande festa quando sairmos da ilha.

Ele encolheu os ombros.

– *Ya, talvez.*

Parecia ter mais do que dezassete anos. Reservado, quase. Talvez enfrentar graves problemas de saúde eliminasse uma parte da imaturidade que se manifestava quando as únicas coisas com que uma pessoa tinha de se preocupar era conseguir a carta de condução, faltar às aulas ou arranjar maneira de furar o recolher obrigatório.

– Não posso crer que estamos quase em outubro – disse eu. – Lá em casa as folhas devem estar a começar a cair.

Adorava o outono – jogos de futebol, levar o Joe e a Chloe a uma *pumpkin patch*, sentir o fresco no ar. Eram algumas das minhas coisas preferidas.

Olhei para as palmeiras, para as folhas verdes que a brisa agitava. O suor escorria-me pela cara e o cheiro constante a coco nas minhas mãos fazia-me pensar em protetores solares.

Seria sempre verão naquela ilha.

CAPÍTULO 14

T. J.

A chuva caía de lado. Os trovões estrondeavam e os relâmpagos iluminavam o céu. O vento fazia estremecer a jangada pneumática e comecei a recear que nos arrastasse para o meio da praia. Não esquecer: *Amarrar a jangada a qualquer coisa amanhã.*

– Estás acordada? – perguntei à Anna.

– Estou.

A tempestade durou horas. Ficámos encolhidos um ao pé do outro, com a manta a tapar-nos a cabeça. O fino *nylon* do teto da cobertura e das abas dos lados era a única coisa que nos protegia dos raios, o que queria dizer que não tínhamos proteção nenhuma. Quase não falámos, limitámo-nos a esperar que acabasse, e quando finalmente aconteceu voltámos a adormecer, exaustos.

Na manhã seguinte, a Anna trouxe vários pequenos cocos ainda verdes que a tempestade arrancara da árvore. Abrimo-los. A polpa era doce e a água não era azeda como a dos cocos castanhos.

– Estes são muito bons – disse ela.

O abrigo tinha caído e a fogueira apagara-se. Acendi outra, mas desta vez usei o atacador. Amarrei-o às duas pontas de um ramo curvo. Fiz um laço no atacador e passei por ele outro pau, de modo a ficar perpendicular ao pedaço de madeira em que o apoiei.

– Que estás a fazer? – perguntou a Anna.

– Vou usar isto para fazer girar o pau. Foi o que o tipo na TV fez.

Ajustei a tensão do atacadador e segurei o pau em ângulos diferentes. Demorei um bocado a conseguir fazê-lo girar suficientemente depressa, mas quando lhe apanhei o jeito consegui fumo cerca de um quarto de hora depois e chamas logo a seguir.

– Eh, foi uma grande ideia! – disse a Anna.

– Obrigado.

Fui acrescentando gravetos e fiquei a ver a fogueira crescer. Depois, eu e a Anna voltámos a pôr o abrigo de pé.

Limpei o suor dos olhos e disse:

– Espero que tenha sido a pior tempestade que vamos ter. – Encostei o último tronco ao lado do abrigo. – Porque não sei onde vamos abrigar-nos se não for.

A Anna foi tomar banho. Abri a mala dela, à procura da *T-shirt* dos REO Speedwagon. Ela tinha dito que podia usá-la – e a da *Nike* também – porque ambas me serviam. Não a encontrei à primeira, de modo que procurei um pouco mais fundo.

Havia duas caixas de tampões enfiadas debaixo de uns calções.

Que vai ela fazer quando se acabarem?

Afastei umas coisas e reparei nos *soutiens*, dobrados e muito bem arrumados num monte. O preto estava por cima. Peguei num frasco de creme de baunilha, levantei a tampa e cheirei.

Então é por isso que ela às vezes cheira a bolos.

Abri um pequeno frasco de plástico redondo. Continha uns comprimidos minúsculos, num círculo marcado com os dias da semana. Restavam cinco. Demorei algum tempo a perceber que eram pílulas anticoncepcionais. Encontrei mais duas embalagens por abrir.

A Anna não se zangaria por eu estar a mexer na mala dela – também lá guardava as minhas roupas, porque usávamos a mochila para carregar lenha –, mas provavelmente não queria que mexesse em tudo. Ia fechar a tampa quando reparei nas cuecas. Estavam no fundo da mala, ao lado dos

ténis. Espreitei por cima do ombro, e então peguei numas cor-de-rosa e levantei-as.

Será que se consegue ver à transparência quando ela as usa?

Voltei a pô-las no lugar e peguei numa tanga preta.

Muito sexy. Mas aposto que deve ser desconfortável à brava.

Toquei numas encarnadas e examinei com mais atenção o lacinho preto que tinha a meio do cós.

Uau! Isto sim, seria uma prenda daquelas.

Então peguei em cinco ou seis pares ao mesmo tempo, enterrei a cara nelas e inspirei.

– Que estás a *fazer*? – perguntou a Anna.

Girei sobre mim mesmo.

– Jesus, pregaste-me um cagaço!

Tinha o coração a bater e a cara a arder.

Há quanto tempo estaria ela a ver?

– Estava à procura da tua *T-shirt* dos REO Speedwagon.

Ainda tinha um par de cuecas dela na mão. Deixei-as cair dentro da mala.

– A sério? – disse ela. – Porque a mim pareceu-me que estavas a brincar com a minha roupa interior.

Guardou o sabonete e o champô dentro da mala. Mas não parecia zangada, de modo que peguei na tanga, levantei-a e disse:

– Isto parece mesmo desconfortável.

– Dá cá isso.

Arrancou-me as cuecas da mão e enfiou-as no fundo da mala, a apertar os lábios com força e a tentar não rir.

Quando percebi que não estava chateada, sorri e disse:

– Sabes uma coisa, Anna? És fixe.

– Ainda bem que achas.

– Palavra que andava à procura da *T-shirt* dos REO Speedwagon, mas não a encontrei.

– Está pendurada na corda. Já deve estar seca.

– Obrigado.

– Não tens de quê. Só não voltes a cheirar a minha roupa interior, OK?

– Viste, foi?

– Vi, pois.

CAPÍTULO 15

ANNA

Os golfinhos nadavam ao meu lado na laguna. Mergulhavam por baixo do meu corpo e emergiam do outro lado. Faziam uns barulhos divertidíssimos e quando falava com eles davam mesmo a impressão de perceberem. Eu e o T. J. gostávamos de nos agarrar às barbatanas deles, e ríamos como uns perdidos enquanto nos rebocavam. Era capaz de ficar a brincar com eles durante horas.

A dada altura, vi o T. J. correr para a laguna.

– Anna, adivinha o que encontrei.

O outro ténis dele tinha dado à costa, e a partir do momento em que deixara de ter de se preocupar com os pés, começara a passar horas no bosque, à procura de qualquer coisa interessante. Por enquanto, só conseguira trazer ferroadas de mosquitos, mas continuara a procurar de todos os modos. Dava-lhe qualquer coisa que fazer.

– O que foi que encontraste? – perguntei, enquanto fazia uma festa a um dos golfinhos.

– Calça os ténis e anda ver.

Disse adeus aos golfinhos, fui com ele até ao abrigo e calcei as meias e os ténis.

– OK, estou curiosa. O que é?

– Uma gruta. Ia apanhar um monte de paus, e quando puxei por eles vi a abertura. Quero ver o que há lá dentro.

Demorámos poucos minutos a chegar à gruta. O T. J. ajoelhou-se no chão e entrou de gatas.

– É mais estreita do que eu pensava – gritou. – Deita-te no chão e rasteja, como na tropa. É apertado, mas há espaço. Anda.

– Nem penses – gritei eu. – Não vou entrar nessa gruta.

Senti o coração bater mais depressa e comecei a suar só de pensar nisso.

– Tenho de avançar às apalpadelas. Não se vê nada.

– Para que estás a fazer isso? E se há aí ratazanas, ou uma grande aranha daquelas que metem medo?

– O quê? Achas que pode haver aranhas?

– Não, não lrigues.

– Acho que não há aqui nada a não ser pedras e paus. Mas não tenho a certeza.

– Se os paus estão secos, trá-los para fora. Podemos juntá-los ao monte de lenha.

– OK.

O T. J. recuou a rastejar para fora da gruta e trazia numa mão uma coisa que parecia uma tibia e na outra uma coisa que era indiscutivelmente um caveira. Largou-os no chão e exclamou:

– Fogo!

– Oh meu Deus – disse eu. – Não sei quem é, mas a história *não* acabou bem para ele.

– Achas que é a pessoa que construiu a cabana? – perguntou o T. J.

Ficámos os dois a olhar para a caveira.

Assenti.

– Acho.

Voltámos ao abrigo e pegámos num pau a arder para servir de archote. Corremos de volta à gruta e o T. J. pôs-se novamente de gatas e entrou, segurando o archote à sua frente.

– Não te queimes – gritei-lhe eu cá de fora.

– Está bem.

– Já entraste?

– Já.

– O que é que vês?

– É mesmo um esqueleto, mas não há aqui mais nada. – Tornou a sair e entregou-me o archote. – Vou pôr estes ossos na gruta ao pé dos outros.

– Boa ideia.

Voltámos novamente ao abrigo.

– Mas que coisa horrível – disse eu.

– Quanto tempo demora um corpo a transformar-se em esqueleto? – perguntou o T. J.

– Com este calor e esta humidade? Não muito, provavelmente.

– Acho que era mesmo o tipo da cabana.

– Provavelmente tens razão. E se era ele, lá se vai uma das nossas possibilidades de sermos salvos. – Abanei a cabeça. – Ele não vai voltar porque nunca se foi embora. Mas o que terá sido que o matou?

– Não sei. – O T. J. atirou alguma lenha para a fogueira e sentou-se ao pé de mim. – Porque foi que não quiseste entrar na gruta? Antes de sabermos que estava lá um esqueleto, quer dizer.

– Não suporto espaços pequenos e fechados. Assustam-me. Lembraste de te ter falado da casa do lago? Onde eu e o meu pai íamos pescar?

– Sim.

– Eu e a Sarah brincávamos sempre com os miúdos das outras famílias que passavam lá as férias. Havia uma estrada que dava a volta ao lago, e por baixo dela passava um grande cano de drenagem. Os miúdos estavam sempre a desafiar-se uns aos outros para passarem por ele até ao outro lado. Uma vez, eu e a Sarah decidimos fazê-lo, e convencemos toda a gente a ir connosco. Chegámos a meio caminho e eu entrei em pânico. Não conseguia respirar e o miúdo que ia à minha frente não avançava. Não podia recuar porque havia outros atrás de mim. Tinha talvez uns sete anos, e não era muito grande, mas o cano era minúsculo. Quando finalmente chegámos ao outro lado, a Sarah teve de ir chamar a minha mãe porque eu não parava de chorar. Lembro-me como se fosse ontem.

– Não admira que não quisesses entrar.

– O que não compreendo é o que levou o Ossos a enfiar-se lá dentro para morrer.

– O Ossos?

– Achei que devíamos dar-lhe um nome. Ossos soa melhor do que «o tipo da barraca».

– Por mim tudo bem – disse o T. J.

Estava sentada junto ao abrigo a fazer paciências. Quando vi o T. J. aproximar-se, soube no mesmo instante que tinha acontecido qualquer coisa porque ele vinha a segurar o braço contra o corpo e apoiava-o com a outra mão. Tinha o ombro descaído para a frente.

Pus-me de pé.

– Que aconteceu?

– Caí do coqueiro.

– Anda.

Passai-lhe um braço pela cintura e guiei-o lentamente para a jangada pneumática. Ele estremeceu ao mais pequeno movimento e tentou, sem êxito, reprimir um gemido de dor quando o ajudei a deitar-se. O súbito e poderoso impulso de cuidar dele, de aliviar-lhe a dor, surpreendeu-me.

– Volto já. Vou buscar o *Tylenol*.

Sacudi dois comprimidos para a mão, peguei na garrafa de água e enchi-a no reservatório. Enfiei os comprimidos na boca do T. J. e levantei-lhe a cabeça para que pudesse beber. Engoliu-os e ficou a respirar lentamente.

– Porque foi que trepaste à árvore?

– Estava a tentar chegar àqueles cocos verdes de que gostas.

Sorri.

– Foi muito querido da tua parte, mas acho que partiste a clavícula. Vou esperar que o *Tylenol* faça efeito e depois vou tentar improvisar uma funda.

– OK – disse ele, e fechou os olhos.

Procurei na mala e encontrei um top branco comprido, sem mangas. Passados vinte minutos, ajudei-o a sentar-se.

– Desculpa, eu sei que dói.

Dobrei-lhe o braço pelo cotovelo e enfiei-o na funda, cujas pontas atei cuidadosamente no ombro do lado oposto. Ajudei-o a deitar-se, afastei-lhe os cabelos da cara e beijei-lhe a testa.

– Tenta não te mexeres muito.

– OK, Anna.

Mas talvez não lhe doesse assim tanto, porque quando lhe lancei um último olhar antes de sair da jangada vi que tinha um sorriso nos lábios.

Nessa noite acordei para ir pôr lenha na fogueira.

– Anna?

A voz dele sobressaltou-me.

– Sim?

– Podes ajudar-me a sair daqui? Preciso de fazer chichi.

– Claro.

Ajudei-o a passar pela porta da jangada pneumática e fui tratar da fogueira. Quando ele voltou, dei-lhe mais *Tylenol*.

– Conseguiste dormir alguma coisa? – perguntei.

– Nem por isso.

Na manhã seguinte, apareceu um inchaço e uma contusão violácea no sítio onde o osso se tinha partido. O T. J. fez uma careta quando apertei a funda e lhe dei uma terceira dose de *Tylenol*.

Depois disso, não me deixou dar-lhe mais comprimidos.

– Não quero tomar demasiados, Anna. Podemos voltar a precisar deles.

Ao fim de três dias sentia-se melhor, e seguia-me para todo o lado como um cachorrinho. Ia até à praia quando eu estava a pescar, acompanhava-me quando ia buscar fruta-pão e queria ajudar-me a despejar o reservatório de água. Quando tentou ir comigo apanhar lenha, mandei-o sentar-se na manta debaixo do coqueiro.

– Nunca mais ficas bom se não paras de andar de um lado para o outro, T. J.

– Estou chateado. E preciso muito de um banho. Ajudas-me quando voltares, Anna?

– O quê? Não, não vou dar-te banho.

Que coisa mais estranha.

– Tu é que escolhes. Podes ajudar-me ou podes cheirar-me.

Cheirei-o.

– Já cheiraste melhor. OK, ajudo-te, mas só lavo certas áreas e só porque cheiras mal que te fartas.

Ele sorriu.

– Obrigado.

Fomos até à laguna logo a seguir a eu ter voltado com a lenha. O T. J. deixou-se ficar de calções e sentou-se na água que lhe cobria a metade inferior do corpo. Eu ajoelhei-me ao lado dele e ensaboei as mãos.

– Segura nisto – disse, e entreguei-lhe o sabonete.

Comecei por lavar-lhe cuidadosamente a cara, e então apanhei água com a mão em concha para tirar o sabonete, tocando com os dedos a barba incipiente que lhe cobria as faces, o queixo e o espaço por cima do lábio superior.

– É bom – disse ele.

Enchi o contentor de plástico que tinha levado comigo, despejei-lho em cima da cabeça e comecei a lavar-lhe os cabelos. Tinham crescido muito e ele estava constantemente a afastá-los dos olhos. Ele preferia usar o meu chapéu de *cowboy* de palha para os prender, e por mim tudo bem; havia muito que me tinha apossado do boné de *baseball* dele.

– Quem me dera ter uma tesoura – disse. – Cortava-te o cabelo.

Ele entregou-me o sabonete e eu voltei a ensaboar as mãos. Lavei-lhe o pescoço e desci para o peito, as minhas mãos a deslizarem sobre os mamilos endurecidos. Ele observava-me em silêncio.

Lavei-lhe o sovaco do braço bom e as costas. Ele não conseguia levantar o outro braço, de modo que fiz o melhor que pude, tocando com muito cuidado à volta da nódoa negra.

– Desculpa – disse, quando ele se encolheu.

Cometi o erro de olhar para baixo quando me preparava para lhe lavar as pernas. A água da laguna era suficientemente límpida para ver que ele tinha uma ereção por baixo dos calções.

– T. J.!

– Desculpa – disse ele, envergonhado. – Esta não consigo esconder.

Espera, quantas já houve?

De repente, fiquei sem saber para onde olhar. Mas a culpa não era dele; tinha esquecido o que acontecia quando se esfregava o corpo de um rapaz de dezassete anos com as nossas mãos.

Ou o de qualquer homem, na realidade.

– Não, não faz mal. Apanhou-me desprevenida, foi só isso. Pensei que estavas cheio de dores.

– Bem, não parti *aquilo* – disse ele, parecendo genuinamente confuso.
OK, adiante.

Lavei-lhe as pernas, e quando cheguei aos pés descobri que era coceguento. Afastou o pé e então disse «Ui!» quando o movimento sacudiu a parte de cima do corpo.

– Desculpa. OK, estás mais ou menos lavado.

– Não me vais secar, Anna? – perguntou ele, e fez-me um sorriso esperançoso.

– Ah. Essa tem muita graça. Deves estar a confundir-nos com pessoas que têm toalhas.

– Obrigado, Anna.

– Tudo bem.

Ajudei-o a tomar banho durante as duas semanas seguintes, até ele ficar capaz de fazê-lo sozinho. E de cada vez que o ajudava, tornava-se um pouco menos embaraçoso para mim. Nunca mais olhei para baixo, para ver como estava a afetá-lo.

– Isto não é assim tão mau para ti, pois não? – perguntei-lhe um dia, quando estava a lavar-lhe a cabeça.

– Nem um bocadinho – respondeu ele, com um grande sorriso na cara.

– Mas não te rales – acrescentou, com fingida seriedade. – Hei de pagar-te, um dia. Se alguma vez te magoares, terei muito prazer em dar-te banho.

– Não me hei de esquecer.

Tinha de passar a ser supercautelosa. Dar-lhe banho podia ter sido estranho, mas não era nada comparado com o que sentiria se fossem as mãos dele cheias de sabonete a deslizarem pela minha pele.

CAPÍTULO 16

T. J.

A Anna estava de pé ao lado da jangada pneumática. Entreguei-lhe o peixe que tinha apanhado e guardei a cana no abrigo.

– Há alguma coisa no reservatório de água?

– Não.

– Talvez chova mais tarde.

Ela olhou ansiosamente para o céu e começou a amanhar o peixe.

– Espero que sim.

Era novembro e estávamos na ilha havia cinco meses. A Anna dizia que a estação das chuvas só voltaria em maio. Ainda chovia, mais ou menos dia sim, dia não, mas nunca por muito tempo. Havia água de coco, mas continuávamos a ter muita sede.

– Pelo menos sabemos que não podemos beber da poça – disse a Anna.

– Foi horrível.

– Céus, eu sei. Pensei que ia cagar o baço.

Não podíamos controlar a chuva, mas as Maldivas tinham fartura de vida marinha. Os cocos e a fruta-pão mal davam para atenuar a fome, mas os peixes coloridos que eu apanhava na laguna mantinham-nos vivos.

Entrava na água até à cintura e apanhava-os uns atrás dos outros. Nenhum deles media mais de quinze centímetros – um brinco e uma corda de guitarra não aguentariam muito mais – e eu tinha medo de físgar qualquer

coisa maior e partir a corda. Ainda bem que a Anna metera na mala uma data de brincos, porque eu já tinha perdido um.

Apesar de termos o suficiente para comer, a Anna dizia que faltava na nossa dieta uma porção de coisas importantes.

– Estou preocupada contigo, T. J. Ainda estás a crescer.

– E estou a crescer muito bem.

A nossa dieta não podia ser assim tão má, porque os calções davam-me pelos joelhos quando nos despenhámos e agora ficavam pelo menos dois centímetros e meio acima.

– A fruta-pão deve conter vitamina C, senão provavelmente já tínhamos apanhado escorbuto – murmurou entre dentes.

– Que raio é escorbuto? – perguntei eu. – Parece um palavrão.

– É uma doença provocada por carência de vitamina C – respondeu ela. – Atacava muito os piratas e os marinheiros durante as viagens mais longas. Não é agradável.

A Anna devia preocupar-se mais consigo mesma. O fato de banho fazia fole no rabo e as maminhas já não enchiam a parte de cima, como antigamente. Tinha as clavículas salientes e dava para lhe contar as costelas. Eu tentava convencê-la a comer mais, e ela fazia um esforço, mas metade das vezes tinha eu de acabar a comida dela. Ao contrário dela, comer a mesma coisa todos os dias não me chateava, e comia sempre que tinha fome.

Uma manhã, algumas semanas mais tarde, a Anna disse:

– Hoje é o Dia de Ação de Graças.

– É?

Eu não prestava muita atenção às datas, mas ela não perdia a conta aos dias.

– Sim. – Fechou a agenda e pousou-a no chão a seu lado.

– Acho que nunca comi peixe no Dia de Ação de Graças.

– Nem coco e fruta-pão – acrescentei eu.

– Não importa o que se come. O Dia de Ação de Graças tem a ver com o facto de estarmos gratos por aquilo que temos.

Tentou parecer alegre quando disse isto, mas depois limpou os olhos com as costas da mão e pôs os óculos de sol.

Nenhum de nós voltou a referir a data durante o resto do dia. Nunca tinha pensado no Dia de Ação de Graças; sempre assumira que alguém haveria de encontrar-nos antes disso. Eu e a Anna já quase nunca falávamos de ser salvos; só servia para nos deprimir aos dois. Tudo o que podíamos fazer era aguentar e esperar que alguém passasse lá em cima. Isso era o pior de tudo, não ter qualquer controlo sobre a situação a menos que decidíssemos partir na jangada pneumática, e a Anna nunca concordaria com isso. E tinha razão. Provavelmente, seria suicídio.

- Nessa noite, na cama, ela sussurrou:
- Estou grata por nos termos um ao outro, T. J.
- Eu também.

Se a Anna tivesse morrido depois do acidente, e eu tivesse ficado sozinho durante todo aquele tempo, não sei se me teria safado.

Passámos o Dia de Natal a correr atrás de uma galinha.

Nessa manhã, quando me inclinava para apanhar uns paus para a fogueira, gritei como uma menina quando uma galinha saiu disparada de uma moita próxima e me pregou um cagaço de todo o tamanho.

Corri atrás dela, mas o estupor desapareceu noutra moita. Enfiei a mão entre os ramos e procurei, mas não consegui apanhá-la.

– Anna, aquele barulho de asas a bater que estás sempre a ouvir é uma galinha – disse, quando voltei para junto da fogueira.

– Há galinhas aqui?

– Há, pois. Persegui-a até uns arbustos, mas escapou-me. Calça os ténis. Vai haver galinha para o jantar de Natal.

*

– Está ali. Ouço-a. Vou dar pontapés no arbusto, por isso prepara-te para a apanhar quando fugir pelo outro lado – disse a Anna, quando a Operação Caça à Galinha entrou na fase decisiva. Andávamos a persegui-la havia mais de uma hora, de uma ponta à outra da ilha, e íamos finalmente apanhá-la.

– Lá vai ela! – gritou a Anna quando a galinha saiu do arbusto a bater as asas e a correr na minha direção.

Tentei agarrá-la, mas tudo o que consegui foi uma mão-cheia de penas.

– Raios te partam, maldita filha da mãe!

Corri atrás dela. A Anna alcançou-me e encurralámo-la num grupo de arbustos. Tentou escapar-se por uma abertura entre as folhas, mas a Anna saltou para a frente e segurou-a. Eu agarrei-a pelas patas, puxei-a para fora do arbusto e bati com ela no chão.

A Anna nem sequer pestanejou.

– Bom trabalho, T. J. – disse, dando-me uma palmadinha nas costas.

Cortei o pescoço à galinha e pendurei-a de cabeça para baixo para deixar escorrer a maior parte do sangue e em seguida arranquei-lhe as penas, a tentar não olhar para a cabeça.

A Anna abriu-a com a faca.

– Não tem nada o aspeto das que vemos no supermercado – disse ela.

– Tem um aspeto ótimo – disse eu. Ela tinha literalmente destroçado a pobre galinha, mas pusemos os pedaços e cima de várias pedras que colocámos perto da fogueira.

A Anna cheirou o ar.

– Sente-me só este cheiro – disse, enquanto a galinha cozinhava.

Quando nos pareceu que estava pronta, deixámo-la arrefecer e arrancámos a carne com os dedos. Tinha umas partes queimadas, e outras quase cruas, mas soube-nos maravilhosamente.

– Esta galinha é o máximo – disse eu, a lamber os dedos.

– Podes crer – concordou a Anna. Atirou o osso para o monte que crescia junto à fogueira, limpou a boca com as costas da mão e acrescentou: – Pergunto a mim mesma quantas mais haverá.

– Não sei, mas vamos encontrá-las todas.

– Foi a melhor galinha que alguma vez comi, T. J.

Eu arrotei e disse.

– Sem a mínima dúvida.

Acabámos de limpar os ossos e estendemos a manta no chão, longe da fogueira.

– Costumas abrir as prendas na Véspera de Natal ou no Dia? – perguntei.

– Na Véspera. E tu?

– Também. Por vezes, a Grace e a Alexis pediam para as abrirem no dia vinte e três, mas a minha mãe obriga-as a esperar.

Ficámos deitados lado a lado, a relaxar. Pensei na Grace e na Alexis, e na minha mãe e no meu pai. Provavelmente estavam a passar um mau bocado, a festejarem o seu primeiro Natal sem mim.

Se ao menos soubessem que eu e a Anna estávamos vivos e a aguentar-nos...

A chuva voltou em maio e eu e a Anna descontraímos um pouco. Mas houve mais tempestades, e não podíamos fazer nada senão abrigar-nos na jangada pneumática a ouvir os trovões enquanto esperávamos que passasse.

Foi uma das grandes. Derrubou uma árvore e eu cortei-a em toros para a fogueira com a serra de mão. Demorei dois dias. Quando acabei, o monte de lenha enchia o abrigo.

Quando acabei de cortar a lenha fui até à praia, para me refrescar. A Anna chapinhava na água, a brincar com seis golfinhos. Juntei-me a ela e fiz festas na cabeça de um, e juro que ele me sorriu.

– Seis, uau! É um recorde – disse.

– Eu sei. Hoje vieram todos ao mesmo tempo.

Os golfinhos entravam na laguna certinho como um relógio, ao fim da manhã e ao fim da tarde. Havia sempre pelo menos dois, mas aquela era a primeira vez que via tantos juntos.

– Estás a transpirar – disse ela. – Estiveste outra vez a serrar?

Mergulhei de cabeça e sacudi-me como um cão quando voltei à superfície.

– *Ya*. Está feito. Não vamos precisar de apanhar lenha tão cedo. – Espreguicei-me. Doíam-me os braços. – Massajas-me os ombros, Anna? Por favor?

– Anda – disse ela, saindo da água. – Faça-te uma massagem às costas. As minhas massagens são mundialmente famosas.

Sentei-me à frente dela e gemi quando me tocou nas costas. A Anna não estava a brincar quando dissera que era boa a fazer massagens, e

perguntei a mim mesmo se costumava fazê-las muitas vezes ao namorado. Tinha umas mãos mais fortes do que seria de esperar e massajou-me o pescoço e as costas durante muito tempo. Pensei nas mãos dela a tocarem-me noutros lugares, e se ela conseguisse ler-me os pensamentos provavelmente tinha-se passado.

– Pronto – disse, quando acabou. – Não foi bom?

– Nem fazes ideia – respondi. – Obrigado.

Voltámos ao abrigo. A Anna deitou uma tampa de *Woolite* na água da chuva que tinha recolhido no contentor da jangada pneumática e agitou-a com a mão.

– Horas da barrela, eh?

– Nem mais.

Ofereci-me para partilhar a lavagem da roupa, mas ela disse que não era preciso. Se calhar não me queria a mexer-lhe nas cuecas e *soutiens*.

Despejou a nossa roupa suja no contentor e lavou-a. Quando a tirou, uma peça de cada vez, e a pôs de lado para ser enxaguada, disse:

– Eh, T. J., onde está a tua roupa interior?

Por falar em roupa interior.

– Já não me serve e desfez-se quase toda.

– Então não tens nenhuma?

– Não. Não tinha uma mala cheia dela, como certas pessoas.

– Isso não é desconfortável?

– A princípio foi, mas agora estou habituado. – Sorri e aponte para os calções. – Agora é «à cowboy», Anna.

Ela riu.

– Como queiras, T. J.

CAPÍTULO 17

ANNA

E stávamos na ilha havia pouco mais de um ano quando o avião passou. Nessa tarde eu andava a apanhar cocos e o rugido dos motores, tão alto e inesperado, assustou-me. Larguei tudo e corri para a praia.

O T. J. saiu disparado do meio das árvores. Correu para mim, e agitámos os braços de um lado para o outro, a ver o avião passar mesmo por cima das nossas cabeças.

Gritámos e abraçámo-nos e pulámos, mas o avião voltou à direita e continuou a voar. Ficámos ali, a ouvir o barulho dos motores esmorecer e calar-se.

- Ele abanou as asas? – perguntei ao T. J.
- Não tenho a certeza. Abanou?
- Não sei. Talvez tenha abanado.
- Tinha flutuadores, não tinha?
- Era um hidroavião – confirmei.
- Nesse caso, podia ter pousado ali? – perguntou ele, a apontar para a laguna.
- Julgo que sim.
- Será que nos viram?

O T. J. vestia uns calções de ginástica cinzentos com uma risca azul de cada lado e estava de tronco nu, mas eu usava o meu biquíni preto, que teria sido visível contra a areia branca.

– Devem ter visto. Quer dizer, tu não reparavas em duas pessoas a agitar os braços?

– Talvez – disse ele.

– Mas não viram a fogueira – fiz eu notar. Não tínhamos atirado abaixo o abrigo nem deitado folhas verdes para o lume para fazer mais fumo. Nem sequer estava muito segura de que tivéssemos folhas verdes no abrigo.

Ficámos sentados na praia durante as duas horas seguintes, sem falar, à espera de ouvir o som do motor de um avião a aproximar-se.

Finalmente, o T. J. pôs-se de pé.

– Vou pescar – disse, num tom inexpressivo.

– OK – disse eu.

Depois de ele se afastar, voltei ao coqueiro e apanhei os cocos que tinha largado no chão. Parei na árvore de fruta-pão, no caminho de regresso, apanhei dois frutos e guardei tudo no abrigo. Espevitei a fogueira e fiquei à espera do T. J.

Quando ele voltou, amanhei e cozinhei o peixe para o nosso jantar, mas nenhum de nós comeu. Eu retive as lágrimas e suspirei de alívio quando o T. J. se afastou em direção ao bosque.

Enfiei-me na jangada pneumática, enrolei-me numa bola e chorei.

Naquele dia, toda a esperança a que me tinha agarrado desde que o avião se despenhara se estilhaçou num milhão de minúsculas lascas, como um bloco de vidro em que alguém batesse com uma marreta. Pensei que se conseguíssemos estar na praia quando o próximo avião passasse seríamos salvos. Talvez não nos tivessem visto. Talvez tivessem, mas não soubessem que estávamos desaparecidos. Não importava, porque não iam voltar.

Parei de chorar, e perguntei a mim mesma se me teriam finalmente esgotado as lágrimas.

Saí da jangada. O sol tinha-se posto e o T. J. estava sentado perto da fogueira, com a mão direita frouxamente pousada na coxa.

Examinei-a com mais atenção.

– Oh, T. J. Está partida?

– Provavelmente.

Fosse o que fosse aquilo em que o punho dele batera – o meu palpíte foi o tronco de uma árvore – tinha-lhe deixado os nós dos dedos ensanguentados e a mão horrivelmente inchada.

Fui ao estojo de primeiros-socorros e voltei com dois comprimidos de *Tylenol* e um pouco de água.

– Desculpa – disse ele, a evitar enfrentar-me o olhar. – A última coisa de que precisas é mais um osso partido para tratar.

– Escuta – disse eu, ajoelhando-me à frente dele. – Nunca criticarei nada que faças desde que te ajude a aguentar, está bem?

Olhou finalmente para mim, assentiu e tirou os comprimidos de *Tylenol* da minha mão estendida. Entreguei-lhe a garrafa de água, e ele engoliu-os. Fiquei sentada de pernas cruzadas ao lado dele, a olhar para as faúlhas que dançaram no ar quando atirei mais um tronco para a fogueira.

– E tu como é que aguentas, Anna?

– Choro.

– Isso resulta?

– Às vezes.

Olhei para a mão partida e combati o impulso de lavar o sangue e segurá-la entre as minhas.

– Desisto, T. J. Uma vez disseste que era mais fácil se não pensássemos que eles iam voltar, e tinhas razão. Este também não vai voltar. Vai ser preciso um avião pousar na laguna para que eu acredite que talvez consigamos na verdade sair desta ilha. Até lá, somos só tu e eu. É a única coisa de que tenho a certeza.

– Eu também desisto – murmurou o T. J.

Olhei para ele, tão destroçado, tanto física como mentalmente, e descobri que afinal ainda me restavam algumas lágrimas.

Na manhã seguinte, voltei a examinar-lhe a mão. Estava tão inchada que duplicara de tamanho.

– Precisa de ser imobilizada – disse. Tirei um pau curto do monte de lenha e procurei na mala qualquer coisa que servisse de ligadura.

– Não vou apertar muito, mas vai doer um pouco, T. J.

– Não faz mal.

Coloquei o pau por baixo da palma e, com muito cuidado, passei o tecido preto por cima das costas da mão, enrolei-o duas vezes e prendi-o em baixo, sem dar um nó.

– O que foi que usaste para me enrolar a mão?

– A minha tanga preta. – Olhei para ele. – Tinhas razão, é terrivelmente desconfortável. Mas funciona muito bem como ligadura.

Os cantos da boca dele encurvaram-se ligeiramente para cima. Olhou para mim, e nos seus olhos castanhos havia um vestígio do brilho que tinham na noite anterior.

– Vai dar uma história engraçada, um dia.

– Sabes uma coisa, Anna? Já é engraçado agora.

O T. J. fez dezoito anos em setembro de 2002. Não parecia o mesmo rapaz que se tinha despenhado comigo no oceano quinze meses antes.

Para começar, precisava mesmo de fazer a barba. Os pelos eram muito mais compridos do que uma barba de um dia, mas mais curtos do que uma barba e um bigode a sério. Ficava-lhe bem, na verdade. Não sabia muito bem se ele gostava da pilosidade facial ou se apenas não estava para se dar ao incómodo de se barbear.

Quanto aos cabelos, estavam quase suficientemente compridos para fazer um rabo de cavalo, e o sol descolorira-os, tornando-os castanho-claros. Também o meu cabelo tinha crescido. Chegava-me a meio das costas e dava comigo em doida. Tentei cortá-lo com a nossa faca, mas a lâmina – embotada e sem serrilha – não prestava.

Apesar de muito magro, o T. J. estava pelo menos cinco centímetros mais alto, o que o punha à volta do metro e oitenta e três.

Parecia mais velho. E eu, tendo feito trinta e um anos em maio, provavelmente também. Não sabia; o único espelho que tinha estava na minha bolsa de maquilhagem, que naquele momento devia andar a flutuar algures no oceano Índico.

Forçava-me a não lhe perguntar como se sentia, ou se tinha alguns sintomas de cancro, mas observava-o atentamente. Parecia estar bem, a crescer e de boa saúde, mesmo naquelas condições menos do que ideais.

O homem no meu sonho gemeu quando lhe beijei o pescoço. Enfiei uma perna no meio das dele e fui beijando, do queixo para o peito. Ele enlaçou-me nos braços, fez-me rolar até ficar de costas e apertou os lábios contra os meus. Houve qualquer coisa naquele beijo que me sobressaltou, e acordei.

O T. J. estava em cima de mim. Estávamos deitados na manta, debaixo do coqueiro, onde nos tínhamos estendido para dormir a sesta. Percebi o que tinha feito e saí de baixo dele, com a cara a arder.

– Estava a sonhar.

Ele deixou-se cair de costas, ofegante.

Levantei-me atabalhoadamente, fui até à beira da água e sentei-me na areia de pernas cruzadas.

É assim mesmo, Anna. Atacá-lo enquanto ele está a dormir.

Passados alguns minutos, o T. J. foi juntar-se a mim.

– Estou muito envergonhada – disse eu.

Ele sentou-se.

– Não estejas.

– Deves ter perguntado a ti mesmo que raio estava eu a fazer.

– Bem, sim, mas depois deixei-me ir na onda.

Olhei para ele, de boca aberta.

– Estás maluco?

– Porquê? Tu é que disseste que eu era muito adaptável.

Sim, e ao que parece muito oportunista.

– Além disso – continuou ele –, tu gostas de te aconchegar. Como é que eu hei de saber o que significa? É confuso.

Senti-me ainda mais humilhada. Acordava muitas vezes a meio da noite demasiado chegada ao T. J., o meu corpo enroscado à volta do dele, e sempre pensara que ele não dava por nada.

– Lamento muito. A culpa é toda minha. Não era minha intenção dar-te ideias erradas.

– Não faz mal, Anna. Não é nenhum drama.

Durante o resto do dia, mantive-me afastada dele, mas à noite, na cama, disse:

– É verdade. Aquilo que disseste a respeito de eu gostar de me aconchegar. Mas é só porque estou habituada a dormir com alguém. Dormi com ele durante muito tempo.

– Era com ele que estavas a sonhar?

– Não. Foi um daqueles sonhos esquisitos que não fazem sentido. Não faço ideia de quem era. Lamento muito, palavra.

– Não precisas de estar sempre a pedir desculpa, Anna. Eu disse que era confuso, não disse que não gostava.

No dia seguinte, quando voltei da laguna, encontrei o T. J. sentado junto ao abrigo, a tirar o aparelho dos dentes com a faca.

– Precisas de ajuda?

Ele cuspiu um pedaço de metal. Foi cair no chão, ao lado de vários outros.

– Ná.

– Quando era suposto tirares isso?

– Há seis meses. Esqueci-me completamente, até ontem.

Foi então que percebi o que me tinha acordado do sonho. Desde o liceu que não era beijada por um rapaz com um aparelho nos dentes.

CAPÍTULO 18

T. J.

Estava em frente da barraca do Ossos quando a Anna me encontrou. O suor escorria-lhe pela cara.

– Persegui uma galinha pela ilha toda, mas ela corria muito depressa. Hei de apanhá-la, nem que seja a última coisa que faça. – Inclinou-se para a frente e apoiou as mãos nos joelhos, a tentar recuperar o fôlego. – Que estás a fazer?

– Quero desmontar esta barraca, levar a madeira para a praia e construir uma casa para nós.

– Fazes alguma ideia de como se constrói uma casa?

– Não, mas tenho montes de tempo para descobrir. Se tiver cuidado, poderei reutilizar toda a madeira e os pregos. Posso fazer um alpendre com a lona, para que a fogueia não se apague. – Examinei os gonzos da porta, a ver se ainda podiam servir. – Preciso de qualquer coisa que fazer, Anna.

– Acho que é uma ótima ideia – disse ela.

Demorámos três dias a desmontar a barraca e a levar tudo para a praia. Arranquei todos os pregos velhos e pu-los na caixa das ferramentas, com os outros.

– Não quero ficar perto do bosque – disse a Anna. – Por causa das ratazanas.

– OK.

Mas também não podia construir na praia, porque a areia era demasiado instável. Escolhemos um lugar intermédio, onde a areia acabava e a terra começava. Cavámos um alicerce, o que deu um trabalhão porque não tínhamos uma pá. Eu levantava pedaços de terra com as orelhas do martelo e a Anna seguia-me e recolhia-os num dos contentores de plástico.

Usei a enferrujada serra de mão para cortar as tábuas ao tamanho certo. A Anna segurava nelas enquanto eu martelava os pregos.

– Ainda bem que resolveste fazer isto – disse ela.

– Ainda vou demorar algum tempo a acabá-la.

– Não faz mal.

Foi à caixa das ferramentas buscar mais pregos. Depois de mos entregar, disse:

– Avisa se precisares de mais ajuda.

Estendeu a manta ali perto e fechou os olhos. Fiquei a olhar para ela durante um minuto, os meus olhos a passarem das pernas para a barriga e da barriga para as maminhas e a perguntar a mim mesmo se a pele dela seria tão suave como parecia. Pensei no outro dia, quando ela me tinha beijado o pescoço debaixo do coqueiro. Lembrei-me de como tinha sido bom. De repente, ela abriu os olhos e voltou a cabeça para mim. Desviei rapidamente o olhar. Já tinha perdido a conta às vezes que ela me apanhara a olhar. Ela nunca falava disso, nem me dizia que parasse com aquilo, e essa era apenas mais uma das razões porque gostava tanto da Anna.

Teria sido o meu último ano, e a Anna detestava a ideia de eu ter perdido tanto tempo de escola.

– Provavelmente vais ter de conseguir um DEG. Não te censuraria se optasses por isso em vez de voltar à escola para acabar o secundário.

– O que é um DEG?

– Um diploma de educação geral. Por vezes, quando os miúdos abandonam a escola, escolhem essa opção em vez de voltarem. Mas não te preocupes, eu ajudo-te.

– OK.

Na altura, eu estava-me nas tintas para o diploma do secundário, mas parecia ser importante para ela.

No dia seguinte, quando estávamos a trabalhar na casa, a Anna disse:

– Não vais fazer a barba? – Passou as costas da mão pela minha cara. – Não te faz calor?

Esprei ter pelos suficientes para me esconder a cara muito vermelha.

– Nunca fiz a barba. A pouca que tinha caiu quando comecei a fazer quimio. Quando saímos de Chicago, estava tudo a começar a nascer outra vez.

– Bem, agora já cresceu.

– Eu sei. Mas não temos um espelho, e eu não consigo ver o que estou a fazer.

– Porque não disseste qualquer coisa? Sabes muito bem que eu te ajudava.

– Hã... porque era embaraçoso?

– Vamos – disse ela, pegando-me na mão e levando-me para junto do abrigo. Abriu a mala e tirou de lá a *Gillette* e o creme de barbear que usava nas pernas, e fomos para a beira da laguna.

Sentámo-nos de pernas cruzadas um em frente do outro. Ela pôs creme de barbear na mão, e espalhou-mo na cara. Pôs a mão no meu pescoço, puxou-me para si até ficar no ângulo certo e escanhou-me o lado esquerdo da cara com gestos lentos, cuidadosos.

– Para que saibas – disse –, nunca tinha barbeado um homem. Vou tentar não te cortar, mas não posso prometer nada.

– Vais de certeza fazer um serviço melhor do que eu faria.

Só uns escassos centímetros separavam as nossas caras, e eu olhei-a nos olhos. Umhas vezes eram cinzentos, outras azuis. Naquele dia eram azuis. Nunca me tinha apercebido de como as pestanas dela eram compridas.

– As pessoas reparam nos teus olhos? – perguntei.

Ela inclinou-se para o lado e lavou a *Gillette* na água.

– Às vezes.

– São espantosos. Parecem ainda mais azuis por estares tão bronzeada.

Ela sorriu.

– Obrigada.

Apanhou água com a mão e passou-ma pela cara, limpando o creme de barbear.

– Para que é esse olhar? – perguntou.

– Que olhar?

– Estás a pensar em qualquer coisa. – Apontou para a minha cabeça. – Quase consigo ver as rodinhas a girar aí dentro.

– Quando disseste que nunca tinhas barbeado um homem. Vês-me como um homem?

Ela fez uma pausa antes de responder.

– Não te vejo como um rapaz.

Ótimo, porque não sou.

Ela pôs mais creme na mão e barbeou-me o resto da cara. Quando acabou, levantou-me o queixo e voltou-me a cara de um lado para o outro, passando as costas da mão pela pele.

– OK – disse. – Estás pronto.

– Obrigado. Já me sinto mais fresco.

– Não tens de quê. Diz-me quando quiseres que volte a fazer-te a barba.

Uma noite, eu e a Anna estávamos deitados na cama, a conversar no escuro.

– Tenho saudades da minha família – disse ela. – Há uma fantasia que me passa pela cabeça todos os dias. Imagino que pousou um avião na laguna e que tu e eu estamos na praia quando isso acontece. Nadamos até lá e o piloto nem quer acreditar que somos nós. Saímos daqui e, mal encontramos um telefone, telefonamos às nossas famílias. Consegues imaginar como seria para eles? Dizerem-lhes que alguém tinha morrido, fazerem-lhe o funeral e então essa pessoa telefonar-lhes?

– Não, não consigo imaginar como seria. – Deitei-me de barriga para baixo e ajeitei a almofada do assento debaixo da cabeça. – Aposto que estás sempre a desejar nunca ter aceitado este trabalho.

– Aceitei o trabalho porque era uma grande oportunidade de ir a um sítio onde nunca tinha estado. Ninguém podia prever que isto ia acontecer.

Cociei uma ferroada de mosquito na perna.

– Vivias com aquele tipo? Disseste que dormias com ele.

– Vivia.

- Custa-me a crer que ele quisesse que estivesses tanto tempo longe.
- E não queria.
- Mas tu querias?

Ela não disse nada durante um bom minuto.

- Não me sinto à vontade para falar destas coisas contigo.
- Porquê? Por achares que sou demasiado novo para compreender?
- Não, por seres um homem. Não sei se consegues perceber a minha posição.

– Oh, desculpa.

Não devia ter dito aquilo. A Anna era verdadeiramente muito boa a não me tratar como um miúdo.

– Chama-se John. Eu queria casar, mas ele não se sentia preparado e eu fartei-me de esperar. Pensei que seria bom para mim afastar-me durante algum tempo. Tomar algumas decisões.

- Quanto tempo estiveram juntos?
- Oito anos – respondeu ela, e pareceu embaraçada.
- Então ele não quer casar? Nunca?
- Bem, acho que não quer casar comigo.
- Oh.

– Não quero falar mais dele. E tu? Tens alguém à tua espera em Chicago?

– Já não. Costumava andar com uma rapariga chamada Emma. Conheci-a no hospital.

– Ela também tinha Hodgkin?

– Não, leucemia. Estava sentada na cadeira ao lado da minha quando fiz o meu primeiro tratamento de quimio. Depois disso passámos muito tempo juntos.

– Tinha a tua idade?

– Era um pouco mais nova. Tinha catorze.

– Como era ela?

– Do género calado. Eu achava-a muito bonita. Já tinha perdido o cabelo todo, e detestava ter aquele aspeto. Usava sempre um chapéu. Quando o meu caiu, deixou finalmente de ter vergonha. Passámos a ser dois carecas e não nos ralávamos.

– Perder o cabelo deve ser duro.

– Bem, provavelmente é pior para uma rapariga. A Emma mostrou-me umas fotografias antigas, e tinha cabelos louros e compridos.

– Conseguiam passar algum tempo juntos quando não estavam a fazer quimio?

– Sim. Ela conhecia bem o hospital. As enfermeiras faziam sempre vista grossa quando nos apanhavam na marmelada num sítio qualquer. Íamos para o telhado e sentávamo-nos ao sol. Eu queria levá-la a sair, mas o sistema imunitário dela não era capaz de lidar com grandes multidões. Uma noite, as enfermeiras deixaram-nos ver um filme num quarto vago. Metemo-nos os dois na cama e elas levaram-nos pipocas.

– Ela estava muito doente?

– Estava relativamente bem quando nos conhecemos, mas seis meses mais tarde tinha piorado muito. Uma noite, ao telefone, disse-me que tinha elaborado uma lista das coisas que queria fazer e disse-me que achava que estava a acabar-se-lhe o tempo.

– Oh, T. J.

– Tinha acabado de fazer quinze anos, mas queria chegar aos dezasseis para tirar a carta de condução. Queria ir a um baile de finalistas, mas disse que qualquer baile da escola serviria. – Hesitei, mas estar ali deitado no escuro ao lado da Anna tornava mais fácil falar a respeito daquelas coisas.

– Disse-me que queria experimentar fazer sexo, para os dois sabermos como era. Nessa altura o médico tinha voltado a mandá-la para o hospital e tinha um quarto particular. Acho que as enfermeiras sabiam, talvez ela lhes tenha dito, mas deixaram-nos sozinhos e conseguimos riscar uma das coisas da lista. Ela morreu três semanas mais tarde.

– É tão triste, T. J. – Pela voz, pareceu-me que estava a esforçar-se por não chorar. – Estavas apaixonado por ela?

– Não sei. Gostava muito dela, mas foi uma época muito esquisita. A quimio deixou de funcionar e tive de começar a fazer radioterapia. Tive muito medo quando ela morreu. Achas que saberia se a amasse, Anna?

– Sim – murmurou ela.

Havia já algum tempo que não pensava na Emma. Mas nunca a esquecera; também tinha sido a minha primeira vez.

– O que foi que decidiste a respeito do tal tipo, Anna?

Não respondeu. Talvez não quisesse dizer-me, ou talvez tivesse adormecido. Fiquei a ouvir as ondas baterem contra o recife. O som relaxou-me. Fechei os olhos e só voltei a abri-los quando a luz do sol me acordou, na manhã seguinte.

CAPÍTULO 19

ANNA

Queres jogar póquer? – perguntou-me o T. J. – Pode ser, mas deixei as cartas na praia.

– Vou buscá-las.

– Deixa. Tenho de ir à casa de banho. Apanho-as no caminho de volta.

Detestava aproximar-me do bosque depois de escurecer, e tinha dois minutos antes de o sol se pôr.

Tinha acabado de pegar nas cartas quando aconteceu. Nem sequer o vi chegar, e deve ter descido do céu com alguma velocidade porque quando chocou com a minha cabeça quase me atirou ao chão. Demorei um segundo a perceber o que me tinha atingido, e então comecei a gritar. Entrei em pânico, a passar as mãos pelos cabelos para o tirar dali.

O T. J. correu para mim.

– Que aconteceu?

Antes que tivesse tempo de responder, o morcego cravou os dentes na minha mão. Gritei ainda mais alto.

– Tenho um morcego nos cabelos – disse, enquanto uma dor dilacerante me irradiava pela palma da mão. – Está a morder-me!

O T. J. afastou-se a correr. Eu abanava a cabeça de um lado para o outro, a tentar sacudir o morcego. Quando voltou, o T. J. empurrou-me para o chão, até ficar deitada.

– Não te mexas – disse, segurando-me a cabeça com uma mão. E então trespassou o morcego com a lâmina da faca. O animal parou de se debater.

– Aguenta um pouco. Vou tirá-lo dos teus cabelos.

– Está morto? – perguntei.

– Está.

Fiquei quieta. Senti o coração bater muito depressa e queria gritar, mas forcei-me a manter a calma enquanto o T. J. desemaranhava o morcego dos meus cabelos.

– Já está.

Eu não conseguia ver muito com o pouco luar que havia, de modo que o T. J. foi à fogueira buscar um pau a arder. Inclinou-se e segurou-o por cima do corpo do morcego.

Era nojento, castanho-claro com grandes asas pretas, orelhas pontiagudas e dentes serrilhados. Tinha o corpo coberto de feridas. A pelagem à volta da boca parecia molhada e viscosa.

– Anda – disse o T. J. – Vamos buscar o estojo de primeiros socorros.

Voltámos ao abrigo e sentámo-nos junto à fogueira.

– Dá-me a tua mão.

Limpou a mordedura com compressas embebidas em álcool, espalhou pomada antibiótica e aplicou um penso rápido. A minha mão latejava.

– Dói-te?

– Dói.

A dor conseguia eu aguentar, mas a ideia do que podia estar a incubar na minha corrente sanguínea aterrorizava-me.

O T. J. devia estar a pensar no mesmo, porque antes de irmos para a cama espetou a faca na fogueira e deixou-a lá ficar toda a noite.

CAPÍTULO 20

T. J.

A Anna estava acordada e sentada junto à fogueira quando voltei da pesca, na manhã seguinte.

– Como está a mão?

Ela estendeu a palma e eu tirei o penso rápido.

– Não tem muito mau aspeto. – A ferida ainda sangrava e a mão tinha inchado um pouco durante a noite. Vou limpá-la outra vez e pôr outro penso. OK?

– OK.

Passei uma compressa embebida em álcool por cima da ferida.

– Estás com um ar cansado – disse, ao reparar nos círculos negros por baixo dos olhos dela.

– Não dormi muito bem.

– Queres voltar para a cama?

Ela abanou a cabeça.

– Durmo um pouco mais tarde.

Pus-lhe outro penso rápido na mão.

– Pronto. Estás como nova.

Não me deve ter ouvido, pois ficou a olhar para o vazio e não disse nada.

Mais tarde nessa manhã, acabei a estrutura da casa e comecei a levantar as paredes. A árvore de fruta-pão dava uma seiva leitosa, que usei para tapar as frestas.

A Anna trabalhou silenciosamente a meu lado, segurando nas tábuas ou passando-me pregos.

– Estás muito calada – disse eu.

– Pois estou.

Martelei um prego na tábua, prendendo-a à armação, e perguntei:

– Estás preocupada com a mordedura?

Ela assentiu.

– Aquele morcego parecia doente, T. J.

Pousei o martelo e limpei o suor dos olhos.

– Não tinha muito bom aspeto, não – admiti.

– Achas que tinha raiva?

Pus mais uma tábua em posição e peguei no martelo.

– Não, tenho a certeza de que não tinha – disse, apesar de saber que os morcegos eram por vezes portadores da raiva.

A Anna inspirou fundo.

– Vou ter de esperar, suponho. Se não adoecer dentro de um mês, é provável que esteja bem.

– Quais são os sintomas?

– Não sei. Febre, talvez? Convulsões? A doença ataca o sistema nervoso central.

Aquela acagaçou-me a valer.

– O que é que faço se adoeceres?

Tentei lembrar-me do que havia no estojo de primeiros socorros.

Ela abanou a cabeça.

– Não fazes nada, T. J.

– Porque não?

– Porque sem os medicamentos antirrábicos a doença é fatal.

Fiquei um segundo sem respirar, como se me tivessem sugado o ar dos pulmões.

– Não sabia.

A Anna assentiu, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Larguei o martelo e pousei as mãos nos ombros dela.

– Não te preocupes – disse. – Vais ficar bem.

Não fazia ideia se isso era verdade, mas precisava que ambos acreditássemos.

Contei cinco semanas para a frente e assinalo o dia na agenda da Anna. Ela queria esperar mais do que um mês, só para ter a certeza.

– Portanto, se nada acontecer até lá – disse eu –, e tu não tiveres nenhum sintoma, é porque estás bem, certo?

– Acho que sim.

Fechei a agenda e voltei a guardá-la na mala.

– Voltemos à nossa rotina habitual – disse ela. – Não quero ficar a pensar nisso.

– Claro, tudo o que ajudar.

A Anna devia ter sido atriz em vez de professora. Durante o dia, era um teatro pegado, e ela sorria como se nada a preocupasse. Mantinha-se ocupada, passava horas a brincar com os golfinhos ou a ajudar-me a construir a casa. Mas quase não comia, e ficava tão inquieta na cama que eu sabia que devia estar a ter dificuldade em dormir.

Uma noite, duas semanas mais tarde, acordei quando ela rastejou para fora da jangada. Levantava-se sempre pelo menos uma vez para pôr lenha na fogueira, mas geralmente voltava logo para a cama. Dessa vez não voltou, e eu fui procurá-la. Encontrei-a no abrigo, a olhar para as chamas.

– Eh – disse eu, sentando-me ao lado dela. – Que se passa?

– Não consigo dormir – respondeu, e espevitou as chamas com um pau.

– Sentes-te bem? – tentei não parecer ansioso. – Não estás com febre, pois não?

Ela abanou a cabeça.

– Não. Estou ótima, palavra. Volta para a cama.

– Não consigo adormecer sem tu estares ao pé de mim.

Pareceu surpreendida.

– Não?

– Não. Não gosto que estejas cá fora sozinha. Fico nervoso. Não precisas de pôr lenha na fogueira todas as noites. Já te disse que não me custa nada acender uma nova de manhã.

– É um hábito. – Pôs-se de pé. – Anda. Pelo menos um de nós deve poder dormir.

Segui-a até à jangada e depois de nos deitarmos ela tapou-nos com a manta. Vestia uns calções e a minha *T-shirt*, e enquanto se instalava numa posição confortável, a perna dela roçou a minha. Não a afastou quando parou de se mexer, e eu também não.

Ficámos ali deitados no escuro, as nossas pernas a tocarem-se, e tão depressa não adormecemos.

Ela concordou em não se levantar a meio da noite e uma manhã, algumas semanas mais tarde, depois de eu ter acendido a fogueira, disse:

– Anna, quem me dera que pudesses cronometrar-me. Aposto que fiz isto em menos de cinco minutos.

– Agora estás a exhibir-te.

Mas riu quando disse isto, e à medida que nos aproximávamos da data marcada na agenda, pareceu relaxar um pouco.

Quando passaram as cinco semanas, segurei na mão dela, com a palma virada para cima, e tracei a cicatriz que tinha ficado com o polegar.

– Acho que vais ficar ótima – disse, e dessa vez estava a falar mesmo a sério.

Ela olhou para mim e sorriu.

– E eu também acho.

Nesse dia, aviou três peixes ao almoço.

– Ainda tens fome? Posso apanhar mais.

– Não, obrigada. Estava esfomeada, mas agora estou cheia.

Nadámos durante muito tempo e trabalhámos na casa até à hora do jantar. Mais uma vez, comeu mais do que em qualquer outra altura das últimas semanas. Quando fomos para a cama, mal conseguia manter os olhos abertos e adormeceu segundos depois de eu me ter deitado a seu lado. Eu também adormeci, mas acordei quando a Anna se enroscou contra mim e apoiou a cabeça no meu ombro.

Passei-lhe um braço pelas costas e puxei-a para mim.

Se ela tivesse adoecido, a única coisa que poderia ter feito seria vê-la sofrer. Enterrá-la ao lado do Mick quando morresse. Não sabia se conseguiria safar-me sem ela. O som da voz dela, o sorriso dela, *ela...* aquelas eram as coisas que tornavam a vida na ilha tolerável. Apertei-a com um

pouco mais de força e pensei que se acordasse poderia dizer-lhe aquilo. Mas ela não acordou. Suspirou no sono, e eu acabei por adormecer.

Quando acordei, na manhã seguinte, ela tinha voltado para o seu lado da cama. Quando saiu da jangada, estava eu a acender a fogueira.

Sorriu-me e espreguiçou-se, os braços bem acima da cabeça.

– Dormi muito bem esta noite. Como já não dormia há muito tempo.

– Eu também dormi bastante bem, Anna.

Algumas noites mais tarde, estávamos deitados na cama a discutir as nossas respetivas listas dos dez melhores álbuns de *rock* clássico de todos os tempos.

– O *Sticky Fingers* dos Rolling Stones é o meu número um. Vou passar o *Led Zeppelin IV* para o quinto lugar – disse ela.

– Estás pedrada?

Quando comecei a enumerar as razões pelas quais discordava – toda a gente sabia que o *The Wall* dos Pink Floyd devia ser o número um – dei um pum. A fruta-pão tinha por vezes aquele efeito.

Ela gritou e tentou imediatamente fugir pela porta da jangada, mas eu agarrei-a pela cintura, puxei-a para trás e tapei-lhe a cabeça com a manta.

Era um pequeno jogo que gostava de jogar com ela.

– Oh não, Anna, oh meu Deus, é melhor saíres daí debaixo – provoqueei-a, a rir. – Deve cheirar horrivelmente mal.

Ela debateu-se para se libertar, e eu segurei a manta ainda com mais força.

Quando finalmente a larguei, ela fingiu que estava a engasgar-se e disse:

– Desta vez vais apanhar, Callahan.

– A sério? E vais ter a ajuda de quem?

Ela devia pesar para aí uns quarenta e cinco quilos. Ambos sabíamos que não ia bater em ninguém.

– Não te armes muito. Um destes dias vou descobrir uma maneira de te deitar abaixo.

– Oooh, estou cheio de medo, Anna – disse eu, a rir.

O que não admiti foi que ela poderia deixar-me de joelhos apenas com um toque, se pusesse a mão no sítio certo.

Perguntei a mim mesmo se ela saberia.

– Vou tomar um banho – disse a Anna, quando eu voltei da praia. Pegou no sabonete, no champô e nas roupas.

– OK.

Depois de ela se afastar, reparei que tínhamos pouca lenha. Peguei na mochila e enfiei dentro dela todos os paus que consegui encontrar. O sol estava baixo no céu e os mosquitos zumbiam à minha volta. Afastei-me do espesso dossel de folhas, sem prestar atenção.

Saí do meio das árvores e ergui os olhos a tempo de ver a Anna a entrar na água, nua.

Estaquei.

Sabia que devia sair dali, mas não fui capaz. Escondi-me atrás de uma árvore e fiquei a observá-la.

Mergulhou para molhar o cabelo e então virou-se e voltou a sair. Era incrivelmente bonita, e o bronzeado destacava as partes do corpo dela de que eu gostava mais. Enfiei a mão nos calções.

De pé na praia, lavou a cabeça, e então tornou a entrar na água para tirar o champô. Voltou a sair, ensaboou as mãos e lavou o corpo. Depois de se sentar na areia, rapou os pelos das pernas com a *Gillette* e foi outra vez à água para se enxaguar.

O que fez a seguir pôs-me doido.

Quando saí da água, olhou em redor e então sentou-se na areia voltada para a praia. Tinha levado o frasco de óleo de bebé, e despejou um pouco na palma da mão e pôs a mão entre as pernas.

Oh, Deus do Céu!

Deitou-se para trás, com uma perna esticada e a outra dobrada pelo joelho. Fiquei a vê-la tocar-se, a minha própria mão a mexer-se um pouco mais depressa.

Embora eu o fizesse quase todos os dias, quando estava sozinho no bosque, nunca me tinha passado pela cabeça que ela também o fizesse. Continuei a olhar, e passados alguns minutos ela estendeu a perna dobrada e arqueou as costas. Soube que estava a vir-se, e eu também.

Pôs-se de pé, sacudiu a areia e vestiu as cuecas. Enfiou o resto da roupa e pegou nas suas coisas. Quando se voltou para partir, deteve-se

subitamente e olhou na minha direção. Escondido atrás da árvore, não me mexi. Esperei que se afastasse e fugi, correndo por entre as árvores para longe da praia.

– Oh, olá – disse, quando voltei ao abrigo e a encontrei a lavar os dentes.

Ela tirou a escova de dentes da boca e olhou para mim, com a cabeça inclinada para um lado.

– Aonde foste?

– Apanhar lenha.

Abri a mochila e despejei os paus em cima do monte.

– Oh. – Acabou de lavar os dentes e bocejou. – Vou para a cama.

– Eu já lá vou ter.

Mais tarde, enquanto ela dormia a meu lado, revi na minha cabeça as imagens dela nua e a tocar-se. Era como um filme que podia ver quantas vezes quisesse. Desejava poder beijá-la, tocar-lhe, fazer-lhe tudo o que quisesse, mas não podia. O filme passava na minha cabeça, em sessões contínuas. Nessa noite não consegui dormir.

CAPÍTULO 21

ANNA

O T. J. trepou para o telhado e espalhou uma camada de seiva de árvore de fruta-pão por cima das folhas de palmeira.

– Não sei se isto nos vai manter secos. Acho que vamos ficar a saber quando chover.

A casa estava quase pronta. Sentada no chão, de pernas cruzadas, vi-o saltar do telhado, pegar no martelo e pregar os últimos pregos.

Tinha prendido os cabelos num rabo de cavalo e usava o meu chapéu de *cowboy* e os *aviators*. Estava tão bronzado que parecia ter nascido na ilha. Tinha um sorriso muito bonito, com dentes brancos e regulares, maçãs do rosto proeminentes e um queixo quadrado bem delineado. Estava outra vez a precisar de fazer a barba.

– Estás com bom aspeto, T. J. Muito saudável.

Era magro, mas tinha músculos bem definidos, provavelmente devido à construção da casa, e não apresentava sinais exteriores de desnutrição, pelo menos por enquanto.

– Palavra?

– Sim. Não sei muito bem como, mas a verdade é que crescestes neste lugar.

– Pareço mais velho?

– Pareces.

– E sou bonito, Anna? – Ajoelhou-se à minha frente e sorriu. – Vá lá, podes dizer-me.

Ergui os olhos para o céu.

– Sim, T. J. – disse, a sorrir-lhe. – És muito bonito. Se alguma vez sairmos desta ilha, vais ter muita saída com as mulheres.

Ele agitou o punho cerrado no ar.

– *Ya!* – Pousou o martelo e bebeu um gole de água. – Não consigo lembrar-me de como era antes do acidente. E tu?

– Mais ou menos. Mas provavelmente não mudei muito.

Ele sentou-se à minha frente.

– Céus, estou todo dorido. Fazes-me uma massagem nas costas?

– Claro.

Massajei-lhe os ombros, que estavam consideravelmente mais largos do que dois anos antes. Também o peito tinha alargado, e os braços eram robustos. Levantei o rabo de cavalo para lhe massajar a parte de trás do pescoço.

– Isso é bom.

Fiz-lhe uma massagem mais demorada do que habitualmente e perto do fim ele disse:

– Continuas bonita, Anna. Para o caso de estares na dúvida.

Senti a cara esquentar, mas sorri.

– Não estava. Mas obrigada, de todos os modos.

Duas noites mais tarde, dormimos pela primeira vez na nossa nova casa. Tínhamos optado por uma divisão grande, em vez de duas, o que nos dava fartura de espaço. Podia vestir-me dentro de casa, em vez de fazer contorcionismo na jangada. A minha mala e a caixa das ferramentas ficaram arrumadas num canto, e no estojó da guitarra, ao lado, guardávamos a caixa de primeiros socorros, a faca e a corda.

O T. J. tinha retirado a cobertura da jangada pneumática – agora tínhamos um teto a sério – e fizera janelas com a rede das portas de enrolar, que deixava entrar o ar e a luz. Usou as abas de *nylon* para fazer persianas que baixávamos durante a noite. Pregou a lona à parte da frente da casa,

esticou-a e amarrou-a a dois grandes paus que espetou no chão, e abriu uma cova para a fogueira por baixo do toldo.

– Estou orgulhosa de ti, T. J. E o Ossos também estaria.

– Obrigado, Anna.

Tínhamos percorrido um longo caminho desde os dias em que dormíamos no chão. Éramos um par de náufragos a brincar às casinhas.

Um hidroavião pousou na laguna quando eu e o T. J. estávamos a nadar. O piloto abriu a porta, pôs a cabeça de fora e disse:

– Até que enfim que os encontramos. Há imenso tempo que andamos à vossa procura.

Eu tinha cinquenta e dois anos.

Acordei, encharcada em suor e a abafar um grito segundos antes de ele me escapar da boca.

O lado da cama onde o T. J. dormia estava vazio. Ultimamente passava muito tempo no bosque, a apanhar lenha de manhã e outra vez à tarde.

Vesti-me, lavei os dentes e fui até ao coqueiro. Enquanto apanhava os cocos, um deles caiu da árvore e quase me acertou na cabeça. Assustada, dei um salto e gritei:

– Raios!

Quando voltei à casa, fui verificar o reservatório de água. Estávamos em fevereiro, em plena estação seca, e não havia muita. Deixei-o cair e desfiz-me em lágrimas quando a água se derramou pelo chão.

O T. J. chegou com a mochila cheia de lenha.

– Eh! – disse, pousando a mochila. – O que aconteceu?

Limpei os olhos com as costas da mão.

– Nada. Estou cansada e danada comigo mesmo. Entornei a água.

E então comecei outra vez a chorar.

– Não faz mal. Pode ser que volte a chover mais tarde.

– E pode ser que não. Ontem mal caiu uma gota.

Sentei-me no chão, a sentir-me estúpida.

Ele sentou-se a meu lado.

– Hum. Não será TPM ou coisa assim?

Fechei os olhos com força, para fazer parar as lágrimas.

– Não. Estou só a ter uma má manhã.

– Volta para a cama. Eu chamo-te quando acabar de pescar. OK?

– OK.

Acordei com ele a esfregar-me o braço.

– Os peixes estão prontos – disse, deitando-se ao meu lado.

– Porque não me acordaste para eu os amanhar?

– Achei que te sentirias melhor se dormisses um pouco mais.

– Obrigada. Sinto.

– Desculpa ter-te perguntado se estavas com TPM. A verdade é que não sei nada a respeito dessas coisas.

– Não, foi uma pergunta justificada. – Hesitei. – Já não tenho o período. Há já muito tempo.

Ainda tinha tampões na mala.

O T. J. fez um ar confuso.

– Porquê?

– Não sei. Estou demasiado magra. *Stress*. Malnutrição. É só escolher.

– Oh – disse ele.

Estávamos deitados de lado, voltados um para o outro.

– Tive um pesadelo esta manhã. Um hidroavião pousava na laguna enquanto estávamos a nadar.

– A mim parece-me um sonho bom.

– Eu tinha cinquenta e dois anos quando nos encontraram.

– Nesse caso estivemos desaparecidos durante muito tempo. Era por isso que estavas tão perturbada?

– Quero ter um filho.

– Queres?

– Sim. Dois ou três, para ser mais exata. Era outra coisa que o John não queria. Se só nos encontrarem quando eu tiver cinquenta e dois anos, será demasiado tarde. Quarenta e dois já é apertado. Posso sempre adotar, mas gostava de ter ao menos um que fosse meu. – Comecei a puxar por um fio da manta. – É estúpido, pensar num filho quando temos aqui tantas outras coisas com que nos preocupar. Eu sei que ter filhos ainda não faz parte dos teus planos, mas eu gostava muito de ter um, um dia.

– Já pensei em ter filhos. Sou estéril.

As palavras dele foram tão inesperadas que ao princípio não soube o que dizer.

– Por causa do cancro?

– Sim. Fiz um monte de quimio.

– Oh, Deus, T. J., desculpa. Nem pensei nisso.

Não há nada melhor do que falar de filhos à frente de alguém que teve de trocar a fertilidade pela sobrevivência.

– Não faz mal. O médico falou comigo antes de começarmos a quimio. Explicou-me que se alguma vez quisesse ter filhos teria de pensar em congelar o esperma imediatamente, porque depois de iniciado o tratamento seria demasiado tarde. Decidi que preferia a opção de poder tê-los.

– Uau. Não é uma decisão que a maior parte dos rapazes teria tomado aos quinze anos.

– Não, nessa idade preocupamo-nos sobretudo com não engravidar ninguém. Esta parte é capaz de animar-te um pouco. A minha mãe disse-me que ia levar-me a uma consulta num banco de esperma, e deu-me uma das *Playboys* do meu pai... eu tinha coisas muito mais porcas escondidas no meu armário, a propósito... e perguntou-me, com um ar muito sério, se sabia o que fazer.

– Deves estar a brincar.

– Não estou. – Começou a rir. – Eu tinha quinze anos, Anna. Era perito na matéria e não queria falar a respeito de esgalhar uma *com a minha mãe*.

– Oh, meu Deus, estás a matar-me! – disse eu, a rir tanto que as lágrimas me corriam pela cara.

– Pois. Da vez seguinte que fui ao banco de esperma, foi o meu pai que me levou.

Limpei os olhos depois de uma última gargalhada.

– Queres saber qual é a tua maior qualidade?

– É ser terrivelmente bonito – atirou-me ele.

Comecei outra vez a rir.

– Estou a ver que o elogio te subiu à cabeça. Não, não é isso. Quero que saibas que é quase impossível não estar feliz contigo por perto.

– A sério? Obrigado. – Deu-me uma palmadinha no braço. – Não te preocupes, Anna. Hão de encontrar-nos, um dia, e tu hás de ter o teu bebé.

– Espero que sim.

Tiquetaque, vocês sabem como é.

CAPÍTULO 22

T. J.

Estava no bosque quando a Anna gritou. O grito veio da direção da casa, e quando saí de entre as árvores corri para lá.

Ela cambaleou e caiu no chão.

– Alforreca – disse, a arquejar.

O contacto dos tentáculos deixara-lhe vergões vermelhos nas pernas, na barriga e no peito. Eu não sabia o que fazer.

– Tira-mos! – gritou ela.

Quando olhei para baixo, vi alguns tentáculos transparentes ainda agarrados à barriga e ao peito dela. Puxei por um e fiquei com os dedos a arder. Corri para o reservatório de água, peguei no recipiente de plástico que estava ao lado, enchi-o, voltei a correr para junto da Anna e despejei-lho em cima. Os tentáculos não saíram e ela gritou de dor, como se a água doce tivesse sido ainda pior.

– Tenta com água do mar – disse ela. – Depressa!

Corri para a laguna e enchi o recipiente com água salgada, e dessa vez, quando voltei para trás e o despejei em cima dela, não gritou.

A Anna gemia no chão enquanto eu tentava decidir o que fazer a seguir. Sabia que continuava com dores pela maneira como se mexia, à procura de uma posição mais confortável.

Lembrei-me da pinça e fui buscá-la à mala dela. Quando voltei, puxei os tentáculos um a um, o mais depressa que fui capaz. Ela fechou os olhos e gemeu.

Tinha-os retirado quase todos quando a pele da Anna começou a ficar encarnada, não só onde tinha sido picada, mas em todo o corpo. As pálpebras e os lábios incharam. Entrei em pânico e despejei-lhe mais água em cima, mas não serviu de nada. Os olhos dela incharam tanto que ficaram fechados.

Corri para casa e encontrei o estojo de primeiros socorros, e então atirei-me para o chão ao lado dela e despejei tudo cá para fora. Quando peguei no frasco com o líquido encarnado, ouvi a voz dela na minha cabeça.

Isto pode salvar-te a vida. Combate as reações alérgicas.

Por esta altura, a cara da Anna parecia um balão e tinha os lábios tão inchados que a pele estava gretada. Debatí-me com a tampa à prova de crianças, mas quando consegui tirá-la, passei o braço por baixo dela, levantei-lhe a cabeça e despejei-lhe o *Benadryl* pela garganta abaixo.

A parte de cima do biquíni mudou de posição quando a levantei. Ficava-lhe demasiado grande, por ela ter emagrecido tanto, e quando olhei para baixo vi alguns tentáculos no interior, ainda a picá-la.

Arranquei-lhe o raio da coisa, e fiz uma careta ao ver as marcas que tinha no peito. Voltei a pousá-la, despejei-lhe em cima o que restava da água salgada e removi os tentáculos com a pinça.

Despi a *T-shirt* e tapei-a com ela, entalando-lha cuidadosamente de baixo do corpo.

– Vais ficar bem, Anna – disse, e então peguei-lhe na mão e esperei.

Quando a pele dela deixou de estar vermelha e o inchaço diminuiu um pouco, examinei o conteúdo do estojo de primeiros socorros espalhado pelo chão. Depois de ler todos os rótulos, escolhi um tubo de pomada de cortisona.

Comecei pelas pernas e fui subindo, a esfregar a pomada nos vergões.

– Ajuda alguma coisa?

– Sim – murmurou ela. Já não tinha os olhos fechados pelo inchaço, mas não os abriu. – Estou tão cansada.

Eu não sabia se devia deixá-la dormir, com medo de lhe ter dado uma dose excessiva. Quando verifiquei o frasco de *Benadryl*, vi que ainda havia muito, e o rótulo dizia que podia provocar sonolência.

– Tudo bem, dorme.

Apagou-se antes de eu ter terminado a frase.

Esfreguei-lhe a pomada na barriga, mas quando cheguei ao peito hesitei. Pareceu-me que ela nem sequer notara que eu lhe tinha tirado o *soutien*, ou então não quisera saber.

Puxei pela *T-shirt* e encolhi-me.

As maminhas dela estavam uma desgraça. Vergões salientes cobriam-lhe a pele, alguns deles já cobertos de sangue coagulado.

Mantive-me concentrado, pensando apenas em ajudá-la, e apliquei cuidadosamente a pomada com as pontas dos dedos. Quando acabei, verifiquei se me tinha escapado algum vergão.

A pele dela tinha voltado à cor normal e o inchaço desaparecera. Esperei um pouco mais, e então peguei-lhe ao colo e levei-a para a jangada pneumática.

CAPÍTULO 23

ANNA

Abri os olhos e a ausência de dor ardente excruciante fez-me suspirar de alívio. O T. J. dormia a meu lado, a respirar profunda e regularmente. Estava nua da cintura para cima, e qualquer coisa macia cobria-me o peito como uma manta. Sentei-me e enfiei a *T-shirt* por cima da cabeça, a inalar o cheiro familiar dele. Virei-me de lado e voltei a adormecer.

De manhã, acordei sozinha. Levantei a bainha da *T-shirt*. Ainda se notava o contorno esbatido dos tentáculos, e provavelmente continuaria a notar-se durante algum tempo. Levantei um pouco mais a *T-shirt* e fiz uma careta ao ver os meus seios. Estavam cobertos de vergões vermelho-escuros, com crostas de sangue. Deixei cair a *T-shirt*, vesti os calções e saí de casa para ir à casa de banho.

Quando voltei, o T. J. estava a acender a fogueira. Pôs-se de pé.

– Como é que te sentes?

– Quase normal. – Levantei um pouco a *T-shirt* e mostrei-lhe a barriga. Ele traçou as marcas com a ponta do dedo.

– Dói-te?

– Nem por isso.

– E...?

Apontou para o meu peito.

– Está pior.

– Peço desculpa. Havia alguns tentáculos dentro da parte de cima do biquíni, a picar-te, e eu não reparei logo neles.

Não me lembrava de ele me ter tirado a parte de cima do biquíni, só da dor escaldante.

– Tudo bem, não sabias.

– Ficaste muito vermelha e inchaste toda.

– Fiquei?

Também não me lembrava daquilo.

– Dei-te *Benadryl*. Pôs-te a dormir.

– Fizeste exatamente o que devias.

Ele entrou em casa e voltou com o tubo de cortisona.

– Esfreguei-te isto na pele. Pareceu ajudar. Disseste que sim, antes de adormeceres.

Tirei-lhe o tubo da mão estendida. Teria aplicado a pomada também no meu peito? Imaginei-me deitada na areia, vestida apenas com as cuecas do biquíni enquanto o T. J. me esfregava pomada na pele, e de repente não fui capaz de olhar para ele.

– Obrigada – disse.

– Viste a alforreca antes de ela te picar?

– Não, só senti a dor.

– Nunca tinha visto nenhuma na laguna.

– Nem eu. Deve ter entrado pelo recife. – Fui a casa buscar a escova de dentes, na qual pus uma quantidade mínima de pasta. Quando voltei a sair, disse: – Pelo menos, não era uma das mortíferas.

O T. J. olhou para mim com uma expressão alarmada.

– Uma alforreca pode matar uma pessoa?

Tirei a escova da boca.

– Algumas podem.

Não entrámos na água durante todo aquele dia. Eu passei ao longo da praia, a olhar para o mar de olhos semicerrados, à procura de alforrecas, recordando a mim mesma que lá por não conseguirmos ver os perigos do oceano isso não significava que não estivessem lá. Também me perguntei se algum dia a caixa de primeiros socorros deixaria de conter exatamente aquilo de que precisávamos para salvar a vida de um de nós.

Em junho de 2003 fez dois anos que eu e o T. J. vivíamos na ilha. Eu tinha feito trinta e dois anos em maio e o T. J. faria dezanove em setembro. Naquela altura tinha pelo menos um metro e oitenta e oito e não havia nele nada de arrapazado. Por vezes, quando o via pescar, reparar a casa ou sair do bosque que conhecia como a palma da própria mão, perguntava a mim mesma se encararia a ilha como sendo sua. Um lugar onde podia fazer o que quisesse e onde tudo era aceitável, desde que continuássemos vivos.

Sentámo-nos de pernas cruzadas à beira da água, de frente um para o outro, para que eu pudesse barbeá-lo. Ele inclinava-se para a frente, com as mãos apoiadas nas minhas coxas para se equilibrar.

– Como foi que me tornei a tua criada pessoal? – perguntei, para implicar. – Dei-te banho, faço-te a barba.

Espalhei o creme de barbear, que estava quase no fim, na cara dele.

– Tenho sorte? – disse ele, com um grande sorriso.

– Estrago-te com mimos. Quando sairmos desta ilha, vais ter de te barbear sozinho.

– Não vai ser nada divertido.

– Lá te hás de safar.

Acabei de o barbear e voltámos à casa, prontos para uma sesta debaixo do alpendre.

– Sabes que teria muito prazer em dar-te banho ou barbear-te, Anna. É só dizer.

Ri-me.

– Não é preciso, obrigado.

– Tens a certeza? – Estava deitado na manta a meu lado. Estendeu a mão e levantou-me o braço, e então passou as costas da mão pela parte inferior do meu braço. – Uau, és tão suave.

– Para com isso! Tenho muitas cócegas – disse eu, afastando-lhe a mão com uma sapatada.

– Nas pernas também? – perguntou ele, e antes que eu pudesse responder, inclinou-se para mim e passou lentamente a mão pela minha perna, do tornozelo até à coxa.

O calor que me invadiu o corpo apanhou-me de surpresa. Fiz um barulho, algo entre um arquejo e um gemido, que me escapou antes que pudesse impedi-lo. O T. J. abriu muito os olhos e fitou-me de boca aberta. Então sorrii, claramente satisfeito com o efeito do seu toque.

Inspirei fundo e disse.

- Agradeço, mas posso perfeitamente cuidar de mim.
- Só estou a tentar pagar-te por estares sempre a ajudar-me.
- É muito amável da tua parte, T. J. Vê se dormes.

Ele riu e deitou-se de lado, voltando-me as costas. Eu continuei estendida de costas e fechei os olhos.

Tem só dezoito anos. É demasiado novo.

E uma voz na minha cabeça respondeu:

Teoricamente, tem idade suficiente.

Alguns dias depois, da parte da tarde, estávamos na laguna a nadar com os golfinhos. Eram quatro, e eu via-os brincar à nossa volta. Queria dar-lhes nomes, mas não conseguia distingui-los uns dos outros.

Quando os golfinhos voltaram ao mar, eu e o T. J. sentámo-nos na praia. Enterrei os dedos dos pés na areia macia e branca.

- Não disseste que ias tomar banho? – perguntou ele.
- Disse. Mas não trouxe nada comigo.

O nosso fornecimento estava a desaparecer rapidamente. Agora já só usávamos sabonete uma vez por semana. E eu já nem reparava no nosso cheiro.

- Eu vou buscar – ofereceu-se ele.
- Vais?
- Claro.
- OK, mas também preciso de roupa.
- Não há problema.

Levou as coisas para a praia e pousou-as na areia. Esperei que se afastasse para me despir.

Quando acabei o banho, fiquei um minuto a secar ao sol. Dirigi-me ao monte de roupas, à espera de encontrar um *top* e uns calções, ou um biquíni. O que vi surpreendeu-me. O T. J. tinha escolhido um vestido, o único que eu pusera na mala. Era um dos meus preferidos, curto e azul-claro e com alças. Também escolhera umas cuecas cor-de-rosa, rendadas, e

senti o calor subir-me à cara. Esquecera-se do *soutien*, ou talvez não tivesse esquecido, mas eu nunca usaria um com aquele vestido, de todos os modos.

Vesti as cuecas e enfiei o vestido por cima da cabeça. Quando cheguei à casa, o T. J. mirou-me descaradamente.

– Temos reservas para algum jantar? – perguntei.

– Quem me dera.

Parei em frente dele.

– Porquê um vestido?

Encolheu os ombros.

– Achei que devia ficar-te bem. – Tirou os óculos de sol e olhou-me da cabeça aos pés. – E fica.

– Obrigada – disse eu, e voltei a sentir o calor na cara.

Afastou-se para ir pescar e eu sentei-me na manta debaixo do toldo à espera que voltasse.

Tinha-o apanhado muitas vezes a olhar para mim, mas nunca tão abertamente. Estava a tornar-se mais ousado, a testar as águas. Se antes se esforçava por esconder os seus sentimentos, deixara de preocupar-se tanto com isso. Não sabia quais eram as intenções dele, ou sequer se tinha algumas, mas a vida a dois ia tornar-se mais complicada.

Disso tinha eu a certeza.

*

– Quem me dera ter uma tesoura. – Estava sentada na manta fora de casa, uma semana mais tarde, a tentar deslindar com a escova os nós do cabelo. Chegava-me quase ao rabo e estava a dar comigo em doida. – Devia ter-te pedido que me cortasses um pedaço de cabelo antes de a faca ficar tão embotada – acrescentei.

Olhei para a fogueira.

– Não estás a pensar em queimá-lo, pois não? – perguntou o T. J.

Olhei para ele como se o achasse maluco.

– Não.

Talvez.

Continuei a escovar.

Ele aproximou-se e segurou-me a mão.

– Dá cá a escova. Eu trato disso. Vês? Estou a compensar-te por me barbeares.

Entreguei-lhe a escova.

– Diverte-te.

Recostou-se contra a parede exterior da casa e eu sentei-me à frente dele. Começou a escovar.

– Tens uma tonelada de cabelo – disse.

– Eu sei. Está demasiado comprido.

– Gosto de cabelos compridos.

Desemaranhou pacientemente os nós, trabalhando uma madeixa de cada vez. O sol estava forte, mas o toldo protegia-nos. Uma brisa fresca soprava do mar. O som omnipresente das ondas a desfazerem-se contra o recife e a sensação da escova a passar-me suavemente pelos cabelos arrastaram-me para um estado de relaxamento.

Levantou-me o cabelo do pescoço e puxou-me para trás até as minhas costas ficarem apoiadas contra o peito dele. Voltei a cabeça, e ele afastou-me o cabelo para o lado, deixando-o cair sobre o meu ombro direito. Continuou a escovar, e era tão bom que passado algum tempo fechei os olhos e adormeci.

Quando acordei, soube pelo som da respiração do T. J. que também ele tinha adormecido. Os braços dele rodeavam-me a cintura por trás, as mãos entrelaçadas pousadas na pele nua acima da parte inferior do biquíni. Voltei a fechar os olhos, a pensar em como era bom sentir os braços dele à minha volta.

Agitou-se, sussurrando-me ao ouvido:

– Estás acordada?

– Estou. Foi uma sesta agradável.

– Para mim também.

Apesar de não querer verdadeiramente fazê-lo endireitei-me e as mãos dele deslizaram-me da barriga. O cabelo caía-me numa suave cortina pelas costas.

Olhei por cima do ombro e sorri.

– Obrigada por me escovares o cabelo.

Os olhos dele estavam pesados de sono e de outra coisa qualquer. Outra coisa que se parecia inconfundivelmente com desejo.

– Sempre que quiseres.

O meu coração bateu mais depressa. O estômago encheu-se-me de borboletas e uma sensação de calor espalhou-se-me pelo corpo.

Dizer que a nossa relação ia tornar-se mais complicada era capaz de ser um tremendo eufemismo.

CAPÍTULO 24

T. J.

Fiquei a ver a Anna afastar-se depois de lhe ter escovado o cabelo. Pensei no outro dia, no som que ela tinha feito quando lhe passei a mão pela perna. Perguntei a mim mesmo que espécie de som faria se eu fizesse outra coisa com a mão. O desejo de enfiar a mão no biquíni dela e descobrir fora quase incontrolável. Se estivéssemos em Chicago, não teria a mais pequena hipótese com ela. Mas começava a pensar que ali, na ilha, talvez tivesse.

Eu e a Anna nadávamos de um lado para o outro na laguna, à espera dos golfinhos.

– Isto é chato. Estou farto de esperar – disse eu.

– Também eu – respondeu ela, a flutuar de costas. – Vamos ver se conseguimos fazer aquele levantamento como o Johnny e a Baby.

– Palavra que não faço a mais pequena ideia do que estás a falar.

– Nunca viste o *Dirty Dancing*?

– Não. – Mas o título não soava nada mal.¹

– É um grande filme. Vi-o quando andava no liceu... em 1987, acho eu.

– Nessa altura eu tinha dois anos.

– Oh. Por vezes esqueço-me de como és novo.

Ele abanou a cabeça.

– Já não sou assim tão novo.

– Bem, o Patrick Swayze fazia o papel de um professor de dança chamado Johnny Castle numa estância de férias nos Catskills. A Jennifer Gray fazia de Baby Houseman, e estava lá com a família. – A Anna fez uma pequena pausa, e então disse: – Acabo de me lembrar de uma coisa. A Baby e a família estavam a passar o verão *todo* fora de casa, como tu.

– E ela também ficou chateada com a ideia? – perguntei.

Ela abanou a cabeça e riu.

– Não me parece. Começou a namorar com o Johnny e passavam *montes* de tempo na cama.

Porque foi que nunca vi este filme? Deve ser espetacular.

– Mas então a Penny, a parceira de dança do Johnny, engravidou, e a Baby teve de substituí-la. Havia um levantamento complicado, e ao princípio a Baby não conseguia fazê-lo, de modo que treinavam dentro de água.

– E é isso que queres fazer?

Se significava que podia tocar-lhe, era todo a favor.

– Sempre quis experimentar. Não pode ser assim tão difícil. – Pôs-se à minha frente e disse: – OK, vou correr para ti, e quando eu saltar pões as mãos aqui. – Pegou nas minhas mãos e pousou-as nas ancas. – E então levantas-me acima da tua cabeça. Achas que consegues levantar-me?

Revirei os olhos.

– Claro que consigo.

– Por qualquer razão que nunca compreendi, a Baby usava calças dentro de água quando fazia isto. OK, estás pronto?

Eu disse que sim, e a Anna correu para mim e saltou. No instante em que as minhas mãos lhe tocaram nas ancas, caiu-me em cima porque dizia que lhe fazia cócegas. Acabei com a cara enfiada entre as pernas dela.

Desemaranhámo-nos um do outro e ela disse:

– Da próxima vez não me faças cócegas.

– Não te fiz cócegas coisa nenhuma – protestei eu, a rir. – Pus as mãos exatamente onde disseste.

– OK, vamos tentar outra vez. – Recuou para ganhar espaço. – Lá vou eu.

Dessa vez, quando a levantei, a água era demasiado funda e não consegui manter-me de pé. Caí para trás e ela caiu em cima de mim, o que não foi nada mau.

– Merda, a culpa foi minha – disse eu. – Temos de ir para onde não seja tão fundo. Tenta outra vez.

Dessa vez, saiu perfeito. Eu levantei-a e ela esticou os braços e as pernas e arqueou as costas.

– Conseguimos! – gritou.

Mantive-a no ar o mais que consegui, e então baixei os braços. Tinha recuado alguns passos para lá de um ligeiro declive, e mal os pés dela tocaram no fundo, a cabeça desapareceu debaixo de água. Puxei-a para cima. Ela inspirou fundo e passou os braços à volta do meu pescoço. Segundos depois, cruzou as pernas atrás das minhas costas e agarrou-se.

Pareceu surpreendida, talvez por não esperar que a água lhe cobrisse a cabeça, ou talvez por eu ter as mãos no rabo dela.

– Agora já não estou a achar isto nada chato, Anna.

Na verdade, se a deixasse descair um pouco mais, ela perceberia exatamente até que ponto eu já não estava a achar aquilo chato.

– Ótimo. – Continuava com os braços e as pernas à minha volta, e eu começava a pensar em beijá-la quando ela disse: – Temos companhia.

Olhei para trás e vi os quatro golfinhos entrarem na laguna, a esticar o nariz como que a pedir-nos que brincássemos com eles. Desapontado, avancei para águas menos profundas e pousei-a, certificando-me de que tinha os pés bem assentes na areia.

Gostava de brincar com os golfinhos, mas gostava muito mais de brincar com a Anna.

1 À letra poderia traduzir-se por «danças atrevidas». Trata-se do filme *Dança Comigo*, com Patrick Swayze e Jennifer Grey. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 25

ANNA

E stávamos sentados debaixo do toldo, a jogar póquer e a ver a tempestade aproximar-se. Os raios riscavam o céu, e o ar húmido pesava sobre nós como uma manta. O vento levantou as cartas e espalhou-as.

– É melhor irmos para dentro – disse o T. J.

Já em casa, deitei-me ao lado dele na jangada pneumática, a ver o interior iluminar-se de cada vez que um relâmpago rasgava o céu.

– Não vamos dormir grande coisa esta noite – disse.

– Provavelmente não.

Ficámos deitados um ao lado do outro, a ouvir a chuva bater contra as paredes. Só uns poucos segundos separavam os relâmpagos dos trovões.

– Nunca houve tantos relâmpagos – disse eu.

Ainda mais perturbador era sentir os pelos dos braços e da nuca eriçarem-se no ar carregado de eletricidade. Dizia a mim mesma que a tempestade não tardaria a passar, mas a verdade era que se ia tornando cada vez mais violenta à medida que as horas passavam.

Quando as paredes começaram a estremecer, o T. J. saiu de dentro da jangada e dirigiu-se à minha mala. Voltou-se e atirou-me os *jeans*.

– Veste isto – disse.

Pegou nos seus próprios *jeans* e vestiu-os. Em seguida, guardou a cana de pesca dentro do estojo da guitarra.

– Porquê?

– Porque não me parece que possamos aguentar esta aqui dentro.

Levantei-me da cama e vesti os *jeans* por cima dos calções.

– Para que outro sítio podemos ir? – perguntei, e mal fiz a pergunta soube a resposta. – Não! Nem penses que vou para lá. Já passámos por outras tempestades sem problemas. Podemos ficar aqui.

O T. J. pegou na mochila e enfiou nela a faca, a corda e o estojo de primeiros socorros. Atirou-me os meus ténis e enfiou os pés nas *Nike* sem apertar os atacadores.

– Nunca houve uma como esta – disse. – E tu sabes muito bem.

Abri a boca para responder, e o telhado desapareceu.

O T. J. soube que tinha ganhado.

– Vamos – disse, e eu mal o ouvi com o uivar do vento. Pôs a mochila às costas e entregou-me o estojo da guitarra. – Vais ter de levar isto.

Pegou na caixa de ferramentas com uma mão e na minha mala com a outra, e corremos por entre as árvores até à gruta. A chuva açoitava-nos e o vento soprava com tanta força que pensei que ia atirar-me ao chão.

Diante da boca da gruta, hesitei.

– Entra, Anna! – gritou ele.

Pus-me de gatas, a tentar reunir coragem para entrar. O súbito estalar do ramo de uma árvore soou como um tiro, e o T. J. pôs a mão no meu rabo e fez força. Empurrou o estojo da guitarra, a caixa de ferramentas e a mala atrás de mim e seguiu-me uma fração de segundo antes de uma árvore cair e tapar a entrada da gruta, deixando-nos na mais absoluta escuridão.

Choquei com o Ossos como uma bola de *bowling* contra os pinos. O esqueleto espalhou-se pelo chão da gruta, e segundos mais tarde o T. J. aterrou num monte a meu lado.

Nós os dois – e tudo o que possuíamos – mal cabíamos no espaço apertado. Tínhamos de ficar deitados de costas, ombro com ombro, e se eu esticasse o braço conseguia tocar na parede da gruta, poucos centímetros à minha direita; o T. J. poderia fazer o mesmo do lado esquerdo. A gruta cheirava a pó, a plantas podres e a animais que esperava que não fossem morcegos. Grata por estar de *jeans*, cruzei os pés nos tornozelos para evitar que qualquer coisa me subisse pelas pernas das calças. O teto ficava a

menos de trinta centímetros acima das nossas cabeças. Era como estar num caixão com a tampa fechada, e eu entrei em pânico, com o coração a bater loucamente, a arquejar como se não tivesse ar suficiente para respirar.

– Respira mais devagar, Anna – disse o T. J. – Logo que a tempestade passe saímos daqui.

Fechei os olhos e concentrei-me em inspirar e expirar. *Bloqueia tudo o mais. Sair da gruta agora não é opção.*

O T. J. pegou-me na mão e entrelaçou os dedos nos meus, apertando-os suavemente. Apertei também, agarrada à mão dele como se fosse uma corda lançada a um naufrago.

– Não me largues a mão – sussurrei.

– Não ia largar.

Ficámos horas naquela gruta, a ouvir a tempestade rugir lá fora. Quando finalmente acabou, o T. J. afastou os ramos que tapavam a entrada. O sol brilhava no céu e nós saímos a rastejar e vimos, chocados, a devastação.

A tempestade tinha derrubado tantas árvores que voltar à praia foi como caminhar por um labirinto. Quando saímos do bosque, ficámos ambos a olhar.

A casa tinha desaparecido.

O T. J. olhou para o chão onde ela se erguera. Eu abracei-o e disse:

– Tenho tanta pena.

Ele não respondeu, mas pôs os braços à minha volta e ficámos assim durante muito tempo.

Revistámos a área e encontrámos a jangada pneumática entalada contra o tronco de uma árvore. Examinámo-la cuidadosamente, à procura de buracos ou de ouvir o som do ar a escapar, mas não vimos nem ouvimos nada. O reservatório da água flutuava na laguna, a vários metros de distância da costa, e a lona e a cobertura de *nylon* estavam enrolados no meio dos montes de tábuas que tinham sido a nossa casa.

As almofadas, os coletes salva-vidas e a manta estavam espalhados pela areia. Deixámos tudo a secar ao sol. Prendemos a cobertura à jangada pneumática, mas o T. J. tinha cortado as abas de *nylon* e a rede das portas de enrolar para fazer as janelas da casa. A cobertura proteger-nos-ia da chuva, mas deixávamos de ter defesa contra os mosquitos.

Passámos o resto do dia a construir outro abrigo e a apanhar lenha, que amontoámos no interior para que secasse. O T. J. foi pescar e eu apanhei cocos e fruta-pão.

Mais tarde, sentámo-nos junto à fogueira a comer peixe, tentando, a custo, manter os olhos abertos. Felizmente, a jangada pneumática não tinha buracos, e quando o sol se pôs fomos os dois para a cama. Adormeci instantaneamente, com a cabeça apoiada na almofada ainda um pouco húmida do assento do avião.

Nadei de um lado para o outro na laguna. O T. J. estava a trabalhar na reconstrução da casa, mas prometera ir juntar-se a mim quando acabasse de pregar mais meia dúzia de tábuas.

O desejo de voltar a pôr um telhado por cima das nossas cabeças consumia-o, e naquelas seis semanas decorridas desde a tempestade tinha feito grandes progressos. Acabara de montar a armação e concentrava-se agora em erguer as paredes. Tendo já construído a casa uma vez, o seu ritmo nesta segunda tentativa era consideravelmente mais rápido, e estou convencida de que teria trabalhado sem parar se eu não o convencesse a fazer uma pausa.

Estava parada na água, a dar aos braços, quando ele apareceu na praia. De repente, vi-o correr para mim, a gritar e a fazer-me sinais para sair. Sem perceber porque parecia tão agitado, voltei-me e olhei para trás.

Vi a barbatana segundos antes de ela desaparecer abaixo da superfície. Soube, pelo tamanho e pela forma, que não era um golfinho.

O T. J. entrou na água a correr e a gritar:

– Nada, Anna, nada!

Com medo de olhar por cima do ombro, nadei mais depressa do que alguma vez julgara possível nadar. Ainda não tinha pé, mas o T. J. agarrou-me por um braço e puxou-me para a praia. Assim que toquei o fundo, corremos para a areia.

Toda eu tremia. O T. J. agarrou-me pelos ombros e disse:

– Estás bem, Anna.

– Há quanto tempo achas que ele andava a nadar na nossa laguna? – perguntei.

Ele perscrutou as águas cor de turquesa.

– Não sei.

– De que espécie achas que era?

– Dos recifes, talvez?

– Não podes ir pescar, T. J. – disse eu.

Ele entrava muitas vezes na água até à cintura, porque a nossa linha era muito pequena.

– Saía logo se visse alguma barbatana.

– A menos que não a visses.

Passámos os dias seguintes em terra, atentos ao aparecimento de alguma barbatana. A superfície da laguna permaneceu imperturbada, a água calma e imóvel. Os golfinhos apareceram, mas eu recusei-me a entrar. Fazíamos turnos para tomar banho, mas concordámos em ficar perto de terra, afastando-nos só alguns metros para tirar o sabonete.

Passou uma semana sem que voltássemos a ver o tubarão. Pensámos que se tinha ido definitivamente embora, que a sua presença na laguna fora uma anomalia, tal como a da alforreca.

O T. J. recomeçou a pescar.

Poucos dias mais tarde, eu estava sentada perto da água a rapar os pelos das pernas. O T. J. aproximou-se com os peixes que tinha apanhado e viu-me passar lentamente a *Gillette* pela perna e fazer um pequeno golpe no joelho, que deitou sangue. Fez uma careta.

– A lâmina já está muito gasta – expliquei eu.

Ele sentou-se ao pé de mim.

– Não podes entrar na água agora, Anna – disse.

E foi assim que eu fiquei a saber que o tubarão tinha voltado.

O T. J. disse-me que acabava de tirar da água o último peixe quando o vira.

– Nadava de um lado para o outro, paralelo à margem, só com a ponta da barbatana fora de água. Parecia andar à caça.

– Não voltes a pescar, T. J. Por favor.

Havia dias em que eu quase não conseguia engolir o peixe que constituía o grosso da nossa dieta. Passeávamos diariamente pela praia, junto à água, à procura de caranguejos, na esperança de um pouco de variedade, mas quase nunca os encontrávamos e nenhum de nós conseguia perceber

porquê. A fruta-pão e os cocos bastariam para nos alimentar, mas apercebi-me da fome que íamos passar enquanto o tubarão rondasse a laguna.

Passaram mais duas semanas sem que qualquer de nós o visse. Eu continuava a recusar-me a entrar na água, exceto para tomar banho, e mesmo assim só até aos joelhos. Os nossos estômagos protestavam. O T. J. queria pescar, mas eu suplicava-lhe que não o fizesse.

Imaginava o tubarão a esperar pacientemente que um de nós se afastasse demasiado. O T. J. estava convencido de que já se tinha ido embora, tendo finalmente decidido que não havia na laguna nada que lhe interessasse. Estas teorias contraditórias foram causa de mais de um desacordo entre nós.

Havia muito que eu abandonara a ideia de que tinha alguma espécie de autoridade sobre o T. J. Podia ser mais velha e ter mais experiência de vida, mas isso na ilha não significava nada. Enfrentávamos o dia a dia resolvendo juntos os problemas que surgissem. Mas entrar no *habitat* natural de um animal capaz de nos comer parecia-me o epítome da estupidez, e assim o disse ao T. J., e foi provavelmente por isso que quando, dois dias mais tarde, perto da hora do jantar, o vi a pescar metido na água até à cintura, entrei em parafuso.

Pus-me a agitar os braços para lhe chamar a atenção, aos pulos na areia e a gritar:

– Sai daí imediatamente!

Ele saiu calmamente da água, dirigiu-se a mim e perguntou:

– Qual é a tua?

– O que julgas tu que estás a fazer?

– Estou a pescar. Tenho fome, e tu também.

– Ter fome não é estar morto, T. J., e tu não és invencível.

Espetava-lhe o dedo esticado no peito a cada palavra, e ele agarrou-me a mão para me impedir de continuar a fazê-lo.

– Deus do Céu, acalma-te.

– Há dias disseste-me que não entrasse na água e agora mesmo estavas com ela pela cintura e queres que eu tenha calma!

– Tu estavas a sangrar, Anna! E agora não te aproximavas da água nem que eu to pedisse, de modo que não te portes como se precisasses da minha autorização! – gritou ele.

– Porque é que estás tão determinado a pôr-te em perigo, mesmo depois de eu te ter pedido que não o fizesses?

– Porque sou *eu* que decido se entro ou não na água, Anna, não és tu.

– As tuas decisões têm um efeito direto em mim, T. J., pelo que penso que tenho todo o direito de intervir quando elas são palermas!

Os olhos encheram-se-me de lágrimas, e os meus lábios tremeram. Voltei-lhe as costas e afastei-me. Ele não me seguiu.

O T. J. tinha acabado de reconstruir a casa na semana anterior. Entrei e fui deitar-me dentro da jangada pneumática. Quando acabei de chorar, inspirei fundo várias vezes, para me acalmar, e devo ter dormitado porque, quando abri os olhos, o T. J. estava deitado a meu lado, acordado.

– Desculpa – dissemos os dois ao mesmo tempo.

– Já não morremos hoje. Posso continuar a sonhar com a minha *Coca-Cola* – disse eu. – Quero uma das grandes, com muito gelo.

Ele sorriu.

– É a primeira coisa que faço quando sairmos desta ilha.

Soergui-me, apoiada num cotovelo, a olhar para ele.

– Perdi a cabeça. Tenho tanto medo.

– Estou convencido de que o tubarão se foi embora.

– Não é só o tubarão, T. J. – Inspirei fundo. – Gosto muito, muito de ti, e não suporto a ideia de ficares ferido, ou morreres. Só aguento estar aqui porque tu estás comigo.

– Haverias de sobreviver, Anna. És capaz de fazer tudo o que eu faço. Ficarias bem.

– Não ficaria nada bem. Estou bem sozinha em minha casa, mas não aqui, T. J., não nesta ilha. – Subiram-me as lágrimas aos olhos quando imaginei o isolamento e a dor que sentiria se ele desaparecesse. Não sei se é possível morrer de solidão, mas passado algum tempo talvez o desejasse – murmurei.

Ele sentou-se e pousou-me a mão no braço.

– Nunca digas isso.

– É verdade. Não me digas que nunca pensaste nisso.

Não disse nada, ao princípio, mas recusava-se a olhar de frente para mim. Finalmente, assentiu com a cabeça e disse:

– Depois de o morcego te ter mordido.

As lágrimas saltaram-me dos olhos e correram-me pela cara. O T. J. puxou-me para junto do seu peito e abraçou-me enquanto eu chorava, a fazer-me festas nas costas à espera que o dilúvio acabasse. Nenhum de nós vestia muita roupa – ele uns calções, eu o fato de banho – e o contacto pele-com-pele acalmou-me de uma maneira que eu não esperava. Ele cheirava a mar, um cheiro que, para mim, lhe ficaria para sempre associado.

Suspirei, contente com a libertação que acompanha sempre uma boa sessão de choro. Havia tanto tempo que ninguém me abraçava que não queria mexer-me. Finalmente, ele levantou-me a cabeça. Segurou-me a cara com as duas mãos e limpou as lágrimas com os polegares.

– Melhor?

– Sim.

Olhou-me nos olhos e disse.

– Nunca te deixarei sozinha, Anna. A menos que não esteja nas minhas mãos.

– Então, por favor, não entres na água.

– OK. – Limpou mais algumas lágrimas. – Havemos de encontrar uma solução. Encontramos sempre.

– Estou tão cansada, T. J.

– Então fecha os olhos.

Não me tinha compreendido. O que eu queria dizer era que estava cansada de um modo geral, de ter sempre um novo problema para resolver e constantemente com medo que um de nós se ferisse ou adoecesse. Mas não tardaria a escurecer, e sentia-me tão bem nos braços dele. Baixei a cabeça e fechei os olhos.

Ele abraçou-me com mais força. Uma das mãos acariciou-me do ombro até ao fundo das costas, enquanto a outra repousava no meu braço.

– Fazes-me sentir segura – murmurei.

– Estás segura.

Cedi à atração do sono e da libertação que ele oferecia, mas seria capaz de jurar que, segundos antes de me apagar completamente, os lábios do T. J. roçaram os meus no mais doce e suave dos beijos.

Acordei nos braços dele pouco antes do nascer do sol, esfomeada, cheia de sede e a precisar de ir à casa de banho. Levantei-me da cama, saí

de casa e entrei no bosque, fazendo uma pausa para apanhar cocos e fruta-pão no caminho de regresso. O céu foi-se enchendo de luz matinal enquanto eu lavava os dentes, escovava o cabelo e preparava o pequeno-almoço.

Enquanto esperava que o T. J. acordasse, revi mentalmente os acontecimentos da noite anterior. O desejo dele fora evidente, irradiando do seu corpo como calor de uma fogueira. A respiração alterara-se, tornara-se mais forte, e sentira-lhe o coração a bater sob o meu rosto. Mas dera provas de uma contenção notável, e perguntei a mim mesma durante quanto mais tempo se contentaria só com abraços.

Perguntei a mim mesma durante quanto mais tempo eu própria me contentaria também com abraços.

Saí de casa minutos mais tarde, a prender os cabelos num rabo de cavalo.

– Olá. – Sentou-se a meu lado e apertou-me o ombro. – Como estás esta manhã?

Tinha o joelho encostado ao meu.

– Muito melhor.

– Dormiste bem?

– Sim. E tu?

Assentiu, a sorrir.

– Dormi maravilhosamente, Anna.

Depois do pequeno-almoço, fomos sentar-nos à beira-mar.

– Estive a pensar – disse ele, a coçar uma ferroada de mosquito. – E se eu levasse a jangada para a laguna para pescar?

A sugestão aterrorizou-me.

– Nem pensar – disse, abanando a cabeça. – E se o tubarão morde a jangada? Ou a vira?

– Não é *O Tubarão*, Anna. Além disso, disseste que não me querias de pé na água.

– Sou capaz de ter deixado muito claros os meus sentimentos a esse respeito – admiti.

– Se eu pescar da jangada, não passaremos fome.

– Não sei, T. J. Não me parece boa ideia.

– Não irei para muito longe. Só o suficiente para apanhar algum peixe.

O meu estômago rosnou como o cão de Pavlov quando ele falou de peixe.

- Está bem. Mas eu vou contigo.
- Não precisas de ir.
- Claro que preciso.

Tivemos de esvaziar a jangada pneumática para a fazer passar pela porta. Voltámos a enchê-la com a botija de dióxido de carbono e levámo-la para a praia.

– Mudei de ideias – disse eu. – Isto é uma loucura. Devíamos ficar na praia, onde estamos a salvo.

Ele sorriu.

– E que graça teria isso?

Remámos até meio da laguna. O T. J. iscou o anzol e começou a tirar peixes uns atrás dos outros, atirando-os para dentro de um contentor de plástico cheio de água do mar. Eu não conseguia estar quieta nem deixar de olhar por cima da beira da jangada, até que o T. J. me agarrou e me obrigou a sentar a seu lado.

– Estás a pôr-me nervoso – disse, passando-me o braço pelos ombros. – Vou apanhar mais um ou dois peixes e voltamos.

A jangada já não tinha a cobertura posta e o sol estava forte. Eu vestia apenas o biquíni, mas mesmo assim estava cheia de calor. O T. J. usava o meu chapéu de *cowboy*. Tirou-o e enfiou-mo na cabeça.

- Estás a ficar com o nariz vermelho.
- Estou a escaldar. Está muito calor.

Ele passou a mão por cima da borda, apanhou um pouco de água e despejou-ma no peito, ficando a vê-la escorrer num preguiçoso fio até ao meu umbigo. Todo o meu corpo vibrou e a minha temperatura interna subiu cinco graus. O T. J. ia voltar a mergulhar a mão quando interrompeu repentinamente o gesto.

– Lá está ele – disse, e tirou o anzol da água.

Olhei por cima do ombro e fiquei rígida. A barbatana deslizava através da água, a vinte metros de distância, a mover-se na nossa direção. Quando chegou suficientemente perto para podermos vê-lo bem, peguei instintivamente nos remos e entreguei um ao T. J. Vimos o tubarão contornar a jangada, e nenhum de nós disse uma palavra.

– Quero voltar para terra – disse eu, finalmente.

O T. J. assentiu e remámos para a praia. O tubarão seguiu-nos. Com meio metro de fundo, o T. J. saltou para a água e puxou a jangada para a areia comigo ainda sentada lá dentro. Pus-me de pé e saí.

– Que porra vamos nós fazer a este respeito? – perguntou ele.

– Não sei.

Porque a verdade era que não tinha a mínima ideia do que podíamos nós fazer a respeito de um tubarão com quase três metros que resolvera passar a morar na nossa laguna.

Fomos para casa. O T. J. acendeu uma fogueira e eu amanhei e cozinhei o nosso almoço. Comemos o peixe todo, empanturrando-nos depois de termos passado tanto tempo sem nenhum. O T. J. começou a andar de um lado para o outro mal acabou de engolir o último pedaço.

– Não consigo acreditar que estivemos na água com aquela coisa. – Deteve-se e voltou-se para mim. – Podes ficar descansada, não volto a ir para a água. Vou passar a pescar da jangada. Só espero que o estupor não decida dar-lhe uma dentada.

– É esse o problema, T. J. Não podemos esvaziar e voltar a encher a jangada de cada vez que a tiramos ou metemos em casa. Não sei quanto gás nos resta. Enquanto usares a jangada para pescar, vamos ter de mantê-la cá fora. Teremos a cobertura para nos tapar, mas mais nada. E sem as abas de *nylon*, não teremos proteção contra os mosquitos.

O T. J. já estava cheio de ferroadas por passar tanto tempo no bosque.

– É então o tubarão que vai decidir se comemos e onde dormimos?

– Parece que sim.

– Tretas. O tubarão pode dar ordens na água, mas em terra não. Vamos ter de o matar.

Tem de estar a brincar. Enfrentar um notório predador de homens não parecia muito realista, e pensei que além disso podia significar a nossa morte. O T. J. entrou em casa e voltou com a caixa de ferramentas. Pegou na corda e desentrançou uma das pontas até obter três fios separados.

– Em que é que estás a pensar? – perguntei, com medo de ouvir a resposta.

– Se conseguir dobrar alguns pregos e amarrá-los a esta corda, talvez possamos fisgar o tubarão e puxá-lo para fora de água.

– Queres tentar apanhá-lo?

– Sim.

– Da jangada?

– Não, da praia. Se estivermos em terra, talvez tenhamos uma hipótese. Vamos ter de atrair o tubarão para águas menos profundas.

– Bem, sabemos que é possível. Fiquei surpreendida quando o vi chegar tão perto da praia.

O T. J. assentiu. Nenhum de nós referiu o facto de o tubarão ter sido perfeitamente capaz de nadar num metro de água.

O T. J. espetou três pregos na esquina da casa e então usou as orelhas do martelo para os dobrar antes de voltar a arrancá-los. Em seguida atou cada um dos fios de corda à cabeça de um dos pregos, fazendo um triplo anzol.

– Não sei muito bem o que usar como isco – disse.

– Queres tentar apanhar o tubarão *hoje*?

– Quero recuperar a laguna, Anna.

Tinha uma expressão determinada nos olhos, e eu percebi que não ia conseguir fazê-lo mudar de ideias.

– Sei do que é que precisamos.

Não podia crer que estava a preparar-me para participar naquele plano louco.

– O que é?

– Uma galinha. Se a pusermos viva no anzol, vai debater-se e atrair o tubarão.

Ele deu-me uma palmada nas costas.

– Fico contente por ver que estás comigo.

– Relutantemente – disse, mas aceitava que ele tinha de tentar. Apesar do tubarão, e da alforreca, e de outros perigos de que provavelmente nem sequer sabíamos, a laguna era nossa e eu compreendia que o T. J. quisesse lutar por ela. Só esperava que não pagássemos com a vida.

Tínhamos apanhado e comido mais duas galinhas depois da que nos servira de ceia no nosso primeiro Natal. Pensávamos que ainda restava pelo menos uma, duas se tivéssemos sorte. Mas havia já algum tempo que não as víamos nem ouvíamos. Era como se soubessem que estávamos a apanhá-las uma a uma.

Passámos a ilha a pente fino e estávamos prestes a desistir quando ouvimos o bater de asas. Demorámos mais meia hora a apanhá-la. Desviei o olhar quando o T. J. a espetou no anzol.

Entrámos na água até ao peito, atirámos a galinha para o mais longe que pudemos e saímos dali a toda a pressa, esticando a corda para sentirmos qualquer alteração na tensão.

A galinha batia as asas à superfície, a tentar escapar. Vimos, horrorizados, o tubarão saltar da água e abocanhá-la inteira. O T. J. puxou a corda, para cravar o anzol.

– Acho que conseguimos, Anna. Sinto-o puxar.

Recuou vários passos e fincou os calcanhares na areia, segurando a corda com ambas as mãos.

De repente, a corda deu um esticão e o T. J. voou para a frente, aterrando de barriga enquanto o tubarão nadava na direção oposta, afastando-se da praia. Saltei para as costas do T. J. e esgaravatei a areia, partindo duas unhas. O tubarão arrastou-nos aos dois como se não pesássemos nada. Quando conseguimos pôr-nos de pé, tínhamos entrado na água até aos joelhos.

– Põe-te atrás de mim – disse o T. J.

Enrolou duas vezes a corda à volta do braço, e eu agarrei na ponta. Recuámos alguns passos e mantivemo-nos firmes. O tubarão debatia-se de um lado para o outro, a tentar simultaneamente comer a galinha e libertar-se do anzol.

Voltou a puxar-nos para a frente. O T. J. puxou a corda com toda a força de que foi capaz, retesando os músculos dos braços. O suor escorria-me pela cara enquanto mantínhamos aquele jogo da corda, com a água a chegar-nos agora às coxas.

Tinha os braços em fogo e, à medida que os minutos passavam, soube com uma certeza absoluta que nunca íamos conseguir puxá-lo para terra. Pensei que só não tínhamos já sido arrastados porque o tubarão *não quisera*. Teriam sido necessários três homens fortes para terem uma hipótese de êxito e era tempo de desistir.

– Larga a corda. T. J. Temos de sair agora.

Ele não discutiu, mas a corda tinha-se-lhe enrolado com tanta força à volta do braço que não conseguia soltá-la. Debatia-se para se libertar

enquanto o tubarão o puxava para águas cada vez mais profundas, e já tinha perdido o pé quando a corda ficou repentinamente frouxa. Aliviada, pensei que se tinha partido, mas então percebi que o tubarão nadava em direção a nós.

– Sai da água, Anna!

Fiquei petrificada, a ver o T. J. desenrolar freneticamente a corda do braço. A barbatana desapareceu abaixo da superfície e eu soube que ele nunca conseguiria chegar a terra a tempo.

Gritei. Mas então, pelo canto do olho, vi mais barbatanas, a moverem-se tão depressa que passaram como uma mancha confusa. Os golfinhos tinham chegado, dois ou três deles a nadarem juntos.

Saí da água e vi-os rodear o T. J., a protegê-lo enquanto ele nadava para terra. Quando chegou à praia lancei-lhe os braços ao pescoço, a soluçar.

Quatro outros golfinhos tinham-se juntado aos primeiros, e agora eram pelo menos sete. Atacaram o tubarão, batendo-lhe com a ponta do focinho, empurrando-o para a água baixa.

O T. J. viu a ponta da corda a flutuar perto do grupo de golfinhos. Entrou na água e agarrou-a rapidamente. Puxámos, e com alguma ajuda dos golfinhos o tubarão acabou na praia, a abanar a cabeça de um lado para o outro, com algumas penas de galinha a saírem-lhe da boca.

O T. J. levantou-me do chão, num grande abraço. Eu apertei as pernas à volta da cintura dele e gritei e chorei.

Os golfinhos nadavam para trás e para a frente, excitados. Eu e o T. J. corremos para a água e apesar de abraçar golfinhos não ser coisa fácil, conseguimos. Dispersaram minutos mais tarde. Eu e o T. J. saímos da água e detivemo-nos perto do tubarão, que jazia imóvel na areia.

– Não sei o que teria acontecido se os golfinhos não tivessem aparecido – disse eu.

– Estávamos a apanhar uma tarefa, disso não haja dúvida.

– Nunca tive tanto medo em toda a minha vida. Pensei que o tubarão ia comer-te.

Ele abraçou-me, pousando o queixo no alto da minha cabeça.

– Mas não comeu.

– Agora vamos nós comê-lo a ele, não vamos?

– Oh, raios, sim – disse o T. J., com um grande sorriso na cara.

Cortou o tubarão em pedaços com a serra e foi a coisa mais nojenta que eu alguma vez tinha visto. Peguei nos pedaços e, com a faca, cortei-os em bifés. Uma serra e uma faca não eram os instrumentos mais adequados para trincar um tubarão e o sangue cobriu-nos, ensopando o meu biquíni amarelo e os calções dele com um resíduo oleoso. O cheiro era avas-salador, um assalto pungente e metálico cada vez que eu inalava. Íamos ter de enterrar a carcaça num lugar qualquer, mas decidimos preocupar-nos com isso mais tarde.

Avaliei o resultado do nosso trabalho. Tínhamos mais bifés de tubarão do que conseguiríamos comer e íamos ter de deitar fora a maior parte, mas o jantar seria um festim.

O T. J. tinha o peito coberto de sangue.

– Queres lavar-te primeiro? – perguntou ele, depois de termos voltado à casa.

– Não, vai tu. Eu vou fazer puré de fruta-pão. Lavo-me depois.

Havia muitos dias que não me sentia verdadeiramente limpa. Estava ansiosa por usar sabonete e tomar um longo banho em mais do que trinta centímetros de água.

O T. J. entrou em casa e voltou a sair, transportando as suas roupas, o sabonete e o champô.

– Deixa ficar os calções na praia. Vou tentar lavá-los mais tarde.

– OK – disse ele por cima do ombro.

Fiz o puré de fruta-pão. Tinha inventado a receita num dia longo e aborrecido, começando por raspar coco numa rocha e depois espremendo-o através de uma *T-shirt* para fazer leite de coco. Assei fruta-pão e raspei-a também, acrescentando o leite de coco e aquecendo a mistura perto da fogueira numa casca de coco vazia. O T. J. tinha adorado.

Espetei os bifés de tubarão em paus, para poder assá-los na fogueira.

– É a tua vez – disse o T. J. quando voltou, a cheirar muito melhor do que eu. – Vou começar a cozinhar enquanto te lavas. Podemos comer logo que voltares.

– OK. – Apontei para ele. – Nada de atacar o puré de fruta-pão.

Entreí em casa e fui à mala procurar qualquer coisa para vestir. Uma coisa azul chamou-me a atenção.

Porque não?

Tinha todas as razões para me aperaltar. O jantar era sempre especial quando éramos nós a matá-lo, e não o contrário.

CAPÍTULO 26

T. J.

Estendi a manta perto da fogueira e fiquei de olho nos bifés de tubarão, para me certificar de que não se queimavam. Não que importasse muito, porque tínhamos fartura deles, e eu mal podia esperar que ficassem cozinhados para podermos comer.

A Anna veio da praia com o vestido azul e o cabelo molhado penteado para trás. Cheirava a baunilha. Sorri e arqueei as sobrancelhas quando se sentou a meu lado, e ela corou.

– Estás muito bonita – disse eu.

– Obrigada. Resolvi aperaltar-me, uma vez que íamos festejar.

Comemos tanto tubarão quanto pudemos. A textura fazia lembrar a da carne de vaca, e o sabor era mais forte do que o dos pequenos peixes que geralmente comíamos.

– Queres mais fruta-pão? – perguntei. Em vez de responder, ela arrotou. – Anna, estou *chocado* – brinquei. – Nunca te tinha ouvido arrotar.

– Porque eu sou uma *senhora*. E porque nunca tive comida suficiente no estômago para me fazer arrotar. – Sorri. – Uau. Soube bem.

– Então queres mais? Já quase não há.

– Claro – disse ela, a rir. – Agora já tenho espaço.

Eu já tinha apanhado um pedaço de puré de fruta-pão com os dedos. Sem pensar, estendi-lhos. Ela parou de rir e olhou para mim e eu fiquei

sem saber muito bem o que aquele olhar significava. Esperei, e ela inclinou-se para a frente e abriu a boca. Enfiei os dedos lá dentro, perguntando a mim próprio se os meus olhos estariam tão grandes como os dela. Quando ela chupou o puré de fruta-pão, quase fiquei sem fôlego.

– Mais?

Assentiu muito ao de leve com a cabeça, e pareceu-me que a respiração dela também não estava muito normal. Apanhei mais um pedaço de puré e dessa vez, quando meti os dedos na boca dela, pousou-me a mão no pulso.

Esperei que acabasse de engolir e então passei-me completamente.

Segurei-lhe a cara com ambas as mãos e beijei-a, com força. Ela abriu a boca e eu enfiei a língua lá dentro. Podia ter ficado a beijá-la durante dias, e se ela me tivesse dito para parar não sei se teria sido capaz.

Mas não o fez. Passou-me os braços pelo pescoço, apertou-se contra mim e beijou-me com tanta força como eu a estava a beijar a ela. Puxei-a para o colo e ela ficou com uma perna para cada lado, e eu gemi dentro da boca dela quando se sentou em cima da minha ereção, com o vestido levantado até à cintura.

Beijou-me o pescoço, a lamber e a chupar até ao ombro. Foi uma sensação incrível. Puxei-lhe o vestido por cima da cabeça, peguei-lhe e deitei-a de costas. Enfiei os dedos sob as cuecas dela, e ela levantou as ancas para que pudesse tirar-lhas. Beijei-a freneticamente, as minhas mãos a mexerem-se à toa porque não conseguia decidir onde queria mais tocar-lhe.

– Mais devagar, T. J. – murmurou ela.

– Não consigo.

Ela enfiou a mão no meio dos dois e puxou-me pelos calções. Despi-os, e mal fiquei nu ela agarrou-me. Vim-me vinte segundos mais tarde, surpreendido por ter demorado tanto tempo.

Quando consegui voltar a pensar, beijei-a e passei as mãos por cada centímetro do corpo dela, dessa vez mais devagar. Toquei-a em lugares onde não me passara pela cabeça tocar-lhe e, a julgar pelos barulhos que ela fazia, suponho que deve ter gostado.

Quando fiquei outra vez pronto, o que não tardou muito, puxei-a para cima de mim. Estar dentro dela foi diferente de tudo o que alguma vez

tinha sentido. A Emma estivera nervosa e tensa, e eu com medo de a magoar, mas a Anna parecia relaxada, como se soubesse o que estava a fazer. Sentou-se muito direita, com as palmas das mãos apoiadas na minha barriga, movendo-se ao seu próprio ritmo. A vista era espantosa. Vi-a fechar os olhos e arquear as costas, e uns minutos mais tarde, quando a expressão dela mudou e a ouvi gritar, agarrei-lhe as ancas com força e vim-me como nunca tinha acontecido em toda a minha vida.

Depois, abracei-a e murmurei:

– Foi uma coisa género uma só vez e acabou-se, tu e eu?

– Não.

CAPÍTULO 27

ANNA

Fomos para casa quando a noite caiu e os mosquitos chegaram. O T. J. deitou-se a meu lado e tapou-me com a manta. Enroscou o corpo nu no meu e segundos depois estava a dormir.

Eu estava bem acordada.

Quando ele me beijara, não tinha parado para pensar antes de retribuir o beijo. Éramos dois adultos, mas por mais voltas que desse na minha cabeça sabia que se alguma vez saíssemos daquela ilha e as pessoas soubessem o que tínhamos feito, haveria repercussões. Ali deitada no escuro, com o T. J. agarrado a mim, pensei, em jeito de justificação, que o que tínhamos feito fora bom, e que se alguém merecia uma coisa boa éramos nós. Além disso, era um assunto nosso e de mais ninguém.

Pelo menos, foi o que disse a mim mesma.

Com um joelho apoiado no chão, o boné de *baseball* do T. J. enfiado na cabeça e o cabelo puxado para trás para não atrapalhar, tinha à minha frente o pau encurvado que o T. J. usava para acender as fogueiras, dois pequenos pedaços de madeira e um ninho de cascas de coco, gravetos e ervas secas pousados no chão.

Uma semana, mais ou menos, depois de termos matado o tubarão, o T. J. fizera notar que havia uma coisa que eu ainda não sabia fazer. Era sempre ele que acendia as fogueiras, e queria certificar-se de que eu também era capaz. Tinha estado a ensinar-me, e eu começava a apanhar-lhe o jeito, apesar de ainda não ter conseguido mais do que uma data de fumo e rios de suor.

– Estás pronta? – perguntou ele.

– Estou.

– OK. Força.

Peguei num pau, passei-o pelo laço do atacador e usei o arco para o fazer girar. Ao fim de dez minutos, tinha fumo.

– Continua – disse ele. – Estás quase lá. Tens de fazer rodar o pau o mais depressa que puderes.

Fiz girar o meu pau mais depressa e passados vinte minutos, com os braços doridos e o suor a escorrer-me pela cara, vi uma pequena brasa. Tirei-a do pedaço de madeira e empurrei-a para o ninho inflamável que estava ao lado. Peguei no ninho, aproximei-o da cara e comecei a soprar muito ao de leve.

Irrompeu em chamas e eu deixei-o cair.

– Oh, meu Deus!

O T. J. bateu com a mão dele na minha.

– Conseguieste!

– Eu sei. Quanto tempo achas que demorei?

– Não muito. Mas não quero saber se o fazes depressa ou devagar. Só quero saber que és capaz de o fazer. – Tirou-me o chapéu da cabeça e beijou-me. – Bom trabalho.

– Obrigada.

A proeza era uma satisfação agridoce, pois mesmo que eu soubesse acender uma fogueira sozinha, só teria necessidade de o fazer se acontecesse alguma coisa ao T. J.

CAPÍTULO 28

T. J.

E stávamos a almoçar quando uma galinha saiu do bosque. – Anna, olha para trás.

Ela voltou-se.

– Que diabo?

Ficámos a ver a galinha aproximar-se. A debicar o chão, como se não tivesse pressa nenhuma.

– Afinal sempre havia mais uma – disse eu.

– Sim, a estúpida da bando – observou a Anna. – E no entanto é a única sobrevivente, de modo que alguma coisa deve ter feito bem.

A galinha aproximou-se da Anna, que lhe disse:

– Olá. Sabes o que fizemos ao resto das tuas amigas?

A galinha pôs a cabeça de lado, como se estivesse a tentar perceber o que ela dizia. A boca encheu-se-me de água. Pensei no jantar de galinha que eu e a Anna íamos ter. Mas então a Anna disse:

– Não matamos esta, T. J. Talvez ponha ovos.

Construí um pequeno redil. A Anna pegou na galinha e pô-la lá dentro. A bicha sentou-se e olhou para nós, como se estivesse feliz com a sua nova casa. A Anna deitou um pouco de água numa casca de coco.

– O que é que as galinhas comem? – perguntou.

– Sei lá. Tu é que és a professora.

– Ensino *Inglês*. Numa área urbana.

Aquela deitou-me abaixo.

– Bem, não sei o que é que as galinhas comem. – Inclinei-me para o redil e disse: – É melhor pões ovos, porque de momento não passas de mais uma boca para alimentar, e se não gostas de coco, fruta-pão e peixe, é muito possível que não te dêes bem aqui.

Juro por Deus que a galinha assentiu com a cabeça.

No dia seguinte, pôs um ovo. A Anna partiu-o para dentro de uma casca de coco e mexeu-o com o dedo. Pôs o coco junto à fogueira e esperou que cozesse. Quando achou que estava pronto, dividiu-o entre os dois.

– Isto é fantástico – disse.

– Eu sei. – Arrumei a minha metade em duas dentadas. – Há séculos que não comia ovos mexidos. Sabem exatamente como me lembrava.

A galinha pôs outro ovo dois dias mais tarde.

– Tiveste uma boa ideia, Anna.

– A *Galinha* também deve achar o mesmo – respondeu ela.

– Deste o nome de *Galinha* à galinha?

Ela fez um ar embaraçado.

– Quando decidimos não a matar, afeiçoei-me a ela.

– Tubo bem – disse eu. – Alguma coisa me diz que a *Galinha* provavelmente também gosta de ti.

Fomos os dois até à laguna para tomar banho. Quando chegámos, deixei cair os calções, entrei na água e voltei-me para a ver despir-se.

Não se apressou, despindo primeiro o *top* para depois baixar lentamente os calções e as cuecas.

Quem me dera que ela pudesse fazer aquilo ao som de música.

Juntou-se a mim na água, e eu lavei-lhe os cabelos.

– Estamos quase sem champô – disse ela, e mergulhou a cabeça para se enxaguar.

– Quanto é que temos?

– Não sei, talvez o suficiente para mais uns meses. E não estamos muito melhor de sabonete.

Trocámos de lugares e ela lavou-me a cabeça. Eu pus sabonete nas mãos e ensaboei-a toda, e ela fez-me o mesmo a mim. Depois de nos lavarmos, sentámo-nos na areia e deixámos que a brisa nos secasse a pele. A Anna sentou-se à minha frente e reclinou-se para trás até ficar com as costas apoiadas no meu peito, a relaxar enquanto o sol descia em direção ao horizonte.

– Uma vez vi-te tomar banho – confessei eu. – Andava à procura de lenha e não estava a prestar atenção. Tu entraste na água, nua, e eu escondi-me atrás de uma árvore e fiquei a ver. Não devia tê-lo feito. Tu confiavas em mim, mas eu fi-lo de todos os modos.

– Espreitaste-me mais vezes?

– Não. Quis fazê-lo, montes de vezes, mas nunca fiz. – Inspirei fundo e deixei escapar o ar. – Estás zangada?

– Não. Sempre perguntei a mim mesma se tentarias espreitar. Dessa vez, eu... hã...?

– Sim.

Pus-me de pé e peguei-lhe na mão. Fomos para casa e deitámo-nos na jangada pneumática e depois ela disse-me que eu era muito melhor do que óleo para bebé e a mão.

CAPÍTULO 29

ANNA

Sentei-me à beira da água e pintei as unhas dos pés de cor-de-rosa. Era uma parvoíce, considerando as circunstâncias, mas tinha o verniz na mala, e tinha tempo, de modo que resolvi pintá-las.

O T. J. aproximou-se.

– Tens uns dedos dos pés muito bonitos.

– Obrigada – respondi, iniciando uma nova camada. – Já te falei da Lucy, a minha manicura?

Ele riu-se.

– Nem sequer sei o que isso é.

– A rapariga que me arranja as unhas.

– Ah. Não, nunca me falaste dela.

– Costumava ir à Lucy de quinze em quinze dias, ao sábado.

O T. J. arqueou uma sobrancelha.

– É verdade, os meus custos de manutenção eram um pouco mais elevados em Chicago do que aqui. De todos os modos, o inglês não era a língua materna da Lucy, e eu nunca soube qual era, só sabia que não conseguia falá-la. Mas isso não nos impedia de termos longas conversas, embora nenhuma de nós percebesse tudo aquilo que a outra dizia.

– Do que é que falavam?

– Não sei, de coisas. Ela sabia que eu era professora e que tinha um namorado chamado John. Eu fiquei a saber que ela tinha uma filha de treze anos e que adorava ver concursos na TV. Era tão simpática. Chamava-me querida e dava-me sempre um abraço quando eu chegava e quando me ia embora. E perguntava-me, sempre que lá ia, quando é que eu e o John casávamos. Parece que uma vez tínhamos tido um grave problema de comunicação e eu lhe tinha prometido que seria ela a tratar das unhas das damas de honor.

Tapei o frasco de verniz e examinei as unhas dos pés. Não tinha feito grande trabalho.

– A Lucy matava-se se visse estas unhas. – Olhei para o T. J. Tinha uma expressão estranha, que não consegui interpretar. – Que se passa?

– Nada.

– Tens a certeza?

– Sim. Vou pescar. É melhor deixares secar o verniz.

– OK.

Parecia outra vez normal quando voltou com o peixe, de modo que fosse o que fosse que o tinha perturbado, passara-lhe depressa.

– Porque é que não andas sempre nua? – perguntou o T. J. – Porque é que te vestes?

– Estou nua agora.

– Eu sei. Foi por isso que me lembrei de perguntar.

Estávamos à beira da laguna, a tentar lavar a roupa suja, incluindo a que tínhamos levado vestida.

– Ainda cheira mal? – perguntou ele, a estender-me uma *T-shirt* para eu cheirar.

– Talvez um pouco.

Era difícil lavar fosse o que fosse, considerando que tínhamos ficado sem *Woolite* havia mais de um ano. Agora agitávamos a roupa de um lado para o outro na água e dávamo-nos por satisfeitos.

– Se andássemos sempre nus, não precisávamos de lavar roupa – disse ele, com um grande sorriso na cara. Saímos da água e estendemos a roupa na corda que tínhamos pendurado entre duas árvores.

– Se eu andasse sempre nua, tu deixavas de reparar passado algum tempo.

Ele bufou.

– Oh, reparava, pois.

– Isso é o que tu pensas agora, mas com o tempo deixavas de reparar.

Olhou para mim como se eu fosse maluca. Quando voltámos a casa, estendeu-se em cima da manta.

Eu também não me tinha vestido, porque tudo o que tínhamos estava molhado. Deitei-me voltada para ele, apoiada no cotovelo.

– Ah, essa sim, é uma bonita pose – disse ele. – Gosto.

– Seria como comeres o teu prato favorito ao almoço e ao jantar, todos os dias. Ao princípio seria ótimo, mas passado algum tempo deixarias de o querer. Deixaria de te saber tão bem.

– Anna, tu hás de saber *sempre* bem.

Inclinou-se e beijou-me o pescoço.

– Mas, com o tempo, acabarias por te fartar – insisti eu.

– Nunca.

Entretanto, tinha transferido os beijos um pouco mais para baixo.

– Podia acontecer – teimei, mas por esta altura já nem eu própria acreditava muito nisso.

– Ná – disse ele, passando ainda mais para baixo até que finalmente deixou de responder porque é praticamente impossível falar quando se está a fazer o que ele estava a fazer.

A *Galinha* aproximou-se e saltou-me para o colo.

O T. J. riu-se, estendeu a mão e afagou-lhe as penas.

– Passo-me quando ela faz isso – disse.

Já não precisávamos de a manter fechada no redil. Uma vez deixei-a sair e esqueci-me de voltar a pô-la lá, e ela andou de um lado para o outro mas não tentou fugir.

– Eu sei, é tão estranho. Ela gosta verdadeiramente de mim, sabe-se lá porquê.

Dei-lhe uma palmadinha na cabeça.

– É porque tu trataas dela.

- Adoro animais. Sempre quis ter um cão, mas o John era alérgico.
- Talvez possas ter um quando voltarmos para casa – disse o T. J.
- Um *golden retriever*.
- É o género de cão que queres?
- Sim. Um já crescido, que ninguém queira. De um canil. Vou ter o meu apartamento e adotá-lo e levá-lo para casa.
- Tens pensado nisso?
- Tenho tido tempo para pensar numa porção de coisas, T. J.

Algumas noites mais tarde, quando estávamos na cama, o T. J. gemeu e deixou-se cair em cima de mim, ofegante.

- Uau – disse eu, sentindo o corpo dele relaxar.
 - Foi bom? – perguntou, beijando-me no pescoço.
 - Sim. Onde é que aprendes a fazer estas coisas?
- Ele riu-se, ainda a recuperar o fôlego.
- Tenho uma excelente professora, que me deixa praticar sempre que quero até sair tudo na perfeição.

Saí de cima de mim e puxou-me para que pudesse descansar a cabeça no peito dele. Eu aninhei-me, satisfeita e sonolenta. Ele acariciou-me as costas.

Só aos vinte e seis ou vinte e sete anos é que eu tinha descoberto o que queria na cama. Quando tentara explicar ao John, ele não parecera muito entusiasmado com a ideia. O T. J., pelo contrário, não hesitara em perguntar-me do que gostava, de modo que eu não hesitara em dizer-lho, e a coisa estava a resultar espetacularmente.

Suspirei.

- Um dia, hás de fazer uma mulher muito feliz, T. J.
- Ficou tenso e parou de acariciar-me as costas.
- Só quero fazer-te feliz a ti, Anna.
- A maneira como o disse, e a rejeição que ouvi na voz dele, fez-me desejar não ter dito aquilo.

– Oh, e fazes, T. J. – apressei-me a dizer. – Fazes.

No dia seguinte, quase não falou. Entrei na água quando estava a pescar e detive-me a seu lado.

– Desculpa – disse. – Magoei-te, e isso era a última coisa que queria fazer.

Ele manteve os olhos na linha de pesca.

– Eu sei que esta coisa entre nós nunca teria acontecido em Chicago, mas, por favor, não fales em dizer-me adeus enquanto ainda estamos aqui.

Pousei a mão no braço dele.

– Quando disse aquilo, a respeito de fazeres outra mulher feliz, não foi por ir ser eu a dizer adeus. T. J. Tu é que vais.

Voltou-se para mim, com uma expressão confusa.

– Porque hei de ser eu a dizer-te adeus?

– Porque eu sou treze anos mais velha do que tu. Este pode ser o nosso mundo, mas não é o mundo real. Há uma grande quantidade de coisas que ainda não experimentaste. Não quero que fiques amarrado seja a quem for.

– Tu não sabes o que eu quero, Anna. Além disso, já não penso no futuro. Deixei de pensar nisso desde que aquele avião não voltou. Tudo o que sei é que me fazes feliz e que quero estar contigo. Não podes ser assim comigo, também?

– Sim – murmurei. – Posso.

Querida dizer-lhe que nunca mais faria nada que pudesse magoá-lo. Mas tive medo que fosse uma promessa que talvez não pudesse cumprir.

*

O T. J. fez dezanove anos em setembro.

– Parabéns – disse eu. – Fiz-te puré de fruta-pão.

Entreguei-lhe a casca de coco e inclinei-me para lhe dar um beijo, mas ele puxou-me para o colo e insistiu em partilhar.

– Porque é que nunca festejamos o teu aniversário? – Lançou-me um olhar embaraçado. – Quando é que é, afinal?

– A 2 de maio. Suponho que não sou muito de festas de anos.

Sempre adorei festejar o meu dia de anos até o John ter estragado tudo. Quando fiz vinte e sete anos, convenci-me de que ele ia pedir-me em casamento, porque tinha reservado mesa num restaurante, dissera-me que me vestisse bem e convidara os nossos amigos para uma bebida antes do jantar. Imaginei-o de joelhos a oferecer-me um anel e mal conseguia conter a excitação quando o táxi nos deixou em frente do restaurante. Entrámos e

já lá estava toda a gente, quase como numa festa-surpresa. Quando serviram o champanhe, o John tirou o estojo da *Tiffany* do bolso e ofereceu-me um par de brincos com diamantes. Mantive o sorriso no rosto durante o resto da noite, mas, mais tarde, a Stefani levou-me para a casa de banho e abraçou-me. Depois daquilo, fixei as minhas expectativas o mais baixo possível, o que foi inteligente da minha parte porque, nos três aniversários seguintes, ele sem sequer me comprou uma joia.

– Quero festejar o teu próximo aniversário, Anna.

– OK.

A estação das chuvas terminou em novembro. O Dia de Ação de Graças chegou e passou como qualquer outro dia, mas no Dia de Natal o T. J. encontrou um caranguejo enorme à beira da laguna. A boca encheu-se de água enquanto ele o empurrava para a fogueira com um pau. O caranguejo ferrou a ponta do pau com uma pinça gigantesca, enquanto abria e fechava a outra sem parar. Finalmente, o T. J. conseguiu atirá-lo para as chamas, e pouco depois estávamos a empanturrar-nos, partindo as patas com o alicate e arrancando a carne com os dedos.

– Faz-me lembrar o nosso primeiro Natal, quando apanhámos a galinha e festejámos com qualquer coisa que não era peixe – disse o T. J.

– Parece que foi há tanto tempo – respondi eu, a fazer força para reter as lágrimas.

– Estás bem?

– Estou. Só tinha pensado que talvez este Natal já estivéssemos em casa.

Ele passou-me o braço pelos ombros.

– Talvez para o ano, Anna.

Em fevereiro, acordei de uma sesta. Em cima da manta, a meu lado, havia um pequeno ramalhete feito com as flores dos vários arbustos e moitas espalhados pela ilha, preso com um pedaço de corda.

Encontrei o T. J. junto à laguna.

– Alguém andou a ver o calendário.

Ele sorriu.

– Não quis deixar passar o Dia dos Namorados.

Beije-o.

– És tão querido.

Ele puxou-me para mais perto e disse:

– Não é difícil, Anna.

Olhei-o nos olhos, e ele olhou-me nos olhos. Enlacei-lhe o pescoço com os braços e dançámos, movendo-nos num círculo, a areia quente e macia sob os nossos pés.

– Não precisas de música, pois não?

– Não – disse ele. – Mas preciso de ti.

Dias mais tarde, passeávamos os dois pela praia ao pôr do sol.

– Tenho saudades da minha mãe e do meu pai. Tenho pensado muito neles, ultimamente. E na minha irmã e no meu cunhado também. E no Joe e na Chloe. Espero que venhas a conhecê-los um dia, T. J. Vão gostar de ti.

– Também eu espero que sim.

Por aquela altura, eu sabia que, se fôssemos salvos, ele teria de fazer parte da minha vida em Chicago. De que forma, não sabia. Havia muita coisa que ele perdera, e não seria justo açambarcar-lhe demasiado tempo. A parte de mim que era egoísta, no entanto, não conseguia imaginar não adormecer nos braços dele ou estar com ele todos os dias. Precisava dele e a ideia de estarmos separados perturbava-me mais do que queria admitir.

CAPÍTULO 30

T. J.

— **A**нна. — Sussurrei o nome dela. — Estás acordada. — Hmmm — disse ela.

— Continuas a amar aquele tipo?

Sabia o nome dele, mas não queria dizê-lo. Estava a abraçá-la por trás, peito contra costas. Ela voltou-se para ficar de frente para mim.

— O John? Não, já não o amo. Há muito tempo que não penso nele. Porquê?

— Estava a pensar. Não liguês, dorme.

Beijei-a na testa e apertei-a contra o peito.

Mas ela não adormeceu. Em vez disso, fizemos amor.

A Anna fez trinta e três anos em maio, e nós festejámos o aniversário dela pela primeira vez desde que estávamos na ilha. Caía uma chuva ligeira e, deitados ao lado um do outro na jangada pneumática, ouvíamos o ritmo regular das gotas a baterem no telhado da casa.

— Não te comprei nada. Disseste-me há muito tempo que o centro comercial da ilha é uma porcaria — disse eu.

Ela sorriu.

— Tem muito pouca coisa.

– Pois tem. De modo que vamos ter de fingir. Se estivéssemos em casa, íamos jantar fora e depois eu oferecia-te uma data de prendas. Mas uma vez que não estamos em casa, vou só dizer-te as coisas espetaculares que tenho para te dar. OK?

– Ora, não era preciso – brincou ela.

– Tu mereces tudo. OK, a tua primeira prenda são livros. Os mais recentes *bestsellers*.

Ela suspirou.

– Tenho saudades de ler.

– Eu sei que tens.

Aconchegou-se mais a mim.

– És ótimo neste jogo. Que mais tens para mim?

– Ah, há alguém que está a gostar de fazer anos. A próxima prenda é música.

– Fizeste-me uma compilação? – perguntou.

Sorri e comecei a fazer-lhe cócegas.

– Com todos os teus clássicos de *rock* preferidos.

Ela contorceu-se e riu, e rebolou para cima de mim, a tentar prender-me as mãos debaixo do corpo para que não pudesse continuar a fazer-lhe cócegas.

– Adoro – disse. – Livros e música. As minhas coisas preferidas. Obrigada. – Beijou-me. – Há muito tempo que não tinha um dia de anos tão bom.

– Ainda bem que gostaste.

Tirei os braços de debaixo dela e prendi-lhe o cabelo atrás das orelhas.

– Amo-te, Anna.

A expressão de surpresa na cara dela disse-me que não estava à espera daquela.

– Não era suposto apaixonares-te – sussurrou.

– Talvez não, mas aconteceu – disse eu, olhando-a nos olhos. – Estou apaixonado por ti há meses, e digo-te isto agora porque acho que tu também me amas, Anna. Só julgas que não devias. Diz-me quando estiveres pronta. Posso esperar. – Puxei a boca dela para a minha e beijei-a, e quando acabou sorri e disse. – Feliz aniversário.

CAPÍTULO 31

ANNA

Eu devia ter percebido que ele estava a apaixonar-se. Os sinais estavam todos lá, e já há algum tempo. Foi só depois de ele ter adoecido que me arrependi de não lhe ter dito que tinha toda a razão.

Também eu o amava.

Uma semana depois do meu aniversário, deitei-me ao lado dele e encontrei-o já a dormir. Tinha ido à casa de banho, e depois fora encher a garrafa no depósito de água, mas só me atrasara alguns minutos. O T. J. nunca adormecia antes de fazermos amor.

Continuava a dormir na manhã seguinte, quando acordei, e ainda não tinha acordado quando fui pescar e apanhar cocos e fruta-pão.

Enfiei-me na cama. Ele abriu os olhos, mas parecia cansado. Beijei-o no peito.

– Sentes-te bem? – perguntei.

– Sim, estou só um pouco cansado.

Beijei-lhe o pescoço, como sabia que ele gostava, mas afastei-me abruptamente.

– Eh, não pares.

Pousei a mão no pescoço dele.

– Tens aqui um alto, T. J.

Ele levantou a mão e apalpou-o com as pontas dos dedos.

- Não deve ser nada.
- Prometeste que me dizias se notasses alguma coisa.
- Nem sabia que isso estava aí.
- Estás com um ar muito cansado.
- Estou ótimo.

Beijou-me e tentou despir-me a camisa.

Sentei-me, fora do alcance dele.

– Então o que é esse alto?

– Não sei. – Levantou-se da cama. – Não te preocupes com isso, Anna.

Depois do pequeno-almoço, deixou-me voltar a apalpar-lhe o pescoço, com relutância. Tateei ao de leve com as pontas dos dedos debaixo do queixo, e encontrei gânglios linfáticos inchados de ambos os lados. Teria suado durante a noite? Não tinha a certeza. Parecia não ter perdido peso; eu teria notado se isso tivesse acontecido. Nenhum de nós disse nada a respeito do que os altos podiam significar. Ele parecia exausto, de modo que o mandei voltar para a cama. Fui até à laguna, entrei na água e fiquei a flutuar de costas, a olhar para o céu azul e sem uma nuvem.

O cancro voltou. Eu sei, e ele também sabe.

Acordou para almoçar, mas logo a seguir voltou a adormecer e à hora do jantar ainda dormia. Entrei em casa para ver como estava. Quando me inclinei para lhe beijar a cara, a pele dele queimou-me os lábios.

– T. J.! – Ele gemeu e eu toquei-lhe a testa escaldante com as costas da mão. – Volta já. Vou buscar o *Tylenol*.

Encontrei a caixa de primeiros socorros e sacudi dois comprimidos de *Tylenol* para a palma da mão. Ajudei-o a engoli-los com um pouco de água, mas minutos mais tarde ele vomitou tudo.

Limpei-o com uma *T-shirt* e tentei mudá-lo para uma parte mais seca da manta. Gritou quando lhe toquei.

– Está bem, está bem, não te mexo. Mas diz-me onde te dói.

– A cabeça. Atrás dos olhos. Por todo o lado.

Depois disto, ficou imóvel e não disse mais nada.

Esprei um pouco e então tentei dar-lhe mais *Tylenol*. Estava com medo de que voltasse a vomitar, mas dessa vez conseguiu aguentá-los.

– Daqui a um bocadinho já te sentes melhor – disse eu, mas quando voltei a verificar, meia hora mais tarde, a testa dele estava ainda mais quente.

Passou a noite a arder em febre. Voltou a vomitar e não me deixava tocar-lhe porque dizia que era como se estivessem a partir-lhe os ossos todos.

No dia seguinte, dormiu durante horas. Não comeu nada e quase não bebeu água. Tinha a testa tão quente que tive medo que a febre lhe fritasse o cérebro.

Aquilo não era cancro. Os sintomas tinham aparecido demasiado subitamente.

Mas se não é cancro, o que é? E que raios posso eu fazer?

A febre não baixava, e eu nunca desejei tanto ter gelo como naqueles momentos. Estava tão quente, e a *T-shirt* que eu molhava e espremia estava provavelmente demasiado morna para lhe refrescar a testa, mas não sabia o que mais fazer.

Os lábios dele estavam secos e gretados, e consegui fazê-lo engolir um pouco de água e dois comprimidos de *Tylenol*. Queria segurá-lo nos braços, confortá-lo, afastar-lhe o cabelo dos olhos, mas qualquer toque lhe causava dores, de modo que não o fiz.

No terceiro dia, apareceu-lhe uma urticária. Grandes manchas vermelhas e brilhantes cobriam-lhe a cara e o corpo. Pensei que talvez a febre estivesse prestes a ceder, que a urticária era um sinal de que o corpo estava a combater a doença, mas na manhã seguinte a urticária estava pior e pareceu-me ainda mais quente. Inquieto e irritável, perdia e recuperava a consciência de longe a longe, deixando-me em pânico quando não conseguia acordá-lo.

No quinto dia, começou a sangrar do nariz e da boca. O medo invadiame em grandes vagas enquanto tentava limpar o sangue com o meu *top* branco; ao fim da tarde, o *top* estava vermelho. Disse a mim mesma que as hemorragias tinham diminuído, mas não tinham. O corpo cobriu-se-lhe de nódoas negras, nos sítios onde o sangue se acumulava debaixo da pele. Eu passava horas deitada ao lado dele, a chorar e a segurar-lhe na mão. «Por favor, não morras. T. J.»

Quando o sol nasceu na manhã seguinte, abracei-me a ele. Se o meu toque lhe causou alguma dor, não o mostrou. A *Galinha* andava a raspar o chão junto à jangada pneumática e eu inclinei-me e peguei-lhe. Agachou-se ao lado do T. J. e recusou sair de lá. Deixei-a ficar.

– Não estás sozinho, T. J. Eu estou aqui.

Afastei-lhe o cabelo da cara e beijei-lhe os lábios. Caí num sono inquieto e sonhei que eu e o T. J. estávamos num hospital e o médico me dizia que devia estar feliz porque ao menos não era cancro.

Quando acordei, encostei o ouvido ao peito dele e chorei de alívio ao ouvir o bater do coração. Ao longo do dia, a urticária desapareceu e as hemorragias diminuíram e finalmente cessaram. Nessa noite, comecei a pensar que talvez ele vivesse.

Na manhã seguinte, tinha a testa fresca quando lhe toquei. Fez um som quando tentei acordá-lo, o que me levou a pensar que estava a dormir e não inconsciente. Saí de casa para apanhar cocos e fruta-pão e enchi vários contentores com água do reservatório, com várias interrupções para ir ver como ele estava.

Acendi uma fogueira. Não tinha maneira de me cronometrar, mas se tivesse de fazer um cálculo, diria que demorei menos de vinte minutos.

Nada mau para uma rapariga da cidade.

Lavei os dentes. Estava a precisar desesperadamente de um banho – havia dias que não me aproximava da água – mas não queria deixar o T. J. sozinho durante tanto tempo. Ao fim da tarde, deitei-me ao lado dele, a segurar-lhe a mão. As pálpebras dele estremeceram e então abriram-se completamente. Apertei-lhe ao de leve os dedos e disse:

– Olá.

Voltou a cara para mim e piscou os olhos, a tentar focar-me. Franziu o nariz.

– Cheiras mal, Anna.

Comecei a rir e a chorar ao mesmo tempo.

– Olha que tu não cheiras muito melhor, Callahan.

– Dás-me um pouco de água?

A voz dele arranhava. Ajudei-o a sentar-se para que pudesse beber da garrafa de água que tinha preparada.

– Não bebas demasiado depressa. Não quero que vomites. – Deixei-o beber meia garrafa e então ajudei-o a deitar-se para trás. – Bebes o resto daqui a pouco.

– Não me parece que o cancro tenha voltado.

– A mim também não – concordei.

– O que é que achas que foi?

– Qualquer coisa viral, caso contrário não estaríamos a ter esta conversa. Tens fome?

– Tenho.

– Vou buscar-te um pedaço de coco. Lamento, mas não há peixe. Não tenho ido à laguna, ultimamente.

Pareceu surpreendido.

– Quanto tempo estive apagado?

– Alguns dias.

– A sério?

– Sim. – Os olhos encheram-se-me de lágrimas. – Pensei que ias morrer – murmurei. – Estavas muito doente e não havia nada que eu pudesse fazer exceto estar a teu lado. Amo-te, T. J. Devia ter-te dito antes.

As lágrimas corriam-me pela cara.

Ele puxou-me para si e disse:

– Eu também te amo, Anna. Mas tu já sabias disso.

CAPÍTULO 32

T. J.

Bebi água enquanto a Anna foi pescar. Quando voltou, cozinhou o peixe e deu-me de comer na cama.

– Fizeste uma fogueira – disse eu.

– Pois fiz – disse ela, e parecia muito orgulhosa.

– Tiveste algum problema?

– Nenhum.

Eu só queria despejar comida para dentro da boca, mas a Anna não deixou.

– Não comas demasiado depressa – disse.

Moderei o ritmo, dando ao estômago tempo para se habituar a ter qualquer coisa lá dentro.

– O que está a *Galinha* a fazer na cama connosco? – perguntei. Ainda não tinha reparado, mas lá estava ela sentada num canto da jangada, sem fazer barulho e com o ar de quem se sentia muito confortável.

– Também estava preocupada contigo. Agora só gosta de estar aqui.

Mais tarde, eu e a Anna fomos até à praia tomar um banho, com duas paragens para eu descansar.

Ela levou-me até à água, pôs sabonete nas mãos e esfregou-me a pele. Quando fiquei limpo, lavou-se a si mesma. Os ossos quase lhe furavam a pele, e dava até para lhe contar as costelas.

– Não comeste nada enquanto eu estive doente?

– Nem por isso. Tinha medo de te deixar. – Passou-se por água e ajudou-me a pôr de pé. – Além disso, tu também não comias.

Pegou-me na mão e voltámos a casa. A dada altura, parei.

– O que foi? – perguntou ela.

– Esse namorado que tinhas devia ser um parvalhão de todo o tamanho.

Ela sorriu.

– Anda lá. Precisas de descansar.

Tomar banho tinha-me cansado tanto que não discuti. Quando chegámos a casa, ela ajudou-me a deitar e estendeu-se a meu lado e segurou-me a mão até eu adormecer.

Não tive muita energia durante o resto da semana e a Anna estava com medo de uma recaída. Passava a vida a tocar-me na testa para ver se tinha febre e obrigava-me a beber litros de água.

– Porque é que estou cheio de nódoas negras? – perguntei.

– Sangraste da boca e do nariz e, ao que parece, debaixo da pele também. Foi o que me assustou mais, T. J. Sabia que uma pessoa só pode perder uma certa quantidade de sangue, mas não sabia quanto.

Ouvir aquilo assustou-me. Deixei de pensar no assunto e concentrei-me em coisas mais agradáveis, como beijar a Anna e despir-lhe a *T-shirt*.

– Não há dúvida de que estás melhor – disse ela.

– *Ya*. Mas vais ter de ficar por cima. Não tenho forças para mais.

– A tua sorte é que eu gosto de ficar por cima – respondeu ela, e beijou-me.

– Pois é, sou um sortudo.

Mais tarde, enquanto eu a abraçava, disse-lhe:

– Amo-te.

– Eu também te amo.

– O que foi que disseste?

– Disse que também te amava. – aninhou-se contra mim e riu-se. – Tinhas ouvido da primeira vez.

Em junho de 2004, fez três anos que eu e a Anna estávamos na ilha. Não tínhamos voltado a ver mais aviões depois do que passara por cima de nós dois anos antes. Receava que nunca mais nos encontrassem, mas não tinha perdido completamente a esperança. Não sei se a Anna podia dizer o mesmo.

– Só temos este sabonete.

A Anna mostrava-me um frasco de gel de banho, onde já restava muito pouco. Havia muito que o champô e o creme de barbear tinham acabado. Ela continuava a fazer-me a barba, mas tínhamos chegado à nossa última lâmina, que estava tão romba que me dava cabo da pele, fazendo sangue por mais cuidado que tivesse. Esfregávamos areia no couro cabeludo – a nossa versão de champô seco – e ajudava, mais ou menos. A Anna convenceu-me a queimar-lhe uma parte do cabelo. Peguei fogo às pontas e despejei-lhe água em cima da cabeça, encurtando-o cerca de vinte centímetros. O cheiro a cabelo queimado levou dias a desaparecer.

Também já não tínhamos pasta de dentes. Usávamos sal para os esfregar; recolhíamos água da laguna e esperávamos que se evaporasse. Os pedaços de sal que ficavam eram suficientemente ásperos para nos limpar os dentes, mas não se comparavam com a pasta, que deixava a boca a saber bem. De tudo, era o que a Anna mais detestava. Agora íamos ficar também sem sabonete.

– Talvez devêssemos dividir isto em três partes – disse a Anna, a olhar para o frasco de gel. – Uma para lavar toda a nossa roupa, outra para lavarmos a cabeça, outra para tomar banho. O que é que achas?

– Acho bem.

Levámos tudo para a beira da laguna e enchemos o recipiente da jangada com água salgada, a que a Anna acrescentou uma parte do gel de banho. Em seguida enfiou toda a nossa roupa lá dentro e lavou-a cuidadosamente. Eu estava reduzido a um par de calções, uma *sweatshirt* que já quase não me servia e a *T-shirt* dos REO Speedwagon da Anna. Andava quase sempre nu. A Anna tinha o bastante para vestir, mas por vezes eu conseguia convencê-la a fazer também um dia de nudismo.

Fiz vinte anos em setembro. Comecei a ficar tonto quando me levantava demasiado depressa e nem sempre me sentia muito bem. A Anna preocupava-se muito e eu não queria dizer-lhe nada, mas queria saber se também estava a ter tonturas. Disse que sim.

– É um sinal de malnutrição – disse. – Acontece quando o corpo esgota os nutrientes que tinha armazenado. Não estamos a repô-los em quantidade suficiente. – Pegou-me na mão e examinou-me os dedos, passando o polegar pelas unhas quebradiças. – As minhas também estão assim.

Preparámo-nos para a estação seca que aí vinha e para o fim das chuvadas regulares. E, melhor ou pior, continuámos a sobreviver.

CAPÍTULO 33

ANNA

Vomitei o pequeno-almoço numa manhã de novembro. Estava sentada na manta ao lado do T. J., a comer um ovo mexido, e a náusea surgiu de repente. Mal consegui dar três passos antes de deitar tudo fora.

– Eh, que se passa? – perguntou o T. J., e deu-me água para lavar a boca.

– Não sei, mas aquele ovo não queria *mesmo* ficar.

– Sentes-te bem?

– Estou muito melhor. – Olhei para a *Galinha*, que andava à nossa volta. – *Galinha*, puseste um ovo estragado.

– Queres experimentar um pouco de fruta-pão?

– Talvez mais tarde.

– OK.

Senti-me bem o resto do dia, mas na manhã seguinte, logo a seguir a ter comido um pedaço de coco, tornei a vomitar.

Numa repetição do dia anterior, o T. J. deu-me água, eu lavei a boca e ele levou-me de volta à manta.

– Anna, o que se passa? – perguntou, com um ar muito preocupado.

– Não sei.

Deitei-me de lado e enrosquei-me, à espera que a náusea passasse.

O T. J. sentou-se a meu lado e afastou-me os cabelos da cara.

– Isto vai parecer loucura, mas não estás grávida, pois não?

Olhei para a minha barriga quase côncava, uma vez que não tinha recuperado o peso que perdera quando o T. J. estivera doente. Continuava a não ter o período.

– Tu és estéril, certo?

– Foi o que eles disseram. Que provavelmente sempre seria.

– Que queriam eles dizer com provavelmente?

Ele pensou naquilo por um instante.

– Lembro-me de qualquer coisa a respeito de uma pequena hipótese de a fertilidade voltar, mas que não contasse muito com isso. Por isso toda a gente queria que eu congelasse o meu espermatozóide. Diziam que era a única maneira de ter a certeza.

– Isso a mim soa-me a estéril q.b. – Sentei-me, a sentir-me um pouco menos agoniada. – Não posso estar grávida. Entre os dois, é provavelmente impossível. Deve ser qualquer coisa de estômago. Sabe Deus o que está a viver no meu aparelho digestivo.

– OK – disse ele, dando-me a mão.

Nessa noite, antes de adormecermos, disse-me:

– E se estiveres grávida, Anna? Eu sei que queres um bebé.

Envolveu-me com os braços e apertou-me contra o peito.

– Oh. T. J. Não digas isso. Aqui não. Nunca nesta ilha. As probabilidades de o bebé sobreviver seriam horríveis. Quando estiveste doente, e eu pensei que ias morrer, quase não consegui aguentar. Se tivéssemos de ver o nosso bebé morrer, eu morreria também.

– Eu sei. Tens razão – disse ele, e soltou um suspiro.

Não vomitei na manhã seguinte, nem em nenhuma outra manhã depois disto. A minha barriga manteve-se lisa, e eu não precisei de preocupar-me com ter um filho ali na ilha.

Vi o T. J. aproximar-se, com a cana de pesca na mão.

– Qualquer coisa grande rebentou-me a linha. – Entrou em casa e voltou a sair. – Este é o teu último brinco. Não sei o que vamos fazer quando o perder também.

Abanou a cabeça e voltou-se para se afastar, a caminho da laguna para apanhar peixe suficiente para a nossa próxima refeição.

Olhou por cima do ombro.

– T. J.?

– Diz, querida.

– Não consigo encontrar a *Galinha*.

– Há de aparecer. Ajudo-te a procurá-la quando voltar, está bem?

Procurámos em todo o lado. Não era a primeira vez que desaparecia, mas nunca era por muito tempo. Não a via desde o começo da manhã e ainda não tinha voltado quando eu e o T. J. fomos para a cama.

– Amanhã voltamos a procurar, Anna.

No dia seguinte, estava sentada debaixo do toldo a descascar fruta-pão quando o T. J. se aproximou. Soube, pela expressão dele, que tinha más notícias.

– Deves ter encontrado a *Galinha*. Está morta?

Assentiu com a cabeça.

– Onde?

– No bosque.

Sentou-se e eu pousei a cabeça no colo dele, a tentar conter as lágrimas.

– Estava morta há pelo menos um dia – disse o T. J. – Enterrei-a ao lado do Mick.

Eu e o T. J. só comíamos os animais que apanhávamos logo depois de os matar, com medo de uma intoxicação alimentar. Saber que a *Galinha* já estava morta há demasiado tempo para que pudéssemos comê-la poupava-nos o desgosto de fazer uma refeição com o nosso animal de estimação.

Eu e o T. J. éramos, ao fim e ao cabo, extremamente pragmáticos.

Alguns dias mais tarde, na manhã da Véspera de Natal, não me apetecia sair da cama. Deitada de lado e enrolada numa bola, fingia estar a dormir sempre que o T. J. ia espreitar-me. Chorei um pouco. Ele fez vista grossa naquele dia, mas na manhã seguinte insistiu comigo para que me levantasse.

– É Natal, Anna – disse, baixando-se junto à jangada pneumática até ficar com a cabeça à altura da minha. Olhei-o nos olhos, alarmada ao notá-

los tão vazios de vida. A cor à volta das pupilas pareceu-me um pouco mais baça do que me lembrava.

Levantar-me daquela cama foi uma das coisas mais difíceis que alguma vez tinha feito. Só consegui porque senti que não seria preciso muito para arrastar o T. J. para o meu nível, e isso era uma coisa que eu pura e simplesmente não seria capaz de enfrentar.

Ele convenceu-me a irmos até à laguna.

– Vais ver que te sentes melhor.

– OK.

Flutuei de costas, a sentir-me leve e insubstancial, como se o meu corpo estivesse a desfazer-se de dentro para fora, como provavelmente estava. Os golfinhos juntaram-se a nós e puseram-me um sorriso genuíno nos lábios, ainda que só por um minuto.

Depois sentámo-nos na areia, como tínhamos feito tantas vezes. O T. J. sentou-se atrás de mim, e eu apoiei as costas no peito dele. Envolveu-me com os braços. Imaginei a minha família em casa, reunida à volta da grande mesa de carvalho na sala de jantar da minha mãe e do meu pai, a comer a ceia de Natal. A minha mãe havia de ter passado o dia inteiro a cozinhar, e o meu pai provavelmente ter-se-ia mantido a seu lado, a atrapalhá-la.

– Pergunto a mim mesma se o Pai Natal foi bonzinho para a Chloe e para o Joe – disse. Custava-me muito não ver crescer os meus sobrinhos.

– Que idade têm eles agora? – perguntou o T. J.

– O Joe tem oito. A Chloe fez seis. Espero que ainda acreditem no Pai Natal.

A menos que alguém tivesse estragado tudo, provavelmente acreditavam.

– Prometo-te que para o ano havemos de passar o Natal juntos em Chicago, Anna – Apertou-me com força e não me largou. – Mas tu vais ter de me prometer a *mim* que não desistes, OK?

– Prometo – disse eu, e agora estávamos os dois a mentir.

Os calendários da minha agenda acabavam no fim do mês, o que queria dizer que ia ter de arranjar outra maneira de saber a quantas andava em 2005.

Talvez não me desse ao incómodo.

CAPÍTULO 34

T. J.

Eu e a Anna andávamos a passear de mão dada pela praia no dia a seguir ao Natal. Nenhum dos dois tinha dormido bem na noite anterior. A Anna não estava muito faladora, e eu esperava que se animasse um pouco agora que o Natal tinha passado.

Notei uma coisa estranha na laguna. A água tinha retrocedido quase até ao recife, deixando a descoberto uma enorme área de fundo.

– Olha para aquilo, Anna. Que se estará a passar?

– Não sei – disse ela. – Nunca tinha visto uma coisa assim.

Havia peixes a estrebuchar na areia um pouco por todo o lado.

– Isto é muito esquisito.

– Podes crer. Não percebo. – Protegeu os olhos com a mão. – O que é aquilo?

– Onde? – Semicerrei os olhos, a tentar perceber para onde estava ela a olhar. Havia qualquer coisa azul a formar-se à distância, mas confundiu-me porque o tamanho era completamente errado.

E fosse o que fosse, rugia.

A Anna gritou, e eu compreendi. Agarrei-lhe na mão e corremos.

Tinha os pulmões a arder.

– Depressa, Anna, anda, mais depressa, mais depressa!

Olhei por cima do ombro para a muralha de água que avançava para nós e percebi que por mais depressa que corrêssemos, não faria a mais pequena diferença. A nossa ilha rasa não tinha qualquer hipótese.

Segundos depois, a onda chegou. Arrancou a mão da Anna da minha. Engoliu-a, e a mim, e à ilha.

Engoliu tudo.

CAPÍTULO 35

ANNA

Quando a onda nos atingiu, empurrou-me para a frente e então puxou-me para baixo. Rodopiei e dei cambalhotas debaixo de água durante tanto tempo que julguei que os meus pulmões iam explodir. Sabendo que não ia conseguir continuar a reter a respiração, espernee e esbracejei com todas as forças em direção à luz que via brilhar por cima de mim. A minha cabeça rompeu a superfície e eu tossi e engasguei-me enquanto tentava encher os pulmões de ar.

– T. J.! – gritei, mas assim que abri a boca a água entrou-me às golfadas na garganta. Troncos de árvore, grandes pedaços de madeira, tijolos e lajes de cimento flutuavam à minha volta, e eu não conseguia perceber de onde tinha tudo aquilo vindo.

Pensei em tubarões e entrei em pânico, a agitar os braços, ofegante. O meu coração batia tão violentamente que pensei que ia saltar-me do peito. A minha traqueia contraiu-se, e foi como se estivesse a tentar respirar por uma palhinha. Ouvi a voz do T. J. na minha cabeça.

Respira mais devagar, Anna.

Inspirei lentamente, a esquivar-me aos destroços. A lutar por manter a cabeça à tona da água, flutuei de costas, para poupar as forças. Voltei a chamar o nome do T. J. e continuei a gritar até ficar sem voz, os meus

apelos reduzidos a um rouco murmúrio. Esforcei-me por ouvi-lo chamar o meu nome, mas havia apenas silêncio.

Chegou então outra onda, menos forte do que a primeira, mas mesmo assim empurrou-me para o fundo, o meu corpo a rodopiar em círculos. Mais uma vez, nadei para a luz do sol. Quando rompi a superfície, vi um grande balde de plástico a flutuar na água. Estendi a mão para a pega e agarrei-a. Ajudou-me um pouco a manter-me à tona.

O mar acalmou. Olhei em redor, mas vi apenas azul.

Passaram horas e, pouco a pouco, a minha temperatura foi baixando. Tiritei, com as lágrimas a correrem-me dos olhos, a perguntar a mim mesma quando chegariam os tubarões, porque sabia que acabariam por chegar. Talvez já estivessem a nadar em círculos lá em baixo.

O balde mantinha-me a cabeça fora de água, mas o esforço necessário para mudar constantemente de posição de modo a manter um ângulo que não me fizesse mergulhar esgotava-me.

Teria dado tudo, pagado qualquer preço, para voltar a estar na ilha com o T. J. Teria vivido lá para sempre, desde que pudessemos estar juntos.

Dormitei, e acordei sobressaltada quando a água me cobriu a cara. O balde tinha-me fugido das mãos e flutuava a alguns metros de distância. Tentei nadar até ele, mas os meus membros já não funcionavam. Afundei-me, e lutei para voltar à superfície.

Pensei no T. J. e sorri por entre as lágrimas.

Gosta de Pink Floyd?

Estava a tentar chegar àqueles cocos verdes de que gostas.

Sabes uma coisa, Anna? És fixe.

Chorei, incapaz de me conter. Voltei a ir ao fundo e voltei a agitar os braços e as pernas, gastando o resto das minhas forças para voltar à superfície.

Nunca te deixarei sozinha, Anna. A menos que não esteja nas minhas mãos.

Acho que tu também me amas, Anna.

Voltei a afundar-me e quando subi à superfície soube que era a última vez, e o pânico e o medo corriam lado a lado e eu gritei. Mas estava tão cansada que soou como um gemido. E quando pensava, *É agora, isto é o fim da minha vida*, ouvi o helicóptero.

CAPÍTULO 36

T. J.

Quando a onda nos atingiu, arrancou a mão da Anna da minha e atirou-me para cima e para baixo e à roda. Tossi e engasguei-me e não conseguia respirar, e as ondas empurravam-me para baixo de cada vez que eu conseguia pôr a cabeça fora de água.

– Anna!

Gritei o nome dela sem parar, a tentar evitar que a água me entrasse na garganta. Virei-me para todas as direções, mas não a vi em parte nenhuma.

Onde estás tu, Anna?

O tronco de uma árvore bateu-me na coxa e a dor percorreu-me o corpo todo. Havia uma quantidade incrível de destroços à minha volta, mas nenhum suficientemente grande para que conseguisse agarrá-lo antes que as ondas, que pareciam remoinhar, o arrastassem para longe.

Abrandei o ritmo da respiração, a tentar não entrar em pânico.

Ela tem de lutar. Não pode desistir.

Flutei de costas para poupar forças, a gritar o nome dela e atento a uma resposta. Apenas silêncio.

Uma segunda onda atingiu-me, mais pequena do que a primeira, e tornei a ir ao fundo. Quando voltei à superfície, vi um ramo de árvore a balouçar perto de mim, e agarrei-me a ele. A ideia de a Anna a tentar manter a cabeça à tona matava-me. O medo que ela tinha de ficar sozinha

na ilha. Estar sozinha na água era um pesadelo que não nos passara sequer pela cabeça. Ela tinha dito que se sentia segura comigo, mas naquele momento eu não podia protegê-la.

Só te deixei sozinha, Anna, porque não estava nas minhas mãos.

Voltei a gritar o nome dela, fazendo pausas de um minuto antes de tentar novamente. A minha voz foi-se tornando mais fraca e a sede fazia-me doer a garganta. O sol, alto no céu, estava muito forte, e eu já sentia a cara a arder com um escaldão.

O ramo de árvore, ensopado em água, afundou-se. Não havia mais nada a que me pudesse agarrar, de modo que alternei entre dar aos braços e flutuar de costas.

Esforçava-me por manter a cabeça acima da superfície. O tempo passou e o meu cansaço aumentou. Semicerrando os olhos, vi uma trave a flutuar à distância. Os meus braços e as minhas pernas já quase não tinham forças para me impelir na direção dela. Agarrei-a, grato por suportar o meu peso sem se afundar. Com a cara apoiada na madeira, avaliei as minhas opções.

Não demorei muito a perceber que não tinha nenhuma.

CAPÍTULO 37

ANNA

O homem com o fato de mergulho caiu na água perto de mim. Falou, mas eu não consegui ouvi-lo acima do barulho das pás do helicóptero. Mantive a minha cabeça à superfície e com a mão livre fiz sinal a alguém para que baixassem a cesta.

Eu não tinha a certeza de se aquilo era a realidade ou um sonho. O homem deitou-me na cesta; a cesta subiu e outro homem puxou-me para o helicóptero. Voltaram a descê-la e içaram o homem com o fato de mergulho.

Vestida apenas com os calções e a *T-shirt*, eu tremia incontrolavelmente. Embrulharam-me em mantas e eu esforcei-me, no meio da exaustão mais profunda que jamais experimentara, por formar as palavras que queria dizer.

– T. J. – Foi pouco mais do que um murmúrio, e ninguém no helicóptero me ouviu. – T. J. – repeti, um pouco mais alto.

O homem levantou-me a cabeça e levou-me uma garrafa de água aos lábios. Bebi, saciando a sede que me devorava. A água fresca amaciou-me a garganta, e reencontrei a voz perdida.

– O T. J.! O T. J. está lá em baixo. Têm de encontrá-lo.

– Temos pouco combustível – disse o homem. – E precisamos de a levar para o hospital.

Esforcei-me para compreender o que ele dizia.

– Não! – Sentei-me e agarrei-lhe os ombros. – Ele está lá em baixo. Não podemos deixá-lo aqui.

A histeria apoderou-se de mim e gritei, o som a encher o helicóptero. O homem tentou acalmar-me.

– Vou dizer ao piloto que alerte os outros helicópteros. Eles procuram-no. Vai correr tudo bem – disse, apertando-me o ombro.

Não conseguia tirar da cabeça a imagem do T. J. a desaparecer nas ondas e não voltar à superfície. Desliguei, fui para um lugar no fundo de mim mesma onde não tinha de pensar nem sentir. A chegada a casa e a recepção da minha família, a cena que tinha visto passar na minha mente centenas de vezes naqueles três anos e meio, não conseguia despertar em mim a mais pequena emoção.

O helicóptero inclinou-se bruscamente para um lado e partimos a caminho do hospital, deixando o T. J. para trás.

CAPÍTULO 38

T. J.

Ao princípio, não consegui identificar o som. A revelação atingiu-me de repente, quando o meu cérebro percebeu que aquele som batido, tuac-tuac-tuac, era o das pás de um helicóptero a ecoar à distância.

O som foi-se tornando mais fraco até que deixei de o ouvir.

Volta. Por favor, volta para trás.

Não voltou. A esperança transformou-se em desespero e eu soube que ia morrer. Estava a ficar sem forças e tinha cada vez mais dificuldade em agarrar-me à trave. A temperatura do meu corpo descera muito e tinha dores por todo o lado.

Imaginei a cara da Anna.

Quantas pessoas podem dizer que foram amadas da maneira como ela me amou?

Os dedos escorregaram-me da trave e eu tentei voltar a apanhá-la. Agarrei-me, e de vez em quando apagava-me e dormitava. Um sonho a respeito de tubarões fez-me acordar em sobressalto. Um som fraco, à distância, tornava-se cada vez mais alto.

Conheço este som.

A esperança voltou. Mas tinha consumido o que me restava de força e larguei a trave, os meus dedos a escorregarem pela superfície molhada.

Afundi-me e comecei a descer. Instintivamente, sustive a respiração o mais tempo que pude, até já não poder mais.

Flutuei num mar de nada, sem peso, até que uma outra sensação se apoderou de mim. A morte não ia ser pacífica. Doía, com um peso esmagador que me batia no peito.

De repente, a pressão desapareceu. Cuspi água do mar e abri os olhos. Um homem com um fato de mergulho estava debruçado sobre mim, com as mãos em cima do meu peito. Tinha as costas apoiadas em qualquer coisa sólida, e percebi que estava dentro de um helicóptero. Inspirei profundamente e, mal tive ar suficiente nos pulmões, disse:

- Voltem para trás. Temos de encontrá-la.
- Quem? – perguntou ele.
- A Anna! Temos de encontrar a Anna!

CAPÍTULO 39

ANNA

Aninhei-me ainda mais fundo naquele meu aturdimento. O homem abanou-me gentilmente o ombro, e eu não queria falar, mas ele não parava de perguntar se conseguia ouvi-lo. Voltei a cara para a voz dele e pestanejei, a tentar focar com os olhos inchados e cheios de lágrimas.

– Como se chama? – perguntou ele. – Um dos outros helicópteros tirou um homem da água.

Tentei sentar-me, a querer ouvir claramente o que ele ia dizer.

– Dizem que procura alguém chamado Anna.

O meu cérebro demorou alguns instantes a processar as palavras, mas quando compreendi o que significavam conheci a exaltação, a pura e genuína exaltação, pela primeira vez em toda a minha vida.

– Sou eu a Anna.

Envolvi o meu corpo com os braços e comecei a balouçar para trás e para a frente, a soluçar.

Pousámos em frente do hospital. Puseram-me numa maca e levaram-me para dentro. Dois homens transferiram-me da maca para a cama do hospital. Nenhum deles falava inglês. Empurraram a maca por um corredor e passámos por um telefone suspenso de uma parede.

Um telefone. Há um telefone.

Voltei a cabeça quando passámos por ele e entrei em pânico quando não consegui lembrar-me imediatamente do número de casa dos meus pais.

O hospital estava a transbordar de doentes. Havia pessoas sentadas no chão do átrio, à espera de serem vistas por um médico. Uma enfermeira aproximou-se de mim e falou tranquilizadamente numa língua que não compreendi. A sorrir e a dar-me palmadinhas no braço, espetou-me uma agulha nas costas da mão e pendurou um saco de soro num suporte junto à cabeceira da cama.

– Preciso de encontrar o T. J. – disse eu, mas ela abanou a cabeça e, notando que eu estava a tiritar, puxou-me o lençol até ao queixo.

O caos de tantas vozes, das quais só umas quantas falavam em inglês, estrondeava-me na cabeça, mais alto do que qualquer outra coisa que eu tivesse ouvido nos últimos três anos e meio. Inalei o cheiro a desinfetante e pestanejei por causa do brilho doloroso das luzes fluorescentes. Alguém empurrou a minha cama para um corredor e dobrámos uma esquina. Deitada de costas, eu debatia-me para me manter acordada.

Onde está o T. J.?

Queria telefonar aos meus pais, mas não tinha forças para mexer o corpo. Adormeci por um minuto, e acordei sobressaltada ao som de passos que se aproximavam. Uma voz disse:

– A Guarda Costeira trouxe-a há pouco. Acho que é a que ele procura.

Um segundo mais tarde, uma mão puxou para baixo o lençol que me cobria e o T. J. passou da sua cama de hospital para a minha, a tentar não enredar as linhas do soro. Enlaçou-me com os braços e deixou-se cair, enterrando a cara no meu pescoço. As lágrimas deslizaram-me pela cara, lágrimas de pura alegria por ter nos braços o peso sólido do corpo dele.

– Conseguiste – disse o T. J., e todo ele tremia. – Amo-te, Anna – sussurrou.

– E eu também te amo.

Tentei falar-lhe do telefone que tinha visto no corredor, mas a exaustão dominou-me e as minhas palavras entarameladas não fizeram sentido.

Dormi.

– Consegue ouvir-me?

Alguém me abanava gentilmente um ombro. Abri os olhos e, por um instante, não fiz a mínima ideia de onde estava.

– Inglês – murmurei, compreendendo que o homem que se inclinava para mim era um americano louro de olhos azuis com trinta e poucos anos. Olhei para o T. J., mas ele continuava de olhos fechados.

Telefone. Onde está esse telefone?

– Sou o Dr. Reynolds. Está num hospital em Malé. Lamento, mas já passou algum tempo e ainda ninguém a examinou. Não estamos equipados para lidar com estas enchentes. Uma enfermeira verificou os seus sinais vitais há umas horas, e estavam bem, por isso resolvi deixá-la dormir. Dormiu quase doze horas. Tem dores?

– Só estou um pouco dorida. E tenho fome e sede. – O médico fez sinal a uma enfermeira que passava e fez o gesto de verter líquido num copo. Ela assentiu com a cabeça e voltou pouco depois com um pequeno jarro e dois copos de plástico. Encheu um e ajudou-me a sentar. Bebi tudo e olhei para a confusão que me rodeava. – Porque é que está aqui tanta gente?

– As Maldivas encontram-se em estado de emergência.

– Porquê?

Ele olhou para mim com um ar surpreendido.

– Por causa do *tsunami*.

O T. J. agitou-se a meu lado e abriu os olhos. Ajudei-o a sentar-se e amparei-o enquanto o médico enchia um copo de água e lho estendia. Bebeu-o sem parar.

– T. J., foi um *tsunami*.

Ele pareceu confuso por um instante, mas então esfregou os olhos e disse:

– A sério?

– Sim.

– Foi a Guarda Costeira que os trouxe? – perguntou o Dr. Reynolds, enquanto voltava a encher os nossos copos.

Ambos confirmámos com acenos de cabeça.

– De onde vieram?

Eu e o T. J. olhámos um para o outro.

– Não sabemos – disse eu. – Temos estado desaparecidos há três anos e meio.

– Desaparecidos como?

– Temos vivido numa das ilhas desde que o nosso piloto teve um ataque cardíaco e se despenhou no mar – disse o T. J.

O médico examinou-nos, olhando ora para a cara de um, ora para a do outro. Talvez tenha sido o cabelo do T. J. que finalmente o convenceu.

– Oh, meu Deus! Vocês são aqueles, não são? Os que estavam no hidroavião. – Tinha os olhos muito abertos. Inspirou fundo e soprou o ar com força. – Toda a gente pensou que tinham morrido.

– Pois, foi o que calculámos – disse o T. J. – Acha que pode arranjar-nos um telefone?

O médico entregou-lhe um telemóvel.

– Podem usar o meu.

Uma enfermeira tirou-nos o soro e eu e o T. J. levantámo-nos cuidadosamente da cama. As minhas pernas vacilaram e o T. J. apoiou-me, passando-me um braço pela cintura.

– Há uma pequena arrecadação ao fundo do corredor – disse o Dr. Reynolds. – É sossegada e poderão ter alguma privacidade. – Olhou para nós e abanou a cabeça. – Não posso crer que estão vivos. Apareceram em todos os noticiários durante semanas.

Seguimo-lo, mas antes de chegarmos à arrecadação passámos pela casa de banho das senhoras.

– Importam-se de esperar um pouco? – pedi.

Eles pararam, eu empurrei a porta, fechei-a depois de entrar e mergulhei na mais absoluta escuridão. Procurei o interruptor com a mão, e quando as luzes se acenderam os meus olhos foram para a sanita, depois para o lavatório e finalmente para o espelho.

Tinha-me esquecido completamente de como era a minha cara.

Aproximei-me do espelho e examinei-me. A minha pele era da cor de grãos de café torrado e o T. J. tinha razão, aquele bronzeado fazia os olhos parecerem mais azuis. Havia algumas rugas que antes não estavam lá. O meu cabelo era um emaranhado de nós e estava dois tons mais claro do que me lembrava. Parecia uma nativa da ilha, selvagem e esfarrapada.

Desviei o olhar do espelho, baixei os calções e sentei-me na sanita. Estendi a mão para o papel higiénico. Desenrolei um pedaço e esfreguei-o na cara, a sentir-lhe a macieza. Quando acabei, puxei o autoclismo e lavei

as mãos, a olhar maravilhada para a água que corria da torneira. O T. J. e o Dr. Reynolds estavam à espera no corredor quando abri a porta.

– Desculpem ter demorado tanto tempo.

– Não faz mal – disse o T. J. – Eu também fui à casa de banho. – Sorriu-me. – Foi esquisito.

Deu-me a mão e seguimos o Dr. Reynolds até à arrecadação.

– Volto daqui a pouco – disse o médico. – Tenho de ver uns doentes, e depois telefono à polícia local. Não de querer falar convosco. Também vou ver se consigo arranjar-lhes qualquer coisa que comer.

O meu estômago roncou ao ouvir falar de comida.

– Obrigado – disse o T. J.

Quando o médico se foi embora, sentámo-nos no chão, rodeados de prateleiras carregadas de medicamentos. Era apertado, mas sossegado.

– Liga tu primeiro, Anna.

– Tens a certeza?

– Sim.

Entregou-me o telemóvel. Demorei um minuto, mas consegui finalmente lembrar-me do número de telefone dos meus pais. A mão tremia-me e sustive a respiração enquanto ouvia o toque de chamada. Houve um estalido na linha. Comecei a falar, mas então uma voz gravada disse: «O número que marcou foi desligado ou já não se encontra atribuído.»

Olhei para o T. J.

– O número foi desligado. Devem ter-se mudado para outro sítio.

– Liga à Sarah.

– Não queres tentar primeiro os teus pais?

– Não, liga tu. – O T. J. fervilhava de excitação. – Só quero que alguém responda.

Liguei para o número da Sarah, com o coração a martelar-me o peito. O toque de chamada soou quatro vezes antes de alguém atender.

– Estou?

A Chloe!

– Chloe, podes passar o telefone à tua mãe imediatamente, por favor?

– Posso perguntar quem fala?

– Chloe, querida, chama a mamã, está bem?

- Tenho de perguntar quem é e se não dizem tenho de desligar.
- Não! Não desligues, Chloe. – *Será que ela se lembra sequer de mim?* – É a tia Anna. Diz à mamã que é a tia Anna.
- Olá, tia Anna. A mamã mostrou-me fotografias tuas. Disse-me que vives no Céu. Tens asas de anjo? A mamã está a tirar-me o telefone, por isso diz-me já.
- Ouça – disse a voz da Sarah. – Não sei quem é, mas é uma coisa doentia fazer isto a uma criança.
- Sarah! Sou eu, a Anna, não desligues, sou mesmo eu. Comecei a chorar.
- Quem fala? O que é que as pessoas ganham com este género de telefonemas? Julga que não magoam?
- Sarah, eu e o T. J. não morremos no acidente de avião. Estivemos a viver numa ilha e se não fosse o *tsunami* ainda lá estaríamos. Estamos num hospital em Malé. – Agora que conseguira dizer as palavras, o meu choro tornou-se ainda mais convulsivo. – Por favor não desligues!
- O quê? Oh meu Deus! Oh meu Deus!
- Gritou pelo David, mas estava a chorar e a falar tão depressa que não consegui perceber nada do que disse.
- Anna! Estás viva? Estás mesmo viva?
- Sim. – Eu soluçava e o T. J. dava pulos de excitação. – Sarah. Liguei para a mãe e para o pai, mas o número deles foi desligado. Venderam a casa?
- A casa foi vendida.
- Qual é o número deles? – Olhei em redor, à procura de uma caneta ou qualquer coisa com que escrever, mas não havia nada. – Telefona-lhes, Sarah. Telefona-lhes logo que desligarmos. Diz-lhes que tentei ligar primeiro para eles. Eu volto a ligar e anoto o número assim que conseguir arranjar qualquer coisa com que escrever. Diz-lhes que esperem ao pé do telefone.
- Como é que vais voltar para casa?
- Não sei. Ouve, o T. J. ainda nem sequer ligou aos pais. Neste momento não sei nada, mas vou dar o teu número à mãe e ao pai dele para poderem coordenar as coisas contigo. Espera pela chamada deles, OK?
- Está bem. Oh, Anna, nem sei o que dizer. Fizemos o teu *funeral*.

– Bem, estou viva. E ansiosa por chegar a casa.

CAPÍTULO 40

T. J.

A Anna entregou-me o telemóvel. Marquei o meu número e esperei que alguém atendesse. *Vá lá. Vá lá.*

– Estou?

Era a minha mãe. Fui invadido por uma onda de emoções ao ouvir-lhe a voz. Não me tinha apercebido, até àquele preciso momento, das saudades que tinha dela. Os olhos encheram-se-me de lágrimas, e eu tentei contê-las. A Anna passou-me um braço pelos ombros.

– Mãe, sou eu, o T. J. Não desligue – Houve silêncio do outro lado, de modo que continuei a falar. – Eu e a Anna não morremos quando o avião caiu. Estivemos a viver numa ilha. A Guarda Costeira salvou-nos depois do *tsunami* e estamos num hospital em Malé.

– T. J.?

A voz dela soou esquisita, como se estivesse em transe. Começou a chorar.

– Mãe, ponha o pai ao telefone!

– Quem fala? – berrou o meu pai para o telefone.

Senti uma segunda onda de emoção ao ouvir a voz do meu pai e quis agarrar-me a ela, mas o meu desejo de fazer alguém compreender o que acontecera e onde estávamos levou a melhor. A minha voz foi firme quando disse:

– Pai, fala o T. J. Não desligue. Ouça só. Eu e a Anna conseguimos chegar a uma ilha depois de o avião cair. A Guarda Costeira tirou-nos da água depois do *tsunami*. Estamos num hospital em Malé e estamos ambos bem. – Silêncio do outro lado. – Pai?

– Oh meu Deus! – disse ele. – És mesmo tu?

– Sim, sou eu.

– Estiveste vivo este tempo todo? Como?

– Não foi fácil.

– Estás bem? Estás ferido?

– Estamos bem. Cansados e doridos. E com fome.

– A Anna está bem?

– Sim, está aqui sentada ao meu lado.

– Não sei o que dizer, T. J. Sinto-me assoberbado. Preciso de pensar por um instante. Preciso de descobrir uma maneira de vos tirar daí.

Pela primeira vez em muito tempo, nenhum fardo me pesava sobre os ombros. O meu pai ia assumir o controlo e levar-nos para casa.

– Pai, a Anna quer que telefonem à irmã dela e se certifiquem de que ela sabe o que for acontecendo.

A Anna deu-me o número e eu repeti-o para o meu pai.

– A última coisa que quero fazer é desligar, T. J., mas aqui são oito da noite e tenho de começar a fazer telefonemas antes que fique tarde. Pô-los num avião é capaz de ser difícil por causa do 11 de Setembro. Se não conseguir metê-los num voo comercial, freto um avião. Provavelmente só amanhã vou conseguir tirá-los daí. Estão ambos em condições de sair do hospital?

– Sim, acho que sim.

– Há alguém que possa levá-los para um hotel?

– Posso perguntar. Talvez alguém possa dar-nos uma boleia.

– Quando chegares ao hotel, telefona-me e eu dou-lhes o número do meu cartão de crédito.

– OK, pai. A mãe está bem?

– Sim, está mesmo aqui. Quer falar contigo.

Quase não consegui perceber uma palavra do que a minha mãe disse. Mal ouviu a minha voz, pôs-se outra vez a chorar.

– Está tudo bem, mãe. Estou em casa não tarda. Não chore. Torne a passar o telefone ao pai, está bem?

Quando o meu pai voltou a pegar no telefone, disse-lhe que íamos falar com a polícia local e depois tentar arranjar um hotel e que lhe ligava de lá.

– OK, T. J. Fico à espera.

– O meu pai vai começar a fazer telefonemas – disse à Anna, depois de ter fechado o telemóvel. – Disse que é capaz de ser difícil pôr-nos num voo comercial por causa do 11 de Setembro.

– O que é o 11 de Setembro?

– Não faço ideia. Disse que talvez tenha de fretar um avião. Se conseguirmos arranjar quem nos leve a um hotel, ligamos-lhe de lá e ele dá-lhes o número do cartão de crédito. Mas provavelmente só amanhã é que vamos conseguir sair daqui, Anna.

Ela sorriu.

– Esperámos até agora. Posso esperar mais um dia.

Puxei-a para mim e abracei-a.

– Vamos para casa.

Sáímos da arrecadação e procurámos o Dr. Reynolds. Estava à nossa espera no átrio, com dois agentes da polícia. Havia outro homem com eles. Vestia uma camisa caqui com o nome da companhia de voos *charter* do hidroavião bordado no bolso.

O Dr. Reynolds tinha na mão um saco de papel castanho com uma grande mancha de gordura num dos lados. Entregou-mo, a sorrir, e eu espreitei lá para dentro. Tacos. Tirei um e dei-o à Anna, e a seguir tirei outro para mim.

A *tortilla* frita envolvia um recheio de carne picada e cebola. Um molho picante pingou-me para a mão. Não estava habituado a tantos sabores diferentes ao mesmo tempo. Esfomeado, comi aquilo tudo em menos de um minuto.

Os agentes queriam falar connosco, de modo que fomos para um canto deserto do átrio. Meti a mão no saco e tirei mais um taco para cada um de nós.

Os dois agentes falavam inglês, mas com um sotaque tão cerrado que se tornava difícil perceber o que diziam. Respondemos às perguntas deles,

falámos-lhes do Mick e do seu ataque cardíaco, e depois do acidente e de termos conseguido chegar à ilha.

– As equipas de busca e salvamento encontraram partes do avião, mas nenhum corpo – disse um dos agentes. – Assumimos que se tinham afogado.

– O Mick sabia que não ia conseguir amarar em segurança e disse-nos que puséssemos os coletes salva-vidas. Se não fosse isso, era o que teria acontecido – disse a Anna.

– Procuraram corpos – explicou o outro agente. – Mas não esperavam encontrá-los. Há tubarões.

Eu e a Anna olhámos um para o outro.

– Alguns dos destroços do avião deram à praia. A minha mochila, a mala da Anna e a jangada pneumática. O corpo do Mick também – disse eu. – Enterrámo-lo na ilha.

O homem da companhia *charter* tinha algumas perguntas.

– Se a jangada deu à costa, porque foi que não acionaram o radiofarol?

– Porque não havia nenhum – disse eu.

– Todas as jangadas pneumáticas têm um radiofarol. São obrigatórios para qualquer avião que sobrevoe o mar.

– Pois, mas a nossa não tinha – respondi eu. – E pode crer que procurámos.

O homem tomou nota dos nossos contactos e entregou-me um cartão.

– Quando chegar aos Estados Unidos, peça ao seu advogado que me ligue.

Guardei o cartão no bolso dos calções.

– Há mais uma coisa – disse, voltando-me para os dois polícias. – Alguém viveu na ilha antes de nós. – Contámos-lhes da cabana e do esqueleto. – Se andam à procura de uma pessoa desaparecida, são capazes de tê-la encontrado.

Quando acabámos de falar com eles, perguntámos ao Dr. Reynolds se havia alguém que pudesse levar-nos a um hotel.

– Eu levo-os – disse ele.

O carro do Dr. Reynolds era um velho *Honda Civic*. Não tinha ar-condicionado, de modo que abrimos as janelas. Saímos do parque de estacionamento e as ruas, os carros e os edifícios – coisas que não via há tanto

tempo – espantaram-me. Inalei o fumo dos tubos de escape, tão diferente dos cheiros da ilha. Quando vi a seta a indicar o hotel, sorri, porque me ocorreu finalmente que eu e a Anna íamos ter um quarto, um duche e uma cama.

– Obrigado pela ajuda – dissemos ao Dr. Reynolds quando ele nos deixou em frente do hotel.

– Boa sorte para os dois – disse ele, e apertou-me a mão e deu um abraço à Anna.

O hotel não sofrera muitos estragos. Estava alguém a varrer detritos do passeio quando eu e a Anna passámos pela porta giratória. Os hóspedes estavam reunidos no átrio, muitos deles ao lado de montes de malas.

Ficaram todos a olhar para nós, embaçados. Se havia alguma regra contra andar sem sapatos e sem camisa, eu estava a violá-la. Vi o nosso reflexo num grande espelho suspenso da parede. Não estávamos com muito bom aspeto.

Segui a Anna até ao balcão da receção, onde uma mulher, de pé, escrevia num computador.

– Desejam registar-se? – perguntou ela.

– Sim. Um quarto, por favor – disse eu.

– Estamos quase cheios, mas temos uma *suite* disponível. Serve?

Eu sorri e disse:

– Serve muito bem. Posso usar o seu telefone?

Ela voltou o telefone para mim e eu liguei para o meu pai, a pagar no destinatário.

– Estamos no hotel – disse.

– Aluga dois quartos e debita tudo na conta – disse ele.

– Só precisamos de um quarto, pai.

Ele fez uma pequeníssima pausa.

– Oh. OK.

Entreguei o telefone à mulher e esperei enquanto o meu pai lhe dava a informação do cartão de crédito. Ela devolveu-me o telefone e acabou de teclar.

– Há alguma loja no hotel? – perguntou o meu pai.

– Há, estou a vê-la daqui.

A loja ficava do outro lado da esquina a seguir ao balcão. Pelo que podia ver, parecia bastante chique.

– Comprem o que precisarem. Estou a tratar de tirar-te a ti e à Anna daí. O aeroporto de Malé sofreu alguns estragos, mas disseram-me que não tiveram de cancelar muitos voos. Não vai poder ser um voo comercial, de modo que vou fretar um avião. A tua mãe queria voar até aí para te ir buscar, mas eu convenci-a de que chegavas a casa mais depressa se não tivesses de esperar por ela. Ligo para o vosso quarto logo que tenha os porteiros, mas estejam prontos para partir de manhã.

– OK, pai. Estaremos.

– Nem sequer sei o que dizer, T. J. Eu e a tua mãe ainda estamos em choque. As tuas irmãs não param de chorar e o telefone não para de tocar. Só queremos trazer-vos para casa. Já falei com a Sarah e ela vai receber toda a informação à medida que eu a tiver.

Despedimo-nos e eu devolvi o telefone à funcionária da receção.

Eu e a Anna entrámos na loja e olhámos em redor, sem saber muito bem por onde começar. Estava dividida em duas. Um dos lados tinha expositores com roupa – tudo, desde *T-shirts* de recordação a roupa formal –, o outro só coisas de comer. Prateleiras e prateleiras de chocolates, pacotes de batatas fritas, bolachas e biscoitos.

– Oh meu Deus – disse a Anna, e arrancou.

Tirei dois cestos de compras de um monte junto à porta e segui-a.

Entreguei-lhe um e tive de rir quando a vi atirar lá para dentro *SweetTarts* e *Hot Tamales*. Peguei num pacote de *Doritos* e juntei-os ao saque, seguido por três *Slim Jims*.

– A sério? – perguntou ela, a arquear uma sobrancelha.

– Oh, sim – disse eu, e sorri-lhe.

Depois de enchermos um cesto com comida de plástico, dirigimo-nos à secção de produtos de higiene.

– Provavelmente há sabonete e champô no quarto, mas não vou correr riscos – disse a Anna, e enfiou no cesto um frasco de champô, um sabonete, duas escovas e uma pasta de dentes, desodorizante, creme, duas *Gilletes*, espuma de barbear, uma escova e um pente.

A seguir, escolhemos uma *T-shirt* e uns calções para mim. A Anna agitou um pacote de *boxers* na minha direção e eu abanei a cabeça, mas ela

fez que sim com a dela e atirou-o para dentro do cesto, a rir. Procurei numa espécie de barril cheio de chinelos de praia para homem e tirei uns pretos.

Num expositor ao lado havia vestidos de praia, e eu escolhi um azul para a Anna. Ela encontrou um par de sandálias a condizer.

A Anna pegou ainda em várias peças de roupa interior, nuns calções e numa *T-shirt*. Levámos os cestos para o balcão e debitámos tudo na conta do quarto.

Subimos no elevador até ao terceiro andar. Enfiei o cartão na ranhura e, quando entrámos no quarto, a primeira coisa em que reparei foi na enorme cama coberta de almofadas. Em frente da cama, na parede, havia um grande LCD e, ao lado de uma escrivaninha com tampo de correr e de um minifrigorífico, uma mesa de jantar com quatro cadeiras. Na área da sala de estar havia uma mesa baixa e um sofá e dois cadeirões dispostos em frente de outra televisão. O ar-condicionado soprava ar frio para dentro do quarto. Em cima de uma mesa baixa junto à porta havia uma bandeja com quatro copos envoltos em plástico. Desembrulhei dois, fui à casa de banho e enchi-os de água no lavatório. A Anna seguiu-me, e eu entreguei-lhe um. Ficou a olhar para ele durante um segundo antes de o levar aos lábios e beber.

Passámos em revista o resto da casa de banho. Um chuveiro gigante com paredes de vidro ocupava um dos cantos, e um tampo de mármore com dois lavatórios e um cesto cheio de sabonetes e frasquinhos de champô separava o chuveiro de uma funda banheira de *jacuzzi*. Dois roupões brancos pendiam de cabides colocados atrás da porta.

– Vou ligar à Sarah, para ela me dar o número dos meus pais. Pedi-lhe que lhes dissesse que esperassem junto ao telefone. Quantas horas são aqui a mais do que em Chicago?

– Acho que onze. Quando falei com o meu pai, ele disse que lá já passava das oito da noite.

A Anna sentou-se na cama e pegou no bloco de notas e na caneta que estava em cima da mesa de cabeceira. Levantou o auscultador do telefone e marcou um número.

– Está ocupado. Vou tentar o telemóvel. – Voltou a marcar, esperou e acabou por voltar a pousar o auscultador. – Ninguém atende. – Franziu a testa. – Porque é que ela não responde?

– Provavelmente porque está a telefonar a toda gente que vocês conhecem e as pessoas estão a ligar para ela. O mais certo é o telefone lá de casa não parar de tocar nos próximos dias. Vamos tomar um duche. Podes voltar a tentar logo que acabarmos.

Ficámos quase uma hora no duche, a ensaboarmo-nos e a rir. A Anna não conseguia parar de se lavar, mesmo depois de eu lhe dizer que estava definitivamente limpa.

– Não volto a tomar outro banho de imersão enquanto for viva. Declaro oficialmente que só tomarei duches.

– E eu também.

Quando acabámos, secámo-nos e vestimos os roupões. A Anna espremeu pasta de dentes para as duas escovas e entregou-me uma. Pusemo-nos em frente do duplo lavatório, a esfregar, a passar a boca por água e a cuspir. Então ela pousou a escova e disse:

– Beija-me imediatamente, T. J.

Peguei nela, sentei-a no tampo de mármore e segurei-lhe a cara com as duas mãos. Beijámo-nos durante muito tempo.

– Sabes incrivelmente bem – disse eu. – Também cheiras muito bem. Não que eu alguma vez me tenha importado quando não cheiravas.

– Mas assim é melhor – respondeu ela, e apoiou a testa contra a minha.

– Sim.

Sáímos da casa de banho e eu estendi-me em cima da cama, com a ementa do serviço de quartos numa mão e o comando da TV na outra.

– Anna, olha para isto.

Ela estava a abrir uma embalagem de *SweetTarts*, mas deixou-se cair a meu lado e olhou para a ementa. Entregou-me o pacote de *Doritos* e eu abri-o e enfié uma mão-cheia deles na boca. Nunca um recheio de queijo me tinha sabido tão bem.

Era difícil decidir o que encomendar, pois queríamos tudo. No fim, optámos por bife com batatas fritas, almôndegas com esparguete, pão de alho e bolo de chocolate.

– Ah, e duas *Coca-Colas* gigantes – disse a Anna.

Liguei para o serviço de quartos e fiz a encomenda. A Anna pegou no cartão e noutra coisa qualquer que estava em cima da mesa junto à porta e disse que voltava já.

– Estás nua por baixo desse roupão – lembrei-lhe.

– Não demoro nada.

Fui fazendo *zapping* pelos canais da televisão. Estavam todos a dar notícias a respeito do *tsunami*. A Anna regressou ao quarto transportando um pequeno balde. Sentei-me na cama.

– Isso é gelo? – perguntei.

Ela enfiou um cubo na boca e respondeu:

– Nem mais.

Deitou-se na cama a meu lado e eu fiquei a vê-la chupar o cubo de gelo. Ela sentou-se e desapertou-me o roupão, abriu-o e passou suavemente a mão ao longo do meu flanco. Apesar da dor, o meu corpo reagiu imediatamente ao seu toque.

– Tens umas nódoas negras espetaculares a crescer aqui – disse ela. – Que aconteceu?

– Havia um tronco enorme na água.

– Não te dá muito bem com eles – fez ela notar.

– Este bateu-me.

A Anna pôs outro cubo de gelo na boca e beijou-me o pescoço e o peito.

– Quanto tempo vai demorar o serviço de quartos? – perguntou.

– Não disseram.

Ela beijou-me a barriga e deslocou-se mais para baixo. Quando senti a boca dela em mim arquejei, porque nunca estivera fria. Fechei os olhos e pousei as mãos na cabeça dela.

Quando o serviço de quartos bateu à porta, um pouco mais tarde, apercebi-me o roupão e fui abrir. O homem que entregou a comida pôs tudo em cima da mesa e, assim que eu acrescentei uma gorjeta e assinei a fatura, saiu e nós atacámos, destapando os pratos.

– Temos talheres – disse a Anna.

Empunhava um garfo e olhou para ele por um instante antes de espetar uma almôndega.

– E cadeiras – disse eu, puxando uma e sentando-me ao lado dela. Ofereci-lhe uma fatia de pão de alho e cortei um pedaço de bife. Gemi quando o pus na boca. Alimentámo-nos um ao outro com os nossos garfos e bebemos as nossas *Coca-Colas*. Os nossos estômagos encheram-se

depressa; não estávamos habituados a comidas tão pesadas, nem em tão grande quantidade. A Anna embrulhou cuidadosamente os restos e guardou-os no frigorífico.

Estendemo-nos em cima da cama, para deixar a refeição assentar. A Anna brincou com uma madeixa dos meus cabelos, deitou a cabeça no meu peito e entrelaçou as pernas nas minhas.

– Nunca me senti tão satisfeita em toda a minha vida – disse.

Eu tirei o som à televisão. Tínhamos estado a ver reportagens sobre o *tsunami* enquanto comíamos, espantados pelo nível de devastação. A Indonésia parecia ter sido a mais atingida e o número de mortos já chegava às dezenas de milhar.

– É horrível dizer isto porque morreu tanta gente, mas se não fosse o *tsunami*, ainda estávamos naquela ilha – disse a Anna. – Não sei quanto tempo mais teríamos aguentado.

– Eu também não. – Estendi a mão para a mesa de cabeceira e liguei o rádio-relógio, rodando o botão do sintonizador até encontrar uma estação de música americana. Estava a tocar o «More Than a Feeling», dos Boston, e eu sorri.

A Anna suspirou.

– Adoro esta canção.

Aconchegou-se mais a mim, e eu abracei-a com força.

– Já te mentalizaste bem, T. J.? De que estamos salvos e vamos voltar a ver as nossas famílias?

– Estou a começar.

– Que horas são?

Olhei para o relógio.

– Passa um pouco das duas.

– É uma da manhã em Chicago. Não quero saber. Vou ligar outra vez à Sarah. De todos os modos, é impossível ela ou os meus pais estarem a dormir.

Sentou-se na cama e pegou no telefone, puxando o fio por cima do meu peito. – Vou tentar primeiro o número de casa. – Marcou e esperou. – Está ocupado. Talvez atenda o telemóvel. – Voltou a marcar e a esperar. – Vai direto para o *voice mail*. Vou deixar uma mensagem – anunciou, mas voltou a desligar sem dizer nada. – A caixa de correio está cheia.

– Tenta outra vez daqui a pouco. Vais acabar por conseguir. – Entregou-me o telefone, que eu pus na mesa de cabeceira. – Anna?

Ela tornou a aninhar-se nos meus braços.

– Sim?

– E o John? Não achas que a Sarah é capaz de lhe ter ligado?

– Tenho a certeza de que ligou.

– O que é que achas que ele vai fazer quando descobrir que estás viva?

– Vai ficar feliz pela minha família, claro. Tirando isso, não sei. Por esta altura, o mais certo é viver nos subúrbios com uma mulher e um filho. – Calou-se por um minuto, e então disse: – Espero que tenha entregado as minhas coisas aos meus pais.

– Onde vais viver?

– Com a minha mãe e o meu pai. Onde quer que eles estejam. Não de querer que fique com eles algum tempo. Depois arranjo um apartamento. Ainda não consigo acreditar que venderam a casa, T. J. Estavam sempre a falar de comprar qualquer coisa mais pequena, talvez um apartamento, mas nunca acreditei que o fizessem. Cresci naquela casa. Entristece-me saber que já não é deles.

Beijei-a, desapertei-lhe o roupão e deixei que ele lhe caísse dos ombros. Fizemos amor e adormecemos. Quando acordei eram cinco da tarde. A Anna dormia profundamente a meu lado. A olhar para o teto, pensei na nossa conversa. Tinha-lhe perguntado a respeito do John, mas não lhe fizera a única pergunta para a qual queria verdadeiramente uma resposta.

E nós?

CAPÍTULO 41

ANNA

Abri os olhos e espreguicei-me. O T. J. estava encostado à cabeceira da cama, com o som da TV muito baixo, a comer um *Slim Jim*.

– Foi uma bela sesta. – Beije-o, já a sair da cama. – Tenho de ir fazer chichi. Sabes do que foi que gostei mais na casa de banho? – perguntei, olhando por cima do ombro enquanto me dirigia à porta.

– O papel higiénico?

– Nem mais.

Quando voltei da casa de banho, o T. J. obrigou-me a provar um pedaço do seu *Slim Jim*.

– Não é mau, admite – disse.

– Escapa, mas agora eu estou muito menos esquisita do que costumava ser. Onde foi que deixei as *SweeTarts*?

Encontrei-as em cima da cómoda. Não estava habituada ao ar-condicionado, de modo que me embrulhei melhor no roupão e aninhei-me de baixo do lençol ao lado do T. J. Estava rígida e dorida, mais ainda do que quando me tinham tirado da água, e dei graças por ter aquela cama tão fofa.

Às dez da noite, tentei ligar para a Sarah. Eram nove da manhã em Chicago, mas o telemóvel dela deu-me o sinal de impedido.

– Continuo a não conseguir ligar – disse. Marquei o número de casa, mas tocou, tocou, e ninguém atendeu. – Nem sequer o atendedor de chamadas responde.

– Vou tentar o meu pai. Talvez ele tenha falado com ela. – O T. J. marcou o número de casa dos pais e esperou. Abanou a cabeça. – Também está impedido. Suponho que estão os dois a receber montes de chamadas. Podemos voltar a tentar de manhã.

Pousou o telefone na mesa de cabeceira e fez-me uma festa nos cabelos.

– Não sei como é que vou habituar-me a não partilhar a cama contigo todas as noites.

– Nesse caso, não nos habituemos – disse eu. Apoiei-me num cotovelo e olhei para ele. Não estava preparada para abrir mão dele, por muito egoísta que isso me fizesse sentir.

Ele sentou-se na cama.

– Estás a falar a sério?

– Estou. – O coração martelava-me o peito e o cérebro gritava-me que era uma má ideia, mas não quis saber. – Vamos ter de nos separar durante algum tempo. – Tu precisas de estar com a tua família e eu preciso de estar com a minha. Mas depois disso, se quiseres voltar, estarei à espera.

Ele soltou um suspiro, com uma expressão de alívio na cara. Puxou-me para si e beijou-me na testa.

– Claro que vou querer.

– Não vai ser fácil, T. J. As pessoas não vão compreender. Vai haver montes de perguntas. – Formou-se-me um nó no estômago só de pensar nisso. – Talvez queiras referir que tinhas quase dezanove anos quando aconteceu alguma coisa entre nós.

– Achas que alguém vai perguntar?

– Acho que toda a gente vai perguntar.

Acordei a meio da noite para ir à casa de banho. Tínhamos adormecido com a TV ligada, e quando voltei para a cama peguei no comando e fui fazendo *zapping*, parando para ver os noticiários.

Empertiguei-me quando a CNN anunciou notícias de última hora e no ecrã, por baixo do título duas pessoas de Chicago perdidas no mar salvas ao fim de três anos e meio, apareceu a minha fotografia e a do T. J., quando tínhamos trinta e dezasseis anos.

Estendi a mão e abanei suavemente o ombro do T. J.

– O que foi? – perguntou ele, meio a dormir.

– Olha para a televisão.

O T. J. sentou-se, pestanejou e olhou para o ecrã.

Aumentei o volume mesmo a tempo de ouvir o Larry King dizer:

– Penso que falo por todos quando digo que há aqui uma história.

– Que caraças! – disse o T. J.

Lá vamos nós.

CAPÍTULO 42

T. J.

Acordei antes da Anna e pedi ovos, panquecas, salsichas, *bacon*, torradas, *nash browns*², sumo e café. Quando a comida chegou, beijei-a até a acordar.

Ela abriu os olhos e disse:

– Cheira-me a café.

Enchi-lhe a chávena. A Anna bebeu um gole e suspirou.

– Oh, é bom.

Comemos o pequeno-almoço na cama e depois a Anna tomou um duche. Eu fiquei junto do telefone para o caso de o meu pai ligar. Mal ela acabou, trocámos de lugares. Quando saí da casa de banho, a secar-me com a toalha, ficou a olhar para mim de olhos arregalados.

– Fizeste a barba.

Passou as costas da mão pela minha pele.

– Disseste-me que se fôssemos salvos ia ter de fazê-la sozinho – disse eu, a rir.

– Não foi a sério.

O telefone tocou às onze da manhã. O meu pai tinha fretado um avião e disse que tínhamos de estar no aeroporto dentro de uma hora.

– Tirando as escalas para reabastecer, vai ser um voo direto. Vamos estar à vossa espera no O'Hare.

– Pai, a Anna tem estado a tentar contactar a irmã. Falou com ela?

– Consegui falar duas vezes. A linha dela tem estado ocupada, mas a nossa também, T. J. A notícia espalhou-se depressa. O aeroporto tomou disposições especiais e vamos poder estar junto à porta quando desembarcarem, mas os *media* também lá vão estar. Farei o que puder para os manter a uma distância razoável.

– OK. É melhor eu ir, para conseguirmos chegar ao aeroporto a tempo.

– Amo-te, T. J.

– E eu também o amo, pai.

Vesti os calções e a *T-shirt* que tínhamos comprado na loja do hotel. A Anna usava o vestido azul. Saquei o cartão do homem da companhia *charter* e atirei a nossa roupa velha e suja para o lixo. Enfiámos tudo o mais em dois sacos de plástico que encontrámos no quarto.

Depois de fazermos o *check-out*, apanhámos o miniautocarro do hotel para o aeroporto. A Anna mal conseguia sentar-se quieta. Eu ri e abracei-a.

– Estás elétrica.

– Eu sei. Estou entusiasmada, e bebi um montão de café.

O autocarro parou diante da entrada do aeroporto e eu e a Anna pusemo-nos de pé.

– Estás pronta para sair daqui? – perguntei, pegando-lhe na mão.

Ela sorriu e respondeu:

– Absolutamente.

A tripulação – piloto, copiloto e uma assistente de bordo – bateram palmas quando eu e a Anna baixámos a cabeça para entrar no avião. Apertaram-nos a mão e nós sorrimos e apresentámo-nos.

Examinei a cabina. Havia sete lugares; cinco isolados, separados por uma coxia estreita, e dois juntos. Um sofá estreito corria ao longo da parede. Não imaginava sequer quanto aquilo devia ter custado ao meu pai.

– Que género de avião é este? – perguntei.

– É um *Lear 55* – respondeu o piloto. – Um jato de tamanho médio.

Vamos ter de fazer várias escalas para reabastecer, mas devemos chegar a Chicago dentro de cerca de dezoito horas.

Eu e a Anna enfiámos os nossos sacos de plástico nas bagageiras superiores e sentámo-nos lado a lado nas duas poltronas de couro com costas reclináveis. À nossa frente havia uma grande mesa aparafusada ao chão.

A assistente de bordo aproximou-se de nós logo que acabámos de prender os cintos de segurança.

– Olá. Chamo-me Susan. Querem beber alguma coisa? Tenho refrigerantes, cerveja, vinho, *cocktails*, água engarrafada, sumos e champanhe.

– Escolhe tu, Anna.

– Quero água, champanhe e sumo, por favor – disse ela.

– Quer que faça uma *mimosa*? Tenho sumo de laranja fresco.

A Anna sorriu à Susan.

– *Adorava uma mimosa*. Obrigada.

– Ora essa. Volto já.

A nossa tolerância ao álcool era de zero, e ficámos bastante toldados. A Anna bebeu duas *mimosas* e eu quatro cervejas. Ela não parava de rir e eu não parava de a beijar; além disso, fizemos imenso barulho, e a Susan foi espetacular a fingir que não reparava. Levou-nos um enorme prato com queijo, bolachas e fruta, provavelmente na esperança de que nos curasse a bebedeira. Acabámos por comer aquilo tudo, mas não antes de eu tentar atirar várias uvas para a boca aberta da Anna. Falhei todas, e rimos como uns perdidos.

Quando escureceu, a Susan levou-nos mantas e almofadas.

– Oh, que bom – disse a Anna, com um bocejo. – Estou um pouco sonolenta.

Estendi as mantas em cima de nós e enfiei as mãos debaixo do vestido da Anna.

– Para com isso – disse ela, a tentar desviar-me as mãos. – A Susan está mesmo ali.

– A Susan não se importa – disse eu, e puxei as mantas para cima das nossas cabeças, para podermos ter um pouco de privacidade. Foi só garganta, no entanto, porque cinco minutos mais tarde apaguei-me.

Acordei com uma dor de cabeça. A Anna ainda dormia, com a cabeça apoiada no meu ombro. Quando acordou, fomos à vez lavar a cara e os dentes na casa de banho. A Susan pousou uma bandeja com sanduíches de peru e carne assada em cima da mesa, além de batatas fritas e *Coca-Cola*. Também me entregou duas unidoses de *Tylenol* e duas garrafas de água.

– Obrigado.

– De nada – disse ela, dando-me uma palmadinha no ombro.

Rasgámos as embalagens de *Tylenol* e engolimos os comprimidos com um gole de água.

– Que dia é hoje, Anna?

Ela pensou um minuto antes de responder:

– 28 de dezembro?

– Quero que passemos o Ano Novo juntos – disse eu. – Por essa altura já vou estar cheio de saudades tuas.

Ela beijou-me ao de leve.

– Está combinado.

Comemos as sanduíches e as batatas fritas e passámos o resto do tempo a conversar.

– Pensei tanto neste dia, T. J. Consigo imaginar a minha mãe e o meu pai, a Sarah, o David e os miúdos todos juntos enquanto eu corro para eles de braços muito abertos.

– Também eu pensei neste dia. Tinha medo de que nunca chegasse.

– Mas chegou – disse a Anna, e sorriu-me.

O céu clareou, e eu olhei pela janela para os campos gelados do Midwest. Quando começámos a descer para a pista em Chicago, a Anna apontou e disse:

– Olha, T. J. Neve.

Aterrámos em O'Hare um pouco antes das oito da manhã. A Anna soltou o cinto de segurança e pôs-se de pé antes de o avião parar completamente.

Tirámos os nossos sacos de plástico das bagageiras e percorremos apressadamente a coxia em direção à frente. O piloto e o copiloto saíram do *cockpit*.

– Foi um prazer trazê-los para casa – disse o piloto. – Boa sorte para os dois.

Voltámo-nos para a Susan.

– Obrigada por tudo – disse a Anna.

– De nada – respondeu ela, e abraçou-nos.

Alguém abriu a porta do avião.

– É agora, T. J. – disse a Anna. – Vamos.

CAPÍTULO 43

ANNA

Eu e o T. J. corremos pela manga de desembarque de mãos dadas. Quando saímos do outro lado, a multidão rugiu. O clarão de centenas de *flashes* cegou-me e pestanejei, tentando focar tudo. Os jornalistas começaram imediatamente a gritar perguntas. A Sarah saltou para a frente e abraçou-me, a chorar.

A Jane Callahan estava quase histérica, agarrada ao T. J. O Tom Callahan e duas raparigas – as irmãs do T. J., assumi – juntaram-se ao abraço familiar. O David estava ao lado da Sarah, e estendeu os braços para me envolver. Apertei-o com força e afastei-me um pouco, à procura dos mais pais no meio da multidão.

Vi o John.

Avancei para ele e abracei-o automaticamente. Recuei um passo, desejando que saísse da minha frente. Confusa, senti o coração a bater mais depressa. Percorri com os olhos o resto das pessoas que estavam dentro da área vedada, mas não vi a minha mãe.

Nem o meu pai.

Voltei a procurar, freneticamente, e então compreendi por que razão o telefone deles tinha sido desligado. Os meus joelhos cederam. A Sarah e o David agarraram-me.

– Os dois?

A Sarah assentiu, com as lágrimas a correrem-lhe pela cara.

– Não! – gritei. – Porque foi que não me disseste?

– Desculpa – disse ela. – O teu telefonema apanhou-me desprevenida, e tu parecias tão feliz. Não fui capaz, Anna.

Levaram-me para uma cadeira. Antes que acabasse de sentar-me, o T. J. apareceu a meu lado.

Sentou-se e puxou-me para si e embalou-me suavemente enquanto eu soluçava. Levantei a cabeça do peito dele.

– Morreram os dois.

– Eu sei. A minha mãe acaba de me dizer.

Beijou-me a testa e limpou-me as lágrimas e as máquinas fotográficas apanharam tudo. Eu não o sabia na altura, mas menos de vinte e quatro horas mais tarde, as fotos do T. J. a abraçar-me e a beijar-me iam aparecer nas primeiras páginas dos jornais de uma ponta à outra do país.

Apoiei a cabeça no peito dele e fechei os olhos. A Sarah fazia-me festas nas costas. Finalmente, inspirei fundo e endireitei-me.

– Lamento muito – disse o T. J., afastando-me os cabelos da testa.

Assenti.

– Eu sei.

Fez-se silêncio, quebrado apenas pelo disparar das máquinas fotográficas. Voltei-me para a Sarah e disse:

– Quero ir para casa.

A Sarah escreveu o número do seu telemóvel num pedaço de papel, para que eu pudesse dá-lo ao T. J. Entreguei-lho, e ele guardou-o no bolso dos calções.

– Telefone-te daqui a pouco. – Envolveu-me nos braços e murmurou-me ao ouvido. – Amo-te.

– E eu também te amo – murmurei eu em resposta.

Pusemo-nos de pé no instante em que a Jane e o Tom Callahan avançavam para nós, seguidos pelas duas raparigas.

– Tenho tanta pena, Anna – disse a Jane –, a Sarah falou-nos dos seus pais. Foi horrível pensar nas notícias que a aguardavam à chegada. – Abraçou-me e, quando se afastou, segurou-me as mãos por um minuto. – Telefonamos-lhe dentro de dias. Temos assuntos a discutir.

Sorriu e deu-me um beijo rápido na cara.

O Tom Callahan sorriu e apertou-me o ombro.

– Obrigada por ter fretado o avião – disse eu.

– Não tem de quê, Anna.

A Sarah mandou o David avisar os jornalistas de que eu não faria qualquer declaração. O John veio colocar-se a meu lado. Começou a entender a mão para pegar na minha, mas mudou de ideias.

– Lamento o que aconteceu aos teus pais, Anna.

– Obrigada.

Ficámos ali num silêncio constrangido, como dois desconhecidos. Finalmente, ele disse:

– Fiquei tão feliz quando a Sarah telefonou. Nem queria acreditar no que ela estava a dizer.

Eu inspirei fundo e disse:

– John...

– Não digas nada. Espera algum tempo, e quando estiveres pronta falamos. Sei que provavelmente queres sair daqui para fora. – Olhou para o T. J., que estava ali perto com a família. – Dei as tuas coisas à Sarah há cerca de um ano. Antes disso não tinha sido capaz. – Fixou os olhos nos meus. – Estou muito feliz por teres voltado para casa, Anna.

Abraçou-me e afastou-se, e então a Sarah e o David levaram-me dali.

CAPÍTULO 44

T. J.

A minha família rodeava-me. A Alexis e a Grace agarravam-se às minhas mãos, uma de cada lado, e a minha mãe não conseguia decidir se queria rir ou chorar, de modo que fazia as duas coisas.

– Nem acredito no quanto cresceste – disse o meu pai.

Estavam todos pasmados com o meu rabo de cavalo.

– Não tínhamos tesoura – expliquei.

Vi, pelo canto do olho, um tipo alto e louro dirigir-se à Anna.

Não fales com ela. Ela já não te ama.

Fiquei a observá-los até que a minha mãe me puxou por um braço.

– Vamos para casa, T. J.

Olhei mais uma vez para a Anna. O John abraçou-a e afastou-se. Soltei um suspiro e disse:

– Estou pronto, mãe.

Antes de sairmos, a minha mãe deu-me um sobretudo, umas meias e uns ténis. Enfiei os chinelos no saco de plástico onde tinha o resto das minhas coisas e segui a família até ao carro.

Quando chegámos a casa tomei um duche, enrolei uma toalha à volta da cintura e dirigi-me para o meu antigo quarto. Estava exatamente na mesma. A cama de casal tinha a mesma colcha azul-escura e a minha aparelhagem *stereo* e a minha coleção de CD continuavam no canto junto à

mesa de trabalho. Em cima da cómoda havia um monte de roupa dobrada. A minha mãe tinha feito um bom trabalho a calcular os tamanhos, tendo em conta o que eu tinha crescido.

Quando saí do quarto, a minha mãe estava na cozinha a fazer o pequeno-almoço. Deu-me um prato de panquecas e *bacon* e quando acabei de comer sentei-me na sala de estar para falar com a minha família. A Grace, que tinha catorze anos, quis sentar-se a meu lado. A Alexis, que acabava de fazer treze, sentou-se no chão, aos meus pés.

Falei-lhes de tudo – de Mick, do acidente, da água contaminada, da sede, da fome, do tubarão, de ter ficado doente e do *tsunami* – e respondi a todas as perguntas. A minha mãe começou a chorar outra vez quando soube como eu tinha estado doente.

Nessa noite, depois de as minhas irmãs terem ido para a cama, ficámos só eu e os meus pais.

– Não podes fazer ideia do que é, T. J. – disse a minha mãe. – Pensar que um filho está morto e de repente ele telefonar-nos. Se isto não é um milagre, não sei o que possa ser.

– Nem eu – concordei. – A Anna sonhava com o dia em que poderíamos fazer aqueles telefonemas. Mal podia esperar que toda a gente soubesse que estávamos vivos.

O silêncio encheu a sala pela primeira vez desde que tínhamos começado a falar.

A minha mãe tossicou.

– Que género de relação é que tu e a Anna tiveram? – perguntou.

– Precisamente o género que está a pensar.

– Que idade tinhas tu?

– Quase dezanove – disse eu. – E mãe...?

– Sim?

– A ideia foi definitivamente minha.

CAPÍTULO 45

ANNA

Fizemos uma paragem na casa de banho porque eu precisava desesperadamente de me assoar e limpar os olhos. A Sarah deu-me uma embalagem de *Kleenex*.

– Devia ter adivinhado que alguma coisa se passava quando soube que o número deles tinha sido desligado. Disseste que venderam a casa.

– Disse que a casa foi vendida. Eu e o David tratámos disso logo que a questão da herança ficou resolvida.

Inclinei-me para a frente, apoiada ao balcão da casa de banho.

– O que lhes aconteceu?

– O pai teve outro ataque cardíaco.

– Quando?

Ela hesitou.

– Duas semanas depois do acidente.

Comecei outra vez a chorar.

– E a mãe?

– Cancro nos ovários. Morreu há um ano.

O David gritou qualquer coisa do outro lado da porta. A Sarah pôs a cabeça de fora por um instante, voltou para dentro e disse:

– Os jornalistas vêm para este lado. Temos de sair daqui, a menos que queiras falar com eles.

Abanei a cabeça. A Sarah tinha-me levado um casaco e umas botas forradas com pele de carneiro. Enfiei-as nos pés e encaminhámo-nos para o parque de estacionamento, com os jornalistas a seguirem-nos a curta distância. Aspirei o cheiro a neve e a fumo de escape.

– Onde estão os miúdos? – perguntei quando chegámos ao apartamento da Sarah e do David. Queria muito abraçar o Joe e a Chloe.

– Deixámo-los em casa dos pais do David. Vou buscá-los amanhã. Estão excitadíssimos por te irem ver.

– O que é que queres comer? – perguntou o David.

O estômago deu-me uma volta. Tinha imaginado pedir um autêntico festim, mas naquele momento não me parecia que conseguisse comer fosse o que fosse.

O David deve tê-lo sentido, porque disse:

– E se eu fosse comprar uns *bagels* para tu comeres quando te apetecer?

– Seria ótimo, David. Obrigada.

Despi o casaco e descalcei as botas.

– As tuas roupas estão todas aqui – disse a Sarah. – Pu-las no armário do quarto de hóspedes, depois de o John as ter trazido. As tuas joias e sapatos e algumas outras coisas também lá estão. Não fui capaz de desfazer-me delas.

Segui a minha irmã pelo corredor até ao quarto de hóspedes. Ela abriu o armário e eu fiquei a olhar para a minha roupa. A maior parte estava em cabides, e o resto muito bem dobrado e arrumado na prateleira superior. Uma camisola de caxemira azul-clara prendeu-me o olhar. Estendi a mão e toquei na manga, espantada pela maneira como parecia macia sob os meus dedos.

– Queres tomar um duche primeiro? – perguntou a Sarah.

– Sim – respondi, pegando numas calças de ioga cinzentas e numa *T-shirt* branca de mangas compridas. Tirei também a camisola azul. Uma cómoda, num canto do quarto, continha as minhas meias, *soutiens* e cuecas. Fui para a casa de banho e deixei-me ficar debaixo do duche imenso tempo.

Ficava a nadar dentro das roupas, mas eram familiares e quentes.

– A Stefani vem a caminho – disse a Sarah, entregando-me uma caneca de café depois de eu me ter instalado no sofá da sala.

Sorri ao ouvir o nome da minha melhor amiga.

– Estou desejosa por vê-la. – Bebi um gole de café. A Sarah tinha-lhe posto um «cheirinho». – *Bailey's Irish Cream*?

– Achei que estavas a precisar de uma bebida.

– OK, mas só uma. Perdi a resistência e já mal aguento um copo. – Segurei a caneca quente com as duas mãos. – Como se aguentou a mãe depois de o pai ter morrido? – perguntei.

– Bastante bem. Não quis vender a casa, de modo que o David encarregou-se do jardim e contratou um homem para limpar o caminho de acesso e o passeio quando nevava. Nunca deixámos que se sentisse sozinha.

– Foi muito mau, o cancro?

– Não foi bom. Mas ela lutou até ao fim.

– Foi para um lar?

– Não, morreu em casa, como sempre quis.

Acabámos de beber o café. O David voltou com os *bagels* e a Sarah incitou-me a comer.

– Estás tão magra – disse. Barrou um deles com queijo creme e estendeu-mo.

Voltámos ao sofá quando acabámos a nossa refeição. A Sarah ligou o rádio e eu encontrei uma estação de *rock* clássico. A minha irmã deu-me outra caneca de café, dessa vez sem *Bailey's*. O David juntou-se a nós e os dois fizeram-me perguntas a respeito da ilha.

Contei-lhes tudo. A Sarah chorou quando lhes contei como eu e o T. J. quase tínhamos morrido de desidratação. Saber que tinham passado dois aviões por cima de nós foi o que verdadeiramente a deitou abaixo. Ficaram chocados quando lhes contei do tubarão e do Ossos e do *tsunami*.

– Que pesadelo horrível – disse a Sarah.

– Bem, adaptámo-nos. Mas para o fim foi muito mau. Não sei quanto mais tempo teríamos durado.

A Sarah deu-me uma manta de lã, que eu pousei por cima das pernas dobradas.

– Fiquei surpreendida por ver o John no aeroporto – disse.

– Fui eu que lhe telefonei. Ficou arrasado quando o avião caiu e verdadeiramente feliz quando soube que estavas viva.

– Pensei que tinha seguido em frente. Que talvez até tivesse casado.

– Não. Andou com alguém durante uns tempos, mas tanto quanto sei continua solteiro.

– Oh.

– O que foi que decidiste a respeito dele?

– Não é com ele que eu devo estar, Sarah. Não sei o que teria acontecido se o meu avião não tivesse caído, mas tive muito tempo para pensar no que queria. – Abanei a cabeça. – E não é o John.

– Tu e o T. J. estão juntos, não estão?

– Sim. Surpreende-te?

– Dadas as circunstâncias, não. Que idade tem ele?

– Vinte.

– Que idade tinha quando começou?

– Quase dezanove.

– Ama-lo?

– Sim.

– Reparei na maneira como ele olha para ti. Como te confortou no aeroporto. Ele também te ama.

Pousei a caneca de café vazia em cima da mesa.

– Sim, ama-me.

A campainha da porta tocou e a Sarah atravessou a sala. Segui-a e sustive a respiração enquanto ela espreitava para ver quem era e abria a porta. A Stefani estava ali com as lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo. Apertei-a contra o peito, e não havia palavras capazes de exprimir o que sentia por voltar a vê-la.

– Oh, Anna – disse ela, a soluçar e a esmagar-me com a força do seu abraço. – Voltaste para casa.

CAPÍTULO 46

T. J.

Nessa noite, fui para o meu quarto, estendi-me na cama e liguei para a Anna.

- Olá – disse, quando ela atendeu. – Como estás tu?
- Exausta. Demasiadas coisas para processar.
- Quem me dera poder ajudar.
- Só preciso de um pouco de tempo – disse ela. – Vou ficar bem.
- Estou deitado na minha velha cama. A minha mãe guardou tudo.
- A Sarah também. Pensei que o costume era as pessoas darem tudo quando alguém morria.
- A minha mãe sabe a nosso respeito.
- Oh, Deus. O que foi que ela disse?
- Perguntou-me que idade eu tinha quando começou. Mais nada.
- É capaz de voltar ao assunto mais tarde.
- Talvez. Então, era o John que estava no aeroporto?
- Era.
- O que foi que lhe disseste?
- Nada. Ele não deixou. Fiquei de lhe telefonar mais tarde.
- E vais telefonar?

– A seu tempo. Neste momento, não me sinto capaz de lidar com nada disto. Há quatro dias estávamos a passear na ilha. Agora estamos em casa. É surreal.

- Eu sei.
- Estás cansado?
- Exausto.
- Vai dormir.
- Amo-te, Anna.
- E eu também te amo.

CAPÍTULO 47

ANNA

A Sarah abriu a porta do quarto. Segurava uma chávena de café e um jornal.

– Estás acordada?

Sentei-me na cama e pisquei os olhos. A luz do sol infiltrava-se pelas cortinas.

– Que horas são?

– Quase dez. – Entregou-me a chávena de café e pôs o jornal em cima da mesa de cabeceira. – Os jornalistas não desistem. Tive de desligar a campainha do telefone.

Peguei no telemóvel dela que tinha deixado na mesa de cabeceira e liguei-o. O visor mostrou onze chamadas não atendidas.

– Estão a ligar também para o teu telemóvel. Vou comprar um logo que possa.

Agitou a mão, num gesto despreocupado.

– Não há pressa. Talvez possamos mandar o David escolher um para ti.

Pousei a chávena de café na mesa de cabeceira e peguei no jornal. A primeira página estava cheia de fotografias minhas e do T. J. Eram as mesmas que eu já tinha visto na CNN, e várias do aeroporto. A maior mostrava o T. J. a beijar-me a testa e estava rodeada por outras mais pequenas de nós

a correremos de mãos dadas, a abraçarmo-nos, dele a limpar-me as lágrimas e a passar-me o braço pelos ombros. Para quem ainda tivesse dúvidas quanto à natureza da nossa relação, um olhar àquela primeira página bastaria provavelmente para responder às perguntas mais prementes.

Entreguei o jornal à Sarah.

– Se algum jornalista conseguir ligar, diz-lhe que não me sinto preparada para falar, está bem?

Peguei na chávena e segurei-a com ambas as mãos. Recordações da minha mãe e do meu pai encheram-me o coração e comecei a chorar. A Sarah sentou-se na cama e abraçou-me, ao mesmo tempo que me punha na mão uma caixa de *Kleenex*.

– Chora à vontade, Anna. Eu também chorei, depois de cada um deles ter morrido. Vai demorar algum tempo até deixar de doer tanto.

Assenti com a cabeça.

– Eu sei.

– Tens fome? O David saiu para ir buscar o pequeno-almoço.

O turbilhão emocional dera-me cabo do apetite, mas sentia o estômago vazio.

– Um pouco.

– O que é que queres fazer hoje?

– Talvez devesse fazer umas marcações. Médica, dentista, cabeleireiro.

A Sarah saiu do quarto e voltou com a lista telefónica.

– Diz-me a quem queres ligar.

CAPÍTULO 48

T. J.

O Ben irrompeu pelo quarto dentro, com um jornal na mão. – Uma pergunta – disse, avançando para a cama de indicador espetado no ar. – Que idade tinhas quando começaste a comê-la? Porque não tenho a mais pequena dúvida, depois de ver estas fotografias, de que foi o que fizeste.

Se não estivesse a olhar para a fotografia em que eu aparecia a beijar a Anna, talvez tivesse visto o meu punho antes que ele lhe acertasse no olho esquerdo.

– Cristo! Que raio de merda foi essa? – perguntou ele do chão onde estava estendido, agarrado ao olho.

– *Isso* é a primeira coisa que me dizes ao fim de três anos e meio?

Sentou-se, com o olho já a começar a inchar.

– Porra, Callahan. Esta doeu.

Saí da cama e estendi-lhe a mão. Ele agarrou-a e eu ajudei-o a levantar-se do chão.

– Não voltes a falar dela dessa maneira.

– T. J.? – A minha mãe estava à porta do quarto. Reparou que o Ben tinha a mão a tapar o olho. – Está tudo bem?

– Tudo bem, mãe.

– *Ya*, tudo na maior, Jane – disse o Ben.

A minha mãe olhou para nós, mas não perguntou o que tinha acontecido.

– O que é que queres comer, T. J.?

– Qualquer coisa, mãe.

– Estás, tipo, apaixonado por ela, ou coisa assim? – perguntou o Ben, depois de a minha mãe ter saído.

– Estou.

– E ela ama-te *a ti*.

– Diz que sim.

– A tua mãe sabe?

– Sabe.

– E não se passou dos carretos?

– Ainda não.

– Bem, estou feliz por teres voltado, meu – disse o Ben, e abraçou-me desajeitadamente. – Foi mau à brava quando me disseram que tinhas morrido. – Olhou para o chão. – Falei no teu funeral.

– Falaste?

Ele fez que sim com a cabeça.

O Ben quase não era capaz falar diante dos colegas na nossa aula de oratória do nono ano. Não conseguia imaginá-lo a dirigir-se às pessoas no meu funeral. Talvez não devesse ter-lhe dado um murro.

– Foi fixe da tua parte, Ben.

– *Ya*, bem, a tua mãe ficou feliz. Mudando de assunto: vais cortar o cabelo, não vais? Pareces o raio de uma miúda.

– *Ya*.

A minha mãe fez-me um *cheeseburger* com batatas fritas e o Ben sentou-se a meu lado enquanto eu comia. Os meus pais abraçaram-me uma data de vezes e a minha mãe beijou-me. O Ben queria provavelmente fazer algum comentário estúpido, mas segurou um cubo de gelo contra o olho e manteve a boca fechada. A Grace e a Alexis sentaram-se à mesa durante algum tempo, a falar-me da escola e das amigas. Acabei de beber a minha *Coca-Cola*.

– Só consegui consulta com o Dr. Sanderson amanhã. Pensei que talvez conseguissem encaixar-te hoje, mas parece que estão cheios de gente.

- Não tem importância, mãe. Esperei este tempo todo. Mais um dia não vai fazer diferença.
- Ela limpou as mãos a uma toalha e sorriu-me.
- Queres comer mais alguma coisa?
- Não. Estou cheio. Obrigado.
- Vou marcar-te um corte de cabelo e uma visita ao dentista.
- Desligou o disco e saiu da cozinha para ir fazer os telefonemas.
- Então, tens um emprego ou quê? – perguntei ao Ben. – Estamos a meio do dia.
- Estou na universidade. Férias de Natal.
- Entraste para a universidade? Qual?
- A Universidade do Iowa. Ando no segundo ano. Tens de ir visitar-me. E tu, o que é que vais fazer?
- Prometi à Anna conseguir um DEG. Depois disso, não faço ideia.
- Vais continuar a vê-la?
- Claro. Já estou cheio de saudades. Há três anos e meio que acordo ao lado dela.
- Meu, se eu te fizer outra pergunta, prometes não me dar um murro?
- Depende do que perguntares.
- Como é estar com ela? É verdade o que dizem a respeito das miúdas mais velhas?
- Ela não é assim tão mais velha.
- Hum, OK. De todos os modos, como é que é?
- É incrível.
- O que é que ela faz?
- Faz tudo, Ben.

CAPÍTULO 49

ANNA

A Joanne, a minha cabeleireira, entrou na sala de estar da Sarah. – Há jornalistas à porta – disse. – Acho que me tiraram o retrato. – Despiu o casaco e abraçou-me. – Bem-vinda a casa, Anna. São histórias como a tua que me fazem acreditar em milagres.

– A mim também, Joanne.

– Onde é que queres cortar o cabelo? – perguntou a Sarah.

Eu já tinha tomado duche e os meus cabelos ainda estavam molhados, de modo que a Joanne me mandou sentar num banco da cozinha.

– O que aconteceu aqui? – perguntou, a examinar as pontas dos meus cabelos.

– O T. J. teve de os queimar quando ficaram demasiado compridos.

– Estás a brincar.

– Palavra que não. Até tivemos medo que ele me pegasse fogo à cabeça.

– Quanto é que queres que corte?

O cabelo chegava-me a meio das costas.

– Uns centímetros. E talvez uma franja comprida?

– Certo.

Foi-me fazendo perguntas a respeito da ilha enquanto trabalhava. Contei-lhe, e à Sarah, o episódio do morcego que se me emaranhara no cabelo.

– Mordeu-te? – A Sarah parecia horrorizada. – E o T. J. matou-o com a faca?

– Sim. Mas correu tudo bem. Não apanhei raiva.

A Joanne secou-me o cabelo e alisou-o com o ferro. Levantou um espelho de mão, para eu poder ver o resultado. O meu cabelo voltara a parecer saudável, com pontas macias.

– Uau. É uma grande melhoria.

A Sarah tentou pagar, mas a Joanne não aceitou dinheiro. Agradei-lhe por ter ido ao apartamento.

– Era o mínimo que podia fazer, Anna.

Abraçou-me e beijou-me e, depois de ela ter saído, eu disse à Sarah:

– Se conseguíssemos sair sem sermos assaltadas pela turba, há um sítio aonde gostava muito de ir.

– Com certeza – disse a Sarah. – Vou chamar um táxi.

Os jornalistas começaram a gritar o meu nome mal eu e a Sarah abrimos a porta. Estavam à espera nos degraus e abrimos caminho pelo meio deles, entrando no táxi que aguardava.

– É pena o teu prédio não ter uma porta das traseiras – disse eu.

– Se tivesse, provavelmente também lá estariam. Malditos abutres – rosnou a Sarah.

Deu a morada ao taxista e pouco depois estávamos a passar os portões do Graceland Cemetery.

– Pode esperar? – pediu a Sarah ao taxista.

Uns poucos flocos de neve rodopiavam no céu cinzento. Eu tremia, mas a Sarah, que parecia indiferente ao frio, não se tinha dado sequer ao incómodo de abotoar o casaco. Levou-me até à sepultura onde os nossos pais, Josephine e George Emerson, repousavam lado a lado.

Ajoelhei-me diante da lápide e tracei os nomes deles com a ponta do dedo.

– Consegui voltar – murmurei.

A Sarah deu-me um lenço de papel e limpei as lágrimas que me jorravam dos olhos.

Vi o meu pai com o seu tolo chapéu de pesca coberto de anzóis, a ensinar-me a amanhar peixe. Recordei como gostava de abastecer o comedouro dos colibris e de ver as minúsculas criaturas beber, suspensas no ar. Pensei na minha mãe e em como ela amara o seu jardim e a sua casa e os seus netos. Não voltaria a partilhar com ela as minhas aventuras na sala de aula à mesa do almoço nas manhãs de domingo. Nunca mais poderia voltar a dar-me conselhos, e eu nunca mais voltaria a ouvir a voz dos meus pais. Chorei perdidamente, deitando tudo cá para fora. A Sarah esperou, paciente, a dar-me tempo para a catarse de que eu tão desesperadamente precisava. Quando as lágrimas deixaram de correr, pus-me de pé.

– Já podemos ir.

A Sarah passou-me o braço pelos ombros e voltámos ao táxi. Deu outra morada ao condutor e fomos a casa dos pais do David buscar os miúdos.

O Joe e a Chloe pararam de brincar quando entrámos na sala. Provavelmente eu parecia-lhes um fantasma. A Sarah mantivera viva a minha recordação, mas a tia que eles julgavam morta estava agora ali de pé na sala de estar. Ajoelhei-me junto deles e disse baixinho:

– Céus, as saudades que eu tive vossas.

O Joe foi o primeiro a aproximar-se. Abracei-o com força.

– Deixa-me olhar para ti – disse, segurando-o à distância dos braços.

– Estão-me a cair os dentes todos – disse ele, e abriu a boca para me mostrar os buracos.

– Deves andar a manter a fada dos dentes numa roda-viva.

A Chloe, mais lenta a aceitar a tia havia muito perdida, arriscou-se um pouco mais perto e murmurou:

– Também me caíram alguns.

Abriu a boca, para que eu pudesse ver também os *seus* buracos.

– Céus, a vossa mãe deve ter de passar a comida toda com varinha mágica. Estão desdentados.

– Tia Anna, vais viver em nossa casa, agora? – perguntou a Chloe.

– Durante algum tempo.

– Vais dar-me um beijinho de boas-noites?

– Não, a mim é que vais dar um beijinho de boas-noites – contestou o Joe.

- E que tal se for dar um beijinho de boas-noites aos dois?
- Apertei-os contra o peito, a esforçar-me por conter as lágrimas.
- Estão prontos para ir para casa? – perguntou a Sarah.
- Siiim!

– Então deem um beijinho à avó e vamos.

Mais tarde nessa noite, depois de eu ter deitado as crianças, a Sarah serviu a cada uma de nós um copo de vinho tinto. O telemóvel tocou e ela entregou-mo.

- Olá. Como estás? – perguntou o T. J.
- Estou bem. Eu e a Sarah fomos ao cemitério.
- Foi muito duro?
- Foi. Mas eu queria muito lá ir. Sinto-me um pouco melhor agora, depois de ter visitado as sepulturas. Hei de lá voltar. E tu, que fizeste hoje?
- Cortei o cabelo. És capaz de não me reconhecer.
- Vou ter saudades do rabo de cavalo.
- Eu não – disse ele, com uma gargalhada.
- Estive a deitar as crianças. Demorei duas horas, porque tive de ler todos os livros que eles têm. A Sarah acaba de nos servir um copo de vinho e a Stefani vai aparecer por cá. E tu? Tens alguns planos?
- Vou sair com o Ben, se conseguirmos ver-nos livres dos jornalistas.
- Como está o Ben?
- Continua tão desbocado como sempre.
- Já foste ao médico?
- Vou amanhã.
- Espero que esteja tudo bem.
- Vai estar. E tu, já foste?
- Amanhã. Depois o dentista, à tarde.
- Também eu. Lembras-te de quando tirei o aparelho?
- Já me tinha esquecido.
- Vemo-nos na véspera do Ano Novo, Anna. Amo-te.
- Eu também te amo. Diverte-te esta noite.

CAPÍTULO 50

T. J.

Abri a porta quando o Ben bateu. O olho dele inchara tanto que estava fechado e tinha agora um tom violáceo e azul.

– Merda. Desculpa lá isso – disse eu.

– Eh, não tem importância. A tua sorte é eu ser um gajo tão paciente.

– Com toda a franqueza, é a tua melhor qualidade.

– Alguma da malta da escola está cá para as férias de Natal. Sentes-te com disposição para uma festa?

– Claro. Onde?

– Em casa do Coop. Os pais foram para as Bahamas hoje de manhã.

Peguei no casaco.

– Vamos.

Pelo menos vinte dos meus antigos colegas de turma estavam de pé na sala de estar do Nate Cooper quando aparecemos. A aparelhagem berrava música *rock*. Toda a gente bateu palmas quando entrámos e alguns dos rapazes apertaram-me a mão e deram-me palmadas nas costas. Já não via muitos deles desde antes de ter começado o tratamento contra a Hodgkin porque tinha faltado muito às aulas naquele ano. Foi esquisito aperceber-me de que toda a gente tinha acabado o secundário menos eu.

Alguém me enfiou uma cerveja na mão. Queriam saber coisas a respeito da ilha, e eu respondi a todas as perguntas. O Ben deve ter-lhes dito

onde arranjara o olho negro, porque ninguém perguntou nada a respeito da Anna.

Ia na minha segunda cerveja quando uma rapariga se sentou no sofá a meu lado. Tinha cabelo comprido e louro e usava uma tonelada de maquilhagem.

– Lembras-te de mim? – perguntou.

– Mais ou menos – disse eu. – Desculpa, esqueci-me do teu nome.

– Alex.

– Eras da minha turma, certo?

– Sim. Estás muito diferente do que eras naquela altura.

– Bem, sim, foi há quatro anos.

Acabei a cerveja e olhei em redor à procura do Ben.

– Estás com bom aspeto. Quase não dá para acreditar que viveste mesmo naquela ilha.

– A verdade é que não tive por onde escolher. – Pus-me de pé. – Vou-me embora. Vemo-nos por aí.

– Espero que sim.

Encontrei o Ben na cozinha.

– Ouve, vou desandar.

– Não podes ir já, meu. Só é meia-noite.

– Estou cansado. Vou para a cama.

– É uma seca, meu, mas tudo bem, eu percebo.

Chocámos as mãos e eu dirigi-me para a porta.

A caminho do metro pensei na Anna, e sorri durante toda a viagem até casa.

CAPÍTULO 51

ANNA

Fui acordar o Joe e a Chloe, para podermos tomar o pequeno-almoço juntos. Estávamos a acabar os *waffles* torrados e o sumo quando a Sarah entrou na cozinha.

– Bom dia – disse. – Obrigada por teres dado o pequeno-almoço aos miúdos.

– A tia Anna faz uns *waffles* muito bons – declarou a Chloe.

– O namorado da tia Anna vem cá a casa amanhã à noite – anunciou o Joe.

– Como é que sabes? – perguntou a Sarah.

– Ouvi-te falar com a tia Anna.

– Sim, o namorado da tia Anna vem festejar o Ano Novo connosco. Espero que vocês os dois se lembrem do que lhes ensinámos e não se comportem como um par de vândalos.

– A tia Anna tem de ir tomar um duche – disse eu aos miúdos. – Tem um dia muito atarefado pela frente.

– Médica? – perguntou a Sarah.

– E dentista. Vai ser uma alegria.

Li uma revista enquanto esperava que chamassem o meu nome no consultório da médica. Quando a enfermeira me pediu para subir para a balança, fiquei chocada quando o mostrador registou 42 quilos, sobretudo por já ter tido alguns dias a comer bem. Com um metro e sessenta e oito, devia pesar mais oito ou dez quilos. Na ilha, provavelmente não chegava sequer aos quarenta.

Sentei-me na marquesa vestida com uma bata de papel. Quando a minha médica entrou, abraçou-me e disse:

– Bem-vinda a casa. Tenho a certeza de que está farta de ouvir isto, Anna, mas a verdade é que mal consigo acreditar que está viva.

– É uma coisa que não me importo de ouvir.

Ela passou os olhos pela prancheta.

– Está com peso a menos, mas tenho a certeza de que já o sabe. Como se sente no geral? Há alguma coisa específica que a preocupe?

– Sinto-me melhor, agora que como mais. Mas há muito tempo que não tenho o período. Isso preocupa-me.

– Bem, vamos já ver isso – disse ela, e guiou os meus pés para os estribos. – Tendo em conta o baixo peso, ficaria espantada se estivesse a ter o período. Mais algum problema?

– Não.

– Vou fazer as análises habituais, mas o seu ciclo menstrual deve recomençar normalmente assim que recupere algum peso. Está claramente subnutrida, mas isso é relativamente fácil de remediar. Certifique-se de que faz uma dieta equilibrada. Quero que comece a tomar um suplemento vitamínico todos os dias.

– Não ter tido o período durante tanto tempo não vai fazer com que seja mais difícil engravidar, um dia?

– Não. Quando o seu período voltar, deverá poder engravidar. – A médica descalçou as luvas e atirou-as para o lixo. – Já pode vestir-se.

Sentei-me na marquesa. Ela deteve-se junto da porta e disse:

– Vou passar-lhe outra receita para as suas pílulas anticoncepcionais.

– OK.

Achei que era mais fácil aceitar a receita do que explicar-lhe que não precisava de pílulas anticoncepcionais porque o meu namorado de vinte anos era estéril.

A visita seguinte foi ao dentista, onde me sentei desconfortavelmente na cadeira enquanto a higienista me fazia raios-X e me raspava e polia os dentes. Quando anunciou que não tinha cáries, considerei-me uma mulher feliz.

A Sarah tinha-me emprestado algum dinheiro. Depois da consulta no dentista, apanhei um táxi para a manicura. Mal viu a minha cara, a Lucy saltou da cadeira e correu para mim.

– Oh, querida – disse, envolvendo-me num abraço. Quando se afastou, tinha lágrimas nos olhos.

– Não chores, Lucy. Vais fazer-me chorar também.

– Anna casa – disse, a sorrir para mim.

– Sim, voltei para casa.

Tratou-me das mãos e dos pés e falou tão excitadamente que percebi ainda menos do que ela dizia do que de costume. Mencionou o nome do John um par de vezes, mas eu fingi que não compreendia. Quando acabou, voltou a abraçar-me.

– Obrigada, Lucy. Voltarei em breve – prometi.

Saí do salão de manicura e olhei para as mãos. Estavam a gelar sem as luvas, mas não queria estragar o verniz. Os meus dentes estavam limpos e lisos, e passei a língua por eles. O cheiro dos cachorros-quentes de um vendedor de rua invadia o ar enquanto eu via montras, examinando através dos vidros as últimas modas. Decidi voltar no dia seguinte e comprar roupas que me servissem.

Irreconhecível, esperava eu, graças aos óculos escuros e ao barrete de lã que a Sarah me tinha emprestado, caminhei pelo passeio com um sorriso nos lábios, a sentir-me como se tivesse molas nas solas dos sapatos. Na esquina, fiz sinal a um táxi e dei ao condutor a morada da Sarah.

Nem sequer a chusma de jornalistas que me rodeou quando cheguei conseguiu estragar a alegria que sentia. Passei pelo meio deles, abri rapidamente a porta e voltei a fechá-la depois de entrar.

Nessa noite, o T. J. telefonou.

– Como correram as coisas no oncologista? – perguntei.

– Só daqui a alguns dias é que vão ter os meus exames e análises. Mas ele disse que estava otimista, uma vez que não tive quaisquer sintomas. Também fui ao meu médico normal.

- E então?
- Preciso de engordar, mas tirando isso estou ótimo. Falei-lhe da doença que tive na ilha. Disse-me que tem quase a certeza do que foi. Tinhas razão. *Era* viral.
- E o que foi?
- Febre hemorrágica dengue. Transmitida por mosquitos.
- Estavas sempre coberto de ferroadas. Então é como a malária?
- Acho que sim. Chamam-lhe «febre quebra-ossos». E com razão.
- É grave?
- Tem uma taxa de mortalidade de cerca de cinquenta por cento. Segundo o médico, foi uma sorte eu não ter entrado em choque ou sangrado até morrer.
- Mal posso crer nas coisas a que sobreviveste, T. J.
- Eu também não. E a tua consulta? Tudo bem?
- Ficarei ótima assim que ganhar algum peso. Segundo a minha médica, a malnutrição não será muito difícil de resolver. Vou ter de tomar vitaminas todos os dias.
- Estou ansioso por ver-te amanhã à noite, Anna.
- Também eu estou ansiosa por te ver.

Na véspera de Ano Novo, tomei duche, arranjei o cabelo e pus a maquilhagem que tinha comprado. O meu novo *bâton* não sairia quando beijasse o T. J., coisa que tencionava fazer muitas vezes. Cortei as etiquetas a uns *jeans* novos e a uma camisola azul-escura com decote em V que vesti por cima de um *soutien* preto, daqueles que levantam o peito, e de umas cuecas rendadas.

Quando o T. J. tocou, corri para a porta e abri-a.

– O teu cabelo! – O cabelo castanho, agora curto, emoldurava-lhe a cara, e eu passei os dedos por ele. Recém-barbeado, vestia *jeans* e uma camisola cinzenta. Aspirei o perfume da água de colónia. – Cheiras bem.

– E tu estás linda – disse ele, e inclinou-se para me beijar os lábios.

Tinha falado muito brevemente com a Sarah e com o David no aeroporto, mas eu voltei a apresentá-los. Os miúdos lançavam-lhe olhares tímidos, escondidos atrás da mãe.

– E vocês devem ser o Joe e a Chloe – disse o T. J. – Ouvi falar muito a vosso respeito.

– Olá – disse o Joe.

– Olá – ecoou a Chloe. Voltou a esconder-se atrás da Sarah e instantes depois espreitou outra vez para o T. J.

– É melhor despacharmo-nos, David, se não queremos perder a mesa – disse a Sarah.

– Vão sair? – perguntei eu.

– Só por algumas horas. Achámos que faria bem aos miúdos saírem um pouco de casa.

Pegou no casaco e sorriu-me, e eu retribuí o sorriso.

– OK. Até logo, então.

Saltei para os braços do T. J. mal a porta se fechou, envolvendo-o com as pernas. Ele carregou-me corredor fora enquanto eu o beijava no pescoço.

– Onde? – perguntou.

Agarrei o umbral da porta quando passámos pelo quarto de hóspedes.

– Aqui.

O T. J. fechou a porta com o pé e depositou-me em cima da cama.

– Céus, as saudades que tive tuas. – Beijou-me, enfiou as mãos debaixo da minha camisola e disse: – Vejamos o que é que tens aqui debaixo.

Mal tínhamos acabado de nos sentar no sofá quando a Sarah, o David e os miúdos voltaram, duas horas mais tarde.

– Estás a divertir-te com o teu namorado, tia Anna? – perguntou a Chloe.

Eu e a Sarah olhámos uma para a outra e ela arqueou uma sobrancelha antes de desaparecer na cozinha.

– Sim, estou a divertir-me muito com ele. E vocês, jantaram bem?

– Hã-hã. Eu comi *nuggets* de frango com batatas fritas e a mamã deixou-me beber um refrigerante de laranja!

O Joe aproximou-se e sentou-se ao lado do T. J.

– E tu? – perguntou o T. J. – O que foi que comeste?

– Comi um bife – respondeu ele. – Já não peço da ementa infantil.

– Uau, um bife – disse o T. J. – Estou impressionado.

– Pois.

A Sarah voltou à sala com um copo de vinho para mim e uma cerveja para o T. J.

– Trouxemos-lhes o jantar. Está em cima do balcão.

Agradecemos e fomos para a cozinha aquecer a nossa comida. Bife, batata assada e brócolos com molho de queijo.

O T. J. comeu um pedaço de bife.

– A tua irmã é espetacular.

A Sarah pôs os miúdos na cama às oito e meia e sentámo-nos os quatro na sala, com a música a tocar baixinho.

– Estás a dizer que tinham uma galinha de estimação chamada *Galinha?* – perguntou o David.

– Costumava sentar-se ao colo da Anna – explicou o T. J.

– Espantoso – disse o David.

Quando, mais tarde, fui à cozinha buscar mais bebidas, a Sarah seguiu-me.

– O T. J. vai passar cá a noite?

– Não sei. Pode?

– Por mim, não me importo. Mas tu é que respondes às perguntas de Miss Chloe de manhã, porque posso garantir-te que vai haver perguntas.

– OK. Obrigada, Sarah.

Voltámos à sala, e o T. J. puxou-me para o colo. O David ligou a televisão. A bola estava quase a cair em Times Square, e fizemos a contagem decrescente e gritámos «Feliz Ano Novo!»

O T. J. beijou-me e eu pensei que nunca poderia ser mais feliz do que naquele momento.

CAPÍTULO 52

T. J.

A minha mãe estava sentada na sala a beber café quando eu entrei em casa às nove da manhã do dia de Ano Novo.

– Olá, mãe. Feliz Ano Novo. – Abracei-a e sentei-me. – Fiquei em casa da Anna, ontem à noite.

– Foi o que calculei.

– Devia ter telefonado?

Tirando sair com o Ben, ou ir às consultas que a minha mãe marcava, tinha passado com a família todos os minutos do meu tempo desde que voltara. Sabia que eles compreendiam a minha vontade de estar com a Anna, mas não me ocorrera avisar alguém de que ia passar a noite fora.

– Teria sido simpático. Não teria ficado preocupada.

Merda. Perguntei a mim mesmo quantas noites em branco ela teria passado naqueles três anos e meio e senti-me ainda mais cretino por não ter telefonado.

– Desculpe, mãe. Não pensei. Para a próxima vez telefono.

– Queres café? Queres que te faça o pequeno-almoço?

– Não, obrigado. Já comi em casa da Anna. – Ficámos os dois sentados em silêncio durante um minuto. – Ainda não disse nada a respeito de mim e da Anna, mãe. O que é que acha?

A minha mãe abanou a cabeça.

– Não é o que eu teria escolhido, T. J. Nenhuma mãe o teria escolhido. Mas compreendo como deve ter sido para vocês os dois na ilha. Seria difícil *não* criar uma ligação com alguém, naquelas circunstâncias.

– Ela é uma ótima rapariga.

– Eu sei que é. Não a teríamos contratado se não achássemos que era. – Pousou a chávena de café em cima da mesa. – Quando aquele avião caiu, uma parte de mim morreu, T. J. Senti que a culpa tinha sido minha. Sabia que estavas furioso por teres de passar o verão inteiro longe de casa, mas não me ralei. Disse ao teu pai que precisávamos de fazer umas férias longe daqui para que tu pudesses concentrar-te nos teus estudos sem distrações. O que era, em parte, verdade. Mas sobretudo foi por saber que quando voltássemos a casa tu fugirias para junto dos teus amigos e eu te perderia. Estavas finalmente saudável e o que mais querias era voltar a fazer as coisas que fazias antes de adoeceres. Mas fui egoísta. Só quis passar o verão com o meu filho. – Os olhos dela encheram-se de lágrimas. – Agora és um adulto, T. J. Passaste por mais nos teus primeiros vinte anos do que a maior parte das pessoas tem de enfrentar numa vida inteira. Não vou lutar contra a tua relação com a Anna. Agora que estás de volta, só quero que sejas feliz.

Reparei pela primeira vez em como a minha mãe parecia desgastada. Tinha quarenta e cinco anos, mas quem não a conhecesse dar-lhe-ia provavelmente mais dez.

– Obrigado por ser tão fixe a respeito disto, mãe. Ela é muito importante para mim.

– Eu sei que é. Mas tu e a Anna estão em fases muito diferentes das vossas vidas. Não quero ver-te magoado.

– Isso não vai acontecer.

Beije a minha mãe na cara e fui para o meu quarto. Estendi-me na cama e pensei na Anna, e expulsei da cabeça tudo o que a minha mãe tinha dito a respeito das fases da vida.

CAPÍTULO 53

ANNA

Eu e o T. J. subimos no elevador até ao apartamento dos pais dele, no décimo segundo andar.

– Não me toques. Nem sequer *olhes* para mim de uma maneira menos apropriada – avisei eu.

– Posso ter pensamentos superindecentes a teu respeito?

Abanei a cabeça.

– Não estás a ajudar nada. Oh, estou agoniada.

– A minha mãe é fixe. Já te contei o que ela disse a nosso respeito. Relaxa.

O Tom Callahan tinha ligado para o telemóvel da Sarah no dia de Ano Novo. Quando o nome apareceu no visor, pensei que fosse o T. J., mas quando disse olá o Tom cumprimentou-me e perguntou se queria jantar com eles no dia seguinte.

– Eu e a Jane temos uns assuntos de que queremos falar consigo.

Por favor, que um deles não seja o facto de eu ter dormido com o vosso filho.

– Com certeza, Tom. A que horas?

– O T. J. disse que ia buscá-la às seis.

– OK. Até amanhã, então.

Passsei as vinte e quatro horas seguintes agoniada e com vontade de vomitar. Não conseguia decidir se devia levar à Jane flores ou uma vela, de modo que levei as duas coisas. Naquele momento, no elevador, o nervosismo ameaçava apoderar-se de mim. Entreguei o saco com a vela e as flores ao T. J. e limpei as palmas das mãos húmidas à saia.

As portas do elevador abriram-se. O T. J. beijou-me e disse:

– Vai correr tudo bem.

Inspirei fundo e segui-o.

O apartamento dos Callahan em Lake Shore Drive estava decorado com muito gosto, em tons de bege e creme. Havia um pequeno piano de cauda num canto da enorme sala e quadros impressionistas nas paredes. Um luxuoso sofá para duas pessoas e cadeirões a fazer conjunto, cheios de almofadas com borlas, rodeavam uma mesa de café de madeira trabalhada.

O Tom serviu as bebidas de aperitivo na biblioteca. Sentei-me num cadeirão de couro, com um copo de vinho na mão. O T. J. sentou-se na cadeira a meu lado. O Tom e a Jane sentaram-se num sofá, à nossa frente. A Jane beberricava vinho branco e o Tom bebia qualquer coisa que me pareceu ser *whisky*.

– Obrigada por me terem convidado – disse eu. – A vossa casa é muito bonita.

– Obrigada por ter vindo, Anna – disse a Jane.

Toda a gente bebeu. O silêncio encheu a sala.

O T. J. – o único dos presentes que parecia descontraído – bebeu um gole da cerveja que fora buscar e passou um braço pelas costas do meu cadeirão.

– Os *media* perguntaram se a Anna e o T. J. estariam dispostos a dar uma conferência de imprensa – disse o Tom. – Em troca, deixarão de vos perseguir.

– O que é que achas, Anna? – perguntou o T. J.

A ideia enchia-me de pavor, mas estava cansada de abrir caminho por entre multidões de jornalistas. Talvez se respondêssemos às perguntas deles nos deixassem em paz.

– Seria televisiva?

– Não. Já lhes disse que seria uma conferência de imprensa fechada. Será feita nos estúdios, mas não a transmitirão.

– Se os jornalistas prometerem deixar-nos em paz, aceite.

– Eu também – disse o T. J.

– Vou tratar disso – disse o Tom. – Há mais uma coisa, Anna. O T. J. já sabe, mas estive ao telefone com o advogado da companhia *charter*. Como foi a morte do piloto que provocou o acidente mas o fornecedor da jangada pneumática violou as estipulações obrigatórias da Guarda Costeira ao não incluir um radiofarol, há aqui um caso de culpa comparativa. Ambas as partes são consideradas negligentes. O litígio em casos de acidentes aéreos é muito complexo e os tribunais vão ter de determinar as percentagens de culpa. Estes casos podem arrastar-se durante anos. No entanto, a companhia *charter* gostaria de chegar a um acordo com vocês os dois e depois sub-rogar contra a outra parte. Em troca, vocês comprometem-se a não intentar qualquer ação contra eles.

Senti a cabeça a andar à roda. Não tinha sequer pensado em ações por negligência.

– Não sei o que dizer. Não ia processá-los, de todos os modos.

– Nesse caso, sugiro que aceite o acordo. Não haverá julgamento. É possível que tenha de depor, mas poderá fazê-lo aqui em Chicago. Uma vez que era minha empregada quando se deu o acidente, o meu advogado pode tratar das negociações em seu nome.

– Sim, isso seria ótimo.

– Provavelmente vai demorar alguns meses, ou mais, até que fique tudo resolvido.

– OK, Tom.

A Alexis e a Grace juntaram-se a nós para o jantar. Toda a gente estava consideravelmente mais descontraída quando nos sentámos à volta da mesa da sala de jantar, um estado de espírito em parte ajudado pela segunda rodada de bebidas que todos dissemos que não queríamos mas que acabámos por beber.

A Jane serviu lombo de vaca, legumes assados e batata gratinada. A Alexis e a Grace lançavam-me olhares disfarçados e sorriam. Ajudei a Jane a levantar a mesa e a servir tarte de maçã quente e gelado como sobremesa.

Quando nos preparávamos para sair, o Tom entregou-me um sobredito.

– O que é isto?

– É um cheque. Ainda lhe devemos as explicações.

– Não me devem coisa nenhuma. Não fiz o meu trabalho – disse eu, e tentei devolver-lhe o sobrescrito.

Ele afastou-me gentilmente a mão.

– Eu e a Jane insistimos.

– Tom, por favor.

– Aceite, Anna. Far-nos-á felizes.

– Muito bem – disse eu, e enfiei o sobrescrito na bolsa. – Obrigada por tudo, Jane.

Olhei-a nos olhos, e ela sustentou-me o olhar. Poucas mães receberiam tão graciosamente em sua casa a namorada muito mais velha do filho, e ambas o sabíamos.

– Não tem de quê, Anna. Volte a aparecer um dia destes.

O T. J. abraçou-me mal as portas do elevador se fecharam. Eu suspirei e apoiei a testa no peito dele.

– Os teus pais são maravilhosos.

– Eu bem te disse que eram fixes.

E eram generosos, também. Porque mais tarde nessa noite, quando abri o sobrescrito que me tinham dado, tirei dele um cheque de vinte e cinco mil dólares.

A conferência de imprensa estava marcada para as duas da tarde. O Tom e a Jane Callahan ficaram de um dos lados da sala e o Tom, a única pessoa autorizada a gravar fosse o que fosse, tinha na mão uma pequena câmara.

– Eu sei o que é que eles vão perguntar – disse eu.

– Não és obrigada a responder a nada que não queiras – recordou-me o T. J.

Sentámo-nos a uma mesa comprida, de frente para um mar de jornalistas. Pus-me a bater com o pé direito no chão, e o T. J. inclinou-se para mim, pousou a mão na minha coxa e fez pressão para baixo. Mas teve o bom senso de não deixar ficar a mão durante muito tempo.

Alguém pregara na parede um grande mapa com uma vista aérea dos vinte e seis atóis das Maldivas. Uma funcionária do departamento de

relações públicas do canal noticioso, encarregada de moderar a conferência, começou por explicar aos jornalistas que a ilha onde eu e o T. J. tínhamos vivido era desabitada e muito provavelmente sofrera grandes estragos devido ao *tsunami*. Usou um ponteiro laser para identificar a ilha de Malé como nosso ponto de partida.

– O destino era este – disse, apontando outra ilha. – O piloto sofreu um ataque cardíaco e o avião despenhou-se algures entre estes dois locais.

A primeira pergunta veio de um jornalista que estava de pé na última fila. Teve de gritar para eu o ouvir.

– O que foi que lhes passou pela cabeça quando perceberam que o piloto estava a ter um ataque cardíaco?

Inclinei-me para a frente e falei para o microfone:

– Tivemos medo que morresse e não conseguisse pousar o avião.

– Tentaram ajudá-lo? – perguntou outro jornalista.

– A Anna tentou – respondeu o T. J. – O piloto disse-nos que enfiássemos os coletes salva-vidas, voltássemos para os nossos lugares e apertássemos os cintos. Quando ele caiu para a frente, a Anna levantou-se e foi até à cabina tentar fazer suporte básico de vida.

– Quanto tempo estiveram na água antes de conseguirem chegar à ilha?

Foi também o T. J. que respondeu a esta pergunta.

– Não sei ao certo. O sol pôs-se cerca de uma hora depois de termos caído e nasceu pouco depois de termos alcançado a praia.

Durante a hora que se seguiu, continuámos a responder a perguntas. Perguntaram-nos tudo, desde o que comíamos até que espécie de refúgio tínhamos construído. Falámos da clavícula partida do T. J. e da doença que quase o tinha matado. Descrevemos as tempestades e explicámos como os golfinhos tinham salvado o T. J. do tubarão. Falámos do *tsunami* e do nosso reencontro no hospital. Toda a gente parecia verdadeiramente assombrada com as dificuldades que tínhamos enfrentado, e eu relaxei um pouco.

Então uma jornalista da primeira fila, uma mulher de meia idade com uma expressão azeda, perguntou:

– Que género de relação física tiveram na ilha?

– Isso é irrelevante – disse eu.

– Sabe qual é a idade de consentimento no estado do Illinois? – perguntou ela.

Não fiz notar que a ilha não ficava no estado do Illinois.

– Claro que sei.

Mas, para o caso de nem toda a gente saber, ela resolveu esclarecer:

– A idade de consentimento no Illinois é de dezassete anos, exceto se a relação envolver uma pessoa de autoridade, como um professor ou professora. Nesse caso, a idade passa a ser dezoito anos.

– Não foram infringidas quaisquer leis – disse o T. J.

– Por vezes, as vítimas são coagidas a mentir – contrapôs a jornalista.
– Sobretudo se o abuso acontece muito cedo.

– Não houve qualquer abuso.

Foi a mim que ela dirigiu a pergunta seguinte.

– O que lhe parece que os contribuintes de Chicago vão pensar de pagar o salário a uma professora suspeita de conduta sexual imprópria com um aluno?

– Não houve nenhuma conduta sexual imprópria – gritou o T. J. – Que parte é que não consegue perceber?

Eu sabia que nos iam fazer perguntas a respeito da nossa relação, mas não me passara sequer pela cabeça a possibilidade de nos acusarem de estarmos a mentir, ou de pensarem que eu tinha de algum modo forçado o T. J. A semente de dúvida que aquela mulher tinha semeado ia obviamente multiplicar-se, alimentada por rumores e especulações. Todos os que lessem a nossa história questionariam as minhas ações e a minha integridade. No mínimo, podia vir a revelar-se muito difícil encontrar um agrupamento escolar disposto a correr o risco de me contratar, pondo assim efetivamente fim à minha carreira como professora.

Quando o meu cérebro acabou de processar o que as perguntas dela haviam feito, mal tive tempo para empurrar a cadeira para trás e correr para a casa de banho das senhoras. Empurrei a porta de um dos cubículos e debrucei-me sobre a sanita. Não fora capaz de comer antes da conferência de imprensa e o meu estômago vaziu contraiu-se em espasmos, mas não saiu nada. Alguém abriu a porta.

– Estou bem, T. J. Saio já.

– Sou eu, Anna – disse uma voz feminina.

Saí do cubículo. A Jane Callahan estava à minha frente. Abriu-me os braços, e foi tão semelhante a uma coisa que a minha mãe teria feito que me atirei para eles e desfiz-me em lágrimas. Quando parei de chorar, a Jane entregou-me um lenço de papel e disse:

– Os *media* sensacionalizam tudo. Estou convencida de que muitas pessoas verão a verdade.

Limpei os olhos.

– Espero que sim.

O T. J. e o Tom estavam à nossa espera quando saímos da casa de banho. O T. J. levou-me para uma cadeira e sentou-se a meu lado.

– Estás bem?

Passou-me o braço pelos ombros e eu apoiei a cabeça no ombro dele.

– Agora estou.

– Vai acabar tudo bem, Anna.

– Talvez – disse eu. *Ou talvez não.*

No dia seguinte, li a cobertura que os jornais fizeram da conferência de imprensa. Não era tão mau como eu esperava, mas também não era bom. O artigo em questão não questionava as minhas capacidades letivas, mas fazia eco de algumas coisas que a jornalista dissera a respeito da probabilidade de um agrupamento escolar me contratar. Entreguei o jornal à Sarah quando ela entrou na sala. Ela leu o artigo e emitiu um som de reprovação.

– O que é que vais fazer? – perguntou.

– Vou falar com o Ken.

Ken Tomlinson, um veterano com trinta anos de carreira no sistema de ensino público do Illinois, tinha sido o meu diretor durante seis anos. A sua dedicação aos alunos e o seu apoio aos professores faziam dele um dos homens mais respeitados na área. Não passava muito tempo a preocupar-se com coisas sem importância e contava as melhores anedotas inconvenientes que eu alguma vez ouvira.

Espreitei por detrás da porta entreaberta do gabinete dele um pouco depois das sete da manhã, poucos dias depois da conferência de imprensa.

– Miúda, não sabes como estou feliz por te ver. – Abraçou-me. – Bem vinda a casa.

– Ouvei a mensagem que deixaste no atendedor de chamadas da Sarah. Obrigada por teres ligado.

– Queria que soubesses que estávamos todos a pensar em ti. Calculei que passasse algum tempo antes que pudesses aparecer. – Sentou-se atrás da secretária e eu sentei-me numa cadeira em frente. – Julgo saber porque é que estás aqui agora.

– Recebeste alguns telefonemas?

Ele assentiu.

– Uns quantos. Alguns pais queriam saber se ias voltar à escola. Eu bem queria dizer-lhes o que verdadeiramente pensava das suas supostas preocupações, mas não podia.

– Eu sei, Ken.

– Adorava poder dar-te o teu antigo lugar, mas contratei outra pessoa dois meses depois do acidente, quando perdi toda a esperança de vires a ser encontrada.

– Compreendo. Ainda não estou pronta para voltar ao trabalho, de todos os modos.

O Ken inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos no tampo da secretária.

– As pessoas querem fazer das coisas aquilo que elas não são. Faz parte da natureza humana. Não dês nas vistas durante algum tempo. Deixa o pó assentar.

– Nunca faria nada que prejudicasse um aluno, Ken.

– Eu sei, Anna. Não duvidei de ti nem por um minuto. – Pôs-se de pé, contornou a secretária e disse: – És uma boa professora. Não permitas que te digam o contrário.

Os corredores não tardariam a encher-se de alunos e professores, e eu queria passar despercebida. Levantei-me da cadeira.

– Obrigada pelas tuas palavras, Ken. Significam muito para mim.

– Volta a aparecer, Anna. Todos nós gostaríamos de estar contigo.

– Voltarei.

Os pormenores da conferência de empresa alastraram à velocidade de um fogo na palha e a história não tardou muito a chegar a uma audiência mundial. Infelizmente, a maior parte da informação era incorreta, romanceada e nem sequer próxima da verdade.

Toda a gente tinha uma opinião a respeito das minhas ações, e a minha relação com o T. J. era discutida e debatida em *chat rooms* e fóruns *online*. Furneci material para os monólogos de muitos comentadores e fui objeto de tantas piadas que deixei pura e simplesmente de ver televisão, preferindo a solidão e o conforto da música e dos livros que tanta falta me tinham feito na ilha.

Também o T. J. teve de aguentar a sua parte de ridículo. Faziam troça por ele ter só o décimo ano, mas acrescentavam que talvez não tivesse importância, considerando as muitas outras coisas que com certeza aprendera comigo.

Eu não queria aparecer em público, com medo de que as pessoas se pusessem a olhar.

– Sabias que uma pessoa pode comprar praticamente tudo o que precisa na Internet? – Estava sentada no sofá ao lado do T. J., a usar o portátil da Sarah. – Trazem-nos tudo à porta. É possível que nunca mais volte a sair de casa.

– Não podes esconder-te eternamente, Anna – disse o T. J.

Tecliei «móvel de quarto» e premi Enter.

– Queres apostar?

A insónia começou poucas semanas mais tarde. Comecei por ter dificuldade em adormecer. Com a bênção da Sarah, o T. J. passava muitas vezes a noite comigo, e eu ouvia-o respirar calmamente, mas não conseguia relaxar. E então, mesmo que conseguisse adormecer, acordava às duas ou três da manhã e ficava ali deitada até o sol nascer. Tinha muitos pesadelos, habitualmente a respeito de estar a afogar-me, e acordava encharcada em suor. O T. J. dizia que gritava muitas vezes a meio da noite.

– Talvez devesse voltar ao médico, Anna.

Exausta e a ir-me abaixo, concordei.

– Sofre de um problema de *stress* agudo, Anna – disse-me o médico, dias mais tarde. – Está a tornar-se muito comum, sobretudo nas mulheres. Acontecimentos traumáticos desencadeiam com frequência episódios diferidos de insónia e ansiedade.

– Como é que se trata?

– Habitualmente, com uma mistura de terapia cognitiva comportamental e drogas. Tenho pacientes que conseguem algum alívio com

pequenas doses de antidepressivos. Posso receitar-lhe qualquer coisa para a ajudar a dormir.

Tinha amigos que tinham tomado antidepressivos e comprimidos para dormir e se tinham queixado dos efeitos secundários.

- Prefiro não tomar nada, se for possível.
- Consideraria a possibilidade de falar com um psiquiatra?

Eu estava disposta a tentar tudo desde que significasse uma boa noite de sono.

- Porque não?

Marquei consulta com uma psiquiatra que encontrei nas páginas amarelas. O consultório ficava num velho edifício de tijolo com um degrau do pórtico quase a cair. Apresentei-me à rececionista e a psiquiatra abriu a porta da sala de espera e chamou o meu nome cinco minutos mais tarde. Tinha um sorriso caloroso e um aperto de mão firme. Calculei que andaria pelo fim da casa dos quarenta.

- Rosemary Miller – disse, apresentando-se.
- Anna Emerson. Prazer em conhecê-la.

– Sente-se, por favor. – Apontou-me um sofá e instalou-se numa cadeira à minha frente, enquanto me entregava um cartão de visita. Numa mesa baixa, ao lado do sofá, havia um candeeiro ligado. Um fíco-chorão num vaso junto à janela. Caixas de *Kleenex* espalhadas por todas as superfícies disponíveis.

– Acompanhei a sua história nos noticiários. Não estou surpreendida por vê-la aqui.

– Tenho sofrido de insónia e ansiedade. O meu médico sugeriu que tentasse terapia.

– O que está a experimentar é muito comum, tendo em conta o trauma que sofreu. Já alguma vez tinha consultado um psiquiatra?

- Não.
- Gostaria de começar por conhecer o seu historial clínico.
- OK.

Falou durante quarenta e cinco minutos. Fez-me perguntas a respeito dos meus pais e da Sarah e da minha relação com eles. Interrogou-me a respeito de relações anteriores com homens, e quando lhe contei o mínimo dos mínimos a respeito do John, quis aprofundar, pedindo-me que lhe

desse mais pormenores. Fiquei inquieta, pouco à vontade, perguntando a mim mesma quando é que chegávamos à parte em que ela me curava a insónia.

– Posso querer voltar à sua história médica ao longo das próximas semanas. Agora gostaria de discutir os seus hábitos de sono.

Finalmente.

– Não consigo adormecer ou manter-me a dormir. Tenho pesadelos.

– Pesadelos com o quê?

– Estou a afogar-me. Tubarões. Por vezes o *tsunami*. Geralmente, envolvem água.

Alguém bateu à porta e ela olhou para o relógio.

– Lamento. Chegámos ao fim do nosso tempo.

Só podes estar a brincar.

– Na próxima semana poderemos começar com os exercícios de terapia cognitiva.

Àquele ritmo, era capaz de não voltar a ter uma boa noite de sono nos meses seguintes. Apertou-me a mão e acompanhou-me à porta. Quando saí para a rua, atirei o cartão para o caixote do lixo.

O T. J. e a Sarah estavam sentados na sala quando cheguei a casa. Deixei-me cair no colo dele.

– Então, como correu? – perguntou o T. J.

– Acho que não sou pessoa para terapias.

– Por vezes demora algum tempo a encontrar um bom psiquiatra – disse a Sarah.

– Não estou a dizer que ela seja uma má psiquiatra. Mas há outra coisa que quero experimentar. Se não resultar, volto lá.

Saí da sala e regresssei minutos mais tarde vestida com umas calças de fato de treino, uma *T-shirt* de mangas compridas por baixo de uma camisola e um blusão de *nylon*. Enfiei um barrete na cabeça e sentei-me no sofá para atar os atacadores das *Nike*.

– O que estás a fazer? – perguntou o T. J.

– Vou correr.

CAPÍTULO 54

T. J.

Carreguei a última caixa para o novo apartamento da Anna, um pequeno T1 a quinze minutos do da Sarah e do David.

– Onde queres que ponha esta? – perguntei ao entrar pela porta, sacudindo a chuva dos cabelos.

– Pousa-a num sítio qualquer.

Entregou-me uma toalha e eu despi a *T-shirt* e sequei-me.

– Estou a tentar encontrar os lençóis – disse a Anna. – Vieram entregar a cama quando nós não estávamos.

Procurámos até que os encontrámos e eu ajudei-a a fazer a cama.

– Volto já – disse ela. Quando voltou, trazia na mão um pequeno objeto que pôs em cima da mesa de cabeceira e ligou a uma tomada próxima.

– O que é isso? – perguntei, já deitado.

Ela premiu um botão e o som das ondas encheu o quarto e quase abafou o da chuva que tamborilava contra os vidros da janela.

– É uma máquina de sons. Encomendei-a à Bed Bath & Beyond.

Deitou-se a meu lado. Beijei-lhe as costas da mão e puxei-a para mim. Ela relaxou, o corpo a fundir-se no meu.

– Estou feliz. Estás feliz, Anna?

– Sim – sussurrou ela.

Apertei-a contra o peito. O som da chuva e das ondas quase podia fingir que ainda estávamos na ilha e nada tinha mudado.

Ela não me pediu para ficar; eu é que nunca me fui embora. Passava algumas noites em casa, porque isso deixava os meus pais felizes, e eu e a Anna aparecíamos regularmente, para conversar ou para jantar. A Anna levou a Alexis e a Grace às compras algumas vezes, o que as deixou excitadíssimas.

Ela não aceitava ajuda para pagar a renda, de modo que eu pagava tudo o mais, apesar dos protestos. Eu tinha uma conta poupança que os meus pais tinham aberto quando era miúdo. Teria tido acesso a ela quando fizesse dezoito anos, e o dinheiro era agora meu. O saldo dava facilmente para cobrir as despesas do dia a dia, um carro e as minhas propinas na universidade. Os meus pais queriam saber – e estavam constantemente a perguntar – quais eram os meus planos, mas eu não tinha a certeza do que queria fazer. A Anna não dissera nada, mas eu sabia que queria que começasse a trabalhar para o DEG.

Por vezes as pessoas reconheciam-nos, sobretudo quando estávamos juntos, mas, pouco a pouco, a Anna voltou a sentir-se à vontade em público. Estávamos sempre a sair, para ir ao parque ou dar longos passeios, apesar de a primavera estar ainda a semanas de distância. Íamos ao cinema, e por vezes almoçar ou jantar fora, mas a Anna gostava de comer em casa. Cozinhava tudo o que eu pedisse, e lentamente fui ganhando peso. E ela também. Quando lhe passava as mãos pelo corpo, já não sentia ossos. Sentia curvas suaves.

À noite, a Anna calçava as sapatilhas e corria quase até à exaustão. Voltava ao apartamento, despia a roupa suada, tomava um longo duche quente e ia-se juntar a mim na cama. Mal lhe restava energia para fazer amor e logo a seguir apagava-se e dormia profundamente. Ainda tinha um ou outro pesadelo e dificuldade em adormecer, mas nada como antigamente.

Eu gostava da nossa rotina. Não tinha a mais pequena vontade de a mudar.

– O Ben convidou-me para passar o fim de semana com ele – disse à Anna semanas mais tarde, ao pequeno-almoço.

– Ele está na Universidade do Iowa, não está?

– Está.

– Adoro aquele *campus*. Vais divertir-te.

– Vou na sexta. Uns amigos dele dão-me boleia.

– Vê a escola, não te fiques só pelos bares. Pode ser que queiras ir para lá quando acabares o DEG.

Não disse à Anna que não estava minimamente interessado numa universidade que ficava noutra estado, longe dela. Ou, para ser franco, que não estava minimamente interessado na universidade, ponto final.

Num dos cantos do quarto do Ben erguia-se uma periclitante pirâmide de latas de cerveja com quase dois metros de altura. Passei por cima de caixas de *pizza* vazias e de montes de roupa suja. Livros de estudo, ténis e garrafas de *Mountain Dew* cobriam cada centímetro do chão.

– Meu Deus, como é que aguentas isto? – perguntei. – E alguém mijou no teu elevador?

– Provavelmente – respondeu o Ben. – Toma a tua identificação.

Olhei para a carta de condução.

– Desde quando é tenho vinte e sete anos, sou louro e meço um metro e setenta e um?

– Desde agora. Estás pronto para ir ao bar?

– Claro. Onde queres que ponha as minhas coisas?

– Onde quiseres, meu.

O companheiro de quarto do Ben tinha ido passar o fim de semana a casa, de modo que atirei o saco de viagem para cima da cama dele e segui o Ben até à porta. – Vamos pelas escadas – disse.

Às nove da noite, já estávamos bem animados. Verifiquei o telemóvel, mas não havia mensagens da Anna. Pensei em ligar-lhe, mas sabia que o Ben ia pôr-se com merdas e voltei a enfiar o telefone no bolso.

O Ben tinha convidado umas pessoas para a nossa mesa para beber *shots*. Ninguém me reconheceu. Confundi-me com a multidão, como qualquer outro aluno universitário, o que era exatamente o que queria.

Estava sentado entre duas raparigas muito bêbedas. Uma delas emborcou um *shot* de *vodka*, enquanto a outra fazia uma pausa com o copo à altura dos lábios. Inclinou-se para mim, com os olhos vítreos, e disse:

– És um gato.

E então pousou o copo e vomitou em cima da mesa. Eu dei um salto e empurrei a cadeira para trás.

O Ben fez-me sinal para o seguir e saiu do bar. Inspirei profundamente o ar frio, para tirar o cheiro do nariz.

– Queres ir comer qualquer coisa? – perguntou ele.

– Sempre.

– *Pizza*?

– Certo.

Sentámo-nos numa mesa ao fundo da sala.

– A Anna disse-me que desse uma vista de olhos ao *campus*. Disse que devia pensar em vir para cá depois de conseguir o DEG.

– Meu, isso era espetacular. Podíamos alugar um apartamento. Então, vais alinhar?

– Não.

– Porquê?

Eu estava suficientemente bêbedo para não mentir ao Ben.

– Só quero estar com ela.

– Com a Anna?

– Sim, minha besta. Com quem havia de ser?

– E ela, o que quer?

A empregada aproximou-se da mesa e pousou à nossa frente uma enorme *pizza* com *pepperoni* e salsicha. Pus duas fatias no meu prato e respondi:

– Não tenho a certeza.

– Estás a falar, tipo, casar e ter um filho?

– Casava com ela já amanhã. – Dei uma dentada na *pizza*. – Quanto ao filho, talvez possamos esperar um pouco.

– E ela quer esperar?

– Não sei.

CAPÍTULO 55

ANNA

Eu e a Stefani pedimos um copo de vinho ao balcão e esperámos por uma mesa.

– Então o T. J. foi visitar o amigo este fim de semana? – perguntou a Stefani.

– Foi. – Olhei para o relógio: 20h03. – Suponho que a esta hora já vão a caminho de uma valente bebedeira. Pelo menos, é o que espero.

– Não te importas que ele se embebede?

– Lembras-te das coisas que fazíamos na universidade?

A Stefani sorriu.

– Como foi que nunca fomos presas?

– Saias curtas e muita sorte. – Provei o vinho. – Quero que o T. J. tenha essas experiências, que não sinta que perdeu qualquer coisa.

– Estás a tentar convencer-te a ti mesma ou a mim?

– Não estou a tentar convencer ninguém. Só não quero prendê-lo.

– Eu e o Rob queremos que no-lo apresentes. Se é importante para ti, gostaríamos de o conhecer.

– Obrigada, Stef, és uma boa amiga.

O *barman* pôs outros dois copos de vinho em cima do balcão.

– Dos dois tipos sentados ali no canto – disse.

A Stefani esperou um minuto, e então pegou na bolsa que tinha pendurado nas costas do banco. Remexeu lá dentro e tirou um espelho e um *bâton*, voltando um pouco o corpo.

– Então?

– São giros.

– Tu és casada!

– Não vou para casa com nenhum deles. Além disso, o Rob sabia que eu era namorada antes de casar comigo. – Aplicou o *bâton* e usou um guardanapo de papel para retirar o excesso. – E ninguém me oferece uma bebida desde meados dos anos noventa, portanto cala a boca.

– Temos de ir até lá e agradecer ou podemos ignorá-los?

– Não queres falar com eles?

– Não.

– Demasiado tarde. Aí vêm eles.

Olhei por cima do ombro e vi-os aproximarem-se.

– Olá – disse um deles.

– Olá. Obrigada pelo vinho.

O outro começou a conversar com a Stefani. Revirei os olhos quando ela sacudiu os cabelos e riu.

– Sou o Drew. – Tinha cabelos castanhos e usava fato e gravata. Parecia andar pelo meio ou fim da casa dos trinta. Atraente, para quem goste do género banqueiro.

– Anna.

Apertámos as mãos.

– Reconheci-a pela sua fotografia no jornal. Foi uma experiência horrível. Suponho que está cansada de falar do assunto.

– Estou.

A conversa emperrou, de modo que bebi um gole de vinho.

– Estão à espera de uma mesa? – perguntou ele.

– Sim. Já não deve demorar muito.

– Talvez pudéssemos fazer-lhes companhia?

– Lamento, esta noite não. Só quero estar algum tempo com a minha amiga.

– Claro, compreendo. Talvez possa dar-me o seu número de telefone.

– Não me parece.

- Oh, vá lá – disse ele, sorrindo cheio de charme. – Sou boa pessoa.
- Ando com uma pessoa.
- Foi rápido. – Olhou para mim com uma expressão estranha. – Espere, não está a referir-se ao miúdo, pois não?
- Ele não é um miúdo.
- Claro que é.
- A Stefani tocou-me no ombro.
- A nossa mesa está pronta.
- Mais uma vez, obrigada pelo vinho. Com licença.
- Peguei no casaco e na mala, desci do banco e segui a Stefani.
- O que foi que ele te disse? – perguntou a Stefani, quando nos sentámos. – Não pareceste muito entusiasmada.
- Descobriu que não sou solteira. E depois chamou miúdo ao T. J.
- Provavelmente ficou com o ego um pouco amachucado.
- O T. J. é *jovem*, Stefani. Quando as pessoas olham para ele, não veem o que eu vejo. Veem um miúdo.
- E tu o que vês?
- Vejo o T. J.

Voltou no domingo à noite, cansado e com uma valente ressaca. Pousou o saco no chão e abraçou-me. Dei-lhe um longo beijo.

- Uau – disse. Segurou-me a cara com ambas as mãos e retribuiu o beijo.
- Tive saudades tuas.
- E eu tive saudades tuas.
- Conta como foi.
- O quarto dele é uma pocilga, uma rapariga quase vomitou em cima de mim e alguém fez chichi no elevador.
- Franzi o nariz.
- A sério?
- Devo dizer-te que não fiquei muito impressionado.
- Provavelmente pensarias de modo diferente se tivesses ido para a universidade logo a seguir ao liceu.
- Mas não fui, Anna. E continuo atrasado.

CAPÍTULO 56

T. J.

— Não tenho de usar gravata, pois não? Tinha vestido umas calças de caqui e uma camisa branca abotoada até ao pescoço. Em cima da cama estava um *blazer* azul-escuro. Íamos encontrar-nos com a Stefani e o marido, o Rob, para jantar, e eu já estava mais aperaltado do que queria.

– Provavelmente devias – disse a Anna, entrando no quarto.

– Tenho alguma gravata?

– Comprei-te uma quando a Stefani e o Rob me disseram onde queriam ir jantar. – Procurou dentro do armário dela e tirou-a de lá. Passou-ma pelo colarinho da camisa e fez o nó.

– Nem me lembro de quando foi a última vez que usei gravata – disse eu, a puxar pelo nó para o afrouxar um pouco.

Tinha conhecido a Stefani e o Rob na semana anterior, quando nos convidaram para ir a casa deles. Eram simpáticos, de modo que quando a Anna me dissera que queriam que fôssemos jantar fora todos juntos, eu respondera que claro, tudo bem.

– Despacho-me num instante. Só preciso de decidir o que vou vestir.

Ficou diante do armário, de *soutien* e cuecas, e eu deitei-me na cama e apreciei a vista.

– Pensava que tinhas dito que as tangas eram desconfortáveis.

– E são. Mas receio que esta noite seja um mal necessário. – Tirou um vestido do armário. – Este? – perguntou, segurando contra o peito um vestido preto, comprido e sem mangas.

– Esse é bonito.

– E este?

O outro vestido era azul-escuro, curto, de mangas compridas e com um grande decote.

– Esse é fogo.

– Nesse caso, acho que temos um vencedor – disse ela, e vestiu-o. Colava-se-lhe ao corpo. Calçou uns sapatos de salto alto.

Nunca a tinha visto bem vestida. Usava quase sempre *jeans* – habitualmente *Levi's* – e uma *T-shirt* ou uma *sweatshirt*. Por vezes usava saias, mas nada como aquilo. Tinha agora as maminhas maiores, que o *soutien* que usava empurrava para cima, e estava mais perto do seu peso normal. Aquilo que via através do profundo decote em V do vestido fazia-me querer ver mais.

Juntou os cabelos, prendeu-os num nó sobre a nuca e pôs uns brincos, do mesmo género dos que eu usava na ilha como anzol. O *bâton* era encarado. Olhei para os lábios dela e quis beijá-la.

– Estás fantástica.

Ela sorriu.

– Achas que sim?

– Acho.

Estava elegante, cheia de classe, maravilhosa. Uma mulher que sabia o que queria e para onde ia.

– Vamos – disse ela.

Eu era entre dez e vinte anos mais novo do que qualquer outra pessoa presente no restaurante. Tínhamos chegado alguns minutos adiantados, de modo que eu e a Anna seguimos a Stefani e o Rob até à semiobscuridade do bar, para esperarmos pela nossa mesa. Foram várias as cabeças que se voltaram quando a Anna passou.

A Stefani começou a conversar com um tipo qualquer. Eu e o Rob estávamos a debater a possibilidade de abrir caminho até ao balcão para arranjar bebidas quando uma mulher que carregava uma série de ementas se aproximou de nós.

– A vossa mesa está pronta – anunciou.

A Stefani voltou-se outra vez para o tipo com quem tinha estado a falar. O sujeito vestia um fato, mas tinha desapertado o nó da gravata e desabotoado os dois botões de cima da camisa. Segurava um copo com uma coisa que me pareceu ser *whisky*. Estava sozinho, e pensei que talvez tivesse ido para ali diretamente do trabalho.

– Porque é que não jantas connosco? – sugeri a Stefani. – Importam-se? – perguntou-nos.

– Claro que não – disse a Anna.

– Tudo bem – disse eu, e encolhi os ombros.

Quando nos sentámos, a Stefani apresentou-o:

– Este é o Spence. Trabalhámos na mesma conta, o ano passado.

Ela e o Rob sentaram-se juntos, eu e a Anna do outro lado da mesa. Apertei-lhe a mão, reparei nos olhos injetados de sangue e percebi que estava bêbedo.

O Rob encomendou duas garrafas de vinho e a empregada serviu um copo a cada um, depois de o ter obrigado a fazer aquela treta toda de cheirar a rolha, rodar o vinho no copo, prová-lo e dizer que estava bom.

Provei o meu. Era tinto e tão seco que tive de me controlar para não fazer uma careta.

O tal Spence começou logo ao ataque com a Anna. Observou-a a beber um gole de vinho. Então deixou deslizar os olhos da boca dela para o pescoço, e depois para o peito.

– Parece-me familiar – disse.

Ela abanou a cabeça.

– Nunca nos vimos.

Aquilo era o que a Anna mais detestava quando conhecia novas pessoas. Punham-se a tentar descobrir de onde a conheciam e acabavam sempre por lembrar-se de ter visto a cara dela nos jornais. E então começavam as perguntas, primeiro a respeito da ilha, depois a nosso respeito.

Felizmente, ele estava demasiado bêbedo para fazer a ligação e a Anna pareceu relaxar. O tipo podia não a ter reconhecido, mas não estava disposto a desistir.

– Talvez tenhamos saído juntos alguma vez.

A Anna levou o copo aos lábios e bebeu mais um gole pequeno.

– Não.

– Talvez possamos sair juntos um destes dias?

– Eh – disse eu, chateado com aquela conversa. – Estou aqui sentado.

A Anna pousou a mão na minha perna e fez pressão.

– Não tem importância – sussurrou.

– Espera. Ela está contigo? – perguntou o Spence. – Pensei que fosses o irmão mais novo, ou coisa assim. – Começou a rir. – Devem estar a brincar comigo. – A compreensão espalhou-se-lhe pela cara quando olhou de mim para a Anna. – Já sei quem vocês são. Vi as vossas fotografias no jornal. – Bufou. – Bem, isso explica como foi que a conseguiste, mas não porque é que ela ainda está contigo.

O Rob lançou um olhar à Stefani e voltou-se para o Spence:

– Acaba com isso.

– Sim. Estou com ele.

A maneira como a Anna disse aquilo, tão cheia de confiança, e a maneira como olhou para ele como se fosse o rei dos cretinos fez-me sentir melhor do que as palavras em si.

A nossa empregada voltou a aproximar-se da mesa.

– Peço desculpa – disse, dirigindo-se a mim. – Preciso de ver a sua identificação.

Encolhi os ombros.

– Não tenho idade. De todos os modos, não gosto do vinho. Pode levá-lo.

Ela sorriu, voltou a pedir desculpa e levou o meu copo. Aquilo foi de mais para o Spence.

– Nem sequer tens vinte e um anos?

O seu riso mal contido quebrou o silêncio da mesa e toda a gente tentou fingir que o que estava a acontecer não era absolutamente humilhante para mim.

Olhámos para as ementas. Eu e a Anna ainda tínhamos dificuldade em escolher qualquer coisa nos restaurantes. Havia demasiadas opções.

– O que é que vais comer? – perguntei-lhe.

– Bife. E tu?

Pegou-me na mão, entrelaçando os dedos nos meus.

– Não sei. Talvez *pasta*. Gostas de *ravioli*, não gostas?

– Gosto.

– OK. Eu peço isso e podemos dividir.

A Stefani bem se esforçava por não deixar morrer a conversa. A nossa empregada voltou e tomou nota dos pedidos. O Spence olhava para o peito da Anna e sorria desdenhosamente, sem sequer tentar disfarçar. Eu sabia no que ele estava a pensar quando olhava para ela daquela maneira, e precisei de todo o meu autodomínio para não lhe dar um murro.

Quando o Spence se levantou para ir à casa de banho, a Stefani disse:

– Peço desculpa. Ouvi dizer que a mulher o deixou e pensei que seria simpático convidá-lo a juntar-se a nós.

– Não faz mal. Ignora-o. – disse a Anna. – É o que eu faço.

Ninguém voltou a encher o copo do Spence, e quando acabámos de comer o tipo parecia um pouco mais sóbrio.

A empregada propôs sobremesas, mas ninguém quis. Ela disse que voltava com a conta.

– Eu e a Stefani vamos aos lavabos – disse a Anna. – Esperamos por vocês junto à porta.

Eu e o Rob tentámos ambos pegar na conta, acabámos por concordar em dividi-la e cada um de nós puxou pelo dinheiro. O Spence atirou um punhado de notas para cima da mesa. Eu guardei a carteira no bolso e pus-me de pé.

O Rob empurrou a cadeira para trás, despediu-se do Spence sem lhe apertar a mão e encaminhou-se para a porta do restaurante.

O Spence não se levantou.

– Tenho pena que não tenhas idade suficiente para beber com os adultos – disse, esparramado na cadeira.

– E eu tenho pena que não possas tocar na minha namorada boazona. E não gosto de vinho, de todos os modos.

Ri-me ao ver a cara dele e fui juntar-me à Anna, à Stefani e ao Rob.

– O que foi que lhe disseste? – perguntou a Anna.

– Disse-lhe que tinha sido um prazer conhecê-lo.

– Desculpa o que aconteceu esta noite – disse a Anna, quando nos sentámos no táxi.

– A culpa não foi tua – disse eu, e passei-lhe o braço pelos ombros.

Não ter podido beber no restaurante não me chateara, mas a maneira como o Spence olhara para a Anna sim. Sabia que ela não estava interessada nele, mas preocupava-me com o próximo tipo. O que não fosse um cretino bêbedo. O que tivesse um curso universitário, gostasse de vinho e não se importasse de usar gravata. Preocupava-me que um dia, talvez em breve, tivesse importância para ela o facto de eu não me interessar por nenhuma dessas coisas.

E quando pensava nela com outro homem, não era capaz de aguentar.

Beijei-a mal entrámos no apartamento, e não fui nada meigo: agarrei-lhe a cara com ambas as mãos e esmaguei os lábios contra os dela. Ninguém era dono dela, sabia disso, mas naquele momento era minha. Quando chegámos ao quarto, puxei-lhe o vestido por cima da cabeça. O *soutien* foi a seguir, e então fiz-lhe deslizar as cuecas pelas coxas até caírem no chão. Arranquei a gravata e desembaracei-me do resto da roupa. Deitei-a em cima da cama e inclinei a cabeça para o lugar para onde o Spence estivera a olhar a noite toda, e chupei e deixei uma marca que ia demorar dias a desaparecer. Toquei-lhe e beijei-a até ela estar pronta, e uma vez dentro dela fui devagarinho, como ela gostava. Disse o meu nome quando se veio, e eu pensei, *Sou eu que lhe faço isto, sou eu que a faço sentir-se assim*.

Depois, fui ao frigorífico buscar uma cerveja. Levei-a para o quarto e liguei a televisão, mantendo o som baixo. A Anna dormia, com os lençóis enrolados à volta da cintura. Puxei as mantas para cima, aconcheguei-lhas carinhosamente à volta dos ombros com uma mão e abri a cerveja com a outra.

CAPÍTULO 57

ANNA

Em abril, as chuvas da primavera abateram-se sobre Chicago durante dois dias, mantendo-nos dentro de casa.

O T. J. fazia *zapping*. Eu estava deitada no sofá com os pés no colo dele, a ler um livro.

– Queres ir ao cinema? – perguntou ele, desligando a TV.

– Claro. O que é que queres ver?

– Não sei. Vamos até ao centro e escolhemos um filme qualquer.

Vesti o casaco e saímos do apartamento, caminhando sob um autêntico dilúvio enquanto o T. J. nos protegia com o chapéu de chuva. Pegou-me na mão. Apertei-lhe os dedos e sorri quando ele retribuiu o aperto.

O T. J. quis ver *A Cidade do Pecado*. Estávamos na fila para comprar pipocas quando alguém lhe tocou num ombro.

Voltámo-nos. Vimos um rapaz alto, de boné de *baseball*, e uma rapariga género *petite*, com um barrete de lã cor-de-rosa enfiado na cabeça e o cabelo preso num rabo de cavalo.

O T. J. sorriu.

– Olá, Coop. Como vai isso?

– Ando a ver se descubro alguma coisa que fazer até parar de chover.

– A quem o dizes. Esta é a Anna – disse o T. J., e passou-me o braço pelos ombros.

- Olá – disse o Coop. – A minha namorada, a Brooke.
- Prazer em conhecê-los.
- Esqueço-me sempre que estás por cá – disse o T. J.
- Vou ficar emperrado nos cursos profissionais até ao fim da vida se não conseguir subir as notas.
- Temos de nos encontrar um destes dias – disse o T. J.
- Os meus pais vão para fora, no mês que vem. Vou dar uma festa. Vocês os dois deviam ir.

Sorriu-me, e eu senti que o convite era genuíno.

– *Ya*, seria fixe – disse o T. J.

Olhei para a Brooke enquanto o T. J. e o Coop conversavam. Estava a olhar para mim embasbacada, de queixo caído. Suponho que, aos olhos dela, eu devia parecer uma antiguidade.

O rosto rosado e sem uma ruga era radiante. Aquela rapariga não fazia ideia, como eu não fazia quando tinha vinte anos, de como é bonita uma pele jovem. Apesar de, na ilha, usar quase sempre o boné de *baseball* do T. J. e os óculos de sol, houvera muitas vezes que não o fizera. Pensava constantemente naqueles três anos e meio que passara a curtir ao sol e esperava acordar uma manhã e descobrir que a minha pele se tinha transformado em couro enquanto dormia. Dedicava mais tempo do que gostava de admitir a tentar reverter os estragos que o sol da ilha causara, e o balcão da minha casa de banho estava atravancado de loções e cremes que o dermatologista tinha recomendado. A minha pele parecia saudável, mas não havia comparação possível entre vinte e trinta e três. O T. J. achava-me bonita; dizia-mo constantemente. Mas... e daqui a cinco anos? E a dez?

Entrámos no cinema e arranjámos lugares. O T. J. pôs o saco de pipocas entre as pernas e pousou a mão na minha coxa. Eu não conseguia concentrar-me no filme. Imagens de nós os dois a beber cerveja de lata em copos de plástico na sala de estar do Coop com toda a gente a olhar para mim invadiam-me os pensamentos.

O T. J. tinha feito um excelente trabalho a adaptar-se aos meus amigos. Ultrapassara o comportamento inqualificável do Spence e o facto lhe terem pedido a identificação por causa de um vinho que, para começar, nem queria beber. Não gostava de usar gravata, mas fizera-o. Conversara com o Rob e a Stefani, e fizera-o aparentemente sem esforço.

Era mais fácil envelhecer, se a pessoa quisesse, usando roupas bonitas e imitando o comportamento dos mais velhos. Se eu tentasse encaixar no grupo dos amigos de vinte e poucos anos do T. J. vestindo-me e agindo como eles, pareceria ridícula.

Quando saímos do cinema, já não chovia. Seguimos a multidão e começámos a andar. Parei no passeio.

– O que é que se passa? – perguntou o T. J.

– Não vou ter sempre este aspeto.

– Que queres dizer com isso?

– Sou treze anos mais velha do que tu e envelheço um pouco mais todos os dias. Não vou ter sempre este aspeto.

Ele passou-me os braços pela cintura e puxou-me para si.

– Eu sei, Anna. Mas se pensas que eu só gosto de ti por causa do teu aspeto, então é porque não me conheces tão bem como eu pensava.

Avançava sozinha pelo corredor central no Trader Joe's, levando na mão um cesto cheio com o que me atraía a atenção e que, até ao momento, consistia em duas garrafas de *Cabernet*, uma embalagem de *pasta* orgânica, um frasco de molho *marinara*, alface romana, cenouras e pimentos para uma salada.

O T. J. tinha ido cortar o cabelo. Geralmente fazíamos as compras juntos, em parte porque ele insistia em pagar, em parte porque ainda ficávamos como que aparvalhados nos grandes supermercados. Da primeira vez que tínhamos ido os dois às compras, depois de eu me ter mudado para o meu apartamento, tínhamos ficado petrificados no meio da loja, a olhar para toda aquela comida.

Meti por outro corredor e juntei ao cesto cerveja para o T. J., e a seguir encontrei os ingredientes para lhe fazer uma torta de chocolate. Estava a tentar decidir que espécie de pão comprar para o jantar quando senti uma mão puxar-me os *jeans*.

Uma rapariguinha com cerca de quatro anos olhava para mim com uma grande e silenciosa lágrima a correr-lhe pela cara.

– És uma mamã? – perguntou.

Agachei-me até ficar com a cabeça ao nível da dela.

– Bem, não. Onde está a tua mamã?

Ela apertou com mais força uma esfarrapada manta cor-de-rosa.

– Não sei. Não consigo encontrá-la, e a minha mamã disse-me que se alguma vez me perdesse devia procurar outra mamã e que ela me ajudaria.

– Não te preocupes, posso ajudar-te mesmo sem ser uma mamã. Como te chamas?

– Claire.

– OK, Claire – disse eu. – Vamos pedir a alguém que faça um anúncio pelos altifalantes para a tua mamã saber que estás bem.

Ela olhou para mim com os grandes olhos castanhos marejados de lágrimas e enfiou a mãozinha na minha.

Íamos a caminho da frente da loja quando uma mulher apareceu na esquina a correr e a gritar o nome da Claire. Levava um cesto na mão e um bebé num marsúpio suspenso do peito.

– Claire! Oh, Deus, estás aí.

A mulher correu para nós, largou o cesto e pegou desajeitadamente na Claire, a tentar não sacudir o bebé. O medo que lhe distorcera as feições dissipou-se enquanto abraçava a filha com força.

– Obrigada por tê-la encontrado – disse. – Larguei-lhe a mão por um instante, para chegar a uma coisa, e quando olhei para baixo tinha desaparecido. Estou muito cansada, por causa do bebé, e não consigo mexer-me muito depressa.

Devia andar perto da minha idade, mais ano menos anos, e parecia de facto cansada, com umas ligeiras olheiras a marcar-lhe os olhos. Peguei no cesto dela.

– Já está pronta para sair? – perguntei. – Posso levar o seu cesto.

– Obrigada. Agradeço muito. Precisava de ter mais do que duas mãos. Sabe como é.

Na verdade, não sabia.

Fomos até à caixa e despejámos os nossos cestos.

– Vive para este lados? – perguntou ela.

– Sim.

– Filhos?

– Não. Ainda não.

– Muito obrigada pela sua ajuda.

– Não tem de quê. – Inclinei-me para a frente.

– Adeus, Claire.

– Adeus.

Quando cheguei a casa arrumei as compras, sentei-me no sofá e chorei.

CAPÍTULO 58

T. J.

A Anna estava diante do balcão da cozinha a fazer-me uma torta de chocolate. Beije-a e dei-lhe as rosas que tinha comprado no regresso da barbearia.

– São lindas, T. J. Obrigada – disse ela, e sorriu-me.

Tirou uma jarra de debaixo do lava-louça e encheu-a de água. Tinha o cabelo preso num rabo de cavalo e eu abracei-a por trás e beijei-lhe o pescoço.

– Precisas de ajuda? – perguntei.

– Não, estou mesmo a acabar.

– Estás bem?

– Estou ótima.

Não estava nada ótima e mal entrei soube que tinha estado a chorar, por causa dos olhos inchados e avermelhados. Mas não sabia como remediar o mal se ela não me dissesse o que a perturbava, e uma parte de mim perguntava-se se não seria melhor não saber, não fosse ter alguma coisa a ver comigo.

Ela voltou-se e sorriu com um nadinha de entusiasmo a mais.

– Queres ir até ao parque quando eu acabar de fazer isto? – perguntou.

Uma madeixa de cabelo tinha-se escapado do rabo de cavalo e eu empurrei-a com os dedos para trás da orelha.

– Claro. Vou buscar uma manta para nos sentarmos. Aposto que devem estar mais de vinte graus. – Beijei-lhe a testa. – Gosto de estar no parque contigo.

– E eu também gosto de estar no parque contigo.

Quando chegámos ao parque, estendemos a manta e sentámo-nos. A Anna descalçou os sapatos.

– Há alguém que está quase a fazer anos – disse eu. – O que é que queres fazer para festejar?

– Não sei. Vou ter de pensar nisso.

– Eu sei o que te vou comprar, mas ainda não o encontrei. Já há algum tempo que ando à procura.

– Agora deixaste-me intrigada.

– É uma coisa que uma vez disseste que querias.

– Além de livros e música?

– Sim. – Já lhe tinha comprado um iPod e descarregado todas as canções preferidas porque ela gostava de ouvir música enquanto corria. Duas vezes por semana, ia até à biblioteca e voltava com montes de livros. Lia mais depressa do que qualquer outra pessoa que eu conhecesse.

– Ainda tens algumas semanas. Há de encontrar.

Sorriu e beijou-me, e parecia tão feliz que eu pensei que, afinal, talvez tudo estivesse bem.

CAPÍTULO 59

ANNA

M andei centenas de CV. Conseguir uma colocação tão perto do final do ano escolar seria quase impossível, mas continuava na esperança de arranjar qualquer coisa para o outono, nem que fosse como professora substituta.

A Sarah tinha-me dado metade do dinheiro que recebera da herança dos nossos pais, e ainda me restava algum do que os Callahan me tinham pagado. O acordo com a companhia *charter* haveria de aumentar ainda mais o saldo. Talvez não precisasse, mas queria trabalhar. Tinha saudades de ganhar um salário, mas acima de tudo tinha saudades de dar aulas.

Eu e a Sarah encontrámo-nos para almoçar uma semana antes do meu aniversário. Os rebentos nas árvores tinham-se transformado em folhas verdes e os canteiros ao longo dos passeios estavam cheios de flores. Até ao momento, maio tinha sido invulgarmente quente. Sentámo-nos no pátio do restaurante e pedimos chá gelado.

– Que vais fazer nos teus anos? – perguntou a Sarah, enquanto abria a ementa.

– Não sei. O T. J. perguntou-me a mesma coisa. Não me importo de ficar em casa. – Contei-lhe como eu e o T. J. tínhamos festejado o meu último aniversário na ilha, como ele fingira oferecer-me livros e música. –

Desta vez, vai arranjar-me uma coisa que eu disse que queria. Não faço a mínima ideia do que possa ser.

A empregada voltou a encher os copos de chá gelado e tomou nota do nosso pedido.

– Como vai a procura de emprego?

– Nada bem. Ou não há mesmo vagas, ou ninguém quer contratar-me.

– Tenta não deixar que isso te deite abaixo, Anna.

– Quem me dera que fosse assim tão fácil. – Bebi um gole de chá gelado. – Sabes, quando entrei naquele avião, há quase quatro anos, tinha uma relação que não ia chegar a parte nenhuma e uma hipótese ainda mais remota de iniciar a minha própria família, mas ao menos tinha um emprego que adorava.

– Alguém há de acabar por contratar-te.

– Talvez.

A Sarah fitava-me do outro lado da mesa com uma expressão inquiridora.

– É só isso que te está a perturbar?

– Não. – Contei-lhe o que tinha acontecido no Trader Joe's. – Continuo a querer as mesmas coisas, Sarah.

– E o que é que o T. J. quer?

– Não estou muito segura de que ele próprio saiba. Quando partimos de Chicago, tudo o que ele queria era estar com os amigos e voltar à vida que tinha antes do cancro. Os amigos seguiram em frente e ele ficou para trás, e acho que ainda não decidiu o que vai fazer a seguir.

Falei-lhe da conta poupança que ele tinha e ela arqueou uma sobranceira.

– Devo dizer, em defesa dele, que não se deixou estragar pelo dinheiro. Mas também não o ajuda a motivar-se.

– Estou a ver onde queres chegar – disse ela.

– Estou outra vez à espera, Sarah. Razões diferentes, homem diferente, mas quatro anos mais tarde, continuo à espera.

CAPÍTULO 60

T. J.

O cão saltou para dentro do apartamento da Anna e quase a atirou ao chão. Ela inclinou-se e ele lambeu-lhe a cara. Eu larguei a trela em cima da mesa de apoio e disse:

– Feliz aniversário. Não conseguia meter essa coisa numa caixa, mesmo se o tivesse tentado.

Ela endireitou-se e beijou-me.

– Já não me lembrava de te ter dito que queria um cão.

– *Golden retriever*. Já crescido. De um canil. Andei à procura por todo o lado. Disseram-me que alguém o encontrou a vadiar pela berma da estrada, sem coleira nem chapas. Só pele e osso.

Quando ouviu isto, a Anna caiu de joelhos e abraçou o cão, a acariciar-lhe o pelo macio. Ele voltou a lambê-la, abanou a cauda e começou a correr em círculos.

– Agora parece saudável – disse ela.

– Não vais chamar-lhe *Cão*, pois não? – perguntei eu, a brincar com ela.

– Não. Seria pateta. Vou chamar-lhe *Bo*. Há muito tempo que tinha o nome escolhido.

– Então ainda bem que é rapaz.

– É a prenda perfeita, T. J. Obrigada.

– Não tens de quê. Ainda bem que gostaste dele.

*

Em meados de junho, a Anna ainda não tinha arranjado colocação como professora. Tinha tido uma entrevista que correria bem, numa escola secundária dos subúrbios. Fingiu indiferença quando não conseguiu o lugar, mas nessa noite teve dificuldade em adormecer e às três da madrugada fui encontrá-la na sala a ler um livro com a cabeça do *Bo* apoiada no colo.

– Vem para a cama.

– Vou já – disse, mas quando acordei na manhã seguinte o lado dela continuava vazio.

Ocupava os dias a tomar conta da Chloe e do Joe, a ler e a suar para fazer longas corridas. Passávamos horas fora de casa, no pequeno terraço do apartamento ou no parque dos cães com o *Bo*. Assistíamos aos jogos dos Cubs em Wrigley Field e íamos a concertos no parque.

Mas ela continuava a parecer desassossegada, por mais ocupados que nos mantivéssemos. Por vezes ficava a olhar para o vazio, perdida em pensamentos, mas eu nunca tive tomates para lhe perguntar em que é que estava a pensar.

CAPÍTULO 61

ANNA

— Olha o que chegou no correio – disse eu, quando entrei em casa e deixei cair as chaves na mesinha de café.

O T. J. estava sentado no sofá a ver televisão, com o *Bo* a dormir ao lado.

– O que é?

– O formulário de inscrição para as aulas de preparação do DEG. Telefonei-lhes há dias e pedi-lhes que mandassem informação. Pensei que podias inscrever-te, e que eu podia começar a ajudar-te a estudar.

– Posso começar no outono.

– Mas eles também têm aulas durante o verão, e se começares já podes acabar no final de agosto e talvez inscreveres-te num curso profissional em setembro. Se eu conseguir um lugar de professora, poderemos passar os dois todo o dia na escola.

O T. J. desligou a televisão. Sentei-me no sofá e cocei o *Bo* atrás das orelhas. Nenhum de nós disse nada durante um minuto.

– Pelo menos um de nós devia poder seguir em frente com a sua vida – disse eu.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou ele.

– Eu *não* consigo arranjar emprego. Mas tu *podes* estudar.

– Não quero passar o dia inteiro fechado em casa.

– Estás fechado em casa neste instante.
 – Só estava à espera que chegasses para podermos levar o *Bo* a passear. O que é que estás verdadeiramente a querer dizer, Anna?

O coração começou a martelar-me no peito.

– Não podemos continuar a tentar recriar a ilha neste apartamento.
 – Este apartamento não tem nada a ver com a ilha. Temos tudo o que precisamos.

– Não, tu tens tudo o que precisas. Eu não.

– Amo-te, Anna. Quero passar o resto da minha vida contigo.

As palavras dele carregavam um significado que ficou por expressar.
Caso contigo. Teremos uma família juntos.

Abanei a cabeça.

– Não podes saber isso, T. J.

– Claro que não – disse ele, sarcástico. – Como posso eu saber o que quero? Tenho só vinte anos.

– Nunca me arrei em superior por causa da tua idade.

Ele ergueu as mãos para o teto.

– Acabas de o fazer.

– Há coisas que precisas de acabar. E uma enorme quantidade delas que não tiveste ocasião de começar. Não posso privar-te de tudo isso.

– E se eu não quiser essas coisas, Anna? E se eu te quiser a ti?

– Durante quanto tempo, T. J.?

A compreensão espelhou-se-lhe no rosto.

– Tens medo que eu não *fique*?

– Sim – murmurei. – É exatamente disso que tenho medo.

E se ele se cansasse de brincar às casinhas e resolvesse que assentar não era verdadeiramente o que queria?

– Depois de tudo o que passámos juntos não confias em mim o suficiente para acreditar que não me vou embora? – A expressão magoada dos olhos dele transformou-se em fúria. – Tretas, Anna. – Aproximou-se da janela e ficou a olhar lá para fora. Então voltou-se para mim e disse: – Porque é que não dizes o que realmente queres dizer? Que *tu* queres procurar alguém da tua idade.

– O quê?

Não fazia ideia de onde tinha ele ido buscar a ideia.

– Preferes um homem mais velho. Alguém que as pessoas não tratem como se fosse um miúdo.

– Isso não é verdade, T. J.

– Há de existir sempre um parvalhão qualquer convencido de que pode fazer-se a ti à minha frente. Não me levam a sério. Para eles, és tu que estás a perder tempo. Alguma vez te passou pela cabeça que eu pudesse ter medo que tu me deixasses a *mim*?

Um silêncio carregado de emoções encheu o apartamento. Os minutos arrastaram-se como horas enquanto ambos esperávamos que o outro dissesse que os nossos medos não tinham razão de ser, mas nenhum de nós o fez.

Pensei que doeria menos se arrancasse o penso de uma só vez.

– Precisas de estar sozinho, T. J., e saber como é antes de poderes ter a certeza de que queres estar com outra pessoa.

A expressão na cara dele era de pura angústia. Atravessou a sala e hesitou, detendo-se a poucos passos de distância, a olhar-me nos olhos. Então voltou-me as costas e saiu porta fora, batendo com ela.

Nessa noite não dormi. Sentei-me no sofá e chorei para cima do *Bo*. Na manhã seguinte saí cedo, porque tinha prometido à Sarah que tomava conta dos miúdos enquanto eles iam almoçar. Quando voltei, descobri que também o T. J. tinha arrancado um penso: as coisas dele tinham desaparecido e a chave do apartamento estava em cima da mesa da cozinha.

Doeu que se fartou.

CAPÍTULO 62

T. J.

Eu e o Ben alugámos um apartamento com dois quartos, para o verão, no terceiro andar de um velho edifício a quatro quarteirões de Wrigley Field. Os pais tinham-se mudado para a Califórnia, depois de lhe terem dito que estavam fartos de neve e de frio. O Ben não se importou, uma vez que ele e o irmão mais velho frequentavam uma universidade noutra estado, mas precisava de um sítio para viver até ao começo das aulas, no outono.

– Queres alugar uma casa a meias comigo, Callahan? – dissera ele. – Podemos fazer as farras que quisermos sem ninguém a chatear-nos.

– Porque não? – respondera eu. Se a Anna queria tanto que eu não perdesse nada, partilhar um apartamento com o meu melhor amigo era provavelmente um passo na direção certa.

O Ben estava a estudar Finanças e Contabilidade e conseguira, não sei como, arranjar um estágio num banco da Baixa. Tinha de usar gravata todos os dias.

Eu consegui um emprego na construção, e todas as manhãs, às sete, estava nos subúrbios, a montar estruturas. Apanhava boleia de um tipo da equipa e foi ele que me ensinou tudo o que precisava de saber e me ajudou a não fazer completamente figura de parvo. Não era assim tão diferente de

construir a casa na ilha, só que ali usava uma pistola de pregos e havia muito mais madeira por todo o lado.

A maior parte dos rapazes não era muito faladora e eu não era obrigado a manter uma conversa fosse com quem fosse se não me apetecesse. Por vezes, o único som que se ouvia era o barulho das nossas ferramentas e o da música *rock* que saía do amplificador. Eu nunca usava camisa e pouco depois estava quase tão bronzado como estivera na ilha.

À noite, eu e o Ben bebíamos cerveja. Tinha saudades da Anna e pensava constantemente nela. Sem ela a meu lado, dormia mal como a merda. O Ben tinha o cuidado de não dizer nada, mas parecia preocupado comigo.

Raios, *eu* estava preocupado comigo.

CAPÍTULO 63

ANNA

Às duas da tarde, a temperatura chegava aos trinta graus. O calor emanava de mim em ondas, como o suor que me escorria pela cara enquanto os meus pés batiam no asfalto.

Não me incomodava. Conseguiu aguentar o calor.

Durante o final de junho e todo o mês de julho corri – dez, e depois treze, e depois dezasseis quilómetros todos os dias, por vezes mais.

Quando corria não chorava. Não pensava e não me questionava. Inspirava e expirava fundo e punha um pé à frente do outro.

O Tom Callahan telefonou-me no início de agosto. Quando vi o nome no visor, o coração deu-me um salto no peito, mas voltou a afundar-se quando atendi e percebi que não era o T. J.

– Recebemos esta manhã os papéis da companhia *charter*. O T. J. já assinou. Falta só a sua assinatura para arrumarmos o assunto.

– OK. – Peguei num papel e rabisquei a morada que ele me deu.

– Como está, Anna?

– Estou ótima. E o T. J.?

– Mantém-se ocupado.

Não perguntei o que queria dizer com aquilo.

– Obrigada por me avisar dos papéis. Vou passar pelo advogado para os assinar. – Fez-se silêncio do outro lado da linha por um segundo, e então eu disse: – Diga à Jane e às meninas que eu disse olá.

– Direi. Cuide de si, Anna.

Nessa noite, enrolei-me no sofá com o *Bo* para ler um livro. Duas páginas mais tarde, alguém bateu à porta.

Fui invadida por uma vaga de esperançosa excitação, e o estômago encheu-se-me de borboletas. Tinha pensado durante todo o dia que, depois de eu ter falado com o pai dele, talvez o T. J. me contactasse. O *Bo* entrou em órbita, a ladrar e a correr em círculos, como se soubesse que era ele. Corri para a porta e abri-a, mas não era o T. J. que esperava no patamar.

Era o John.

Com um ar muito circunspecto. Os cabelos louros estavam mais curtos do que costumavam ser e tinha algumas rugas à volta dos olhos, mas tirando isso não mudara. Segurava uma caixa com ambas as mãos. O *Bo* tocou-lhe com a ponta no focinho nas pernas e andou à volta dele, a farejar.

– A Sarah deu-me a tua morada. Encontrei mais umas coisas tuas e achei que talvez as quisesses.

Espreitou por cima do meu ombro, a tentar ver se estava sozinha.

– Entra. – Fechei a porta depois de ele passar o umbral. – Desculpa não ter telefonado. Foi má educação da minha parte.

– Não faz mal, não te preocupes com isso.

Pousou a caixa em cima da mesa da sala.

– Queres beber alguma coisa?

– Pode ser, obrigado.

Fui à cozinha, abri uma garrafa de vinho e enchi dois copos. A minha escolha da bebida refletia mais a minha súbita necessidade de álcool do que a vontade de ser hospitaleira.

– Obrigado – disse ele, quando lhe entreguei um dos copos.

– Não tens de quê. Senta-te.

Ele espirrou duas vezes.

– Tens um cão. Sempre quiseste ter um.

– Chama-se *Bo*.

Sentou-se na cadeira em frente do sofá. Eu pousei o copo em cima da mesa e comecei a tirar coisas da caixa. Foi como ver as minhas roupas penduradas no armário do quarto de hóspedes no apartamento da Sarah. Posses que quase esquecera mas que reconheci imediatamente ao vê-las.

Retirei o elástico que segurava um monte de fotografias. Na de cima aparecíamos eu e o John em frente da roda gigante no Navy Pier, abraçados, ele a beijar-me na face. Inclinei-me por cima da mesa e estendi-lhe a fotografia.

– Vê só como éramos novos.

– Vinte e dois anos – disse ele.

Havia fotos de férias e fotos de grupo com os nossos amigos. Uma da minha mãe e do John em frente da árvore de Natal. Uma dele com a Chloe ao colo, no hospital, horas depois de a Sarah ter dado à luz.

Olhar para aquelas fotografias recordou-me a história que tivera com o John, e que a maior parte dessa história fora boa. Tínhamos começado com tanto potencial, mas então a nossa relação estagnara, esmagada sob o peso de duas pessoas que queriam coisas diferentes. Voltei a pôr o elástico e pousei as fotografias em cima da mesa.

Encontrei um velho par de sapatilhas.

– Estas têm alguns quilómetros.

O item seguinte – um CD dos Hootie & the Blowfish – fez-me sorrir.

– Estavas *constantemente* a tocar isso – disse o John.

– Não faças troça dos Hootie.

Havia alguns livros. Uma escova de cabelo e um elástico para rabo de cavalo. Um frasco meio vazio de perfume *Calvin Klein CK One*, o meu cheirinho típico de grande parte dos anos noventa.

Os meus dedos roçaram qualquer coisa perto do fundo da caixa. Uma camisa de noite. Olhei para o fino tecido preto e tive uma vaga recordação do John a despir-me a meio da noite, pouco antes de eu ter partido de Chicago.

– Encontrei-a quando mudei os lençóis. Nunca a lavei – disse ele, em voz baixa.

Enfiei a mão na caixa uma última vez e tirei de lá um estojo de veludo azul. Estaquei.

– Abre-o – disse o John.

Levantei a tampa. O anel de diamantes refulgia, aninhado em cetim. Incapaz de falar, inspirei fundo.

– Depois de te deixar no aeroporto, fui à joalheria. Sabia que se não casasse contigo te perdia, e não queria perder-te, Anna. Quando a Sarah me telefonou a dizer que o teu avião tinha caído, apertei esse anel na mão e rezei para que te encontrassem. Então ela ligou-me e disse-me que te presumiam morta. A notícia arrasou-me. Mas estás viva, Anna, e eu continuo a amar-te. Sempre te amei, e sempre hei de amar-te.

Fechei o estojo com força e atirei-o à cabeça dele. Dando prova de uns reflexos surpreendentemente rápidos, ele defletiu o meu lançamento e o estojo ressaltou nos antebraços cruzados e deslizou pelo chão de madeira.

– Eu amava-te! Esperei oito anos por ti e tu deixaste-me pendurada até que a minha única opção foi destroçar o meu próprio coração!

Levantou-se da cadeira.

– Céus, Anna. Pensei que um anel era o que querias.

– Nunca teve nada a ver com um anel.

Ele atravessou a sala e deteve-se junto à porta.

– É então por causa do miúdo?

Encolhi-me quando o ouvi falar do T. J. Levantei-me do sofá, apanhei o estojo do chão e entreguei-lho.

– Não. É porque nunca casaria com um homem que só mo pedisse por pensar que tinha de o fazer.

No dia seguinte fui ao escritório do advogado, assinei os papéis e recebi um cheque. Depositei-o no banco a caminho de casa. A Sarah ligou-me para o telemóvel uma hora mais tarde.

– Assinaste os papéis? – perguntou.

– Sim. É demasiado dinheiro, Sarah.

– Se queres a minha opinião, um milhão e meio não é nem de longe o suficiente.

CAPÍTULO 64

T. J.

Arrastei o meu escada acima às nove e meia de uma noite de sábado, e mal entrei pela porta calculei que a festa tinha começado sem mim. Havia pelos menos quinze pessoas a beber cerveja e a emborcar *shots* na cozinha e na sala de estar do nosso apartamento.

Eu e os rapazes da equipa estávamos a tentar acabar a montagem da estrutura de uma obra urgente em Schaumburg, o que tinha significado catorze horas de trabalho por dia seis dias por semana, a vergar a mola do nascer ao pôr do sol. O que eu mais queria era que aquela gente toda que enchia o apartamento desaparecesse.

O Ben saiu do quarto onde dormia com uma rapariga a reboque.

– Eh, meu, toma um duche e volta para aqui.

– Talvez. Estou cansado.

– Não sejas maricas. Daqui a pouco arrancam para o bar. Junta-te à festa, e se ainda estiveres cansado podes aterrar quando sairmos.

– OK.

Tomei um duche e enfiei uns *jeans* e uma *T-shirt*, mas deixei-me ficar descalço. Enquanto abria caminho por entre a malta que me enchia a cozinha, disse olá aos que conhecia e perguntei a mim mesmo de onde raio teriam vindo os outros. Tirei uma *Coca-Cola* e uma caixa de *pizza* do frigorífico e encostei-me ao balcão, a comer as fatias geladas.

– Olá, T. J. – disse uma rapariga, encostando-se ao balcão a meu lado.

– Olá.

Pareceu-me familiar, mas não me lembrava do nome.

– Alex – disse ela.

– É isso. Já me lembro.

Era a rapariga que se tinha sentado ao meu lado no sofá na festa em casa do Coop pouco depois de eu ter voltado da ilha. A que tinha cabelo louro comprido e usava demasiada maquilhagem. Continuei a comer a minha *pizza*.

Ela inclinou-se à minha frente para chegar ao frigorífico e abriu-o. Quando se baixou para pegar numa cerveja, as maminhas quase lhe saltaram para fora do *top*.

– Queres uma? – perguntou, com a lata na mão.

– Pode ser – disse eu, e bebi o resto da *Coca-Cola*.

Ela tirou outra cerveja e estendeu-ma. Quando acabei de comer, abri-a, bebi um longo trago e pousei a lata em cima do balcão.

O Ben entrou na cozinha e estendeu-me um charro aceso. Peguei nele e dei uma passa, retendo o fumo no fundo dos pulmões. Depois de libertar o fumo, perguntei à Alex:

– Queres?

Ela assentiu, puxou uma longa passa e devolveu-mo. Acabámos o charro, fumando à vez. Pensei que se ficasse suficientemente pedrado talvez conseguisse dormir a noite inteira, em vez de acordar de hora a hora.

A Alex deu-me outra cerveja. Quando fui para a sala sentar-me no sofá, ela seguiu-me. Depois disso, nunca mais me largou.

Bebemos cerveja e fumámos erva até que comecei a ver tudo como se estivesse debaixo de água. Os outros saíram com o Ben para ir para o bar, e ficámos só eu e a Alex. Eu preparava-me para lhe dizer que fosse com eles porque queria dormir, mas antes que conseguisse dizer fosse o que fosse ela pôs-se de pé, a cambalear, e levou-me para o quarto. Quando pôs a mão entre as minhas pernas, deixei de pensar com o cérebro e deixei outra parte do meu corpo assumir o controlo.

Foi o latejar da cabeça que me acordou, na manhã seguinte. A Alex estava deitada a meu lado, nua e com a maquilhagem toda esborratada.

Afastei o lençol e dirigi-me para a porta, apanhando algumas roupas pelo caminho. Havia qualquer coisa colada à sola do meu pé. Inclinei-me e retirei o invólucro de preservativo que tinha pisado.

Graças a Deus.

Atirei-o para o caixote do lixo quando cheguei à casa de banho. A água quente encheu a divisão de vapor e eu tomei um duche que me lavou de todos os vestígios da Alex. Vesti-me e lavei os dentes, e depois fui à cozinha e bebi três copos de água gelada.

Estava a ver televisão quando ela entrou na sala, meia hora mais tarde. Encontrou a bolsa e o casaco e eu acompanhei-a até à porta.

– Apanha um táxi – disse-lhe, e enfiei-lhe na mão uma nota de dez dólares amarrotada.

– Telefona-me – disse ela. – O Ben tem o meu número.

– Desculpa, não vou telefonar.

Ela assentiu com a cabeça, a evitar-me o olhar.

– Bem, ao menos és sincero.

O Ben saiu do quarto, a cambalear, ao meio-dia.

– Grande porra, Callahan. Estou com uma ressaca de proporções épicas. – Coçou-se e deixou-se cair no sofá a meu lado. – Está uma miúda na minha cama, mas não é a que eu trouxe para casa ontem à noite. A que trouxe para casa era muito melhor do que esta.

– Acho que é a mesma, Ben.

– Sim, talvez. Como correram as coisas com a não-sei-quantas? Comeste-a?

– *Ya.*

– Callahan *volta ao jogo* – disse ele, e levantou a mão para chocar na minha.

– Não quero entrar no jogo.

O Ben baixou a mão, com uma expressão confusa na cara.

– Porquê, ela não prestava? A mim pareceu-me que tinha um belo corpo.

– Sim, e qualquer tipo, ontem à noite, podia tê-la levado para a cama, se quisesse.

– Bem, não sei o que te dizer, meu. Eu sei que estás chateado por essa coisa com a Anna não ter resultado, mas não sei do que é que andas à procura.

Sei eu.

Comecei a trabalhar no meu DEG em julho. Depois de passar o dia inteiro a montar estruturas, chegava a casa, tomava um duche rápido e ia juntar-me durante duas horas aos outros desistentes num centro de estudos comunitário. Todas as noites. Em finais de agosto, tinha obtido o meu DEG e estava matriculado num curso profissional para o primeiro semestre. Deixei o meu emprego na construção quando as aulas começaram. Não fazia a mínima ideia do que queria estudar, e não me via a desperdiçar os dois anos seguintes dentro de uma sala de aulas, mas não sabia o que mais fazer.

O Ben voltou para Iowa City e eu voltei para casa, o que deixou os meus pais felizes, especialmente a minha mãe. Estava tão habituado a trabalhar todo o dia e a ir às aulas do DEG à noite que não sabia como ocupar as tardes. A maior parte dos meus amigos frequentava universidades noutros estados ou suficientemente longe da cidade para tornar difícil qualquer encontro durante a semana.

Cheguei a casa um dia, em outubro. A temperatura mais baixa e a queda das folhas lembraram-me a Anna, e como ela gostava do outono. Teria arranjado colocação como professora? Teria encontrado outra pessoa?

– Olá, mãe – disse, atirando a mochila para cima do balcão da cozinha.

– Como foi a escola?

– Tudo bem. – Detestava ser o caloiro mais velho de todas as turmas, e havia alturas em que quase morria de tédio. – Há uma coisa que quero fazer – continuei, enquanto tirava uma *Coca-Cola* do frigorífico. – Ajuda-me?

Ela sorriu e disse:

– Claro, T. J.

Quando tinha dezasseis anos, estava demasiado doente para tirar a carta de condução, de modo que durante o mês que se seguiu, mal chegava

das aulas, a minha mãe ensinou-me a guiar. Ela tinha um SUV da *Volvo*, e íamos para os subúrbios e procurávamos parques de estacionamento vazios e ruas sossegadas. Passávamos horas a conduzir. Ela parecia genuinamente feliz por estar tanto tempo comigo, e eu sentia-me um cretino por não ter estado mais tempo com ela.

Um dia, quando estava ao volante, perguntei-lhe:

– Sabia que a Anna ia acabar tudo comigo?

Hesitou um segundo.

– Sim.

– Como? – *E porque é que eu não sabia?*

Ela baixou o som do rádio.

– Porque eu tive-te quando tinha vinte e cinco anos, T. J., e queria muito ter-te. Depois, tive de esperar cinco anos para voltar a engravidar da Grace. Fiquei ansiosa, e depois preocupada, e depois quase em pânico quando não aconteceu logo a seguir. Então, dois anos depois da Grace, veio a Alexis, e eu senti finalmente que a minha família estava completa. A Anna está provavelmente pronta para ter a sua própria família, T. J.

– Eu ter-lha-ia dado.

– Ela pode ter pensado que não teria sido sensato aceitar.

Mantive os olhos no carro que seguia à nossa frente.

– Disse-lhe que queria passar o resto da minha vida com ela. Ela respondeu-me que havia coisas que eu tinha de fazer. Coisas que precisava de experimentar.

– E tinha razão. Diz muito em abono dela o facto de não ter querido privar-te delas.

– A decisão é minha, mãe.

– Mas não és tu o único afetado por ela.

Subitamente compreendi uma coisa, e encostei o carro, a apertar os dentes com tanta força que me doeu.

– Foi por isso que foram tão simpáticos com ela? – Tinha a cara a arder. – Vamos tratar bem a namorada do T. J. até ela decidir dar-lhe com os pés?

Bati no volante com os punhos cerrados.

A minha mãe estremeceu e então pousou a mão no meu braço.

– Não. Gosto da Anna. E gosto ainda mais dela agora, que a conheço melhor. É uma boa rapariga, T. J. Mas tentei dizer-te que está numa fase diferente da vida, e tu não quiseste ouvir.

Fiquei a olhar pela janela até me acalmar, e então voltei a arrancar.

– Continuo a amá-la.

– Eu sei.

Tirei a carta de condução e comprei um SUV *Chevy Tahoe* preto.

No fim das aulas, pegava no carro e ia conduzir, primeiro para os sub-úrbios, depois para o campo, a ouvir uma estação de *rock* clássico.

Um dia, passei por uma propriedade que tinha uma tabuleta a dizer «Vende-se» espetada no início do caminho de acesso, subi até uma pequena casa pintada de azul-claro e estacionei. Ninguém respondeu quando bati à porta, de modo que dei a volta até ao quintal das traseiras. Havia terra até onde a vista alcançava. Tirei a folha de papel enfiada no tubo de plástico atado à tabuleta. Tinha o número de telefone de uma imobiliária. Dobrei o papel, enfiei-o no bolso e segui o meu caminho.

CAPÍTULO 65

ANNA

Eu e o *Bo* palmilhávamos as ruas da cidade durante horas. Certa vez, numa tarde quente de setembro, a trela soltou-se e eu passei dez minutos frenéticos a tentar apanhá-lo enquanto ele galopava pelo passeio, serpenteando pelo meio da multidão. Consegui finalmente aproximar-me o suficiente para lhe agarrar a coleira e voltei a prender a trela, aliviada. Um rapazinho observava a cena a poucos passos de distância, no umbral de uma porta aberta para a rua. Por cima da cabeça dele, uma tabuleta anunciava: refúgio familiar.

– É o teu cão? – perguntou. Vestia uma *T-shirt* às riscas e estava a precisar de cortar o cabelo. Uma constelação de sardas salpicava-lhe o nariz e as faces.

Endireitei-me e levei o *Bo* até ele.

– É. Chama-se *Bo*. Gostas de cães?

– Gosto. Sobretudo dos amarelos.

– É um *golden retriever*. Tem cinco anos.

– Eu também tenho cinco anos! – disse ele, e o rosto iluminou-se-lhe.

– Como te chamas?

– Leo.

– Muito bem, Leo. Podes fazer uma festa ao *Bo*, se quiseres. Mas tens de ser meigo com os animais, está bem?

– OK. – Acariciou cuidadosamente o pelo do *Bo*, a olhar para mim pelo canto do olho para ver se eu reparava em como estava a ser meigo. – É melhor ir. O Henry disse para não sair da porta. Obrigado por me deixares fazer festinhas ao teu cão.

Abraçou o *Bo*, e antes que eu pudesse dizer adeus, correu para dentro. O *Bo* puxou pela trela, a querer segui-lo.

– Anda, *Bo* – disse eu, puxando com firmeza.

Afastámo-nos da porta e fomos para casa.

Voltei lá no dia seguinte, sozinha. Duas mulheres, uma delas com um bebé empoleirado na anca, preguiçavam junto à porta.

– Eh, menina fina, o Bloomie's é para *aquele* lado – disse a que tinha o bebé, apontando, e a outra riu.

Ignorei-a e transpus a porta. Uma vez no interior, olhei em redor, à procura do Leo. Era segunda-feira, e não havia miúdos à vista. De acordo com a lei federal, todas as crianças tinham garantido o direito à educação, quer tivessem ou não residência fixa. Felizmente, os pais que viviam no refúgio pareciam estar a usar desse direito.

Um homem dirigiu-se a mim, a limpar as mãos a um pano de louça. Tinha cinquenta e tal anos, calculei. Vestia *jeans* e um pólo desbotado e calçava ténis.

– Posso ajudá-la? – perguntou.

– Chamo-me Anna Emerson.

– Henry Elings – disse ele, e apertou a mão que eu lhe estendia.

– Ontem estava aqui um rapazinho. Conheci-o quando estava à porta. Gostou do meu cão. – Ele sorriu e esperou pacientemente que eu me explicasse melhor. – Estava a pensar que talvez precisassem de voluntários.

– Precisamos de muitas coisas. E voluntários é sem dúvida uma delas. – O olhar era bondoso e o tom simpático, mas provavelmente não era a primeira vez que ouvia aquilo. Donas de casa e meninas de família dos subúrbios a aparecerem esporadicamente para poderem gabar-se nas reuniões dos seus clubes de leitura a respeito de como estavam a contribuir para fazer a diferença. – As necessidades dos nossos residentes são muito básicas – continuou. – Comida e abrigo. Geralmente não cheiram muito bem. Um banho pode ter uma prioridade muito baixa em comparação com uma refeição quente e uma cama.

Perguntei a mim mesma se teria reconhecido o meu nome, ou a minha cara das fotografias publicadas pelos jornais. Se foi o caso, não o referiu.

– Já andei suja, e a maneira como as pessoas cheiram não me preocupa por aí além. Sei o que é ter fome e sede, e não ter abrigo. Tenho muito tempo livre e gostaria de passar algum desse tempo aqui.

Ele sorriu.

– Obrigado. Também nós gostaríamos.

Comecei a chegar ao refúgio às dez horas, todas as manhãs, para ajudar os outros voluntários a fazer e servir o almoço. O Henry encorajou-me a levar o *Bo*.

– A maior parte das crianças gosta de animais. Poucas das que aqui estão tiveram um animal de estimação.

Os miúdos mais pequenos, que ainda não andavam na escola, passavam horas a brincar com o *Bo*. E ele nunca rosnava quando lhe acariciavam o pelo com um entusiasmo um tudo-nada excessivo ou tentavam montá-lo como se fosse um pónei. Depois do almoço, lia-lhes histórias. As mães, exaustas e nervosas, começaram a mudar de atitude para comigo quando me viram com os filhos ao colo. Ao fim da tarde, os mais velhos regressavam da escola e eu ajudava-os a fazer os trabalhos de casa, e só os deixava brincar com os jogos que comprava na Target depois de os terem acabado.

O Leo andava sempre comigo, ansioso por contar-me tudo o que tinha acontecido na escola. O entusiasmo dele pelo jardim de infância não me surpreendia; a maior parte das crianças gosta do ambiente seguro da sala de aula, e as que não têm casa ainda mais. Muitos deles não tinham livros nem artigos escolares e todos adoravam aprender cantigas nas aulas de música e correr no recreio.

– Ando a aprender a ler, Miss Anna!

– Fico muito feliz por gostares tanto de aprender a ler, Leo. – Abracei-o. – É maravilhoso.

O sorriso dele era tão radioso que parecia prestes a rebentar de felicidade, mas então voltou a pôr-se sério.

– Vou aprender muito bem, Miss Anna. E depois vou ensinar o meu papá.

Dean Lewis, o pai do Leo, tinha vinte e oito anos e estava desempregado havia quase um ano. Era um dos dois pais solteiros que viviam no refúgio. Sentei-me ao lado dele, depois do jantar. Olhou para mim, desconfiado.

– Viva, Dean.

Dirigiu-me um aceno de cabeça.

– Miss Anna.

– Como vai a procura de emprego?

– Ainda não arranjei nenhum.

– Que espécie de trabalho fazia?

– Era cozinheiro. Trabalhei sete anos no mesmo restaurante. Comecei a lavar pratos e fui subindo.

– Que aconteceu?

– O dono teve problemas. Foi obrigado a vender. O novo patrão despediu toda a gente.

Ficámos a observar o Leo, empenhado num animado jogo de toca-e-foge com outras duas crianças.

– Dean?

– Sim?

– Acho que talvez possa ajudá-lo.

Afinal, o Dean sabia ler um pouco. Tinha decorado algumas palavras mais comuns – e a ementa inteira do restaurante onde trabalhava – mas não conseguia preencher um formulário de candidatura e nunca se inscrevera no centro de emprego depois de ficar sem trabalho por incapacidade de decifrar a papelada. Um amigo ajudara-o a candidatar-se a um lugar num restaurante italiano, mas tinha sido despedido três dias depois por não conseguir ler os pedidos.

– É disléxico? – perguntei-lhe.

– O que é que isso quer dizer?

– É quando as letras não parecem estar pela ordem certa.

– Não. Não há nenhum problema com as letras. Eu é que não consigo lê-las.

– Completou o secundário?

Abanou a cabeça.

– Nono ano.

– Onde está a mãe do Leo?

– Não faço ideia. Tinha vinte anos quando o Leo nasceu, e quando ele fez uma ano ela disse que não aguentava continuar a ser mãe, como se alguma vez se tivesse comportado como uma. Não tínhamos dinheiro para televisão por cabo, mas tínhamos uma velha televisão e um videogravador e ela passava o dia inteiro a ver filmes. Eu chegava a casa do restaurante e encontrava o Leo a gritar e a chorar, com a fralda encharcada, ou pior. Um dia saiu de casa e nunca mais voltou. Tive de arranjar uma creche, e mesmo assim já vivíamos no limite. Quando perdi o emprego, comecei a atrasar-me na renda. – Olhou para os pés. – O Leo merece melhor.

– Pois eu acho que o Leo tem muita sorte – disse eu.

– Como pode dizer uma coisa dessas?

– Porque pelo menos um dos pais ama-o. É mais do que muitas crianças têm.

Durante os dois meses que se seguiram, trabalhei com o Dean todos os dias, desde o início da tarde até à hora a que o Leo e as outras crianças voltavam da escola. Usando manuais fonéticos, ensinei-lhe as várias combinações de letras, e pouco depois tinha-o a ler o *Goodnight Moon* e *Brown Bear, Brown Bear, What Do You See?* aos mais pequenos. Ele sentia-se muitas vezes frustrado, mas eu espicaçava-o, reforçando-lhe a confiança e elogiando-o sempre que dominava uma lição mais difícil.

Quando voltava a casa depois de servir o jantar no refúgio, ia fazer uma longa corrida. Setembro deu lugar a outubro, e eu acrescentei mais camadas de roupa e continuei a correr. Um dia, em novembro, eu e o *Bo* parámos para ver o correio. Tirei umas quantas contas e uma revista, e lá estava: um sobrescrito vulgar, com o nome e a morada do T. J. escritos à mão no canto superior esquerdo.

Corri escada acima e fechei a porta do apartamento, sem sequer tirar a trela ao *Bo*. Quando rasguei o sobrescrito e li o papel que continha, comecei a chorar.

– Abre o raio da porta, Anna. Sei muito bem que estás aí dentro! – gritou a Sarah.

Eu estava estendida no sofá, a olhar para o teto. As últimas vinte e quatro horas de *voice mails* e SMS da Sarah tinham passado sem resposta, e era apenas uma questão de tempo até ela aparecer no apartamento.

Abri a porta. A Sarah irrompeu por ali dentro, mas eu esquivei-me e voltei para o sofá.

– Bem, pelo menos sei que estás viva – disse ela, de pé a meu lado. Examinou-me, de nariz franzido ao ver os cabelos despenteados e o pijama amarrotado. – Estás com um aspeto horrível. Tomaste duche hoje? Ou ontem?

– Oh, Sarah, consigo passar *muito* mais tempo do que isso sem tomar banho.

Tapei as pernas com uma manta de lã e o *Bo* pousou a cabeça no meu colo.

– Quando foi a última vez que foste ao refúgio?

– Há uns dias – resmunguei. – Disse ao Henry que estava doente.

A Sarah sentou-se no sofá.

– Anna, fala comigo. O que foi que aconteceu?

Fui à cozinha e voltei com um sobrescrito. Entreguei-o à Sarah e disse:

– Recebi isto no correio, há dias. É do T. J.

Ela abriu-o e tirou dele um cartão de um banco de esperma. Por baixo do número do telefone, tinha escrito: *Tratei de tudo*.

– Não compreendo – disse a Sarah.

– Vê no verso.

Ela voltou o cartão. No verso, ele tinha escrito: *Para o caso de nunca chegares a encontrá-lo*.

– Oh, Anna – disse a Sarah.

Puxou-me para si e abraçou-me e deixou-me chorar.

Convenceu-me a tomar um duche enquanto ela tratava do jantar. Voltei descalça à sala de estar, vestindo as calças de um pijama de flanela lavado e uma camisola.

– Não te sentes melhor agora? – perguntou a Sarah.

– Sinto.

Sentei-me no sofá e calcei umas grossas meias de lã. A Sarah estendeu-me um copo de vinho tinto.

– Mandei vir comida chinesa – disse. – Deve estar a chegar.

– OK. Obrigada.

Bebi um pequeno gole de vinho e pousei o copo em cima da mesa. A minha irmã sentou-se a meu lado.

– É uma oferta extraordinária, a que o T. J. te faz.

– Pois é. – As lágrimas voltaram a subir-me aos olhos e a correr-me pela cara. Limpei-as com as costas da mão. – Mas eu nunca conseguiria ter nos braços um bebé que tivesse os olhos dele, ou o sorriso dele, se não pudesse amá-lo também a ele. – Peguei no copo e bebi outro gole de vinho. – O John nunca teria feito uma coisa tão altruísta.

A Sarah limpou uma lágrima que me tinha escapado.

– Isso é porque o John era meio cretino.

– Amanhã volto ao refúgio. Foi só um mau bocado.

– Não faz mal. Acontece.

– Nunca amei o John como amo o T. J.

– Eu sei.

Carreguei a árvore de Natal escada acima e enfié-a pela porta do apartamento. Quando acabei de a enfeitar, a minha primeira árvore em cinco anos refulgia, coberta de luzes que piscavam e de ornamentos brilhantes. Eu e o *Bo* passávamos horas deitados em frente dela, a ouvir músicas de Natal.

Ajudei o Henry a enfeitar a árvore do refúgio. Os miúdos também contribuíram, pendurando os flocos de neve que tínhamos feito com papel e purpurinas.

O Dean recebeu uma prenda de Natal adiantada. Tinha preenchido um formulário de candidatura num restaurante ali perto e tinham-no contratado havia já duas semanas. Ler os pedidos que a empregada de mesa lhe passava deixara de ser um problema, e ele despachava as refeições num instante, ganhando em muito pouco tempo a reputação de ser um bom trabalhador. Usou o primeiro ordenado que recebeu para pagar o depósito de aluguer de um apartamento mobilado. Eu avalisei o arrendamento e paguei a pronto a renda do primeiro ano. Ele não queria aceitar, mas eu convenci-o, pelo Leo.

– Paga-me um dia mais tarde, Dean.

– Pagarei – prometeu ele, e abraçou-me. – Obrigado, Anna.

Passsei a Véspera de Natal com a Sarah, o David e os miúdos. Vimos o Joe e a Chloe abrirem as prendas, com papel de embrulho a voar por todos os lados, e passámos a hora seguinte a montar brinquedos e a colocar pilhas. O David jogou tantos jogos na *PlayStation* que comprei para o Joe que a Sarah ameaçou desligá-la.

– O que será que têm os jogos de vídeo que transforma homens em rapazes? – perguntou ela.

A Chloe tocou a sua guitarra da *Barbie*, muito alto, e ao cabo de uma hora a ouvir aquilo tive de lembrar a mim mesma para não lhe comprar mais instrumentos. Fui até à cozinha, onde havia sossego, e abri uma garrafa de *Cabernet*.

A Sarah juntou-se a mim um minuto mais tarde. Abriu o forno e inspeccionou o peru. Servi-lhe mais vinho e tocámos os copos.

– Um brinde ao facto de te ter em casa a festejar connosco – disse a Sarah. – Lembro-me do último Natal, de como foi difícil sem a mãe e o pai. Mesmo com o David e os miúdos, senti-me um pouco sozinha. Então, dois dias mais tarde, tu telefonaste. Por vezes ainda não consigo acreditar, Anna.

Pousou o copo de vinho e abraçou-me.

Eu retribuí o abraço.

– Feliz Natal, Sarah.

– Feliz Natal.

No Dia de Natal, apareci no refúgio ao meio-dia, com prendas para as crianças: consolas de jogos portáteis para os rapazes, *bâton* e joias de fantasia para as raparigas, animais de peluche e livros para os mais pequenos. Os bebés receberam macias mantas de lã, fraldas e leite em pó. O Henry vestiu-se de Pai Natal para fazer a distribuição. Pus umas armações de veado na cabeça do *Bo* e pendurei-lhe sinos da coleira. Ele não estava muito para aí virado.

Estava a ler *Frosty the Snowman* a um grupo de crianças sentadas ao meu colo quando o Henry apareceu com um sobrescrito na mão. Quando acabei a história, mandei os miúdos brincar.

– Alguém fez um donativo anónimo há dias – disse o Henry. Abriu o sobrescrito e mostrou-me um cheque visado num valor muito substancial.

– Pergunto a mim mesmo porque alguém o faria sem me dar a oportunidade de agradecer.

Incolhi os ombros e devolvi-lhe o cheque.

– Não sei. Talvez a pessoa não quisesse grande alarido.

Foi exatamente por isso.

Eu e o *Bo* voltámos a casa depois de eu ter ajudado a servir o jantar de Natal no refúgio. Caía uma neve muito fina e as ruas estavam desertas. De repente, o *Bo* saltou para a frente, arrancando-me a trela da mão. Corri atrás dele, e parei abruptamente segundos mais tarde.

O T. J. estava de pé no passeio, em frente ao meu apartamento. Quando o *Bo* chegou junto dele, inclinou-se para lhe fazer festas na cabeça e enfiou a mão na argola da trela. Aproximei-me, a sustar a respiração, impelida para a frente por pura saudade.

Ele endireitou-se e encontrou-se comigo a meio caminho.

– Passei o dia inteiro a pensar em ti – disse. – Na ilha, prometi-te que se aguentasses haveríamos de passar juntos o nosso primeiro Natal em Chicago. Hei de cumprir sempre as promessas que te faço, Anna.

Olhei para os olhos dele e comecei a soluçar. Ele abriu os braços e eu caí neles, a chorar tanto que mal conseguia falar.

– Vá, está tudo bem – disse ele.

Enterrei a cara no peito dele, a respirar o cheiro a neve, a lã, a ele, enquanto ele me abraçava com força. Passados alguns minutos, pôs a mão debaixo do meu queixo e levantou-mo. Limpou-me as lágrimas, como tinha feito tantas outras vezes.

– Tinhas razão. Precisava de estar sozinho. Mas algumas das coisas que querias que experimentasse já tinham passado, e eu não podia voltar atrás. Agora sei o que quero, e és tu, Anna. Amo-te, e tenho saudades tuas. Tantas.

– Eu não encaixo no teu mundo.

– Nem eu no teu – disse ele, com uma expressão terna mas resoluto. – Portanto façamos o nosso próprio mundo. Já o fizemos uma vez.

Ouvi a voz da minha mãe soar-me dentro da cabeça quase como se ela estivesse ali ao pé a falar-me ao ouvido. A mesma pergunta que disse para fazer a mim mesma a respeito do John.

A tua vida é melhor com ele, Anna, ou sem ele?

Decidi naquele instante, de pé naquele passeio, deixar de me preocupar com coisas más que podiam nunca acontecer.

– Amo-te, T. J. Quero que voltes para mim.

Ele abraçou-me com força e as minhas lágrimas correram até lhe molharem a camisola. Levantei a cabeça do peito dele.

– Devo chorar mais do que qualquer outra pessoa que tu conheças – disse.

Ele afastou-me o cabelo da cara e sorriu.

– E também vomitas muito.

Ri por entre as lágrimas. Os lábios dele roçaram os meus e ficamos ali no passeio, a beijar-nos, cobertos de flocos de neve, enquanto o *Bo* esperava pacientemente, sentado aos nossos pés.

Entrámos em casa e conversámos durante horas, estendidos numa manta em frente da árvore de Natal.

– Nunca quis mais ninguém, T. J. Só queria o que era melhor para ti.

– *Tu* és o que é melhor para mim – disse ele, com a minha cabeça aninhada nos braços, as pernas entrelaçadas nas minhas. – Não vou a parte nenhuma, Anna. É aqui que quero estar.

CAPÍTULO 66

T. J.

Olhei para o relógio uma manhã, duas semanas mais tarde. As férias de Natal ainda duravam e eu e a Anna estávamos a tomar um pequeno-almoço tardio.

– Preciso de sair durante algum tempo, e depois há uma coisa que quero mostrar-te – disse eu. – A que horas chegas do refúgio?

– Devo estar em casa por volta das três. O que é? – perguntou ela, pousando o jornal.

Enfiei o casaco e as luvas.

– Depois vê.

Nessa tarde, parei o carro diante do prédio da Anna e abri a porta para ela entrar. Tê-la no carro comigo era uma das coisas com que tinha sonhado.

– És um bom condutor? – perguntou ela, quando me instalei ao volante.

– Sou um excelente condutor – respondi eu, com uma gargalhada.

Sáímos da cidade, e a Anna estava cada vez mais curiosa. Hora e meia mais tarde, disse-lhe:

– Estamos quase lá.

Virei à esquerda para sair da estrada nacional e meti por um caminho de saibro. Virei outra vez, a pensar que era uma sorte conduzir um 4x4,

porque havia dez centímetros de neve a cobrir o caminho. Parei o carro em frente da garagem de uma pequena casa pintada de azul-claro e desliguei o motor.

– Anda – disse.

– Quem mora aqui?

Não respondi. Quando chegámos à porta principal, tirei uma chave do bolso e abri-a.

– É tua? – perguntou a Anna.

– Comprei-a há dois meses e assinei a escritura hoje. – Ela entrou e eu segui-a, acendendo as luzes. – Os antigos proprietários construíram-na nos anos oitenta. Acho que nunca mudaram nada – disse eu, a rir. – Esta alcá-tifa azul é de morte.

A Anna percorreu todas as divisões, a abrir armários e a comentar as coisas de que gostava.

– É perfeita, T. J. Só precisa de ser um pouco modernizada.

– Então espero que não fiques demasiado desapontada quando a deitar abaixo.

– O quê? Porque é que vais deitá-la abaixo?

– Chega aqui – disse eu, levando-a até uma das janelas da cozinha que dava para o quintal das traseiras. – O que é que vês lá fora?

– Terra – disse ela.

– Quando fazia grandes passeios de carro passava por este lugar, e um dia parei e vim dar uma vista de olhos. Soube no mesmo instante que queria comprá-la, ter terra que fosse minha. Quero construir uma nova casa neste lugar, Anna. Para nós. O que é que achas?

Ela voltou-se e sorriu.

– Adorava viver numa casa construída por ti, T. J. E o *Bo* também adoraria viver aqui. É bonito. Sossegado.

– É porque estamos nas berças. Vai ser uma longa viagem de ida e volta todos os dias, para ir até ao refúgio.

– Não faz mal.

Soltei um suspiro de alívio. Quando lhe peguei na mão, perguntei-me se estaria a notar que a minha tremia um pouco. Pareceu chocada quando tirei o anel do bolso.

– Quero que sejas minha mulher. Não há mais ninguém com quem queira passar o resto da minha vida. Podemos viver aqui, tu, eu, os nossos filhos, e o *Bo*. Mas agora compreendo, Anna. As minhas decisões afetam-te também a ti. Por isso tens uma tua para tomar. Queres casar comigo?

Sustive a respiração, à espera para lhe enfiar o anel no dedo. Os olhos azuis dela brilharam e um sorriso espalhou-se pela sua cara.

Disse que sim.

CAPÍTULO 67

ANNA

O Ben e a Sarah foram encontrar-se connosco no tribunal de Cook County em março. Uma tempestade de primavera fustigava a área de Chicago e eu e o T. J. – de *jeans*, camisolões e botas – tínhamos preferido o calor à elegância.

Casar perante um juiz podia não ser a mais romântica das opções, mas eu tinha vetado um casamento na igreja. Não conseguia imaginar-me a subir ao altar sem ser pelo braço do meu pai. O David tinha-se oferecido, mas não seria a mesma coisa. Um casamento longe de casa, num sítio tropical – uma ilha, talvez – também não era opção.

– A tua mãe não vai ficar feliz por perder isto – disse eu.

A Jane Callahan aceitara surpreendentemente bem o nosso casamento; talvez por ter decidido que opor-se não serviria de nada. Já tinha duas filhas, mas acolhera com muita graciosidade uma terceira e eu não tinha a mínima vontade de a perturbar.

– Tem a Alexis e a Grace – disse o T. J., agitando despreocupadamente a mão. – Pode ir aos casamentos delas.

Enquanto esperávamos que nos chamassem, um homem que provavelmente vestia todas as peças de roupa que possuía, com as botas remendadas com fita adesiva, circulava por entre os casais que aguardavam a tentar vender ramalhetes de flores murchas. Muitos ignoravam-no, franzindo o

nariz à barba comprida e descuidada e aos cabelos desgrenhados. O T. J. comprou todas as flores que ele tinha e tirou-me uma fotografia com elas nos braços.

Quando chegou a nossa vez, o Ben e a Sarah ficaram de pé a nosso lado enquanto pronunciávamos os votos. A cerimónia demorou menos de cinco minutos. Mesmo assim, a Sarah conseguiu desfazer-se em lágrimas. O Ben ficou sem palavras, o que, segundo o T. J., não acontecia muitas vezes.

O T. J. desenterrou as alianças do fundo do bolso das *Levi's*. Enfiou uma no meu dedo e estendeu-me a mão esquerda. Quando o anel de ouro ficou no seu lugar, sorriu.

– Como juiz mandatado em Cook County – disse o juiz –, declaro Thomas James Callahan e Anna Lynn Emerson legalmente casados. Parabéns.

– É esta a parte em que eu a beijo? – perguntou o T. J.

– Força – disse o juiz, enquanto assinava a certidão de casamento.

O T. J. esmerou-se, e foi um bom beijo.

– Amo-a, Mrs Callahan.

– E eu também te amo.

Sáímos do tribunal de mãos dadas. Grandes e preguiçosos flocos de neve caíam do céu quando nos enfiámos os quatro num táxi e seguimos para o almoço de festa no restaurante onde o Dean Lewis trabalhava. Dez minutos mais tarde, pedi ao motorista que encostasse.

– É uma paragem muito rápida. Pode esperar?

Ele disse que sim e parou em frente de um salão de manicura.

– Voltamos já – disse eu ao Ben e à Sarah.

– Queres arranjar as unhas agora? – perguntou o T. J., saindo do táxi atrás de mim.

– Não – respondi, enquanto empurrava a porta. – Mas há uma pessoa que quero que conheças.

Quando nos viu, a Lucy correu a abraçar-me.

– Como estás, querida?

– Estou ótima, Lucy. E tu?

– Oh, ótima, ótima.

Pousei a mão no braço do T. J. e disse:

- Lucy, quero apresentar-te o meu marido.
- Esse é o John? – perguntou ela.
- Não, não casei com o John. Casei com o T. J.
- A Anna casou? – Ao princípio pareceu confusa, mas então o rosto iluminou-se-lhe e saltou para o T. J. e abraçou-o. – A Anna casou!
- É verdade – disse eu. – A Anna casou.

CAPÍTULO 68

T. J.

Três meses mais tarde, num dia quente de junho, eu e a Anna metemo-nos no meu *Tahoe*. Ela usava óculos e sol e o meu boné dos Chicago Cubs. O *Bo* sentava-se no banco de trás, com a cabeça de fora da janela aberta. Na rádio, os Eagles cantavam «Take It Easy», e a Anna descalçou os sapatos, aumentou o som e cantou com eles enquanto saíamos da cidade.

Tinham enchido recentemente os alicerces da nossa nova casa. Eu e a Anna espalmámos as mãos no cimento húmido e, ao lado das marcas, ela escrevera com a ponta do dedo os nossos nomes e a data. Eu contratara uma equipa e tínhamos começado a levantar a estrutura; a casa já estava a ganhar forma. Se tudo corresse de acordo com o calendário previsto, poderíamos mudar-nos por volta do Halloween.

Quando chegámos, estacionei e fui buscar a pistola de pregos à bagageira. A Anna riu-se e enfiou-me o chapéu de *cowboy* na cabeça. Apesar de saber que devia usar óculos proteção, tinha posto os meus *Ray-Ban*. Avançámos para uma pilha de madeira cortada e eu peguei numa tábua.

– Tens aí uma ferramenta toda maricas – disse a Anna, a implicar comigo. – Pensei que querias fazer isto à maneira antiga. Com um *martelo*.

– Nem pensar! – respondi eu, levantando a ferramenta. – Adoro esta coisa.

O que íamos fazer a seguir fora ideia da Anna. Queria segurar algumas tábuas para eu pregar, como quando tínhamos construído a nossa casa na ilha.

– Vá lá, faz-me a vontade – disse ela. – Em nome dos velhos tempos.

Como se alguma vez eu fosse dizer-lhe que não.

– Estás pronta? – perguntei, posicionando a tábua no seu lugar.

A Anna segurou-a e disse.

– Força, T. J.

Fiz pontaria e apertei o gatilho.

Bam!

EPÍLOGO

ANNA

Quatro anos mais tarde É uma casa rancheira verde-salsa, com uma barra creme a toda a volta e rodeada de árvores. A garagem para três carros alberga o *Tahoe* do T. J., a carrinha de caixa aberta que ele usa no trabalho e o meu *Nissan Pathfinder* branco, quase impossível de manter limpo quando se vive numa estrada de saibro.

Há um escritório com portas envidraçadas perto da grande cozinha e uma das paredes está coberta de estantes do chão ao teto. É lá que estou muitas vezes, enroscada no grande cadeirão estofado e com os pés em cima do pufe.

Há dois alpendres, um à frente e outro nas traseiras. O das traseiras está protegido por uma rede e eu e o T. J. passamos lá muito tempo sem termos de nos preocupar com insetos, sobretudo mosquitos. O *Bo* é o rei o quintal, e quando não anda a correr atrás de coelhos deita-se a dormir aos nossos pés.

A nossa casa com quatro quartos tem todos os confortos modernos que se possa desejar. Mas não temos lareiras. E também não temos um grelhador.

Esta noite temos a casa cheia. Juntou-se toda a gente para festejar o meu trigésimo oitavo aniversário. São todos bem-vindos, sempre que quiserem.

Na cozinha, a minha sogra e a minha irmã estão sentadas à volta da mesa, a trocar receitas e a beberricar vinho. Ninguém me deixa cozinhar no meu dia de anos e o Tom vai trazer o jantar da cidade. Não deve tardar muito, de modo que não há grande coisa que fazer a não ser relaxar.

As irmãs do T. J., a Alexis e a Grace, agora com dezassete e dezanove anos, estão sentadas no alpendre da frente com o Joe e a Chloe. O Joe, que está com treze anos, bem gostaria que houvesse pelo menos mais um rapaz, mas está tão embeijado pela Alexis que não se importa de fazer companhia às raparigas.

Tiro duas cervejas do frigorífico e entro na sala. O T. J. está estendido no sofá, a ver televisão. Inclino-me e beijo-o, e a seguir abro uma das cervejas e pouso-a numa mesa próxima.

– Como está a nossa aniversariante?

Fala baixinho, porque a nossa filha dorme sobre o peito dele, a chuchar o polegar. Ambos sabemos que se Josephine Jane «Josie» Callahan acordar antes de ter dormido o suficiente vai ser o diabo.

– Posso pô-la no berço – murmuro.

Ele abana a cabeça.

– Deixa-a estar.

Aquela menina faz o que quer do T. J.

Entrego a segunda cerveja ao Ben. Está sentado na cadeira ao lado do sofá e parece surpreendentemente à vontade com Thomas James Callahan III a dormir no colo. Surpreendente, porque quando o Ben foi ao hospital depois de termos tido os gémeos, disse-me que nunca tinha pegado num bebé.

– Como é que lhe vão chamar? – perguntou, depois de o T. J. o ter sentado numa cadeira e lhe ter entregado cuidadosamente o nosso filho. – Se houver dois T. J., vou ficar confuso.

– Vai chamar-se Mick – disse o T. J.

– Vão dar ao vosso miúdo o nome do Mick Jagger? Isso é muito fixe!

– É outro Mick – disse o T. J.

Não tentámos imediatamente ter um filho. Eu fui inabalável na minha determinação de não precipitar as coisas, e se acabássemos por descobrir que tínhamos esperado demasiado tempo, bem, havia montes de maneiras de ter uma família. No fim, foram precisos seis meses de tentativas e a

ajuda de um medicamento para aumentar a fertilidade. A concepção ocorreu no consultório de um médico, como sempre soubéramos que aconteceria, usando o esperma que o T. J. congelara quando tinha quinze anos.

Gosto de pensar que as coisas acontecem por uma razão, e acredito que os gémeos chegaram exatamente quando estávamos prontos para eles. «Dois vai ser duro», dizia toda a gente, mas eu e o T. J. conhecemos bem a dureza, e sermos abençoados com dois bebés saudáveis não é duro. Também não estou a dizer que seja fácil. Temos os nossos dias.

Os gémeos já têm onze meses, e é verdade o que se diz: o tempo voa quando se tem filhos. Ainda me parece que foi ontem que andava de mão nas costas, a perguntar a mim mesma durante quanto mais tempo teria de os carregar, e agora eles aí estão, a gatinhar por todo o lado e quase a dar os primeiros passos.

Deixo o T. J. e o Ben e volto à cozinha. O David já chegou e beija-me na face.

– Parabéns – diz, e entrega-me um ramo de flores.

Aparo os caules debaixo de água corrente, ponho-as numa jarra e deixo-as em cima do balcão, ao lado das rosas que o T. J. me ofereceu esta manhã.

– Vinho? – pergunto-lhe.

– Eu vou buscar. Tu senta-te e relaxa.

Junto-me à Sarah e à Jane. A Stefani também cá está. O Rob e os miúdos estão constipados, de modo que ela veio sozinha, não querendo correr o risco de contagiar alguém. Em momentos como este, quando todos aqueles que amo se encontram debaixo do mesmo teto, sinto-me completa. Só queria que os meus pais também estivessem aqui. Que conhecessem o meu marido. Que pegassem nos netos.

Até há muito pouco tempo, continuei a ir ao refúgio três vezes por semana, mas a viagem de ida e volta até à cidade acabou por pesar demasiado. Nesses dias, a Jane ficava com os gémeos, mas chegara o momento de fazer qualquer coisa diferente. Criei uma associação de beneficência para ajudar famílias sem abrigo e dirijo-a a partir do escritório em nossa casa, com os gémeos a brincar ao pé de mim. Faz-me feliz. O refúgio do Henry recebe um generoso donativo todos os anos, e continuará a receber.

Também coloquei um anúncio na escola secundária local e dou explicações a alguns alunos. Vêm a nossa casa à tarde, sentamo-nos à mesa da cozinha e fazemos o que há a fazer. Por vezes tenho saudades de dar aulas a uma turma inteira, mas penso que por enquanto chega.

O T. J. tem uma pequena empresa de construção. Constrói casas, uma ou duas por ano, montando estruturas lado a lado com os homens que contrata. Nunca mais voltou a estudar depois de ter completado o primeiro semestre do curso profissional, mas eu não me importo. É uma escolha que não me cabe fazer. Fora de casa é onde ele se sente feliz.

Também contribuí com tempo e dinheiro para a Habitat for Humanity. O Dean Lewis trabalha lá como voluntário; a sexta casa que ajudou a construir foi a dele. Casou com a Julie, uma rapariga que conheceu no restaurante onde trabalha, e o Leo adora fazer o papel de irmão mais velho da menina a quem os pais deram o nome de Annie.

Ainda há poucos meses, costumava levar o almoço do T. J. ao local onde ele estivesse a trabalhar. Vê-lo fazer aquilo de que gosta faz-me feliz. Um novo subcontratado, encarregado das canalizações, assobiou e gritou «Eh, boneca!» quando passei, sem saber quem eu era. O T. J. pô-lo imediatamente no lugar. Eu sei que deveria ficar ofendida, encarar os assobios como uma afronta às mulheres e tudo isso. Mas não me incomodam.

Eu e o T. J. descobrimos uma coisa interessante há uns anos. Um polícia de Malé telefonou-nos para nos fazer algumas perguntas, na esperança de poder encerrar um caso de uma pessoa desaparecida. A família de um homem que tinha desaparecido em 1999 descobrira recentemente um diário entre os seus pertences. Nesse diário, Owen Sparks, um californiano que se tornara milionário com uma empresa na Internet, descrevia em minucioso pormenor o seu plano para trocar as terríveis pressões do seu estilo de vida pela paz e solidão de uma ilha das Maldivas. Tinham-lhe seguido o rasto até Malé, mas era aí que terminava. O polícia queria saber mais a respeito do esqueleto que eu e o T. J. tínhamos encontrado. Não há maneira de saber com certeza absoluta se era ele, mas parece provável. Pergunto a mim mesmo se o Owen se teria aguentado se tivesse tido alguém em quem se apoiar, como eu e o T. J. tínhamos tido. Acho que nunca saberemos.

Levo um jarro de limonada para o alpendre da frente, volto a encher os copos e aspiro o cheiro a erva recém-cortada e a flores. O Tom acaba de

chegar. Decidimos que um festim da Perry's Deli seria perfeito para esta quente tarde de maio e o David sai de casa para o ajudar a levar as coisas para dentro. Eu e a Stefani pomos tudo em cima da mesa e eu preparo-me para chamar toda a gente quando o Ben aparece, a segurar o Mick com os braços estendidos. O cheiro a fralda suja enche a cozinha.

– Acho que saiu qualquer coisa do rabo do Mick – diz o Ben.

– Há fraldas e toalhetes no trocador do quarto dos bebés. E não te esqueças de pôr bastante creme, porque o Mick está um bocadinho assado.

O Ben fica petrificado, perguntando a si mesmo como é que vai safar-se desta, quando o T. J., que tem estado a observar a cena, se começa a rir.

– Não vês que ela está a gozar contigo, meu?

O Ben olha para mim e eu encolho os ombros.

– É tão fácil.

A expressão dele é de um alívio tão grande que se torna quase cómica.

O T. J. estende os braços para o Mick.

– A Josie também tem um presente. Já agora trato dos dois.

– És um bom homem – digo eu. E é.

O Ben entrega-lhe o bebé.

– Maricas – atira-lhe o T. J. enquanto sai da sala, com os braços carregados de filhos. Sorrio porque sei que está a brincar, mas também porque sei que está feliz por ter o seu melhor amigo envolvido na nossa vida. Com vinte e quatro anos, o Ben podia bem estar num bar em vez de estar aqui, com um bebé ao colo. Tem uma namorada a sério, chamada Stacy, e o T. J. diz que é ela a responsável pela sua transformação em adulto maduro. Ainda tem algum trabalho pela frente.

Todos se servem e cada um arranja um lugar para se sentar. Uns escolhem o alpendre da frente, outros o alpendre das traseiras, outros, como eu e o T. J., ficam na cozinha.

Sentamos os gémeos nas cadeirinhas e damos-lhes pequenos pedaços de pão e carne. Eu dou-lhes colheres de salada de batata e vou comendo a minha sanduiche e bebendo o meu chá gelado. O T. J. senta-se a meu lado a apanhar a chávena de plástico que a Josie teima em atirar para o chão só para ver se ele a apanha. Apanha sempre.

Quando todos acabam de comer, cantam-me o «Parabéns a Você». Eu apago as trinta e oito velas que a Chloe insistiu em pôr no bolo. Parece

uma fornalha, mas eu rio. De agora até 20 de setembro, dia em que o T. J. faz vinte e cinco, sou oficialmente catorze anos mais velha do que ele, e não treze, mas não há nada que possa fazer a esse respeito.

Todos brindam à minha saúde. Estou tão feliz que só tenho vontade de chorar.

Mais tarde, depois de todos terem ido embora e nós termos posto os gémeos na cama, o T. J. vem juntar-se a mim no alpendre das traseiras. Traz dois copos de água gelada e entrega-me um.

– Obrigada – digo eu.

Água gelada num copo ainda conserva um toque de novidade para nós. Bebo um longo trago e pouso o copo na mesa a meu lado.

Ele senta-se na poltrona de vime de dois lugares e puxa-me para o colo.

– És capaz de não poder continuar a fazer isto durante muito mais tempo – digo eu, e beijo-lhe o pescoço, coisa que faço por duas razões: a primeira é porque ele gosta, a segunda porque é assim que procuro inchaços. Graças a Deus, nunca encontrei nenhum.

– Claro que vou – responde ele, e passa a mão pela minha barriga.

Decidimos tentar mais um filho. Aconteceu logo no primeiro mês, para surpresa de ambos. Desta vez é só um bebé e não sabemos se é rapaz ou rapariga. Não nos importa, desde que seja saudável. Estou grávida de cinco meses, de modo que os gémeos terão apenas quinze quando eu der à luz, mas isso só significa que por vezes conseguimos o que desejamos.

Penso muitas vezes na ilha. Quando os miúdos forem mais crescidos, vamos ter uma história e peras para lhes contar.

Devidamente censurada, claro. Também lhes diremos que esta casa, e a propriedade que a rodeia, é a nossa ilha.

E que eu e o T. J. estamos finalmente em casa.

UMA CARTA DA AUTORA

Queridos Leitores,

Escrever *Sozinhos na Ilha* foi uma das coisas mais gratificantes que alguma vez tive a felicidade de fazer. Não foi uma tarefa fácil, e houve alturas em que duvidei de conseguir atingir o meu objetivo. Este livro foi maioritariamente escrito entre as cinco e meia e as sete da manhã, que era a hora a que tinha de desligar o portátil para me preparar para o meu trabalho de dia. Mas escrevê-lo proporcionou-me tanta alegria que nem uma única vez prolonguei o tempo do despertador durante os dezoito meses que demorei a completar o trabalho. Nunca estou tão feliz como quando as palavras fluem e eu as escrevo tão depressa quanto consigo datilografar.

Acabar o meu primeiro romance foi, no entanto, uma experiência agriçoce. Risquei um grande item da minha lista de desejos só por tê-lo conseguido. Mas não fui bem sucedida quando tentei levar a história de Anna e de T. J. até aos leitores pelas vias normais. Desapontada mas não vencida, optei pela edição de autor, e ficarei para sempre grata por os escritores terem outras opções para levarem as suas obras até ao mercado. Se não fossem esses canais alternativos, o meu romance de estreia bem podia ter ficado indefinidamente no disco rígido do computador.

Sozinhos na Ilha é verdadeiramente um livro de passa-palavra, e agradeço do fundo do coração aos leitores de todo o mundo que gostaram da história. Nenhum plano de *marketing* consegue ultrapassar o poder de um grande número de pessoas que se sentem tocadas por uma história e a

recomendam a outras. O resultado do meu esforço de autoedição tem sido um sonho tornado realidade: a MGM comprou os direitos de *Sozinhos na Ilha* para uma longa-metragem e a Plume, uma das chancelas da Penguin, tem esta nova edição disponível onde quer que se vendam livros.

Quero agradecer aos leitores que me escreveram a dizer que *Sozinhos na Ilha* os fez rir e chorar. O vosso *feedback* maravilhoso fez-me rir e chorar também, e nada disto teria sido possível sem o vosso entusiástico apoio. A minha gratidão é infinita.

Adoro saber as vossas opiniões, e podem contactar-me em:

Twitter@tgarvisgraves

facebook.com/tgarvisgraves.

Melhores cumprimentos,

Tracey

AGRADECIMENTOS

Sem as contribuições, ajuda e apoio das seguintes pessoas, *Sozinhos na Ilha* seria ainda um ficheiro a ocupar espaço no meu disco rígido. As palavras não bastam para expressar como me sinto verdadeiramente grata por ter gente tão maravilhosa e entusiasta na minha vida.

Tenho uma enorme dívida de gratidão para com a escritora Meira Pentermann. A Meira acreditou em mim muito antes de eu própria acreditar, e a sua valiosa orientação ajudou-me a fazer de *Sozinhos na Ilha* o livro que hoje é. Ela é a verdadeira parceira crítica, a leitora beta, a ciberirmã.

A minha irmã gémea Trish, que será sempre a primeira pessoa a quem hei de mostrar as minhas palavras.

O meu marido, Dave, porque o seu encorajamento significa para mim mais do que ele alguma vez imaginará.

Os meus filhos, Mathew e Lauren. Obrigada por serem tão pacientes quando a mamã passava o tempo agarrada ao computador. Amo-os aos dois.

Elisa Abner-Taschwer, por ser a melhor relações públicas *de facto* e animadora que qualquer autor poderia desejar.

Um agradecimento muito especial aos meus leitores beta e àqueles que receberam provas de leitura de *Sozinhos na Ilha*. Fizeram-me sorrir com as vossas palavras generosas e deram-me muito mais confiança do que imaginam: Penne Heede Pojar, Beth Knipper, Elisa Abner-Taschwer, Lisa Green, Brooke Achenbach, Julie Gieseman, Trish Garvis, Trish Kallemeier, Noelle Zmolek, Stacy Alvarez, Stefani Blubaugh, Mindy Farrington, Taylor Kalander, David Green, Tami Cavanaugh, Amy Gulbranson,

Stefanie Martin, Shellie Mollenhauer, Christy Cornwell, Missy Pomerantz e Jill LaBarre.

Tive também a felicidade de trabalhar com as seguintes pessoas que foram determinantes para garantir que *Sozinhos na Ilha* seria o livro que eu esperava que fosse. Espero ter a sorte de poder voltar a trabalhar com elas:

Revisão editorial de Alison Dasho.

Revisão de provas de Anne Victory, da Victory Editing.

